



SLOAN HARLOW

tudo o que nunca dissemos

*O Dark Romance
mais aguardado do ano*

SECRET
SOCIETY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SLOAN HARLOW

tudo o que nunca dissemos

*O Dark Romance
mais aguardado do ano*

SECRET
SOCIETY

Butterfly^{en}
bataflai



Chelonia purpure

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Depressão e trauma

Famílias disfuncionais

Gaslighting

Grooming

Luto e perda

Misoginia

Negligência

Violência de gênero

Violência doméstica

Violação de privacidade

SLOAN HARLOW

tudo
o que
nunca
dissemos



SECRET
SOCIETY

ÍNDICE

Tudo o que Nunca Dissemos

A Borboleta deste livro

Trigger warnings

Créditos

Aviso de conteúdo

Dedicatória

Tudo o que Nunca Dissemos

Agradecimentos

Nota informativa

Nota editorial

Os Seekers que trabalharam neste livro

Seek the butterfly

O que é a Secret Society

Sobre este livro

Sobre a autora



Edição em formato digital: maio de 2024

TUDO O QUE NUNCA DISSEMOS

Título original: *Everything We Never Said*

Autora: Sloan Harlow © 2024, Alloy Entertainment LLC

Publicado por G. P. Putnam's Sons,
uma chancela de Penguin Random House LLC, Nova Iorque.

Produzido por Alloy Entertainment.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.



alloy**entertainment**

Publicado por acordo com Rights People, Londres.

Secret Society é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250 011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Rodrigo Manhita

Coordenação Editorial: Inês Martins

Tradução: Ana Rita Mendes

Revisão: Inês Martins e Lugar Incomum

Adaptação de capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Fotografias da capa: Shattered Rose de Don Farral/Getty Images
e shattered glass de Adobe Stock

ISBN: 978-989-583-078-7

Composição digital: leerendigital.com

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Seek the butterfly: seekthebutterfly.pt

Instagram: [boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)

Instagram: [@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro pertence a uma subcategoria do romance, chamada dark romance. Como tal, aborda temas mais adultos e que podem ser sensíveis para algumas pessoas.

Esta história confunde as linhas do consentimento, da privacidade, e da confiança em relações, bem como romantiza alguns comportamentos problemáticos. O objetivo não é normalizar estas atitudes, mas sim usá-las ficcionalmente para contar uma história e fazer-nos pensar.

Consulta com atenção os trigger warnings no início do livro e põe sempre a tua segurança psicológica e emocional em primeiro lugar.

Boa leitura... and take care!

Inês Martins

A Executive Seeker da Secret Society

*A todas as Hayleys e Ellas no mundo, e a
qualquer pessoa que alguma vez se tenha
sentido perdida e só.*

capítulo 1

ella

Ondas carregadas de chuva atacam a janela do meu quarto, e os relâmpagos e trovões de uma tempestade típica do estado da Georgia rasgam esta manhã de segunda-feira. Estou acordada há horas, a ouvir o vento uivar, a imaginar que um vendaval rodopiante destrói a minha parede e me leva daqui.

O chão range do lado de fora do meu quarto. Consigo ver a sombra da mãe a mover-se atrás da porta. A madeira geme sob os pés dela. É o som da indecisão. Bater ou não bater à porta do quarto da filha?

A mãe vai-se embora, as suas pisadas retiram-se de volta para o seu quarto.

Não bater, aparentemente.

Há um ano, ela teria irrompido pela porta e eu teria ouvido uma descompostura por ainda estar debaixo dos lençóis. Há um ano, o silêncio dela teria sido inconcebível. Mas há um ano, tudo era diferente. Eu mereço este silêncio, pesado com uma pedra à volta do meu pescoço. E, com esta penitência, atiro os lençóis para trás e faço o impossível: preparo-me para o primeiro dia como finalista na Escola Secundária de North Davis.

Embora pareça ter sido noutra vida, ainda me lembro de como estava stressada no primeiro dia do 11.º ano. Nenhuma quantidade de óleo de argão poderia livrar-me da humidade da Georgia e alisar o

meu cabelo preto frisado. A maquilhagem cat-eye, que parecera tão femme fatale na noite anterior, agora dava a impressão de que eu queria fazer a cidade de Gotham refém, com gás hilariante.

Em pânico, enviara uma selfie por mensagem à minha pessoa favorita do mundo, com a legenda Ajuda.

A resposta da Hayley fora imediata. «Estás a gozar? Estás hot AF. Vem cá depressa e eu ajudo com o cabelo. Os verões da Georgia são peanuts para o meu alisador.»

Mas hoje?

Hoje, visto a primeira coisa em que os meus dedos dos pés tocam no chão do quarto: as mesmas calças de ganga que usei ontem (e no dia antes desse e no dia antes desse) e uma sweatshirt cinzenta, manchada com molho da semana passada. Não me consigo lembrar da última vez que me olhei ao espelho.

A dor abriu um desfiladeiro entre mim e aquela rapariga estúpida de há um ano, cujos maiores desastres eram um eyeliner mau e cabelos rebeldes. Como eu a odeio.

As saudades que tenho dela.

Ao voltar a caminhar pelos corredores da Escola Secundária de North Davis, sinto que regresso não como a Ella, mas como a Sombra da Ella, um fantasma vivo de uma rapariga. Este pensamento parece um corte de papel no meu coração. Eu queria *ser* um fantasma. Talvez assim pudesse expandir-me através dos reinos e ainda conseguir falar com a Hayley. Dizer-lhe as coisas importantes.

Como o facto de o Albert Wonsky ter ficado com o cacifo dela. Ela gemeria e diria algo como, *Por favor, por favor salva as minhas fotos do Pedro Pascal antes que o meu marido fique afundado em porno animé*, e eu teria rido e dito, *Lamento, demasiado tarde*.

Dir-lhe-ia que a moça continua lá. Aquela, de quando pontapeei um cacifo depois de ter um 16 a Latim. Tal como a moça que ela fez mesmo ao lado dessa.

— Para negação plausível — dissera ela.

— Não é o que isso quer dizer — eu dissera de volta.

Dir-lhe-ia que ainda há cera cor-de-rosa de vela de aniversário no recanto junto à sala de música. Aquele em que eu e o Sawyer Hawkins nos agachámos, a sorrir loucamente, e de onde saltávamos com balões e um pequeno cupcake para gritar «Parabéns!».

Sawyer.

O nome dele parece uma mão a torcer o meu estômago. Não posso pensar nele hoje. Já é demasiado. Se o fizer, a minha caixa torácica vai estalar de novo.

E é por isso que este é o preciso momento em que o Sawyer aparece. Ali está ele, ao fundo do corredor, uma torre ao lado do Mike Lim, enquanto discutem algo que faz a cara atraente do Sawyer abrir-se num sorriso torto.

Atinge-me com tanta intensidade que tenho de parar de andar. Encosto-me a uma parede e agarro os meus livros com tanta força que a palavra CÁLCULO ficará provavelmente gravada no meu esterno durante dias.

Como se conseguisse sentir a minha presença, de repente, o Sawyer olha de relance na minha direção. Eu paro de respirar. Pela primeira vez desde o funeral, estou a ver os olhos castanhos e meigos do Sawyer.

Só que não há nada de meigo no olhar que ele me lança.

O Sawyer, o único rapaz que alguma vez conheci que celebrava os meses de namoro com pequenas prendas perfeitas, que nos abasteceu alegremente com pipocas e Sprite durante toda uma maratona de *Twilight* quando a Hayley estava adoentada, que adorava a minha melhor amiga tanto como eu...

Esse Sawyer fulmina-me agora com um olhar tão furioso que eu tenho imediatamente vontade de vomitar.

Eu sabia. *Ele culpa-me.*

Eu devia manter o olhar. Devia deixar que o julgamento dele me queimasse. É o que mereço por aquilo que lhe roubei a ele. A ela.

Mas em vez disso, viro costas, engolindo o choro, pronta para correr pelo corredor, para fora da escola, talvez para sempre. Mas acabo por esbarrar diretamente no professor Wilkens.

— *Ufa!* Calma aí, furacão! — O psicólogo da escola cambaleia para trás, as suas mãos agarrando nos meus ombros para me impedir de cair.

— Céus, lamento *muito* — consigo dizer, mortificada.

— Não, não, Ella, não há problema. Eu estou bem. — Ele baixa o queixo, tentando fitar-me nos olhos. — Ei. Ei. Fico feliz por nos termos cruzado. Como estás?

Encolho os ombros, sem confiar na minha voz.

— Assim tão bem, hã? — O professor Wilkens costuma estar barbeado, mas hoje tem uma barba de três dias. Os seus olhos tipicamente azuis-claros parecem esfumados, como a cor de nódoas negras. Talvez ele seja um daqueles psicólogos que se importa de facto com os alunos. Talvez também esteja triste esta manhã.

É um pensamento bom.

— Ella — diz ele —, eu sei que hoje é um dia difícil. E espero que saibas que estou aqui para ti — Ele parece querer dizer mais, mas a campainha toca, interrompendo-lhe os pensamentos. — Ah, salva pelo gongo — Ele ri-se. — Não te atrases para a aula. Falamos em breve, OK?

Observa-me enquanto me afasto, com preocupação a franzir-lhe a testa. É tão simpático da parte dele preocupar-se. Quer ajudar. *Não se dê ao trabalho, professor Wilkens* — devia dizer-lhe. *Poupe o seu esforço e tempo para alunos que não sejam causas perdidas. Alunos que o mereçam.*

Alunos que não mataram as suas melhores amigas.

Durante todo o dia, tento ser invisível. Tento ignorar os olhares de acusação e os olhares fixos de compaixão, cheios de pena. Mas é impossível. Quando passo por um monte de raparigas junto ao bebedouro, elas ficam em silêncio. Em Inglês, uma rapariga com quem não falo desde a escola primária, Seema Patel, inclina-se e oferece-me um pacote de Sour Patch Kids.

— Achei que podias precisar.

E quando estou junto ao meu cacifo, antes do almoço, sou rodeada de pessoas que esperara evitar o dia todo: o pessoal de antes. Ou o que resta dele. A Nia Wiley, a Beth Harris, a Rachael Evans e o Scott Logan aparecem junto ao meu ombro. A ausência do Sawyer é notória. Mas não há nenhum buraco que se possa comparar ao mais óbvio, do tamanho de uma cratera.

Estes são os amigos da Hayley, na verdade. A Nia e a Beth corriam com ela, a Beth e a Rachael namoram desde o 7.º ano e o Scott é como uma lapa que não dá para desgrudares de ti, por muito que se tente — meio alívio cómico, meio adolescente arrogante. A Hayley levou-me

para o grupo e, sem ela aqui, o centro abate-se. Mais uma semana a evitar os telefonemas deles e serei arremessada para a minha própria órbita, o que deixará toda a gente muito mais à vontade.

Mas, por agora, a Beth atira os braços em volta do meu pescoço.

— Onde tens andado, Ella? Fiquei tão preocupada quando não disseste nada! Eu liguei-te, tipo, todos os dias este verão!

A Nia estica o braço para soltar suavemente a Beth de mim.

— E, tal como *eu* disse, eu provavelmente também não teria atendido se tu me ligasses todos os dias, a toda a hora.

A Nia abana a cabeça, lançando-me um olhar apologético, e a Beth faz beicinho, encostando-se para trás, contra a Rachel.

— Só queríamos saber como estavas, Ella. Quer dizer, além do óbvio.

— Sim, temos saudades tuas. — A Rachael faz um pequeno sorriso, a Beth acena em concordância. A Nia dá uma cotovelada ao Scott, que está atrás delas a franzir para o seu telemóvel.

— Sim, Ella, idem, estamos mesmo aqui para ti. — Os olhos do Scott só se descolam do telemóvel durante meio segundo.

A Nia fita-o furiosamente e depois vira-se para mim, o seu olhar a suavizar-se:

— Miúda. Como estás?

A Beth e a Rachael parecem nervosas. O Scott não presta atenção. Eu preferia qualquer uma dessas coisas ao olhar compassivo e demasiado sábio da Nia.

— Tem sido difícil, mas estou bem. Juro. — Faço o meu melhor sorriso enquanto fecho o cacifo. — Pessoal, não têm de se preocupar comigo. Eu agradeço, a sério. Mas estou bem.

A Beth e a Rachael parecem aliviadas. A Nia franze o sobrolho.

— Ella, sabes que tu podes...

— Tu ouviste-a — interrompe o Scott, enquanto a campainha toca. — Ela está bem. Os chakras dela estão desbloqueados, a aura dela está boa, o Mercúrio dela está retrógrado ou whatever. Vou chegar atrasado a Espanhol.

A Nia fita a silhueta dele que se afasta, mas não insiste. Por uma vez, fico grata pelo Scott ser um bocado otário.

Não acaba com os meus antigos amigos. Cada professor também quer verificar se estou bem.

Tal como o professor Wilkens, eles pegam-me suavemente no cotovelo e, com vozes baixas, perguntam-me como estou. O que esperam que eu lhes diga? O que é que *qualquer um deles* espera que eu lhes diga durante os três minutos entre aulas? Todas as coisas que não fui capaz de dizer aos meus pais ou à série de profissionais de saúde mental nos quatro meses desde que a Hayley partiu? Eu dou-lhes a única resposta que consigo, a única resposta que eles querem ouvir:

— Bem. Eu estou bem.

Por algum milagre, o tempo continua a passar, trazendo-me cada vez mais perto do final do dia. Ainda assim, parece que estou num barco a remos, com os lados de madeira cheios de fugas, em que cada uma delas é uma memória — a secretária agora vazia na terceira aula, a mesa de almoço em que nos sentámos durante três anos, agora tomada por caloiros. O oceano agita-se e eu luto para tapar cada fuga, para manter as águas impetuosas ao largo. As ondas batem e o barco quase se vira, mas consigo manter-me à tona.

Às 15h15, a campainha toca.

Finalmente.

Largo a correr para as portas duplas da entrada quando uma voz me trava.

— Ella Graham! Andava à sua procura. — À porta da sala de artes, a professora Langley, da aula de cerâmica, faz-me sinal. Olho nostalgicamente para as portas duplas no fim do corredor, para o sinal de SAÍDA que pisca e depois caminho até ela.

— Olá, professora Langley — digo, reajustando a mochila com livros ao ombro, cada um dos meus educados instintos sulistas em guerra com o desespero para me ir embora.

— Só te queria dar uma coisa, mas não demora. — Ela põe um dedo no ar e reaparece instantes depois com uma pequena caixa de cartão. De lado, escritas a caneta, estão as palavras ELLA E HAYLEY. Lá dentro, estão duas canecas de barro feitas à mão. E, sem mais, o pequeno barco a remos que eu consegui manter à tona durante todo o dia começa a afundar-se.

— Achei que poderias querê-las — sussurra a professora Langley, soando quase tão triste como eu me sinto. — Só foram levadas ao forno depois... Bem, guardei-as para ti.

— Hum — digo, pestanejando para a caixa.

Fora ideia da Hayley fazermos canecas uma para a outra. Canecas para o café, quando partilhássemos um quarto na Universidade da Georgia. A Hayley estava tão orgulhosa quando me mostrara o seu design de uma caneca com um *D* elaborado gravado de lado. *D* de... *dentadura*. Quando eu protestara, dizendo que *não* ia beber de uma caneca para *dentaduras*, ela erguera uma mão...

— Espera, ouve. Esta é uma caneca que vais usar a vida toda. Só me estou a preparar para a fase melhor da nossa amizade: quando formos velhas e senis. Imagina quão divertido será. — Os olhos verdes da Hayley tinham brilhado, brincalhões. — Sempre que nos virmos, seremos novas melhores amigas de novo. — Ela encolhera os ombros. — E terás um sítio para guardar a tua dentadura.

As duas canecas tinham saído lindamente.

Quase não me lembro de dizer adeus à professora Langley. Saio da escola numa névoa, incapaz de parar de olhar para baixo, para as canecas que tilintam uma contra a outra na caixa de cartão. Gostava de desviar o olhar. Eu quero, a sério que sim. Quero atirá-las de uma ravina, mas sei que seria como arrancar um órgão e espezinhá-lo. De algum modo, preciso delas para continuar.

Passo a mão pela que a Hayley fez. Tem uma depressão em baixo, que ela se esqueceu de alisar. Espreito mais de perto e vejo pequenas linhas rodopiantes, um padrão.

A impressão digital da Hayley.

Ao longe, registo que existe um mundo ao meu redor. Talvez relva, um céu. Vozes que se erguem, muito distantes.

Mas, neste momento, só me consigo concentrar em pressionar o meu dedo naquela pequena depressão.

Acontece tudo muito depressa.

Num momento, há faróis à minha frente e um autocarro que avança a toda a velocidade. Há gritos, o som de uma buzina como um grande dragão. Com o coração na boca, o meu último pensamento é, *Protege as canecas*, e depois voa para trás.

Não morro.

Embato numa coisa sólida. O meu cérebro pensa, de forma ridícula, numa parede de tijolo, mas esta parede é quente e tem um batimento cardíaco. Alguém me tirou do caminho. Alguém me salvou.

Inclino o queixo para cima e dou por mim a olhar para os olhos esbugalhados e em pânico do Sawyer Hawkins.

— Sawyer! — digo, ofegante, cambaleando para fora do seu abraço, para o olhar de frente. A minha mochila espalhou-se no relvado da escola, mas ainda estou a agarrar a caixa de cartão, com as canecas milagrosamente inteiras.

— Ella. — O Sawyer está a ofegar, com o rosto em choque, uma mão no peito e a outra a puxar as raízes do seu cabelo denso.

Faz algumas respirações para se estabilizar e fecha os olhos. Quando volta a abri-los, ardem de raiva.

— Ella — rosna ele —, mas que *raio* estavas a pensar? Podias ter *morrido*. Tipo, *morrido* literalmente. Se eu não estivesse aqui, se eu não estivesse a ver...? *Christ*.

— Porque é que estavas? — Demoro um minuto a perceber que disse isto em voz alta.

— O quê? — Ele não diz mais nada, confuso.

— A ver-me? Na verdade — engulo em seco —, para quê salvar-me de todo? — Os meus olhos transbordam de lágrimas, horivelmente. Já não consigo continuar a fingir que estou bem.

A cara do Sawyer perde a cor. A raiva nas suas feições evapora-se e, se for sequer possível, ele parece mais afetado pelas minhas palavras do que pelo meu quase acidente. Humedece os lábios, a boca abre-se, mas nada sai.

Quero ouvir a resposta dele. Um diamante microscópico de esperança embutido no meu estômago implora-me para ficar, para escutar o que ele tem a dizer.

Mas não fico. Não consigo.

Eu sei a resposta. E qualquer coisa simpática que saísse da boca dele seria pena ou um ato de misericórdia que eu não mereço. Viro costas e afasto-me.

Ele não me chama. Aquela pontinha de esperança quer que eu olhe por cima do ombro, só uma vez. Mas não olho.

E faço um voto para nunca mais voltar a falar com o Sawyer.

capítulo 2

ella

No autocarro para casa, pressiono a testa contra a janela suja, revisitando sem parar o momento em que pensei que ia morrer. A investida dos faróis, o cheiro a borracha queimada e gasóleo. Sem tempo para gritar, para pensar em mais nada além das canecas que tilintam neste momento na caixa ao meu colo.

Tiveste tempo para pensar, Hayley?

Conhecendo a Hayley, ela provavelmente teria estalado os nós dos dedos e dito, *Muito bem, vamos lá ver o que vales.*

Continuo sem conseguir compreender como é que ela pode ter partido, enquanto eu ainda aqui estou.

E, ao que parece, o Sawyer também não consegue.

O que teria ele dito, se eu tivesse esperado pela sua resposta? Ter-me-ia dito como se sente *verdadeiramente*?

Eu conheço o Sawyer. Ele não é nenhum monstro. É *claro* que ele ia dizer, *Sim, por acaso, Ella, fico bastante feliz que não te tenhas tornado um borrão de carne na estrada, diante dos meus olhos.* Mesmo que bem no fundo ele pense que devia ter sido eu.

A verdade é que quase fui eu. Ou pelo menos foi isso que me disseram no hospital, onde acordei com as costelas fraturadas, um traumatismo craniano e sem nenhuma memória das 24 horas anteriores.

— É uma reação ao trauma — tinham dito os médicos. — É

normal.

Como se houvesse alguma coisa normal nisto. Disseram que eu poderia recuperar as minhas memórias, mas até agora... nada. E tendo em conta o que os polícias me contaram, não sei se as quero de volta.

Aconteceu depois de uma festa em casa do Scott na primavera passada, apenas semanas antes do final do 11.º ano. As testemunhas disseram que me tinham visto a beber uma cerveja, e depois a escoltar uma Hayley bêbeda e transtornada até ao carro, antes de me pôr ao volante. Estávamos a ir para casa quando bati com o meu carro contra os rails de proteção, mesmo antes da Ponte do Rio Silver. Encontraram-me no lugar do condutor, encostada a uma rocha, na margem inclinada acima das águas agitadas do rio.

E não encontraram a Hayley de todo.

Tudo o que restava era um buraco estilhaçado no para-brisas, através do qual ela fora projetada do carro, o seu sangue no vidro partido. Ela não estava a usar o cinto de segurança e disseram-me que, se o impacto não a tivesse matado, certamente que o rio o faria. Famoso pela sua corrente forte, pedras pontiagudas e quedas abruptas — não existe uma alma em Cedarbrook que não saiba como essas águas são traiçoeiras.

Tão traiçoeiras que, na verdade, eles nem sequer conseguiram recuperar o corpo dela. Tentaram, claro, mas com a força da corrente não havia como saber onde ela fora parar e até os melhores mergulhadores hesitavam entrar no rio. Depois de uma semana infrutífera e de um dos membros da equipa de resgate quase perder a vida, cancelaram as buscas.

A Hayley partira e a culpa era toda minha. Fora eu quem bebera aquela cerveja. Eu quem conduzira. Eu quem a tinha matado.

O autocarro para com um gemido e estamos finalmente no meu bairro.

Quando piso a rampa de acesso a minha casa, o sol da tarde está dourado e lança longas sombras sobre o relvado. Mesmo à luz que esmorece, a humidade é sufocante.

A casa está silenciosa quando entro. Há um ano, a mãe já estaria em cima de mim, junto à porta. *Vamos ver o teu plano de estudos, já tens o horário das aulas de natacão?, a professora Prescott recebeu o meu e-mail?* A minha irmã mais nova, Jess, teria revirado os olhos para

mim em solidariedade e, não muito depois, o pai teria chegado a casa do trabalho, salvando-me com uma piada fácil que faria a mãe dar-lhe uma pancadinha no braço, rindo-se mesmo sem querer.

Metade do tempo, a Hayley estaria comigo, e nesse caso a mãe teria feito um alarido à volta dela, intensa como uma mãe galinha com o seu pintainho, sem se importar que ela fosse de uma ninhada diferente. A Hayley adorava isso. Mesmo quando a mãe a repreendia por ter 14.

Ouçõ um miado aos meus pés, onde uma pequena gata cinzenta se roça contra a minha perna. Pisca os olhos verdes para mim e mia de novo.

— Onde está a tua coleira, Midna? Estás outra vez despida. — Equilibro a caixa com as canecas numa anca e dobro-me para a trazer para cima com um braço. Ronrona quando eu ponho a cara contra o pelo dela, enquanto a levo para o meu quarto no andar de cima. Abro a porta com o ombro, a Midna salta do meu braço para se enrolar na minha secretária e as canecas tilintam com o movimento. Com um aperto no coração, pouso a caixa no chão, faço-a deslizar para baixo da cama.

É nesse momento que reparo naquilo em que a Midna está a dar patadas, sobre a minha secretária. Pego num exemplar, com os cantos de algumas páginas dobrados, de *The Coven's Secrets*, o segundo livro da coleção *Realms of Wonder*. Uma das minhas favoritas.

— Ainda não leste, pois não? — A Jess está encostada à ombreira da porta, com a sua sombra verde para os olhos e lip gloss escuro que salienta as suas feições impressionantes, sem dúvida uma cortesia da sua melhor amiga, Kelly, que já é uma guru de beleza aos 14 anos. Contenho a pontada de inveja perante a imagem dos risinhos da Kelly, enquanto ela passa um pincel sobre as pálpebras da minha irmã.

Pigarreio.

— Nem sabia que já tinha saído — sussurro. Com tudo o que tem acontecido, esqueci-me completamente disso. Algo que tinha marcado no meu calendário há um ano, e pelo qual esperava ansiosamente. Não me lembro da última vez em que pensei sequer em pegar num livro.

— Não vou fazer spoilers, mas é bom. — A Jess encolhe um ombro. — Achei que podia ser uma boa distração.

— Obrigada — digo, genuinamente comovida. Essa única palavra é tudo o que consigo dizer agora, mas espero que ela saiba o quanto é sentida.

A Jess acena com a cabeça.

— Além disso — Ela levanta uma mão com uma coleira roxa gasta a balançar nos seus dedos, o guizo a retinir —, estava no vaso da monstera da mãe. As folhas estão outra vez esmagadas. Ela não vai ficar feliz.

— Meninas? — A voz da minha mãe segue-se ao som da porta das traseiras a abrir-se e a fechar-se, enquanto eu prendo a coleira de volta a uma Midna que se contorce. Quando a mãe aparece à entrada, a Midna já fugiu a trote (provavelmente para ir dormir novamente nas plantas da mãe). Ela esteve a fazer jardinagem. A sua testa brilha com suor e cheira a sol. Mas a sua blusa cor de pêsego continua imaculada e as unhas limpas.

A minha mãe perfeita. Aqui de pé, sinto-a intensamente: a diferença entre quem sou hoje e quem fui — a sua filha perfeita.

E pelo modo como os olhos escuros dela fitam os meus, parece que ela também o sente. Mas aquela mágoa? Aquela desilusão? Sim, eu mereço-as.

Depois de um segundo de silêncio desconfortável, a Jess aclara a garganta.

Isso parece tirar a mãe do transe.

— Podem descer as duas para me ajudarem com o jantar? O pai vai chegar daqui a nada.

Na cozinha, a mãe tira batatas da despensa e passa-as à Jess, enquanto eu vou para o lava-louça lavar os pratos.

— Então — diz a mãe, olhando para mim —, como correu hoje?

A pergunta que eu temia. E não faço ideia de como responder. Felizmente, não tenho de o fazer.

— Bem — responde a Jess. — Todos disseram que o 10.º ano é muito mais difícil, mas acho que era apenas uma tática para afugentar. E a Kelly está em duas das minhas aulas. Na verdade...

Eu lanço uma prece silenciosa de agradecimento à Jess, enquanto ela tagarela e corta as batatas. Pego numa esponja e começo a esfregar. Mas a Jess termina demasiado depressa e os olhos da mãe viram-se para mim. A porta da frente abre-se e sou novamente salva.

— Olá, cheguei — chama o pai.

Ele entra com passadas largas na cozinha, com os braços abertos e a barba escura estendendo-se num sorriso.

— Aqui estão as minhas lindas mulheres! — Ele abraça a Jess, beija a mãe na cabeça e vira-se para mim, com os olhos cor de avelã suavizando-se. — Como estás, miúda?

— Hum — digo e mordo o lábio, e o tom delicado da voz dele quase me traz as lágrimas aos olhos.

— Falaste com a treinadora Carter hoje? — A mãe junta-se a mim no lava-louça, para enxaguar a panela de arroz para o jantar.

Eu fecho os olhos. A treinadora Carter, a treinadora de natação. Tivera esperança de evitar esta conversa pelo menos durante mais uma semana. Brinco com a ideia de mentir, mas sinceramente? Não tenho energia para isso.

— Não.

A Jess para de cortar e o pai mexe-se desconfortavelmente ao meu lado.

— Ela faltou por estar doente? — A mão da minha mãe gira na panela do arroz, deixando a água num branco leitoso.

— Mãe — digo, evitando o olhar dela —, não falei com a treinadora Carter porque não vou voltar à equipa de natação.

A mão dela para. Os ombros ficam tensos. Carrega rigidamente a panela pesada até à arroeira, com os nossos três pares de olhos a segui-la. Estamos os três à espera da sua retaliação feroz.

Mas, para meu choque, ela só diz:

— Mas tu adoras nadar. — Ela mantém-se de costas para nós, continuando num tom invulgarmente comedido. — Desde que eras pequena. Quebraste o recorde da escola no ano passado. — Quando se vira para mim, fico espantada com a dor que vejo no seu rosto, com o medo. — E o teu futuro, Ella? A treinadora Carter disse no ano passado que os olheiros de todas as melhores escolas já lhe tinham mandado e-mails. Pensa nisso, Ella. Pensa no...

Mas o pai põe uma mão no ombro da mãe.

— É só o primeiro dia, Michelle — murmura ele.

Durante um instante, algo familiar e acutilante brilha nos olhos castanhos-escuros da minha mãe. Todos o sentimos e a Jess e o pai ficam tensos. Mas passado um instante desaparece. Desalentada, a

mãe faz um único aceno com a cabeça antes de se virar de novo para a arrozeira em silêncio.

A Jess volta a cortar batatas com os lábios contraídos e o pai dá um beijinho na minha cabeça.

— Volto já. Tenho de tirar estas roupas desconfortáveis. — Ele dá um puxão na gravata com uma cara tonta pouco convincente, tentando aligeirar os ânimos. Só funciona um bocadinho. Lança-me um sorriso triste e vai para o andar de cima.

Eu pestanejo para a minha mãe, sem acreditar.

A minha mãe descende uma de linha de mulheres guerreiras ferozes que empunhavam machetes. Costuma contar a história de como a sua *lola* («avó» em tagalo, por isso, a avó da minha mãe) arrastara a *minha lola* e os irmãos para os campos de cana-de-açúcar para se esconderem das tropas inimigas nas Filipinas durante a Segunda Guerra Mundial. A minha *lola* ainda tem estilhaços de balas no pé esquerdo.

Fico feliz porque a minha mãe nunca teve de testar os seus golpes de guerrilha, mas esta é, sem nenhuma dúvida, uma mulher que teria feito um soldado chorar. É uma mulher que não teve demasiado medo de deixar todos os seus amigos e família para trás para construir uma vida a partir do zero numa terra estranha.

Uma mulher que está neste momento encolhida na nossa cozinha, com os ombros curvados enquanto engole as suas palavras.

E fui eu que lhe fiz isto. Fiz isto a todos nós. Por um momento louco, daria tudo para ouvir a cadência estridente de um sermão típico da mãe. Para ouvir a sua voz subir de tom por causa de um 18 num teste de História Mundial. Porque isso significaria que, além de tudo o resto que eu fiz, não tinha quebrado esta família.

Que não tinha quebrado a minha mãe inquebrável.

Sem palavras, a Jess acaba de cortar as batatas e vai lá acima mudar de roupa. Eu continuo a terminar de lavar os pratos, e o silêncio estende-se entre mim e a minha mãe, até ela dizer:

— A mãe da Hayley ligou mais cedo.

Deixo cair o prato que tenho nas mãos na bancada, onde se estilhaça com um estrondo. A mãe franze o sobrolho para o prato partido, mas não diz nada, não há nenhuma advertência para ter cuidado.

— O que é que ela queria? — Com os dedos a tremer, tiro os cacos de cerâmica do lava-louça, o meu coração a bater irregularmente na garganta.

— Tens de ir lá na sexta-feira, depois das aulas. Ela quer a tua ajuda. — A mãe suspira. — Ela parecia *péssima*.

As náuseas sobem por mim, repentinas e implacáveis.

— Mãe, o que é que eu podia... Como é que eu a posso ajudar?

— Ela quer que tu embales as coisas do quarto da Hayley. — Não me apercebo que cerrei o punho, até sentir uma dor aguda. Quando olho para baixo, para os cacos na minha mão, tenho a palma cheia de sangue.

— Mãe — digo quase sem voz —, por favor, não me obrigues a fazer isso. Por favor.

Eu volto para a equipa de natação, quero dizer-lhe. Eu vou para qualquer escola que tu queiras, mas por favor não me mandes para o covil das memórias da minha melhor amiga morta.

A mãe vira-se do fogão para me encarar. Fico surpreendida ao ver o laivo de arrependimento nos olhos dela.

— Ela disse-me que nem sequer consegue entrar no quarto da Hayley, Ella. — Os seus lábios contraem-se. — Ela está completamente sozinha naquela casa agora. Não tem mais ninguém. E mais ninguém conhecia a Hayley como tu. Tu sabes o que ela teria querido fazer com as suas coisas.

Eu não consigo respirar. Quero gritar, Como raio haveria de saber o que a Hayley queria? Nenhuma rapariga de 17 anos discute a própria morte e faz planos para ela.

— Não consigo — digo.

A mãe lança-me um olhar triste.

— Eu sei que não queres, Ella. Lamento. Mas não tens escolha.

Ela abre a tampa da arroeira e o cheiro do arroz cozido a vapor, normalmente tão bom, dá-me voltas ao estômago.

— Sexta-feira à tarde. Vai lá a seguir às aulas. Ela vai estar à tua espera.

capítulo 3

ella

Ninguém? Ninguém mesmo? Vamos lá. — O professor Moss usa o dedo do meio para empurrar os óculos para a cana do nariz quando está frustrado. É a terceira vez que faz isso no último minuto. — Tenho a certeza de que nenhum de vocês pensou no desgraçado do vosso professor de Latim o verão todo.

É o eufemismo do ano.

— Mas ninguém se consegue *mesmo* lembrar da diferença entre o caso nominativo e genitivo? Ninguém?

Eu lembro-me. A velha Ella teria dado ao resto da turma uma hipótese de responder, mas apenas durante um momento ou dois. Ela teria brilhado com os elogios do professor Moss quando dissesse a resposta certa.

Mas, neste momento, rezo para que o professor Moss não me consiga ver onde me escondi, na última secretária da última fila, escondendo-me estrategicamente atrás da coroa de caracóis ruivos despenteados do Thomas Jones.

O professor Moss suspira, pressiona novamente os óculos para cima da cana do nariz e vira-se para o quadro branco, escrevendo a resposta, sendo o único som o chiar desaprovador do marcador.

Cada músculo do meu corpo cede em alívio e deixo o ar sair dos pulmões. Varro a sala com o olhar. Ninguém está a olhar para mim. Ou escrevem nos seus cadernos, folheiam o manual *Ecce Romani* ou

veem os telemóveis à socapa por baixo das secretárias.

A Rachael tem esta aula comigo. Ela fizera-me sinal para me sentar ao pé dela, mas o modo como os seus ombros relaxaram quando eu recusei educadamente não me passou ao lado. Não posso culpá-la. Como posso esperar que *ela* saiba o que me dizer quando a minha própria família está perdida? Quando *eu* estou perdida.

Deixo-me afundar mais no meu lugar, a pensar. *Já passaram mais dez minutos.* Faço contas, rabiscando os números numa página em branco. O meu coração cai quando vejo o número. *Faltam mais de setenta e três mil minutos do ano letivo.* Preciso de arranjar uma maneira de me manter invisível e dormiente durante os próximos setenta e três mil minutos.

Os altifalantes estalam, e todos damos um salto.

— *Professor Moss, por favor peça à Ella Graham para se dirigir à secretaria.* — A voz no intercomunicador soa entediada.

O professor Moss pestaneja na minha direção, como se não se lembrasse de que eu estava ali. As cadeiras rangem quando todos os olhos se viram para mim. A Rachael lança-me um olhar compreensivo.

Lá se vai o ser invisível.

Não faço ideia porque é que precisariam de mim na secretaria, exceto por um motivo: o que aconteceu à Hayley. Eu tinha-me perguntado se haveria alguma consequência, algum castigo para o facto de eu ter estado a beber. No ano passado, o Dr. Cantrell, o diretor da nossa escola, dera-me os parabéns por quebrar o recorde estadual de natação. Agora, ia expulsar-me da escola.

Mordo o lábio para não chorar assim que o professor Moss abre a porta da sala. Deixo que o cabelo me caia sobre a cara e curvo os ombros, desejando poder apenas teletransportar-me para fora dali, para evitar esta caminhada da vergonha em que todos os olhos são como flashes de paparazzi.

No longo percurso pelos corredores vazios até à secretaria, decido que estou em paz com isto. Vou fazer os meus exames. Vou para uma faculdade onde ninguém me conhece. Passo a dar o meu nome do meio.

Abro a porta da secretaria com o ombro, a imaginar que passo a responder a «Anna».

— O Dr. Cantrell está pronto para me receber? — pergunto    Ms.

Bertram da secretaria.

— Ella? — Viro-me e vejo o professor Wilkens a espreitar à esquina. — Vem cá para trás.

Eu hesito, confusa.

— Pensei que o Dr. Cantrell queria falar comigo, que ele queria... — Eu mordo o lábio, subitamente envergonhada. — Expulsar-me?

— Ella, desculpa se te preocupei — diz o professor Wilkens, esfregando a nuca. — Fui eu que te chamei aqui, não o Dr. Cantrell. Vem ao meu gabinete. Eu explico tudo aqui.

— Oh — digo, sentindo-me estúpida enquanto o sigo pelo corredor.

O gabinete do professor Wilkens na verdade é mais uma sala de conferências do que um gabinete. Há estantes na parede, e várias poltronas e um sofá formam uma espécie de círculo no centro do espaço.

E todos os lugares estão ocupados por outros alunos.

Bem, não todos os lugares. Há um lugar no sofá, presumivelmente para mim.

E é mesmo ao lado do Sawyer Hawkins.

Obviamente.

Ele não olha para cima quando chego, nem sequer parece reparar que mais alguém entrou na sala. Os seus braços estão cruzados com força contra o peito, sacudindo a perna com irritação. Sinto a garganta e o estômago apertados.

— Desculpas a todos — diz o professor Wilkens, fazendo um gesto para eu me sentar. — Agora que a Ella está aqui, podemos começar.

Ao som do meu nome, a cabeça do Sawyer levanta-se de repente. Esgueiro-me para o sofá e deslizo para o lugar vazio entre ele e a Mary Collins, tentando desesperadamente não ficar encostada a ele.

— Muito bem — diz o professor Wilkens suavemente, inclinando-se para trás na secretária, com uma perna cruzada por cima da outra. — Obrigado a todos por terem vindo. De certeza que estão todos a perguntar-se porque é que estão aqui. — A voz dele fica mais meiga. — Hayley Miller.

O meu corpo reage ao som do nome dela, com a culpa e a mágoa a percorrerem-me em espasmos. Pergunto-me se imagino o mesmo estremecer no Sawyer, ao meu lado.

— É uma grande perda e o sofrimento surge em ondas. Agora que regressámos à escola, tenho a certeza de que muitos de vocês estão a sentir verdadeiramente a ausência da Hayley — diz o professor Wilkens. — A direção pediu-me para fazer sessões de grupo com todos os finalistas, para vos dar espaço para recuperarem e serem ouvidos. Alguém quer ser o primeiro e partilhar o que lhe passa pela cabeça? Que tal tu, Scott?

Estava tão preocupada com o Sawyer, que nem reparei no Scott. O cabelo castanho-claro está desgrenhado intencionalmente, como é hábito, as roupas são informais, embora eu saiba ao certo quanto custam os sapatos de couro branco e o relógio — até porque ele se assegurou de que todos sabem. O Scott não era rico até a sua mãe voltar a casar com um homem que gere uma empresa de marketing de sucesso em Atlanta, mas agora ele nunca deixa que ninguém o esqueça. A Hayley revirava sempre os olhos em relação a isso:

— Ele é uma peste irritante que aturamos por causa das piadas. Age como um idiota, mas, algures ali dentro, tem um bom coração. Acho eu.

Agora, ele esfrega as mãos em antecipação, com o seu afetado sorriso de marca estampado no rosto.

— Oh, maravilha, professor W, agora a cura pode finalmente começar. Vejamos... — Ele começa a contar pelos dedos, com a voz a transbordar de insinceridade. — Não acredito que a Hayley tenha partido; ela era uma força da natureza. Credo, é tão injusto, estou furioso que ela tenha morrido. Talvez se a minha mãe e o meu padrasto não estivessem sempre fora, eu não tivesse dado aquela festa incrível e ela ainda estivesse cá. Uau, não acredito em toda a imensa *tristeza* que sinto...

— Scott... — o professor Wilkens interrompe-o num tom reprovador.

— Espere, já quase terminei, já só me falta uma fase. Embora eu vá sentir falta da Hayley, sei que voltarei a amar a vida. — O rosto atraente do Scott contorce-se num sorriso de troça. — Boom. Feito. As cinco fases do luto em tempo recorde.

O professor Wilkens olha para o Scott, com uma mão no queixo.

— Às vezes, quando os nossos sentimentos são particularmente dolorosos, o humor pode ser uma forma de nos esquivarmos deles.

Uma forma de não sentir. Isso é compreensível, Scott.

Por um instante, os olhos do Scott enfurecem-se, mas antes de ele conseguir dizer algo, a Jackie Nevins intervém:

— Professor Wilkens — soluça ela —, tem sido simplesmente horrível! Não consigo parar de pensar nela.

Eu reviro os olhos. A Jackie fez atletismo com a Hayley durante três minutos e partilharam um total de umas duas conversas.

— Obrigado pela tua coragem, Jackie. Eu sei que não é fácil. Mas, por favor, partilhem tudo o que quiserem. — O professor Wilkens entrelaça as mãos e dá a Jackie toda a sua atenção, algo que, quando ela bate os olhos para ele, me apercebo que era provavelmente a intenção dela ao falar antes de qualquer outra pessoa.

É certo que o professor Wilkens é atraente, para um professor. Cresceu em Cedarbrook e, quando andou nesta escola, foi prom king, o melhor aluno e o principal lançador da equipa de basebol. Se ele não fosse tão terra-a-terra, seria impossível de aturar. Mas toda a gente sabe que o professor Wilkens namora com uma professora de artes linda, da nossa escola secundária rival. É *claro* que o homem não é solteiro.

Lamento, Jackie.

Sinto uma ligeira pressão na perna e apercebo-me com surpresa de que o Sawyer me está a dar um toque. Ele faz um pequeno movimento com a cabeça em direção à Jackie, que agora chora abertamente. Sei precisamente o que ele tenta transmitir. *Quem raio é ela?*

Mordendo o interior da minha bochecha, tiro um lápis e um pedaço de papel, o mais discreta e silenciosamente que consigo.

Corria com a H — mas foi expulsa da equipa depois de meio semestre, escrevinho.

Os olhos do Sawyer seguem os meus dedos e o canto da sua boca contorce-se quando lê a mensagem toda. Ele ergue uma sobrancelha, a que tem a cicatriz, e abana a cabeça, com um pequeno sorriso nos lábios. Uma pequena luzinha de calor nasce no meu peito, o calor de uma piada privada.

Depois de a Jackie terminar a sua história de horror, todos os outros alunos se juntam. Há um rapaz chamado Andrew, que convidara a Hayley para sair uma vez durante o 7.º ano e que ela rejeitara delicadamente, mas com firmeza. Mas, pela forma como ele

conta aquilo, ela foi aquela que lhe escapou.

— Se ao menos tivéssemos tido mais tempo — suspira o Andrew.

O Scott troça em repulsa, cruzando os braços. Eu tento apanhar o olhar do Sawyer porque *a sério?*, mas ele parece ter-se esquecido de que há mais alguém na sala. Voltou a franzir o sobrolho para os sapatos, sem nenhuma da leveza que mostrara há um instante. E estamos de volta à realidade em que a Hayley partiu.

E, nesta altura, eu já só quero que isto acabe.

Quando a campainha toca, o alívio é tão palpável que fecho os olhos. Todos se endireitam nas cadeiras e se esticam.

— Esperem, pessoal — diz o professor Wilkens —, nem todos tiveram a hipótese de partilhar. — Sorri encorajadoramente para mim. — Ella, não imagino quão difícil isto tem sido para ti. Como estás a aguentar-te?

Oh, santo Deus, não.

O meu coração começa a bater tão depressa que parece que me vai sair pela garganta. O Sawyer fica rígido ao meu lado e o Scott olha-me com interesse. Todos os outros se movem com relutância, voltando a instalar-se nos seus lugares.

Tenho a boca seca. Agarro os meus livros com força contra o peito.

— Eu agradeço. A sério que sim. — Contra a minha vontade, a minha voz fica mais baixa, engolida pelo pânico. — Só não sei o que poderia dizer, ou, hum, *como* poderia dizer...

— Não faz mal — diz o professor Wilkens suavemente. — Não há nenhuma forma errada de falar sobre...

— Sabe, esse é o problema dos psicólogos — intervém o Sawyer, surpreendendo-me. — Gostam demasiado do som dos vossos próprios conselhos, nunca *ouvem*. O que, corrija-me se estiver errado, mas é a sua única tarefa. — Ele passa uma mão pelo queixo, abanando a cabeça com pena fingida. — Imaginem ter um mestrado em simplesmente «ficar sentado e calar a boca» e ainda falhar redondamente. — O rosto do Sawyer fica frio. Mortífero. — Ela disse que não quer falar.

Eu olho de boca aberta para o Sawyer, enquanto um coro de arquejos ecoa pela sala. Até o Scott parece meio surpreendido e meio impressionado. Nunca, num milhão de anos, poderia imaginar falar

assim com nenhum professor da escola.

O professor Wilkens endireita-se e cruza os braços.

— Vamos lá, acalmem-se. — Ele mede o Sawyer com um olhar pensativo. — Sabem que mais? Ele tem razão.

O silêncio é impressionante. Os olhos castanhos-escuros do Sawyer brilham, a posição do seu maxilar é desafiadora.

O professor Wilkens olha à volta da sala.

— O Sawyer tem razão. Eu não estava a ouvir. — Ele vira-se para mim. — Ella, não devia ter insistido para que partilhasses antes de estares preparada. Peço desculpa. — O professor Wilkens fixa o Sawyer com um olhar sério. — Normalmente, não toleraria esse tipo de linguagem, Mr. Hawkins. Mas no seu caso, a raiva é completamente normal. — Ele inclina um pouco a cabeça. — E, muitas vezes, deslocada.

O Scott emite uma gargalhada grave. A voz do Sawyer fica suave, corrosiva:

— Uau — diz ele. É, de algum modo, mais assustador do que quando gritou. — Que revelação.

Consigo ver os punhos cerrados do Sawyer a tremer, consigo sentir como cada músculo do seu corpo se torna numa linha rígida antes de ele explodir para fora do sofá, com o movimento súbito a derrubar os manuais do meu colo. Ele sai a passos largos da sala, batendo a porta, fazendo o diploma do professor Wilkens espatifar-se no chão.

Há uma inspiração coletiva. Até o professor Wilkens parece abalado, ficando com os movimentos bruscos e inseguros. As minhas mãos tremem e a minha mente está a mil.

O que raio foi aquilo?

capítulo 4

sawyer

Lá fora, bato com as costas contra a parede lateral da escola e encosto a cabeça. O meu cabelo fica preso e raspa nos tijolos ásperos: uma dor suave e agradável. Fecho os olhos.

Não devia ter perdido a cabeça daquela maneira.

Mas... quem raio não perderia? Encurralado assim naquela aberração de grupo de luto? A ouvir as tretas do Scott? A ver o Wilkens cair sobre a Ella, forçá-la a falar?

Quem poderia ter simplesmente ficado sentado em silêncio enquanto os olhos castanhos dela ficavam todos frágeis e assustados? Enquanto ela colapsava sobre si própria, desistindo como uma má mão de póquer? Se conhecessem a Ella como eu (algo que, enquanto melhor amiga da Hayley, é *muitíssimo bem, raios!*), então saberiam que a Ella teve sempre dois ases, mas nunca apostaria em si mesma.

Foi por isso que me passei. A Hayley costumava dizer-me:

— Há algo na Ella que me dá sempre vontade de me pôr à frente dela e rosnar ao mundo como uma leoa.

Nessa altura, eu provocava-a com a pergunta:

— Ela é a tua melhor amiga ou a tua cria?

Mas agora... depois de quase não conseguir arrancar a Ella da frente daquele autocarro, depois de ver os seus lábios torcerem-se enquanto me escrevia aquele bilhete, depois de ver a forma como ela punha o cabelo atrás da orelha enquanto o Wilkens continuava a

insistir... depois de me aperceber de que agora só resto eu, que só cá estou eu para me pôr à frente dela e rosnar para o mundo?

Bem, é claro que me levantei e rugi.

Mas ainda assim.

Mal jogado, Sawyer.

Passo uma mão pela cara. Mal me estou a aguentar com as coisas tal como estão. A última coisa que preciso é de ser expulso, entrar no radar do diretor, no radar de *qualquer pessoa*. Tenho sorte de o Wilkens não me denunciar à direção.

Sinceramente, também tenho sorte de que a minha explosão não tenha sido pior, tendo em conta o lodo tóxico que me tem enchido as entranhas nos últimos quatro meses, ameaçando transbordar. Não me lembro da última vez que dormi a noite toda. Nem da última vez que acordei sem sentir rochas derretidas no estômago e o sabor a cinzas na boca.

Distraidamente, passo o polegar pela cicatriz na palma da minha mão esquerda: um fino rio cor-de-rosa, inchado, ainda sensível. Esqueço-me da maioria das minhas cicatrizes, mas não consigo ignorar esta. A sério: tentem ignorar as vossas mãos. É impossível.

Sinto-me um pouco mais calmo agora, mais estável. Até que a vejo.

A Ella avança para mim, olhando para o chão, mordendo o lábio inferior, segurando os livros com força contra o peito. Esta é a primeira vez que tive hipótese de olhar para ela. De olhar realmente para ela. Não consigo imaginar o quão difícil isto tem sido para ela. Este pensamento enche-me de uma culpa que arde. Tenho estado tão absorvido pela minha própria dor, que me esqueci de que não sou só eu a passar por este ano escolar diabólico. Há sombras por baixo dos olhos dela. Parece que não sou o único com dificuldade em dormir.

Assim que os olhos dela aterram em mim, ela congela.

Mais uma vez, *sou eu* quem a deixa assustada e isso é como um murro no estômago. Como pisar sem querer a cauda de um cachorrinho.

Ainda estou a tentar pensar no que dizer, quando ela se curva, tentando encolher-se, e começa a recuar lentamente. Era exatamente o que eu costumava fazer quando roubava Oreos da despensa, a pensar que era muito esperto, enquanto a mãe estava acima de mim, de

braços cruzados, a observar tudo.

Não consigo evitar. Emito o ronco de uma gargalhada.

— Olha, Graham — chamo —, eu consigo ver-te. Mas se quiseres, posso fingir que não fizemos contacto visual.

Ela fica rígida e é óbvio que está embaraçada, com o vermelho a subir-lhe pelo pescoço. Lança um olhar sobre o ombro, como se pudesse fugir de qualquer forma. Mas parece pensar duas vezes, endireitando-se e encarando-me.

Eu suavizo a minha expressão, esperando parecer tão arrependido quanto me sinto. A Ella continua a olhar para mim como se eu pudesse transformar-me num lobisomem adolescente a qualquer momento, os ombros dela ainda erguidos até às orelhas e isso dá cabo de mim, por isso, dou por mim a dizer sem pensar:

— Olha, como está a tua gata? — Subtil, Sawyer. Muito subtil.

— A minha... gata? — A Ella pestaneja.

— Sim, hum, a Edna? Como está ela? — Esfrego a nuca, estremecendo.

A Ella ri-se com um ronco, um som que parece surpreendê-la e que me dá esperança. Abana a cabeça.

— Queres dizer a Midna? — A boca da Ella contorce-se. — Ela está... hum, ótima. Trocámos a comida dela, por isso, agora tem menos bolas de pelo.

Não acredito que esta é a primeira conversa que temos desde o funeral da Hayley. Se a cara da Ella for um sinal, ela sente o mesmo.

— Pois, *Midna*, era isso que eu queria dizer. E olha, parabéns por... menos bolas de pelo. É sempre bom não ter... tantas. — Aclaro a garganta.

E ali está. O sorriso da Ella. Embora seja pequeno, ilumina toda a sua cara, e os seus olhos são tão impressionantes como o nascer do sol. E então reparo na forma como o vento apanha os seus longos cabelos escuros e como o sol transforma pequenos fios em filamentos vermelhos-dourados e torna os seus olhos em algo impossível, como âmbar brilhante. Como é que nunca tinha reparado antes?

God, claro. Porque nem sequer era OK reparar. Mesmo agora, é OK?

Raios, quanto tempo passou desde que disse alguma coisa?

A Ella aclara a garganta, mudando o peso de pé,

desconfortavelmente.

Merda. *Tanto* assim. Pestanejo algumas vezes, tentando desanuviar a cabeça.

— Então, hum, os teus livros. — Aclaro a garganta e desvio o olhar. — Eu... não estraguei nenhum, pois não?

— Os meus livros? — Ela franze o sobrolho.

— Quando saí de rompante e os deixei cair. — Esfrego a nuca.

— Ah, pois.

— Desculpa. No mínimo, devia ter ficado para os apanhar. Fui um idiota.

Ela inclina um pouco a cabeça.

— Ficaste muito zangado.

Eu expiro com força pelas narinas. *Tranquilo*.

— Pois. Quer dizer, aquela miúda agiu como se a Hayley fosse a sua siamesa morta?

A Ella troça.

— Acho que ela só estava a tentar que o professor Wilkens olhasse para dentro da camisa dela. Tipo, que nojo.

O meu polegar pressiona a minha cicatriz.

— Tudo aquilo foi nojento. Só estavam ali todos à procura de um motivo para se escaparem à aula. — De repente, sinto-me muito cansado. — Mas não devia ter gritado — digo baixinho. Sinto vontade de ser honesto com ela. — A minha vida tem sido mais ou menos um pesadelo. Alguns dias, consigo aguentar-me. E depois, noutros, bato com o dedo do pé numa cadeira e fico tão furioso que desejava, tipo, desejava *mesmo*, que a cadeira estivesse viva para poder matá-la lentamente.

Os olhos dela ficam esbugalhados e, OK, talvez isto tenha sido um pouco honesto de mais. Aclaro a garganta.

— Para, hum, te dar uma ideia de, hum, de quão bem estou a lidar com tudo.

Esperava que ela se fechasse mais, mas quando fito o olhar da Ella, vejo-a pestanejar depressa, com os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Eu faço uma coisa — diz ela — que é, quando acordo, viro-me para o lado e pego no telemóvel para mandar uma mensagem à Hayley, como sempre. Mas depois *lembro-me*. E só quero afundar-me

no colchão. — Ela abana a cabeça. — Passo a maioria das noites a olhar para os danos da água no teto. Nunca soube quão *silenciosas* eram as três da manhã.

— Alguém me disse uma vez — digo — que comer uma banana antes de ir dormir ajuda a combater a insónia.

— E? — A Ella ergue uma sobrancelha.

— E... sim, funcionou exatamente nenhuma das vezes.

Quando se ri, não consigo deixar de reparar em como o seu rosto se ilumina.

— Lamento que estejas a ter dificuldade em dormir — digo. — É a pior coisa do mundo.

O sorriso da Ella vacila porque, *não*, obviamente a insónia não é a pior coisa do mundo.

Um grande silêncio em forma de Hayley instala-se entre nós. Os ombros da Ella estão de novo curvados e sinto um pânico repentino, como se estivesse a perdê-la, o que nem sequer faz sentido porque nem sequer a tenho?

— Bem — diz a Ella e já soa a despedida —, eu digo à Midna que tu disseste olá. — Ela vira-se para se ir embora, com o cabelo a flutuar atrás dela, sedoso e negro.

— Ella, espera.

Estico a mão e seguro-lhe no pulso para que pare. Os seus olhos de mel viram-se para encarar os meus e deixa escapar um pequeno arquejo.

É esse som que me apanha, a maneira como a boca dela se abre.

Deixo cair o pulso dela, como se a sua pele me queimasse.

Há uma sensação tensa e quente que sobe da parte debaixo do estômago, e tudo porque toquei no braço desta rapariga e, claro, o problema não é que isto esteja tudo a acontecer com uma rapariga, mas que aconteça com *esta* rapariga.

Então, meu, é a Ella. A *Ella*.

— Aquele grupo de apoio ao luto é uma treta. — A minha voz está um pouco rouca e tenho de aclarar a garganta. — Eles não sabem como é que é nada disto. Mas eu sei. Se alguma vez precisares de falar... — Dou um passo atrás para lhe dar espaço. Para *me* dar espaço. — Eu estou aqui.

A Ella acena com a cabeça.

— Obrigada, isso significa muito para mim. — Esboça um sorriso contraído. — Até logo, Sawyer.

Observo-a enquanto se afasta, esfregando a minha nuca, sentindo-me mais leve e mais pesado ao mesmo tempo. O meu estômago dá uma volta. Parece que fiz asneira e a culpa arde na minha barriga.

Porque tocar nela? Foi novo, mas familiar.

Porque da última vez que senti isto quando toquei numa rapariga?

Bem, foi quando toquei na Hayley.

capítulo 5

ella

De depois das aulas de sexta-feira, dou por mim no alpendre da casa da Hayley. Já consigo sentir a ausência dela. Sem a Hayley para cuidar dos arbustos de azáleas junto aos degraus da entrada, estes ficaram castanhos e mirraram, tal como o seu jardim de ervas que outrora transbordou com manjerição. A Hayley tinha instalado dezenas de «estações de hidratação» para as abelhas, que eram apenas pequenos vasos de barro cheios com berlindes azul-cobalto para as abelhas beberem sem se afogarem. Mas a água está turva e castanha e vejo pelo menos uma abelha a flutuar à superfície. Faço uma inspiração profunda, fecho os olhos e luto contra a vontade de fugir dali.

Mas antes de poder fazer alguma coisa, a porta abre-se. O homem na entrada está sobressaltado, tão chocado com a minha presença como eu estou com a dele. Semicerra um pouco os olhos verdes penetrantes.

— Ora, ora, se não é a menina Ella.

— Sean — digo, subitamente desconfiada. A surpresa torna-me direta. — O que faz aqui?

— Oh, olá para ti também — diz ele, tirando um maço de cigarros do bolso.

O Sean é o ex da mãe da Hayley. O cabelo louro sujo está despenteado, a barba curta e áspera no queixo não faz nada para atenuar a sua beleza rústica. Da primeira vez que o conheci, fiquei

chocada por ele ser tão mais novo do que a Phoebe. Essa não fora a única coisa marcante nele.

— Não te atrevas a dizê-lo — avisara a Hayley, vendo a expressão no meu olhar.

— Não digo! — concordara eu. — Não vou mencionar quão sexy é o namorado da tua mãe...

— *Que nojo*, Ella!

— Vá lá, tens de admitir.

A Hayley recusava-se a admiti-lo em voz alta, mas eu sabia que ela também o achava sexy. Tal como a Nia e uma série de colegas nossas. O Sean é eletricitista e, no ano passado, a escola contratara a empresa dele para voltar a eletrificar uma ala antiga do edifício para cumprir as regulamentações. A Hayley fervia sempre que apanhava alguém a olhá-lo, quando passávamos por ele nos corredores; fulminou a Jackie com o olhar quando ela se atreveu a flertar com ele uma vez, e o Sean sorriu o tempo todo.

Infelizmente para ela, a empresa tinha levado meses a terminar o trabalho e, nessa altura, a novidade dos encantos do Sean já tinha expirado há muito. Ele bebia, mentia e tinha discussões aos gritos com a Phoebe. Depois, tinha começado a sair à socapa de casa e a Phoebe descobriu que ele a traía com uma mulher muito mais nova. Nunca descobri quem era — a Hayley não gostava de falar do Sean, nem da Phoebe —, mas pelo menos ele tinha desaparecido das vidas delas.

Ou era isso que eu pensava.

Agora, não consigo impedir que o meu lábio se contorça em repulsa. O Sean observa a minha cara, com o cigarro a pairar junto à boca.

— Julga-me o quanto quiseses, mas não sabes a história toda. Eu também amava a Hayley, sabes.

Ele deixa cair a beata do cigarro, torce o calcanhar da bota sobre o filtro, chocalhando as muitas chaves no seu cinto.

— A tempestade fritou alguns disjuntores naquela tua escola, por isso, acho que nos veremos por aí.

Lança-me um último sorriso forçado antes de entrar num BMW preto e reluzente estacionado no passeio. Deve ser novo; quando ele e a Phoebe andavam, só conduzia uma carrinha branca com as palavras SERVIÇOS ELÉTRICOS DE CEDARBOOK gravadas de lado. Lançava um fumo

malcheiroso e só arrancava metade das vezes.

— É bem feito — dissera a Hayley. — Espatifou o carro a andar a mais de 140 numa zona escolar. O cretino nem sequer merece um carro de substituição da empresa.

O SUV é uma grande melhoria. Posso imaginar o riso de desdém da Hayley.

— Teria sido mais barato se ele se limitasse a comprar uma t-shirt a dizer «Estou a Compensar Alguma Coisa».

Depois de o Sean se ir embora, empurro a porta da frente e encontro toda uma casa às escuras, em que a única luz é filtrada através das fendas dos estores.

— Phoebe? — chamo.

— Na cozinha — uma voz rouca chama de volta.

Abro caminho entre uma série de caixas de cartão abertas, com o conteúdo a transbordar. Os quadros foram tirados das paredes; as prateleiras estão meio vazias. Não reconheço este lugar, outrora a minha segunda casa. Parece abandonada, como uma casa que foi saqueada e deixada à pressa.

Chego à cozinha e é a mesma coisa aqui: gavetas e armários abertos, todos eles meio cheios. Ali, sentada à mesa da cozinha, entre as caixas cheias de conchas da sopa e garfos, a acender um cigarro com dedos trémulos, está a Phoebe. Está sentada onde a Hayley normalmente se sentaria quando ela, eu e o Sawyer comíamos qualquer coisa entre filmes, durante uma dormida em casa dela. À sua frente, está uma chávena com o Bugs Bunny e o Taz e o logótipo do parque Six Flags Over Georgia, de quando eu e a Hayley lá fomos numas férias, há alguns anos.

A Phoebe segura um cigarro com uma mão e usa a outra para contornar a mesa com um dedo, franzindo o sobrolho profundamente. Não repara quando a cinza cai no chão de linóleo.

A mãe da Hayley nunca foi alguém a quem eu chamasse uma mãe exemplar. Mas sempre parecera elegante e arranjada. A mulher esquelética diante de mim usa uma t-shirt cinzenta cheia de buracos, com todo o design tão sumido que quase não se consegue distinguir o símbolo dos Atlanta Braves à frente. O cabelo castanho-avermelhado está oleoso e sem vida e a cara dela afunda-se em tristeza. Até os seus olhos verdes, que costumavam ser brilhantes, agora não são nada mais

do que poços escuros de dor, como se o sofrimento tivesse alterado o seu próprio ADN.

Esta não é a Phoebe que eu conheço. E como é que poderia ser? Um tornado destruiu toda a sua vida e ela está no meio dos escombros, a fitar em confusão os fragmentos nas suas mãos e a perguntar-se, *Isto era a cama da minha filha ou o chão da sala?*

Sinto-me culpada com a minha surpresa, com o pensamento que me surge: *Então, afinal ela importava-se mesmo com a filha.*

Faz-me lembrar uma coisa que a minha *lola* me disse quando eu era pequena e estava furiosa com a minha mãe.

— Odeio-a! — lamentara-me.

— Não, *anak* — dissera ela suavemente —, tu adoras a tua *nanay*.

Quando eu insistira que não podia amá-la se a odiava, *lola* limpara as minhas lágrimas com um sorriso sabedor.

— O amor não é como entrar num rio, em que ficas molhada ou não. O amor é o próprio rio. Às vezes, a corrente é tranquila e estável, tal como o meu amor por ti. — Ela dera-me um beijinho. — E, às vezes, tem pedras aguçadas e rápidos que deixam nódoas negras. As quedas e as curvas súbitas são confusas e dolorosas, mas continua a ser o mesmo rio. Continua a ser amor.

Recordo-me das palavras da *lola* agora e sinto que as compreendo finalmente. Quão fácil seria se as coisas fossem tão simples, se o amor fosse binário, se *fosse* ou *não fosse*. Mas, ao ver os olhos vermelhos da Phoebe, agora sei que a verdade é muito mais complicada.

Aclaro a garganta baixinho.

— Olá, Phoebe.

— Então. — A mãe dela encosta-se para trás na cadeira e quando vira os seus olhos exaustos para mim, vejo um vislumbre daquela antiga acutilância. — Vieste.

Aceno, olhando para as caixas a toda a volta. É quase chocante ver quantos utensílios de cozinha existem na casa das Miller. Durante todo o tempo que convivi com a Hayley, as únicas vezes que Mrs. Miller estava na cozinha era quando ia buscar um saca-rolhas ou um saca-caricas.

— Vai... vai mudar-se? — pergunto. Por algum motivo, a ideia é como um dardo no meu peito. Embora a Hayley detestasse viver com a Phoebe, muitas das *minhas* memórias moram aqui.

— Não faz sentido ficar aqui, sou só eu — diz a Phoebe. — Já arrumei a maior parte da casa, mas preciso que trates do quarto da Hayley. — A dor trespassa o rosto dela quando diz o nome da filha.

É retorcido, mas pergunto-me se a Hayley ficaria comovida ao ver a mãe neste estado. Tão abatida com a sua morte.

Aclaro a garganta.

— Então... quer que embale tudo para poder guardar, ou...? — Não consigo dizer a alternativa em voz alta: deitar fora o que resta da vida da filha.

Ri-se desconsoladamente.

— Quero ficar com algumas coisas, mas não consigo olhar para elas agora. Além disso, acho que a Hayley ia preferir que fosses tu a organizar as coisas dela.

Ela tem razão. A Hayley odiaria a ideia de ter a mãe a esgravatar nos seus pertences, sem honrar as coisas certas, os tesouros mais queridos dela, sem perceber nada disso.

— Eu ponho de lado aquilo que achar que possa querer e que a Hayley gostaria que tivesse — prometo.

Guia-me pelo corredor e fica diante da porta fechada do quarto da Hayley. Ainda há ali fotos do Pedro Pascal e dos BTS, que a Hayley recortara de revistas e imprimira clandestinamente na impressora a cores da escola. Ao centro, está uma Polaroid tirada num baile no ano passado, em que estou eu, o Sawyer e a Hayley. A Hayley sussurra algo claramente hilariante ao meu ouvido porque tenho a cabeça atirada para trás e a boca aberta, captada no auge da minha gargalhada. O Sawyer olha para nós as duas, mas o seu rosto é de divertimento silencioso, com as suas pestanas compridas a lançarem sombras delicadas em leque sobre as bochechas.

Temos um ar tão radiante. Tão lindo. Impossivelmente eterno. Lembro-me daquela noite. Pensava que seríamos assim para sempre, pensava que a Hayley era deslumbrante e que até eu me sentia deslumbrante e, naquela noite, permiti-me pensar que até o Sawyer era deslumbrante.

Olho para os meus pés e pestanejo com força.

— Tentei ser eu a fazer isto — diz a Phoebe baixinho. — Mas assim que entrei, achei que não estava certo. Como se eu não pertencesse aqui. E, enquanto olhava para as paredes, para as coisas

dela, apercebi-me de que era o quarto de uma estranha. A minha própria filha.

Eu fico ali, confrangida, sem saber o que fazer. A medo, ponho uma mão no ombro dela, mas assim que a Phoebe sente o meu toque, salta para trás. Dá uma fungadela abrupta e encara-me com os ombros rígidos.

— Phoebe, lamento muito. Sei que a sua relação com a Hayley...

A Phoebe interrompe-me com uma gargalhada cruel.

— Oh, não te dês ao trabalho, Ella. Para quê? Ela partiu. Partiu ao ponto de eu nem sequer ter um corpo para visitar. Nem sequer posso levar-lhe flores, como faria uma mãe normal. — Encolho-me para longe dela, do tom cortante da sua voz. — Mas não importa — continua ela, com o riso irregular, tornando-se algo totalmente diferente — porque eu nem sequer sei qual era a flor preferida dela. Que tipo de mãe não sabe isso? — Fita os meus olhos de repente. — Mas aposto que tu sabes. Não sabes? — Fala num sussurro gelado.

— Girassóis — murmuro, perguntando-me se ela sabia do pequeno girassol tatuado no tornozelo esquerdo da Hayley. Se não sabia, nunca saberá.

— Girassóis. — A Phoebe pestaneja, como se estivesse a lembrar-se de onde está. — Girassóis, hã? — diz ela, afastando-se de mim. — Fica com o que quiseses — diz ela, com uma voz subitamente neutra. — Eu doo o resto.

Depois, ela gira nos calcanhares e regressa à cozinha, deixando-me sozinha com aquilo que resta da Hayley.

capítulo 6

ella

Faço uma inspiração profunda. A dor agita-se nos meus pulmões, mas tenho uma tarefa a cumprir e tenho de me aguentar. Procrastino, retirando com cuidado as fotos do lado de fora da porta da Hayley, tentando não me deter naquela nossa Polaroid.

A seguir, deixo-me de rodeios e giro a maçaneta.

A primeira coisa que me atinge é o cheiro a jasmim — o perfume da Hayley. E, sem mais, ela está no quarto comigo. Por um instante, acredito realmente que está escondida por baixo dos cobertores, a rir-se enquanto faz scroll no Archive of Our Own, a ler fan fiction escaldante de Pokémon.

Como é suposto fazer isto quando parece que a Hayley pode entrar a todo o momento? Quando este quarto é uma cápsula do tempo perfeitamente conservada de quando ela estava viva?

As luzinhas dela ainda estão ligadas com as lâmpadas LED em toda a sua força. Há uma lata aberta de Sprite na cómoda, com marcas de batom roxo na borda. Escritas com a letra dela, num quadro de ardósia emoldurado por cima da cama, estão as palavras: *Objetivo do 12.º ano: arranjar finalmente um snack de gajo todo bom muito merecido para a Ella*. Só que ela riscou *snack* e escreveu *refeição*.

É uma trip tão grande que até fico tonta. Dou um passo atrás para me equilibrar e derrubo um candeeiro junto à porta. Cai para trás, contra a parede e uma lâmpada parte-se.

Fico sobressaltada com o som e, de repente, a minha melhor amiga morreu de novo. Estou aqui no quarto da Hayley e tenho uma tarefa a cumprir.

— Por onde começar — murmuro para mim própria, varrendo o quarto com o olhar em busca de algo simples e não demasiado sentimental. Há a cómoda e o armário, ambos atulhados de histórias e piadas nossas. Não. Há uma pilha de roupa e a mochila da escola no cadeirão *papasan* que era o «meu sítio». Nem pensar. A secretária parece ser o mais seguro. Era suposto a Hayley usá-la para fazer os trabalhos de casa, mas nunca a vi usá-la como nada, além de uma lixeira.

Com cuidado, como se atravessasse um campo minado, avanço até à secretária. De facto, há uma grande pilha de papéis amarrotados. No topo desta pilha, há uma série de cupões para depilação das sobrancelhas com linha e remoção de cera dos ouvidos, do centro comercial local.

— Blhec, Hayley. — Rio-me suavemente.

Os cupões ajudam-me a focar, a abafar a minha dor, para poder pôr mãos à obra. O resto é, na sua maioria, tralha, coisas inúteis que ela enfiou na mochila, apenas para as atirar para a secretária quando chegasse a casa. Há vários folhetos de feiras para angariar fundos, organizados pela Escola Secundária de North Davis para os seus vários clubes e equipas.

A Hayley adorava aquelas feiras. Sobretudo, porque são um dos principais motivos para ela e o Sawyer se terem conhecido. Ele não tinha aulas nenhuma connosco, por isso, há meses que era apenas o «Gajo Bom da Cantina». Depois, um dia, ela apareceu na nossa mesa com o Sawyer a reboque. Tinham estado juntos numa feira a que eu faltara porque estava doente e, numa semana, o Gajo Bom da Cantina tornara-se num elemento essencial das nossas vidas.

Vasculhar a pilha (de, sejamos honestas, Hay, *lixo*) termina demasiado depressa e, por fim, não tenho alternativa além de enfrentar a parede que tenho ignorado, aquela por cima da cama, coberta com um conjunto de fotos, desenhos e bilhetes que escrevemos uma para a outra durante as aulas.

Subo para o colchão, passando os dedos pelas bordas de uma foto minha a deitar a língua de fora para a máquina. Por baixo, há um

pequeno *haiku* que eu escrevi. Fiquei embaraçada quando a Hayley o colara à parede, mas ela dissera-me para estar calada porque era *arte*.

Porque deixaste química???

Agora o Will C senta-se ao meu lado.

Ele dá peidos quando adormece nas aulas.

Não é arte, mas dou por mim a rir e, de repente, fico eternamente grata por a Hayley nunca deitar nada fora.

Não muito longe, está uma foto que a Jess tirou de mim e da Hayley sentadas à minha mesa de jantar, com as bocas cheias de comida. Nunca tinha reparado na minha mãe lá atrás, com um ar ligeiramente horrorizado. Por baixo dessa fotografia, há outro pedaço rasgado da folha de um caderno, onde eu e a Hayley passámos bilhetinhos para a frente e para trás.

E, estou com o período e acho que vou matar alguém se não comer os «lumpia» da tua mãe esta noite



acabaste mesmo de desenhar uma cara zangada para mim

sim! sabes que a mãe só os faz para aniversários e ocasiões especiais, e o teu período não é uma delas, lamento

OK, qual é a receita, podemos fazer nós

precisamos de ingredientes, mas o Manila Mart é muito longe, minha, e o trânsito de Atlanta é infernal por isso vamos chegar tarde na mesma e



E, minha pobre e ansiosa ave bebé, não te preocupes vai correr tudo bem

Sorrio, ao lembrar-me de que eu e a Hayley estávamos a fazer uma lista de compras na mesa da cozinha quando a mãe apareceu

atrás de nós, viu o que estávamos a escrever e revirou os olhos. Afinal, a mãe tinha folhas de *lumpia* no congelador e, como estava de folga e de bom humor, ajudou-nos a fazer uma pilha crocante e deliciosa. A mãe gostara de nos ensinar o modo de enrolar a carne e de garantirmos que não enchíamos demasiado os rolos.

Não gostara quando a Hayley apostara comigo que eu não conseguia enfiar três *lumpia* na boca ao mesmo tempo e eu lhe provara que, na verdade, conseguia enfiar quatro.

Mas havia ali tantas coisas de que me tinha esquecido, como uma fotografia tirada durante um piquenique no Centennial Park. Estava lá todo o nosso grupo. A Nia, deslumbrante como sempre, a levar algodão doce cor-de-rosa aos lábios. A Beth, mesmo ao lado dela, com os braços à volta da Rachael, que sorria muito. Depois, claro, o Scott. Na foto, o braço dele está à volta do meu ombro, mas ele está a olhar para a Hayley, que está a morder o ombro do Sawyer de forma brincalhona.

Há mais instantâneos aleatórios: o Sawyer a inclinar a Hayley para trás à chuva, com as roupas encharcadas. O Scott a beijar a bochecha da Hayley, enquanto ela faz uma careta que não conseguimos perceber se é de diversão ou nojo. Outra em que ele mostrou o dedo do meio à máquina, com alguns fios de cabelo a caírem à frente do olhar entediado. A Hayley a correr na pista, com a Nia ao lado, as duas a meros passos da meta, enquanto os restantes de nós as aplaudíamos das bancadas. A Beth e a Rachael vestidas como personagens do *Schitt's Creek* no Halloween.

A minha tristeza é mais profunda porque me apercebo de que, mesmo antes de a Hayley morrer, tinham-se passado meses desde que me consigo lembrar de estarmos todos juntos e felizes, como estávamos nestas fotos. Mais para o fim, fora sobretudo eu, a Hayley e o Sawyer.

Eu tinha a equipa de natação e os exames do final do ano. E a Hayley era capitã da equipa de atletismo, o que, mais para o fim, a stressara *mesmo*. A treinadora dela estava a pôr-lhe imensa pressão em cima.

— Quase já nem tem piada — dissera-me ela com um olhar derrotado que eu nunca tinha visto antes.

Franzo o rosto, alisando o canto da foto. Se pensar bem nisso, a

Hayley estava sempre stressada no fim, não estava? A escola, o desporto, as mesmas tretas de sempre com a Phoebe... O último mês do 11.º ano fora pesado. Eu tinha esperança de que, depois de o verão começar, ela pudesse relaxar e voltar a sentir-se novamente feliz.

Mas ela nunca teve essa oportunidade.

Durante as próximas duas horas, desmonto em silêncio a vida que eu e a Hayley construímos juntas. Arrumo cuidadosamente as fotografias numa caixa, pondo de lado as que acho que a Hayley não teria problemas em dar à mãe.

As roupas dela não são tão difíceis como pensei. Conheço o guarda-roupa dela tão bem, que é fácil separar o que é para manter e o que é para dar. Há uma t-shirt de um dia de atividades da escola primária que a Hayley costumava usar como top e que eu ponho de lado para a Phoebe, além das joias da Hayley. Algumas peças são relíquias de família, dadas pela avó da Phoebe. A Hayley raramente as usava, preferindo guardá-las a salvo numa caixa de joias.

— Afinal de contas — ela disse-me uma vez com um sorriso irónico —, estas são as únicas coisas da Phoebe que eu posso herdar e que não envolvem trauma ou alcoolismo.

Agora, todos os legados da Phoebe acabam com ela.

Fico apenas com uma coisa, um dos colares da Hayley. É uma corrente de ouro delicada com um amuleto: um pequeno círculo dourado com o contorno do estado da Georgia gravado no meio. Fiquei surpreendida quando ela usou o seu primeiro salário para o comprar.

— Mas estás sempre a queixar-te de que este estado é uma treta! — Disse eu.

— Mas foi onde nos conhecemos e nos apaixonámos — dissera ela, beliscando o meu nariz.

Prendo o fio à volta do pescoço e pressiono o pequeno círculo dourado na cova da minha garganta. É minúsculo, mas sinto um calor no peito por saber que era da Hayley.

Depois de horas de trabalho, reduzi tudo o que restou da Hayley e do quarto dela a caixas de cartão. Sentindo-me atordoada, sento-me no colchão vazio, fitando intensamente o espaço, à procura de qualquer coisa familiar. Qualquer coisa que me recorde do pequeno canto do mundo que talhámos juntas.

Em breve, outra família vai mudar-se para aqui e criar as suas próprias memórias, sem nunca saber que uma rapariga chamada Hayley e uma rapariga chamada Ella costumavam lidar com os grandes mistérios da vida sob este mesmo telhado.

É quando me apercebo: sem corpo, sem quarto, sem casa.

Será como se a Hayley nunca tivesse existido.

Consigo sentir as lágrimas a subirem-me pela garganta, com um terrível sentimento de vazio. Mas a seguir sinto algo estranho debaixo da mão. Faço pressão para baixo na cama e, não, não imaginei. Há algo duro e liso por baixo do colchão.

Franzindo o sobrolho, meto a mão no espaço apertado entre o estrado de molas e o colchão. Os meus dedos roçam em algo duro. Tiro um livro preto sem quaisquer marcas na capa de tecido. Abro a primeira página e vejo as palavras *Este diário pertence à Hayley* — e fecho-o de imediato com um baque.

O diário da Hayley.

Consigo ouvir movimento no corredor, passos. Phoebe. Se a Hayley alguma vez descobrisse que a mãe tinha lido o seu diário, erguia-se da cama só para voltar a morrer de embaraço.

Sem pensar duas vezes, deixo cair o diário na minha mochila. A seguir, desligo as luzes e deixo o quarto da Hayley pela última vez.

capítulo 7

ella

Na quinta-feira seguinte, o relógio marca as 15h15 e a campainha toca. Mais um dia de escola que passou.

Arrumo lentamente as minhas coisas, acenando para o professor Wilkens e para a professora Langley, que conversam à frente da sala de aula dela, enquanto saio da escola. Vejo a Nia, a Rachael e a Beth mais à frente, a abraçarem-se antes de saírem, cada uma para a sua atividade: a Nia vai para o ténis e a Rachael e a Beth vão provavelmente para a casa da Beth no seu Honda podre de velho.

Todos se apressam para a sua próxima coisa, exceto eu. A mãe tem um longo turno no hospital, o pai vai trabalhar até tarde e a Jess está em casa da Kelly. Por mais difícil que tenha sido estar com os meus pais, sentir a decepção deles, também não consigo suportar a ideia de passar horas em silêncio sozinha em casa.

Com a cabeça e os pensamentos longe do presente, não presto atenção aonde os meus pés me levam. Mas faz uma espécie de sentido retorcido: as bancadas ao lado dos campos de futebol americano e da pista de atletismo.

Era aqui que eu costumava esperar pela Hayley, durante os treinos dela. Instalava-me nas bancadas, fazia os trabalhos de casa, lia ou ouvia música e, volta e meia, olhava para a Hayley. Ela costumava estar concentrada nos seus tempos dos sprints de 200 metros, mas, de vez em quando, olhava para mim e eu fazia caras patetas ou apontava

para um tipo e dizia sem som, *É este o parvalhão de que estava a falar.*

Mas, hoje, o meu lugar habitual está ocupado por um grupo de rapazes do 10.º ano. Estão esparramados pelas bancadas, a vapear, com nuvens com cheiro a Froot Loop a pairar por cima das suas cabeças. O ar cheira a doces enquanto eles fazem um concurso de anéis de fumo, sem darem por mim.

As cenas deles estão espalhadas, as pernas compridas são como estrelas-do-mar, por isso, não há maneira de passar por eles sem entrar no seu espaço.

Por um instante, fico ali e observo.

Um dos rapazes libertou um anel particularmente impressionante e é nesse momento que me vê.

— Oh, merda! — berra, quase caindo.

Seria mais cómico se eles não estivessem todos a olhar para mim (ou melhor, a *não* olhar para mim), como se eu fosse uma Górgona prestes a transformá-los em pedra apenas com os olhos. Aclaro a garganta.

— Importam-se que eu passe?

Em resposta, todos os rapazes se põem de pé, pegando nos seus pertences. Nunca vi rapazes do 10.º ano trabalharem com tanta eficácia.

Tomo o meu lugar habitual nas bancadas, a ver os treinos lá em baixo. É outono, o que significa que é época de corta-mato e a equipa está neste momento a aquecer, a fazer alongamentos e a elevar as pernas para retirar a tensão do corpo.

Mesmo no meio da confusão de pensamentos no meu cérebro, há uma coisa em particular que não me sai da cabeça desde que arrumei o quarto da Hayley na sexta-feira passada. Está atualmente a queimar um buraco na minha mochila, chamando-me.

O diário da Hayley.

Nem sequer me devia atrever a considerá-lo. Guardo o livro dos pensamentos mais privados da Hayley como se fosse O Anel do Poder. Para a Hayley, se aquele livro caísse nas mãos erradas, destruiria o seu universo.

Ela era um livro aberto de tantas maneiras. Por isso, quando o Sawyer uma vez brincou sobre «ver se há aí alguma coisa sobre mim», ficámos ambos surpreendidos com a veemência da resposta dela.

— Nem pensar — irritara-se ela. — Eu só preciso de um sítio, *um* sítio onde possa despejar tudo. *Tudo*. Até as minhas confissões mais vis, sem pensar que alguém me poderá julgar.

Levo a minha mão ao colar na minha garganta, delineando distraidamente os contornos minúsculos do amuleto.

O diário dela, os pensamentos dela, a caligrafia dela. É o mais próximo que alguma vez estarei de uma ressurreição. Além disso, não há nada ali que ela não tivesse partilhado comigo de qualquer modo.

Certo?

Com os dedos a formigar, abro a mochila e tiro o livro preto com cuidado. Deslizo uma mão sobre o tecido, passo um dedo pela lombada. Fico surpreendida com a escolha. A Hayley era mais o tipo de miúda que punha autocolantes por todo o lado. Mas se alguém quer esconder os seus pensamentos, suponho que um diário preto singelo seja a melhor escolha.

Ainda assim, é estranho, e provavelmente outro motivo para eu não dever ler isto.

E, no entanto...

Deslizo o dedo para dentro da capa, dou-lhe um toque de modo a saltar para cima.

Só uma página, Hayley. Digas o que disseres, prometo que morrerá comigo. Só preciso de ti por uma página.

Abro o livro.

O som estridente de passos nas bancadas deixa-me sobressaltada. Com o coração aos pulos, enfio o diário na mochila e viro-me na direção do ruído. O Sawyer está ali, a fitar-me.

— Oh, merda! — berro e não me passa ao lado que pareço precisamente aquele miúdo parvo do 10.^o ano há instantes. — Desculpa. Não estava à tua espera.

— Claramente. — A boca do Sawyer contrai-se. — Sabes, devíamos mesmo parar de nos encontrar assim. Vejamos... — Ele conta pelos dedos. — Quase tive um ataque cardíaco no primeiro dia de aulas. A seguir, assustei-te durante aquela cena do luto. E, agora mesmo, agiste como se eu fosse o psicopata de um filme de terror para adolescentes. Estou a ganhar, por isso, assusta-me mais uma vez e ficamos quites.

Senta-se, recostando-se contra as bancadas, com os cotovelos

apoiados nos bancos de metal. As calças de ganga estão descaídas nas ancas e, quando se encosta, há um vislumbre de pele lisa e bronzeadas a espreitar entre o cinto e a bainha da t-shirt. Desvio rapidamente o olhar.

— Pregar-te um susto — digo. — Entendido. Consigo fazer isso.

Ele lança-me um olhar de relance.

— Estás mais ou menos a dar cabo do meu lugar aqui, Graham. Venho aqui às vezes. Costuma estar vazio. Gosto da solidão.

Sinto as bochechas a arder.

— Oh, eu posso ir... — Inclino-me para a frente para pegar na minha mochila quando a mão dele cobre a minha.

— Era a gozar.

— Oh, duh. Desculpa. — Eu inspiro, sentindo-me parva. E o que raio é suposto fazer com as minhas mãos? Especialmente quando a dele continua em cima da minha?

O Sawyer retira a mão.

— Sabes, costumava perguntar-me se essa tinha sido a tua primeira palavra.

— Que palavra? — pergunto, dando voltas à cabeça. — «Duh»?

O Sawyer ri-se.

— «Desculpa.» É a tua palavra preferida quando não tens nada de que te desculpar. Devias dizê-la menos.

A minha resposta é automática.

— Tens razão. Des... — Tapo a boca com as mãos. Ele inclina a cabeça para a frente e solta uma gargalhada.

Por momentos, limitamo-nos a fitar a equipa de corta-mato enquanto começam a correr pela pista, com ecos distantes de apitos e gritos a ecoarem no ar húmido. De algum modo, o silêncio com o Sawyer é expansivo, libertador. Tão oposto ao silêncio claustrofóbico e tenso em casa.

É então que me apercebo de algo.

— Espera lá, tu não devias estar ali? — pergunto, acenando para o estádio.

— Hum?

— Não corres o corta-mato? Tenho quase a certeza de que a Hayley já me deixou pendurada para poder ir a uma das tuas competições.

Algo passa pelo olhar dele.

— Também podias ter vindo, sabes? — diz, depois de um instante.

— Tentador. Parece fascinante fitar uma linha da meta vazia enquanto correm 5 km — digo como provocação.

O Sawyer faz um breve sorriso.

— Tive de desistir. Não há horas suficientes no dia. Escola, desporto, servir às mesas: só podia escolher dois.

Sigo o olhar dele de volta para a pista.

— Deves sentir saudades — digo suavemente.

Ele encolhe os ombros.

— Não é nada de especial. Ganho boas gorjetas e o gerente do La Michoacana dá-me qualquer horário que eu queira. Nunca iria ganhar nenhuma medalha olímpica de qualquer modo. Além disso... — Aquele pequeno sorriso está de volta. — Tenho batatas fritas e molho ilimitados.

— Ah, devias ter começado por aí. Isso explica tudo.

Rimo-nos os dois. Olho para o Sawyer de esguelha, para a orla escura das suas pestanas, para a cicatriz prateada que corta a sua sobrancelha em dois, para uma cicatriz mais recente na palma da sua mão, ainda avermelhada e inchada. A seguir, a expressão dele fica séria.

— Mas sinto saudades dela — diz ele baixinho.

Sinto um aperto no peito.

— Eu também. Tantas, que às vezes sinto que não consigo respirar.

Os olhos dele fecham-se e uma sombra atravessa o seu rosto. Uma parte de mim quer desesperadamente saber o que ele está a pensar; a outra parte quer desesperadamente não saber. Em vez disso, pergunto:

— Quais foram as últimas palavras que lhe disseste?

O Sawyer transfere o seu peso, passando uma mão pelo queixo, sem me devolver o olhar.

— Queres a verdade?

— Sempre.

Ele suspira.

— Não te saberia dizer, nem que a minha vida dependesse disso. Odeio que provavelmente tenha sido algo banal. Mas... aqueles dois últimos meses foram... — Aclara a garganta. — É só... havia muita

coisa a acontecer. Aquelas últimas semanas estão todas confusas na minha cabeça. Talvez seja melhor que não me consiga lembrar das partes dolorosas.

— Eu ficaria com elas — digo, com a minha voz a quebrar. — Dolorosas, más, o que fosse. Ficaria com elas. Sabes porquê, Sawyer? Não me lembro do meu último dia com a Hayley. De nada. Arranjar-me, a festa... a ida para casa... é tudo uma névoa que me cega. Quero o tanto de volta. Eu só *a* quero de volta.

A minha voz não está a funcionar e apercebo-me de que estou a soluçar demasiado para continuar.

De repente, sou envolvida pelo Sawyer. Ele desliza um braço à minha volta, e outro em redor da minha cintura, com uma mão a segurar a minha nuca, os dedos entrelaçados no meu cabelo. Puxa-me para perto, pressionando-me contra ele, com força. Consigo sentir o martelar da sua pulsação contra o seu rosto e fico tonta com o cheiro da água-de-colónia.

— Eu sei — ele murmura-me ao ouvido. — Eu sei, Ella.

E a questão é que ele sabe mesmo. Pode mesmo ser o único que sabe.

— Isto tudo... — Faço uma inspiração trémula. — A culpa é toda minha. Se tivesse conduzido mais devagar, se tivesse sido mais responsável, mais cuidadosa...

— Ei. Não. — Afasta-se para me lançar um olhar cheio de fervor. — Ouve-me. — Aperta os meus ombros com uma força dolorosa. — *Nada* disto é culpa tua.

Com uma delicadeza impossível, passa o polegar pela minha bochecha, limpando as lágrimas. O rosto dele está grave, sério.

— Nada disto — murmura ele.

E talvez seja da purga de um bom choro. Talvez seja o modo como o crepúsculo antecipado me faz sentir que somos as únicas duas pessoas no mundo, dando uma certa cerimónia às palavras. Ou talvez seja apenas a maneira como o Sawyer me olha neste momento, como se, pela primeira vez, alguém não sentisse pena *de* mim, mas *comigo*.

Seja o que for, acredito nele.

— Obrigada — sussurro.

O céu tem o escarlate dourado do pôr do sol. Com todas as equipas a dirigirem-se para o edifício desportivo, o campo está

novamente em silêncio. Os grilos aquecem para a sua música noturna. O canto das rãs ressoa pelo campo, vindo de alguma mata pantanosa. Quando os rosas do céu se tornam roxos, parece que a noite está a ser convidada a entrar, só para nós. Uma brisa traz o aroma a glicínias e madressilva, despenteando suavemente o nosso cabelo. Vejo as madeixas de cabelo escuras e fortes do Sawyer a dançarem ao vento. De repente, estou muito ciente dos polegares dele a roçarem os cantos dos meus lábios, tão próximos estão os nossos rostos.

O pensamento surge espontaneamente: *A hora dourada fica bem ao Sawyer.*

Lembro-me de quão maníaca e feliz a Hayley ficou quando começou a namorar com o Sawyer. Cada toque, cada olhar, cada palavra entre eles deixava a Hayley tonta, a sorrir, desconcentrada. Tinha de a espicaçar para fazer os trabalhos de casa, repetir coisas que lhe tinha dito. Eu ficava irritada, mas a Hayley pegava simplesmente nas minhas mãos e fazia-me girar.

— Um dia, vais entender, E — dizia ela.

E agora, que Deus me ajude, eu entendo.

capítulo 8

sawyer

Já é de noite quando paro em frente à porta da minha casa. Encosto-me contra a madeira gasta, faço uma pausa antes de entrar. Os meus batimentos cardíacos estão um pouco mais lentos quando rodo a fechadura e passo pela porta.

— Oh, minha nossa! Uau, Callan, anda cá, nunca vais acreditar, até que enfim o presidente chegou! — Uma voz vem de algures de baixo da mesa da cozinha. — Quer dizer, dá para acreditar que na verdade somos *dignos* de jantar com ele?

Reviro os olhos.

— Tu és o motivo para o Callan ser tão dramático, mãe.

A cabeça da mãe aparece, saindo de debaixo da mesa, com os seus olhos cor de avelã esbugalhados numa surpresa fingida.

— *Moi?* Dramática? Nunca. Agora, anda cá; preciso da tua ajuda para arranjar isto. — A cabeça dela desaparece de novo.

— Merda, pensei que tinha arranjado isso — resmungo, juntando-me a ela debaixo da mesa.

— Atenção à linguagem — diz a mãe sem convicção enquanto segura com força a perna partida da mesa. — Agarra nisto enquanto vou buscar a cola de madeira.

Vai ser a terceira vez que consertamos esta perna. Nenhum de nós diz o óbvio: precisamos de uma mesa nova. Mas a renda subiu o mês passado e não é como se mãe pudesse arranjar um *quarto* trabalho.

Mantenho as duas mãos na perna da mesa, fitando a mãe enquanto ela franze o sobrolho em concentração, aplicando cola. Os finos cabelos castanhos estão afastados para trás, para longe da cara, a maquilhagem dela é suave. Durante anos, sempre que vamos a qualquer lado, as pessoas presumem que somos irmãos. Quando ouvem que ela é minha mãe, não acreditam.

— Parece demasiado nova para ter um filho tão velho como ele!

E têm razão. A mãe só tem 33 anos. Eu vou fazer 18 em maio. Façam as contas.

Ela parece jovem porque é jovem. *Embora*, penso, a observar ansiosamente a careta de esforço que faz, ultimamente tem-se arrastado muito. Três trabalhos, dois filhos, nenhuma ajuda. Está a afetá-la.

— Consigo ouvir-te a ralares-te desse lado — grunhe a mãe. — Para com isso. Eu estou bem. — Aplica o resto da cola com um floreado. — Feito! — A mãe franze o nariz. Inclina-se para mim e funga. — Uau, Saw-Saw. Pensei que me tinha esquecido de pôr desodorizante, mas és tu!

— Mãe. — Como? Como é que ela me faz sentir que ainda tenho 8 anos?

— Foste correr? — pergunta ela, gatinhando para trás para sair de baixo da mesa.

Levanto-me, sacudindo as calças de ganga.

— Algo desse estilo — murmuro.

— Olha, isso é ótimo! — A mãe agarra no seu avental da Waffle House e na mala. Faz uma pausa, com uma expressão um pouco menos animada. — Deves estar a sentir saudades do corta-mato.

É quase exatamente o que a Ella disse nas bancadas. Mas sinceramente, só me apercebi de que estava a correr quando já tinham passado mais de 1,5 km. Não tivera essa intenção.

Num instante, estava a segurar a cara da Ella; no minuto seguinte, disse atabalhoadamente que estava atrasado para o jantar, quase caindo das bancadas, a tentar afastar-me o mais depressa possível.

Ela é uma das tuas amigas mais próximas, fora o que eu pensara. Calmo e razoável. *Só estavas a apoiar uma amiga quando ela precisava*. E foi quando me apercebi de que o vento picava os meus olhos e que os meus pulmões ardiam.

Estava em pleno sprint.

Suponho que pensei que, se corresse suficientemente depressa, talvez queimasse o que raio seja este sentimento, aquele que se recusa a ser ignorado. Quanto mais as minhas pernas pulsavam e os meus pulmões ardiam, mais fácil era focar-me apenas no esforço dos meus músculos.

Mas um sprint de 5 km só me deixou exausto e a arfar à porta de casa. E assim que parei, fui atacado pela memória da Ella nos meus braços, pelo calor do corpo dela. Os seus enormes olhos âmbar, a nadarem em lágrimas, a olharem para mim como se eu tivesse respostas para tudo.

Merda.

Nem pensar em ter sentimentos pela Ella. Não vai acontecer.

— Olha, Pensador Pensativo, estou a falar contigo. Gostas dela?

— O quê? — Entro em pânico e aperto a cana do nariz. — *Não.* Talvez. Sim? Ugh, mas eu não posso... — Deixo cair a mão. — *Não.* A resposta é não.

A mãe pestaneja para mim.

— Tu... tens uns sentimentos muito complicados em relação à nossa nova máquina de café. — Ela está junto ao lava-louça com a mão numa máquina de café que não estava ali de manhã. A mãe refere-se a qualquer objeto inanimado com pronomes femininos. Candeieiros, escovas de dentes, hambúrgueres. Diz que isso a faz sentir-se melhor. É como se estivesse a vingar-se do patriarcado ou qualquer coisa.

— Lamento que não gostes dela, mas a Linda do trabalho deu-ma. Eles compraram a nova Keurig e a nossa velha estava avariada. — Olha-me com astúcia. — A menos que não estivesse a falar da Mrs. Café.

— Ugh, mãe. — Viro-lhe costas para esconder as minhas bochechas que ardem. — A cafeína prejudica o crescimento.

— Muito bem, Sr. Presidente, se vais ser todo misterioso. — A mãe sopra uma madeixa de cabelo da cara. — *Callan* — grita —, se tiver de te ir buscar aí, juro por *Deus*...

Um pequeno borrão azul choca contra o meu estômago, deixando-me sem ar.

— Finalmente — suspira a mãe, enquanto eu agarro no meu peito

e fico a arfar.

— Sr. Presidente! Sr. Presidente! — Callan, o meu irmão mais novo, vestido com um pijama do *Thomas the Tank Engine*, canta contra a minha t-shirt, saltando para cima e para baixo, com as mãos bem apertadas à volta da minha cintura.

— Olá, pequenote — digo, despenteando o seu cabelo tipo esfregona. Mesmo quando me causa danos físicos, ninguém me consegue fazer sorrir tão facilmente como o Callan.

— Callan — diz a mãe desconfiadamente —, o que estavas a fazer? Estavas novamente a comer lápis de cera? Diz-me que não estavas a comer lápis de cera outra vez.

— Não! — diz o Callan, antes de atirar a cabeça para trás e de lançar o sorriso mais colorido que já vi. Há preto, azul, vermelho, magenta... sim, todo o arco-íris. Fico espantado que consiga falar através da cera.

A mãe suspira.

— Assegura-te só que ele não engole muita, Saw. — Ela verifica o relógio. — Merda, estou atrasada.

— Merda! — grita o Callan alegremente. — Merda, merda, merda! — Ele marcha na direção da sala, fazendo continência a cada palavra. A mãe lança-me um ar muito sofrido.

— Eu trato disto — digo.

— Obrigada, Saw. — Devolve-me um sorriso cansado. — O jantar está no forno. — Amanhã sempre podes esperar pelo autocarro com o Callan?

— Claro. — Uma folha de papel na lateral do frigorífico chama-me à atenção. Apanho as palavras «convidada» e «terceira ronda de entrevistas». Arranco-a do frigorífico e paro a minha mãe junto à porta.

— Mãe! — Abano o papel na sua direção. — Mãe, isto é incrível. Porque é que não me disseste? Isto é espetacular!

— Oh, Sawyer, não é nada de especial. Seria uma assistente executiva, não uma astronauta.

— Mãe, eu vi a descrição do emprego. Vi quantos zeros tinha esse salário. E os benefícios...

— Sawyer, não fiques com esperança...

— Já chegaste até aqui; nesta fase é só uma questão de ajuste

cultural e não há ninguém mais agradável do que tu! Mãe, se conseguires este emprego...

— Não digas. — Ela fica mais amável, com os olhos a brilhar. — Mas obrigada, Saw. — Inclina a cabeça para trás e chama: — Callan, a Mamã vai-se embora, vens cá despedir-te ou quê?

Outro borrão azul aproxima-se, mas consigo apanhar o Callan antes de ele chocar com a mãe. Ele dá-lhe um abraço apertado e ela dá-lhe pelo menos dez beijinhos assentes no topo da cabeça.

Eu teria protestado, mesmo com a idade do Callan, mas ele só a aperta mais.

— Ugh, já estou tão atrasada que mais valia não aparecer. — A mãe afasta-se e suspira. — Estou a brincar, claro. *Adeus*.

Acenamos para a mãe enquanto ela tira o carro. Começou a chuveirar um pouco e consigo ouvir o guincho dos limpa-para-brisas enquanto se arrastam contra o vidro.

Esses eu terei de substituir, penso.

Sei que é perigoso encher-me de esperança, mas não consigo deixar de imaginar como será se a mãe conseguir aquele emprego. Eu não teria de dar prioridade a todas as coisas que precisam de ser substituídas ou arrançadas em casa. Podia ir simplesmente à AutoZone, comprar os limpa-para-brisas, talvez até um repelente de chuva para as janelas. Não teria de me voltar a preocupar que a mãe tivesse de guiar numa trovoadá inesperada.

Podíamos comer numa mesa sem medo de que o nosso esparguete colapsasse no chão a qualquer instante. A mãe podia ter um dia de folga — não, *fins de semana*! Dois dias inteiros. Ela podia levar o Callan à biblioteca, ou ao parque, ou ao zoo. O maior sonho do Callan é ver um gorila de dorso prateado.

O maior sonho da mãe é dormir sete horas seguidas. Este emprego iria dar-lhes isso e mais ainda.

Sinto um puxão na minha t-shirt.

— Saw-Saw — sussurra o Callan.

— Sim, miúdo?

— Temos de ficar aqui de pé à porta? Tenho fome — ele continua a sussurrar.

— Desculpa, Cal. — Fecho e tranco a porta. — Primeiro, temos de limpar todos os lápis de cera dos teus dentes. Primeiro passo, lápis de

cera. Segundo passo, comida.

O Callan lamenta-se durante todo o caminho até à casa de banho, cantando, «Primeiro passo, comida! Primeiro passo, comida!» Tirando isso, é bastante obediente, mantendo a boca aberta para mim enquanto escovo bocados grossos de cera colorida entre os dentes dele. Esfrego o melhor que consigo, mas há alguns *mesmo* enfiados ali dentro. Fito os espaços preenchidos com as cores do arco-íris entre os dentes, interrogando-me sobre o que fazer.

— Pareces zangado — diz o Callan.

Eu rio-me.

— Não estou zangado, pequenote. Esta é a minha cara pensativa.

Às tantas, decido simplesmente ver como é que está depois do jantar. Talvez alguma da comida solte a cera, e ele já comeu lápis de cera antes. Embora ache que tenha sido um pacote de oito e cometemos o erro de comprar um de dezasseis para o substituir. O Callan foi paciente, mas não há a menor hipótese de me deixar passar fio dental, por isso, vamos jantar.

Ele tagarela comigo sobre o dia na escola, enquanto eu tiro uma travessa do forno e o desligo. A cozinha é invadida pelo cheiro a carne de vaca e cebola. Até o Callan para de falar por um instante para apreciar quão bem cheira.

Nem acredito que, com tudo o que se tem passado, a mãe ainda arranjou tempo para nos fazer o jantar. Ela faz as coisas sozinha há tanto tempo, que provavelmente diria que está habituada. Com tudo o que ela passou e com tudo o que tem de fazer para manter esta família, não consigo deixar de pensar que isto não é algo a que nenhum ser humano devesse ter de se *habitu*ar.

Apontando um dedo para a minha cara, o Callan interrompe os meus pensamentos.

— Zangado ou pensativo?

Ambos.

— Pensativo — digo. — Callan, o que dirias a um jantar de piquenique na sala?

— Diria que é uma ótima ideia! — O Callan bate palmas e dá pulos.

— Muito bem. Eu sabia que eras um homem esperto. — O Callan parece levar isto muito a sério. — Porque é que não vais buscar umas

almofadas e as pões à frente da TV? Queres escolher alguma coisa na Netflix?

Mal termino a frase e ele já lá vai a correr. A mãe odeia quando comemos em frente à TV, mas a madeira precisa de assentar durante a noite e não quero mesmo arriscar que algo caia em cima do Callan.

Sirvo-nos e guardo o resto para a mãe. Pego numa mão cheia de guardanapos da Waffle House que a mãe trouxe para casa e levo os pratos para a sala.

Tal como pensara, vamos ver *Avatar: O Último Airbender* pela quadragésima vez. E não estou chateado com isso.

— Mastiga e engole primeiro, pequenote — digo, suspirando, quando o Callan tenta cantar o genérico com a boca cheia de carne de vaca e massa.

Assim que o Callan se acalma, com o queixo apoiado nas mãos a ver TV, com o prato vazio, apercebo-me de que chegámos à parte da noite que eu temia.

A parte em que não há nada para me distrair o suficiente e me impedir de pensar na Ella.

Estou sentado no chão, encostado ao nosso velho sofá roto e tudo em meu redor fica turvo quando as imagens das bancadas flutuam de novo até mim.

Eu queria beijá-la.

Assim que esse pensamento indesejado aparece na minha cabeça, sei que é verdade.

E não foi a primeira vez.

Esse só me faz fechar as mãos em punhos porque, caramba, isso também é verdade.

Mas eu nunca — quero dizer, enquanto eu e a Hayley estávamos juntos, havia uma *linha muito clara* na minha cabeça que eu *nunca...*

Ainda assim, houve uma vez no ano passado.

A Ella estava a lamuriar-se porque um cretino a rejeitara quando ela o convidara para o baile.

Estávamos sentados no quarto da Hayley. Eu estava no chão, a Ella estava enrolada na cama e a Hayley andava decididamente para a frente e para trás, a barafustar que não podia acreditar que ninguém no mundo pudesse rejeitar a Ella.

— Sawyer! Quer dizer, a Ella é linda de morrer! Certo? É uma

verdade objetiva! Não achas que a Ella é linda de morrer? — dissera a Hayley.

A Ella ficara escarlate.

— Sawyer — implorara ela —, não respondas a isto.

— Ela é como uma irmã para mim, Hay — dissera eu, com os meus batimentos cardíacos a acelerar inexplicavelmente. Virara-me para a Ella. — Tu és como uma irmã para mim. Sabes, é estranho se eu disser...

— Deixa-te de *merdas*, Sawyer! — gritara a Hayley, marchando para fora do quarto e batendo com a porta.

E depois fiquei só eu e a Ella, em sofrimento, no silêncio mais horrivelmente confrangedor.

Não sei por que *motivo* nem sequer conseguia pensar na pergunta da Hayley. Não podia simplesmente. Havia um bloqueio ou qualquer coisa.

Mas disse, de forma atabalhoada:

— Ella, esse tipo é um imbecil. O maior idiota de sempre.

Ela pusera-se de barriga para baixo e enterrara a cara com força na almofada.

— Não tens de dizer coisas só para eu me sentir melhor. Isso faz-me sentir patética.

Eu esfregara a nuca.

— Tu não és patética. E eu... eu não estou... só a dizer por dizer.

Mas eu dissera a última parte meio baixinho, por isso, não creio que ela me tivesse ouvido, e lembro-me de pensar, *Talvez seja pelo melhor*.

E talvez seja pelo melhor, mesmo agora.

Porque estar tão perto da Ella torna difícil ignorar o que ela é.

Que é linda de morrer. Não consegui dizê-lo naquela altura, mas a Ella é linda. E é inteligente e bondosa e cómica e cheira a baunilha e ela...

É a melhor amiga da Hayley.

Acima de tudo, a Ella é a melhor amiga da Hayley.

E é por isso que vou pegar em todos estes pensamentos que acabei de ter, pô-los numa caixa, enfiá-la num canto recôndito da minha mente e nunca, nunca mais a abrir.

capítulo 9

ella

Na segunda-feira, tiro o meu saco do ginásio do cacifo e bato com a porta com mais força do que é necessário.

Já passaram alguns dias, e eu *continuo* a não conseguir deixar de repetir na minha mente o que aconteceu nas bancadas com o Sawyer. Sempre que fecho os olhos, sinto a respiração quente dele contra a minha orelha, a pulsação dele contra a minha pele. Também consigo ver o terror nos olhos dele quando caiu em si e se separou de mim de rompante, gaguejando algo sobre o jantar, e desatando a correr. Como se não conseguisse afastar-se suficientemente depressa.

Isto é algo de que é bom lembrar-me. Que ele pensa em mim como uma amiga. Nada mais do que uma amiga. Quer dizer, eu estava a chorar como um bebé. O que ia ele fazer? Dar-me uma palmadinha na cabeça e ir-se embora? Ele não fez isso porque estava a ser um bom amigo.

Então, porque é que não consigo parar de pensar naquilo? *Porquê?*

Quanto mais tento não pensar no Sawyer, mais pormenorizados ficam os meus pensamentos. Tal como a onda de compreensão *verdadeira* nos olhos dele quando confessei a minha culpa. O calor das palmas da mão dele nos meus ombros, o calo do seu polegar enquanto limpava lágrimas das minhas bochechas e me dizia «A culpa não é tua...».

Tenho de parar. Como *raio* vou parar?

Peço ao universo para me ajudar a não pensar no Sawyer e o universo faz-me a vontade.

A caminho da aula de educação física, sinto o meu período a chegar.

— Merda — resmungo, apressando-me para o balneário das raparigas. — Merda, merda, merda.

Porque é que veio três dias antes? Foi do stress? Estou amaldiçoada? Seja como for, foi inesperado, o mais provável é não ter tampões.

A seguir, apercebo-me de outra coisa. Vasculho no meu saco do ginásio, em pânico, e a sussurrar:

— Por favor, não, por favor, por favor — mas não adianta. De facto, esta manhã escolhi uns calções brancos para a aula de educação física. No que estava eu a *pensar*? Porque é que os calções brancos sequer existem? Porque é que existem cadeiras brancas, tapetes brancos, calças brancas, *qualquer coisa* branca?

Escavo violentamente tanto no meu saco do ginásio como na minha mochila, enfiando os dedos em cada cantinho, mas parece que a Ella do passado não foi muito simpática para a Ella do presente, e que não arrumou uma reserva secreta de tampões de emergência.

Sentando-me com força num dos bancos frios de betão, luto contra as lágrimas. Há seis meses, isto nem me faria pensar duas vezes. A Hayley estava sempre a pôr tampões e pensos a mais nos bolsos de lado da mochila dela porque «Nunca se sabe quando a Semana do Tubarão poderá atacar e nunca se sabe quando uma irmã pode precisar».

Uma irmã precisa muito desesperadamente.

Lanço um olhar melancólico pela divisão. Há grupos de raparigas dispersos pelo balneário, a pôr desodorizante, a ajustar os calções, a fitar-me e a sussurrar. Baixo os olhos, não querendo dar mais motivos para ninguém falar, nem mais motivos para sentirem pena de mim.

Enterro a cabeça nas mãos. Vou simplesmente esperar aqui até elas saírem todas do balneário e enfio um maço gigante de toalhas de papel nas cuecas e rezo.

Sinto uma palmadinha no meu ombro.

Quando olho para cima, vejo a Seema Patel, que me ofereceu as gomas no primeiro dia.

— É só uma suposição, mas é disto que precisas?

Segura uns tampões junto à minha cara, abrindo-os em leque como um baralho de cartas. Tem mini, normal, super e superplus.

Eu e a Seema éramos amigas na escola primária. Ia muitas vezes a minha casa brincar e sei que, algures no fundo do meu armário, há uma pulseira da amizade que ela fez para mim no campo de férias. Mas quando me tornei mais próxima da Hayley, eu e a Seema perdemos o contacto, cada uma de nós gravitando para os nossos respetivos grupos de amigos. Eu nem a via muito até há alguns meses, quando ela também foi contratada como nadadora-salvadora no Y. E agora ela está aqui, como um anjo da guarda.

Ela vê-me pestanejar para os tampões.

— Se demorares muito mais, vais deixar uma marca sangrenta de rabo nesse banco.

Solto uma gargalhada surpreendida, pego num normal e nas minhas roupas de ginástica e dirijo-me para um cubículo de casa de banho.

— Tens a certeza? — diz ela atrás de mim. — Não fiques embaraçada por tirares um superplus. Sobretudo por mim. Merda, alguns dias *destruo* pensos maxi. Meu, é tanto sangue, que eu fico tipo, *Como é que estou sequer viva neste momento?*

Quando saio do cubículo, ela continua ali, encostada contra um dos cacifos coberto de panfletos para a Feira do Outono que aí vem. A Feira do Outono fora sempre o meu evento preferido do ano — labirintos de milho, maçãs do amor e fardos de palha espalhados por todo o lado. Eu e a Hayley costumávamos voluntariar-nos para a banca dos s'mores. No ano passado, ela conseguira de algum modo convencer o Scott para se voluntariar para aqueles tanques para afundar pessoas — fora espetacular ver a equipa de basebol a acertar no alvo vezes de seguida, fazendo o Scott mergulhar na água. Agora, nem sequer me imagino a ir.

— Obrigada, Seema. Sabes, fico impressionada com a tua... falta de *noja* em relação a este assunto — digo. Mais do que impressionada, pois na verdade deixa-me completamente sentimental. Porque só conheci outra pessoa que não evitava temas estigmatizados injustamente.

— O quê? Isto não é nada. — A Seema faz um gesto de

indiferença com a mão. — Trabalhei como assistente de veterinária no Hospital de Animais de Cedarbrook nos últimos dois verões. A minha coisa preferida era ajudar a lancetar abscessos de gatos. O período é uma seca.

Isso provoca uma gargalhada sonora e bem-disposta em mim.

A Hayley teria adorado esta rapariga. O pensamento faz o meu estômago contorcer-se imediatamente com culpa, tristeza... inveja? Abano a cabeça, tentando reduzir estes sentimentos da treta a pó.

— Olha... desta vez, fico mesmo a dever-te uma — digo, sentindo-me confrangida enquanto nos dirigimos para as portas do ginásio.

— Oooh, eu vou lembrar-me disso — diz ela, com uma voz brincalhona. A minha mão está na maçaneta da porta quando ela me trava. — Dá-me o teu número — diz ela.

— O quê? Porquê? — Dou um passo atrás.

Ela revira os olhos.

— Credo. Só quero trocar números. Trabalhamos juntas e temos Educação Física e Inglês juntas e agora partilhamos tampões. Tenho quase a certeza de que isso significa que somos novamente amigas. Além disso, eu *não vou* ficar com o Robert quando tivermos trabalhos de grupo.

Do outro lado da porta, consigo ouvir o apito do treinador Cud, o professor de Educação Física. Se não sairmos em cinco segundos, ele vai assinalar o atraso e ficaremos de castigo.

A Seema tem a mão esticada, à espera do meu número de telemóvel.

— Está bem, aqui está.

Trocamos contactos e entramos no ginásio. O treinador Cud fita-nos furiosamente quando nos vê, mas não nos marca falta. Ele era o treinador de atletismo da Hayley, ele próprio um sprinter famoso da Escola Secundária de North Davis. É suficientemente novo para se lembrar de como era ser adolescente e não quer que pensemos que é um idiota. A Hayley sentia um misto de amor e de ódio por ele.

— Ele é o treinador Cud ou treinador «Bud»? Aquele tipo tem de se decidir — dizia ela sempre, enquanto gemíamos. Mas às vezes, como hoje, a necessidade dele de ser fixe funciona a nosso favor.

Eu resmungo quando vejo alunos a driblar e a atirar bolas de basquete. Odeio basquetebol. Sou péssima e não estou com paciência

para fazer figura de parva hoje.

— Queres fazer par? — pergunta a Seema, mas eu quase não a ouço porque, na ponta oposta do campo, a usar uma t-shirt cinzento-escura e calções de desporto, está o Sawyer Hawkins numa competição de flexões na barra com o Thomas Jones.

É óbvio, pelo olhar mal-humorado na cara sardenta do Thomas, que o Sawyer está a ganhar e sinto borboletas no estômago quando vejo os músculos dos seus braços esculpidos contraírem-se e desenrolarem-se a cada flexão.

Nas bancadas no outro dia, o Sawyer foi tão delicado.

Mas e se não fosse delicado? Como seria? E se, em vez de prender aquela barra de metal, prendesse os meus pulsos? Agarrando-os com a mesma força? E se estivesse a prender esses pulsos para baixo?

A prender-me?

Santa mãezinha do céu, o que há de *errado* comigo? Levo os dedos à cara e descubro que a minha pele está a arder, rezando para que ninguém repare.

Não é como se eu fosse uma *freira*. Quer dizer, eu e o Bradley Clark namorámos durante quase todo o 10.º ano. Beijávamo-nos, fazíamos cenas. Não *sexo* — ainda não fiz *isso* propriamente — mas... quer dizer, outras cenas. Tudo em relação ao Brad era simples e claro. Quando ele se mudou para outro estado, eu nem sequer chorei. A Hayley perguntara-me se eu estava bem, e eu dissera-lhe que estava mais do que bem. Afinal de contas, as coisas com o Brad tinham sido boas.

OK.

Quando disse isso à Hayley, quando usara a palavra «OK», sobretudo quando descrevia as minhas curtes com o Brad, ela arrastara-me até ao seu carro e levava-nos até uma loja que vendia incenso e vibradores. Ficara muito lixada quando não nos deixaram entrar por termos menos de 18 anos.

— As raparigas também merecem orgasmos, parvalhão! — gritara ela para a janela, antes de se voltar a sentar ao meu lado no passeio.

— Como é que sabes que eu não tive um? — perguntara, brincando com os meus atacadores. — Porque, não sei... foi bastante bom, por isso talvez tenha tido?

— Por favor. — Ela atirara os seus longos cabelos ruivos por cima

do ombro. — Quando tu sabes, tu *sabes*. E, bolas, tu já mereces saber. — A Hayley lançara um olhar fulminante ao vendedor através da janela.

— Não faz mal! Eu não me importo. Juro. — Encolhera os ombros. — Não me importo realmente em, hum, ter um.

O *olhar* que a Hayley fez. Apertara-me contra o peito e embalara-me para a frente e para trás.

— Oh, meu doce, *doce*, pequenino morango de cultivo biológico.

— Porque é que estás assim? — A minha voz estava abafada pela t-shirt dela.

— Um dia. Um dia, compreenderás, avezinha bebé. — E beijara a minha testa.

Não tinha pensado nas palavras da Hayley desde então. Mas por algum motivo recordo-as agora, enquanto vejo o Sawyer alongar os gémeos.

A Hayley nunca falava sobre a sua vida sexual com o Sawyer. É claro que ela *queria*. Mas havia algo em saber que era do *Sawyer* de quem ela estava a falar e eu teria de me sentar ao pé dele no sofá durante uma noite de filmes ou à frente dele no Starbucks. Ficaria toda envergonhada e atrapalhada ao pensar que ele me passaria o ketchup e eu olharia para os dedos dele, a pensar, *Ele usou aqueles dedos para fazer aquilo à Hayley?*

Mas agora quase desejava saber...

Nesse instante, uma dor explode de um lado da minha cabeça quando algo bate em mim com tanta força que cambaleio e fico de joelhos. A princípio, penso que é o karma, rápido e imediato. Mas depois vejo uma bola de basquete a afastar-se, rebolando.

— O que raio se passa contigo, Scott? — A Seema aparece à minha frente, agachando-se para fitar os meus olhos lacrimejantes. — Estás bem, Ella?

— Foi um *acidente*. — O Scott está desfocado na minha visão, mas consigo distinguir o esgar cruel da sua boca. — A Ella sabe o que é um *acidente*. Não sabes, Ella? Pelo menos este foi pequeno e ninguém morreu.

— Cala a boca, paspalho — rosna a Seema.

A minha garganta fica apertada. Os meus olhos lacrimejam e devo ter mordido a língua porque sinto o sabor a sangue. O chiar sonoro de

sapatos de desporto, os gritos que ecoam dos adolescentes barulhentos, o olhar acusador na expressão do Scott... Tenho de sair daqui.

Ponho-me de pé e cambaleio em direção à porta.

— Treinador Cud, preciso de ir à enfermaria — digo numa voz trémula. Os meus olhos disparam para onde o Sawyer observa o Thomas esforçar-se para fazer uma flexão. Ele não viu o meu espetáculo embaraçoso, felizmente.

— Leva um livre-trânsito, Graham — diz o treinador Cud. — E tu, Logan, cinco voltas por seres parvo.

— Queres que te faça companhia? — pergunta a Seema, sobrepondo-se aos protestos do Scott.

Mas tudo o que eu quero é a Hayley.

Ela saberia o que fazer. Ela iria agarrar em mim, sacudia-me e dizia-me para tirar o tampão e atirá-lo à cara do Scott.

Blhec. Rio-me e limpo as lágrimas dos olhos. E é quando sei a única coisa que me fará sentir melhor.

— Eu fico bem — digo à Seema. — Mas obrigada, a sério.

A seguir, corro para o balneário das raparigas, volto a vestir as minhas roupas e avanço na direção oposta da enfermaria.

Um dos sítios de que eu e a Hayley mais gostávamos para nos escondermos era o corredor das enciclopédias da biblioteca. Acho que nunca ninguém requisitou uma enciclopédia desde que o Google foi inventado, por isso, era o sítio perfeito para nos aninharmos a um canto e comer Sour Skittles.

Quando me dirijo para a biblioteca, passo pelo gabinete do professor Wilkens e, por um segundo, hesito, perguntando-me se devia tentar falar com ele sobre o que estou a sentir. Mas a porta dele está fechada, o letreiro à frente diz: SESSÃO EM CURSO.

E sem mais nada para me travar, empurro as portas duplas da biblioteca e caminho para o fundo. Instalo-me no chão, aconchegando-me contra as prateleiras. A seguir, abro o fecho da minha mochila e devagar, com reverência, tiro o diário da Hayley. Passo os dedos pelos cantos, embalo-o como uma relíquia. Fecho os olhos.

Perdoa-me, Hayley. Por tudo. Pelo Sawyer. Por isto. Sou um caso perdido. Não sei como ultrapassar isto. Na verdade, acho que não consigo. Estou arruinada sem ti e a única pessoa que me pode ajudar a superar a

tua perda... és tu.

E com esta última prece desesperada, abro o diário da Hayley e começo a ler.

capítulo 10

diário da hayley

Costumava trocar de filmes ou histórias em que uma rapariga terrivelmente banal estava a comer os cereais antes de ir para escola, numa terça-feira terrivelmente banal e zás, descobria que era secretamente uma princesa. Bem, devia dizer que troçava *publicamente* porque a verdade é que, bem fundo no meu coração, isso me fazia lamentar e ansiar que algo assim acontecesse e era só porque eu *sabia* que isso nunca, mas *nunca*, nunca aconteceria.

Até agora.

Mal consigo segurar na caneta, pois a minha mão treme tanto porque — porque — *porque* é tão *melhor* do que descobrir que sou uma princesa secreta de um país inventado.

Aquilo que eu estou é *apaixonada* loucamente, de apertar o estômago e fazer enrolar os dedos dos pés. E sei que é verdade porque é tão potente que eu nem sequer me importo que tenha acabado de escrever uma coisa tão melosa. A Hayley de antes nunca teria escrito algo tão enjoativo, mas agora só quero afundar-me numa pradaria e imaginar os lábios dele e... Mas deixa-me voltar atrás.

Começou na feira de angariação de fundos para a qual eu e a E nos voluntariámos. Gostava de me conseguir lembrar qual era, mas, passados três anos, elas misturam-se todas numa só névoa adorável e pegajosa com sabor a algodão doce.

Além disso, é esse o objetivo, não é? Ser uma feira

terrivelmente banal no parque de estacionamento de uma escola terrivelmente banal. Mas ainda assim fortuita. A E ficou doente, por isso, tive de fazer o meu turno de voluntariado na banca do jogo das argolas completamente sozinha. A noite cheirava a relva e a farturas e eu estava a gerir o jogo das argolas *espetacularmente bem*. Estava a segurar o cabelo com uma mão e a abanar—me com a outra quando o S caminhou até ao balcão, a comer pipocas de um copo de papel.

Fui atingida pelo cheiro a água-de-colónia e manteiga quente e tive de desviar o olhar por um instante, ele era tão lindo.

Inspecionou a minha banca, vendo as garrafas de vidro, as argolas de plástico barato e, finalmente, eu. Juro que vi os olhos dele deterem-se na extensão nua do meu pescoço, mas tive a certeza de que devia ser uma esperança vã.

Seja como for, fiquei desorientada e dei por mim a dizer de rompante:

— Queres jogar?

Pousou as pipocas e pegou numa das muitas argolas de plástico espalhadas sobre a madeira.

— Acho que ficaria a perder se não o fizesse. — Ele atirou a argola e apanhou-a. — Estão todos a dizer que é o melhor jogo da feira.

— Então, do que estás à espera? — Deixei cair o meu cabelo, varrendo-o por cima de um ombro nu. O modo com os olhos dele seguiram o movimento não me passou despercebido e fez com que eu deixasse cair uma das argolas de plástico, com os dedos a atrapalharem-se.

Juntei uma mão cheia de argolas e deixei-as cair numa pilha à frente dele. O S conseguiu apanhar duas, antes de rolares para fora do balcão.

— São cinco dólares. — Estiquei a palma da mão.

— Só aceitas dinheiro?

— Não. Mas se pagares com cartão, são quinze dólares — disse.

Ele deu uma gargalhada, mas quando eu apenas ergui as sobrancelhas, ele parou.

— Devia ter percebido que não estavas a gozar — murmurou

ele. Levou a mão ao bolso, à procura. Consegui ouvir o chocalhar de moedas. — Deixa-me adivinhar. Descobriste há pouco que as taxas de processamento dos pagamentos por Square *são usadas* para financiar grupos terríveis antifungos e és amiga de todos os cogumelos.

Foi a minha vez de rir.

— Gosto muito de cogumelos, mas não é isso. Não tenho problemas com o Square. É uma coisinha que dá jeito aos pequenos negócios — disse. — A verdade é que me esqueci de ir buscar o leitor de Square à professora Langley, e teria não só de ver onde ela anda, mas *a seguir* teria de ver onde anda o Diretor Cantrell para ir buscar um adaptador porque o meu telefone não tem a saída certa. Mas o principal motivo? — Arranquei a nota de cinco dólares estendida da mão dele. — Esqueci-me de descarregar a app e essa é a maior chatice de todas.

A boca do S contorceu-se como se estivesse a conter-se e foi como se todo o riso lhe subisse pelo peito e se juntasse aos olhos dele, fazendo-os brilhar.

Aclarou a garganta.

— É justo.

Expliquei as regras e afastei-me, a observar enquanto ele afastava o cabelo dos olhos e se focava na grelha de garrafas de vidro.

O S atirou cuidadosamente dez argolas e falhou cada uma delas. Estava a pescar mais dinheiro no bolso para tentar de novo, quando eu atirei uma bola de basquete dos St. Louis Cardinals para a cara dele.

— O que é isto? — Os olhos dele estavam cautelosos.

— O teu prémio.

— Mas não acertei com nenhuma argola.

— Isso é porque o jogo está viciado. — Bati com a bola no balcão. — Nunca ias ganhar. — Segurei a argola para cima e mostrei-lhe que era apenas um pouco mais larga do que o gargalo da garrafa. — Estou a fazer a minha parte de devolver o poder às pessoas.

O S sorriu para os seus sapatos e abanou a cabeça.

— Agora, tudo faz sentido. Só tens dado prémios a noite toda.

— Só estou a devolver o que os jogos das argolas roubaram aos inocentes durante décadas.

Ele semicerrou um olho para mim, encostando-se ao balcão.

— Não achas que o Diretor Cantrell vai ficar zangado?

— Porquê? — perguntei. — Vais chibar-te?

— Claro que não. Além disso — algo quente e sombrio atravessou o olhar dele —, eu gosto de ter um segredo contigo.

Eu não desmaio. Não sou de desmaiar. Mas a maneira como ele disse aquilo, a maneira como a voz dele ficou grave, deixou-me um pouco tonta. Quando o observara a afastar-se, tive de abanar a cabeça, para a desanuviar, porque *fora imaginação minha ou o S flertara comigo?* Porque, sim, eu sei, nem pareço eu, mas a verdade é que pensara não fazer o género do S.

Ele fazia o meu?

É essa a magia do S: ele faz o género de toda a gente.

Mesmo quando achamos que não poderia fazer.

Motivo pelo qual, depois daquela noite na feira, eu não consegui deixar de pensar nele. Começara a perder a esperança quando não o vira na escola durante toda a semana seguinte. Comecei a imaginar que, talvez, *tivesse* sido tudo da minha cabeça.

Mas, um dia depois da escola, depois de o empregado de balcão da Honey Bean me passar o meu café gelado para as mãos, virei-me para trás e esbarrei no S, entornando a minha bebida na t-shirt dele.

— Que cagada! Lamento mesmo muito! Deixa-me... eu posso... — Atirei-me para a pilha mais próxima de guardanapos de papel e agarrei num punhado. Freneticamente, comecei a esfregar a t-shirt encharcada em café. Ele agarrou-me no pulso suavemente. Eu evitara a cara dele, mas quando ele fez aquilo, fiquei imóvel, olhando para cima.

Ele tinha-se rido e abanado a cabeça.

— Está tudo bem, Hayley. Acabei de ir correr. — Foi quando me apercebi do que ele estava a usar e o meu estômago deu aquela cambalhota quente que faz os meus punhos fecharem-se. As roupas de exercício dele eram simples: calções de desporto e uma t-shirt cinzenta, mas os braços e os gémeos dele eram *arte*. Esculpida e gravada e a tornar-me estúpida.

— Sinceramente — disse o S —, estou todo suado e nojento. Acho que só fizeste com que cheirasse melhor. — Ele continuava a segurar o meu pulso. — Deixa-me oferecer-te uma bebida de substituição.

Por isso, pediu-me outro café gelado e imaginei que ele tinha coisas para fazer, amigos para ver, mas conseguiu arranjar duas poltronas num canto acolhedor e nós simplesmente... falámos.

Quer dizer, *eu* falei. Ele ouviu. Tipo, ouviu mesmo. Sob aquele olhar firme e lindo de morrer, dei por mim a contar-lhe coisas que na verdade só conto à E. Ele tinha algo que me fazia ser sincera. Que me fazia sentir vista. Que me fazia sentir *forte*. Como se nenhuma das merdas da minha vida na verdade fosse culpa minha.

Eu queria o número dele. Mas tinha demasiado medo de lhe dar o meu. Ainda estava demasiado apavorada que me dissesse, *Oh, só estava a ser simpático*.

Mas afinal nem foi preciso.

— Dá-me o teu telemóvel — disse ele.

Quando o fiz, ele digitou o número dele.

— Agora, tens o meu número. Se alguma vez precisares de alguma coisa. *Do que for*. Liga-me. Manda mensagem.

E se tudo o que eu quiser for a tua boca na minha?, tivera vontade de perguntar.

O S deu-me um sorriso bondoso. Um sorriso piedoso. Disse a mim mesma que ele só estava a ser boa pessoa, um bom amigo.

Mas depois, uma noite, dei por mim num open mic num dos bares da cidade. A P tinha feito qualquer coisa que me deixara lixada (para variar). E estava toda a gente a dormir porque era uma noite de escola. Não queria chatear nenhum deles. Especialmente a E. Ela tinha um teste no dia seguinte, e eu importo-me mais com as notas dela do que com as minhas.

Estava sentada no bar, a ouvir um stand-up merdoso e a beber vodka soda. O empregado do bar gostava de olhar para dentro da minha t-shirt, por isso não verificou a minha identificação e eu estava lentamente a ficar bêbeda. Isto não era algo que eu costumasse fazer. Tinham sido apenas umas semanas difíceis.

Não estava a pensar. Num minuto, a P estava a gritar comigo e

no minuto seguinte eu estava curvada sobre o meu segundo vodka soda.

Ao terceiro, sabia que estava em apuros.

Precisava de boleia, mas tinha demasiada vergonha para ligar a qualquer um dos meus amigos. Não lhes podia fazer isto, acordá-los porque não estava a aguentar as minhas merdas.

Mas depois lembrei-me de uma oferta que me fora feita recentemente.

Já lhe estava a mandar mensagem antes de ter decidido fazê-lo.

Se tiveres no bairro davame jeito uma boleia. MAS SÓ se for a caminho. O ecrã estava desfocado e os meus dedos pareciam demasiado grandes para os botões.

Onde estás, Hayley?

Aquelas três palavras deixaram-me excitada.

Ele chegou muito depressa, como se realmente *estivesse* no bairro. Paguei a minha conta e cambaleei para o parque de estacionamento, onde ele estava, com um rosto sombrio e sério. Quando ele me viu e reparou que eu precisava de me encostar ao corrimão para caminhar, avançou até mim.

— Estás bem, Hayley?

Tentei pôr-me direita, mas tombei imediatamente para a frente. O S apanhou-me e todo o meu corpo caiu em cima dele.

— Não, suponho que não estejas — murmurou ele contra a minha cara.

— Tu vieste — suspirei.

— Claro que vim — disse ele.

Ajudou-me a entrar no carro, aninhando-me no lugar do passageiro e pondo-me o cinto.

Eu disse-lhe a minha morada e devo ter perdido os sentidos porque, quando dei por isso, ele estava a ajudar-me a sair do carro. Mantive os braços à volta do pescoço dele depois de me ajudar a sair.

— És perfeito — sussurrei ao ouvido dele.

— Isso é a bebida a falar. A tua mãe está em casa?

— Sim, mas provavelmente já se apagou. Discutimos, por isso, ela tomou Xanax e bebeu. — Enterrei a minha cara no pescoço

dele. — O teu cheiro é perfeito.

— Merda, não quero mesmo que a tua mãe... Não faças barulho, OK?

Ele pegou nas minhas chaves e entrámos em casa. Enquanto mudava de roupa, ele esgueirou-se para a cozinha para me ir buscar água e até conseguiu encontrar um frasco de ibuprofeno.

Já estava na cama, a usar os meus calções para dormir e top curtinho, quando ele voltou. O S parou à porta quando me viu, com os olhos a seguirem a longa extensão das minhas pernas nuas, detendo-se no meu umbigo exposto. Fechou os olhos por um instante e, quando os abriu, estava todo business.

Mas eu vira o olhar dele. E, meu Deus, queria vê-lo de novo.

— Deita-te de lado para mim. Põe as almofadas nas costas para não reboares para fora. Tens aqui água e ibuprofeno. Vou deixar aqui ao teu lado, caso precises. — Ele ajoelhou-se para ficarmos com o olhar ao mesmo nível. A luz do luar cortava as persianas, com uma risca a aterrar nos olhos dele, iluminando—os.

— Achas que eu sou bonita? — Sussurrei.

Os olhos dele suavizaram-se.

— Acho que estás muito bêbeda, Hayley — sussurrou ele. Ainda assim, ele afastou o cabelo da minha cara. — Mandas-me uma mensagem amanhã? Para eu saber que estás bem?

Estiquei a mão e segurei a cara dele, trazendo-a para mais perto da minha. Levantei a minha cabeça, deixando apenas uns centímetros entre os nossos lábios. Percebi que ele tinha parado de respirar.

— Eu quero beijar-te — confessei. — O que farias se eu te beijasse agora?

Ele fechou os olhos com força e soltou uma respiração pesada.

— Hayley. — A voz do S soava mais rouca do que antes. — Pergunta-me noutro dia. Se te lembrares desta conversa.

Claro que me lembrava.

No dia seguinte, acordei de ressaca e horrorizada. Estava mortificada. Arruinara tudo com o S?

Lembrei-me de que ele me pedira para mandar mensagem. Para «lhe perguntar noutro dia».

Quando já me sentia melhor, enviei mensagem a perguntar se podia vê-lo mais tarde nesse dia. Disse que eu podia ir lá a casa depois da escola.

Vesti um vestido amarelo sem mangas com um decote baixo. Fazia sobressair os meus olhos e o fogo no meu cabelo.

Quando o S abriu a porta, ficou com os olhos esbugalhados. Não esperei; passei por ele com um empurrão. Já estava a tremer de tanto o querer.

Entreí na cozinha, pus as mãos na bancada em ilha, estabilizando-me.

— Hayley? — O S estava mesmo atrás de mim. Conseguia sentir o calor do corpo dele. Virei-me.

— Vou perguntar-te mais uma vez — disse, com a voz rouca.
— O que farias se eu te beijasse agora?

O peito do S subia e descia, lenta e deliberadamente. Como se estivesse a tentar manter-se calmo. Mas havia uma tempestade nos olhos dele.

— Seria mais fácil mostrar-te — disse ele por fim e avançámos um para o outro ao mesmo tempo.

Quando os lábios dele se encontraram com os meus, já estavam abertos, ávidos, a língua dele a contornar o meu lábio inferior e eu abri-me para ele, esperando que ele me consumisse, que me absorvesse toda.

As minhas mãos fizeram punhos no cabelo dele, puxando-o para mais perto de mim. Ele rosnou, excitado e quando lambeu a minha boca e eu gemi, as mãos fortes dele agarraram nas minhas coxas e levantaram-me para a bancada.

O S pôs-se entre as minhas pernas e eu enrolei-as à volta dele, mantendo-o perto, encaixando-o contra mim.

Afastei-me com um arquejo quando o senti contra mim.

— É isto que acontece quando me beijas. God, acontece quando eu *penso* em beijar-te.

A linda cara dele estava louca de desejo. Despertava algo em mim que nunca soubera que existira. Ele passou as mãos por todo o meu corpo, agarrando as minhas coxas nuas e puxando-me para mais perto.

— Tu não és bonita, Hayley — disse sensualmente, beijando o

meu pescoço, o meu queixo, a minha clavícula. — Tu és deslumbrante.

Eu tremia como uma folha.

— Eu preciso...

— Shhh — ele tranquilizou-me, pegando no meu lábio inferior entre os dentes e chupando-o. — Eu sei do que tu precisas. Sê paciente.

Começou como um pequeno fogo, apenas umas chamas que aqueciam, num círculo de pedras.

E agora era um incêndio, queimando florestas e países e planetas. Não tem fim. Nem quero nunca que tenha. Já sei: isto vai consumir-me até não restar nada.

capítulo 11

ella

São 17h30. Está na hora de soprar o meu apito, que assinala um período de 10 minutos de natação de adultos. Dou três apitadelas tensas, limpando o suor dos olhos, enquanto a Seema, que está no posto de nadadora-salvadora diretamente oposto ao meu, faz o mesmo.

O Y onde trabalhamos tem uma piscina olímpica, com um rio curto e preguiçoso de um lado e uma piscina separada para miúdos à frente de uma cascata em cogumelo. Foi um grande acontecimento quando foi construído e, quando era pequena, costumava imaginar que estava de facto nos Jogos Olímpicos, desafiando-me a terminar cada volta, fingindo que uma medalha de ouro esperava por mim no fim de cada corrida.

Parece ter sido há séculos, um sonho que pertencia a uma pessoa diferente.

Agora, miúdos com uma cara rabugenta saem pelo lado, deixando a água vazia para um punhado de adultos que abre caminho entre as pistas.

Caminho até à Seema, que bate a perna, olhando para o céu, como se tentasse lembrar-se de alguma coisa.

— Não digas nada — diz bruscamente antes que eu possa falar. — Quase já me lembrei das condições para tornar uma amostra de urânio supercrítica. Bem, para além de estar relacionada com uma das

minhas tias.

Sorrio em solidariedade.

— Química Avançada?

A Seema suspira, massajando a testa.

— Ya. Tenho um teste importante amanhã. Como raios vou entrar no curso de veterinária se não conseguir decifrar esta merda?

Sorrio para mim mesma. Por acaso, sei que a Seema é brilhante e que tem 19 a Química Avançada. Mas ela quer ter 20. Algo que eu percebo. Recorda-me uma rapariga que eu conhecia, uma rapariga chamada Ella, cujo maior medo era ter um 15.

— Queres um tempo extra para estudar? Não me importo de fechar sozinha esta noite.

— A sério? — Ela lança um olhar aos balneários. — Mesmo com aquele eletricista aqui? Parecias bastante passada quando o viste.

Ela não está errada. Foi uma surpresa desagradável quando, logo depois de picar o ponto, dei com o Sean a falar com o meu patrão, Kyle, sobre a avaria das luzes dos balneários — não há nada como tentar fechar e ter as luzes dos balneários a piscarem aleatoriamente, ao estilo de um filme de terror. O Sean garantiu ao Kyle que seria um arranjo rápido e, além de um piscar de olhos manhoso, ele quase nem reconheceu a minha presença.

— Ah, isso? Não foi nada. — Encolho os ombros. O Sean não merece que eu o explique à Seema e, sinceramente, ainda não consigo acreditar que ele voltou à vida da Phoebe. — Além disso, com certeza que ele já se foi embora.

A Seema franze o sobrolho com ceticismo.

— Tens a *certeza*, Ella? Porque eu posso...

— *Seema*. Não me faças ir buscar o Kyle para te mandar para casa.

— Está bem, está bem — ri-se. Um sorriso aliviado e grato ilumina-lhe o rosto. — Dedicarei o meu primeiro par de testículos de cão capados a ti, Ella.

— Por favor, não — estremeço.

Assim que o Y fecha as portas ao público, enxoto a Seema para casa e começo as tarefas de fecho. Sem vidas para salvar, nem a Seema com quem falar, nada me impede de me deter na única coisa em que *não devia*, mas em que quero desesperadamente pensar: a entrada no diário da Hayley.

Era muito mais do que eu esperara. Só de pensar, sinto um calor percorrer-me o corpo. O calor acende as minhas bochechas, embora o sol se tenha posto há bocado.

Não fazia ideia de que o relacionamento da Hayley e do Sawyer era tão... intenso.

Sempre que me lembro de uma frase ou pormenor da escrita da Hayley, sinto um puxão atrás do umbigo.

Mas fico contente por ter lido. É uma boa lembrança. Eu sempre soubera que a Hayley e o Sawyer se amavam, mas nunca tinha visto a *profundidade* da coisa. Não havia simplesmente amor entre eles, mas amor *verdadeiro*.

Eu vira o Sawyer fazer as coisas nada românticas com a Hayley. Segurava delicadamente o cabelo dela e esfregava-lhe as costas quando ela bebia demasiada tequila. Passara a caixa de entrada do Gmail dela de 873 e-mails por ler para zero, quando ela estivera demasiado ansiosa para ver se lhe escapara algum prazo importante. Ele era sempre dedicado e ferozmente protetor, mesmo quando tinham os seus altos e baixos. Especialmente naqueles dois últimos meses antes... enfim, *antes*.

Não é como que se a Hayley nunca estivesse triste. Muito pelo contrário. Ela chamava-lhe os seus pequenos «Fossos de Desespero». Surgiam como uma pistola de sinalização: intensos, mas breves. Quando pensou que os BTS se tinham separado, não falou com nenhum de nós (nem comigo!) durante dois dias. Mas, ao terceiro dia, estava melhor.

— Já saí do fosso — dizia alegremente.

Mas aquele mau humor, aquele distanciamento dela antes do fim, parecera um pouco diferente. Tão gradual e silencioso que nem consigo identificar quando começou. Eu e o Sawyer sussurrávamos as nossas teorias um ao outro, tentando agarrar-nos a coisas que compreendíamos, com que a podíamos ajudar.

Enquanto alguém que cedia perante as pressões do 11.º ano, era claro para mim que ser capitã da equipa de atletismo e os exames que se avizinhavam estavam a deixar a sua marca. Mas o Sawyer não tinha tanta certeza. Sempre que ia buscar a Hayley a casa, os olhos dela estavam vermelhos, como se tivesse estado a chorar. Algumas vezes, a Phoebe seguia-a até ao carro lá fora, ainda aos gritos, geralmente a

cambalear de bêbeda. Quando ele entrava, o Sean estava sempre lá, à espreita em pano de fundo, a ver a Hayley e a Phoebe discutirem e juntando-se a elas ocasionalmente.

Sempre que perguntava à Hayley sobre isso, ela limitava-se a encolher os ombros.

— A Phoebe é simplesmente a Phoebe. Nunca mudará. Aos 18 anos vou, Ella. — Eu ficava de boca fechada, sem compreender, porque os meus pais tinham um casamento feliz há 20 anos. Que consolo podia oferecer, com um pai que chegava a casa para jantar todas as noites e uma mãe que memorizava os meus horários das aulas e sabia os nomes de cada um dos meus professores?

Eu não sabia como era uma vida familiar desfeita.

Mas o Sawyer sabia. Nunca soube pormenores, mas essa era uma coisa que a Hayley costumava dizer.

— O Sawyer percebe.

Com uma compaixão e uma compreensão que eu nunca poderia oferecer, o Sawyer amava a Hayley. E a Hayley amava-o.

Tendo terminado as minhas tarefas de fecho, apercebo-me de que estou de pé, sabe Deus há quanto tempo, a fitar a superfície da piscina, aquela água negra e calma. Os meus dedos encontram o amuleto contra a minha garganta. É uma coisinha frágil mas, neste momento, parece tão pesada como pedra.

Uma determinação implacável instala-se em mim. Não há nenhuma questão. Um amor assim, especialmente o amor da minha *melhor amiga*, merece ser respeitado, preservado. Fecho os olhos e solto uma respiração longa, com a vergonha dos meus pensamentos tão intensa que preciso de a expirar.

Não é demasiado tarde. Posso consertar as coisas. Já o prometi antes, mas desta vez é mesmo a sério.

Nunca mais voltarei a falar com o Sawyer.

Ainda absorta nos meus pensamentos, marcho para dentro dos balneários, com o estalo dos meus chinelos nos azulejos molhados a ecoar. Estou a tirar a minha mochila do cacifo quando, de repente, todas as luzes se apagam.

Fico de imediato envolta em breu.

— Merda — grito, assustada. Espero um instante para que as luzes voltem a acender-se.

Não se acendem.

Claro que o trabalho do Sean é duvidoso. Patético. Caço o meu telemóvel às cegas, perguntando-me como é que as pessoas faziam antes de terem lanternas incorporadas nos seus aparelhos, quando ouço um som. Um estrépito num canto distante da divisão. A seguir, ouço uma voz grave a praguejar.

— Olá? — chamo numa voz fraca. — Angus? — O Angus é o contínuo da noite. É um parvalhão, mas é inofensivo.

Todos os ruídos param.

E depois ouço passadas, que se aproximam cada vez mais.

— Angus? — chamo de novo, desta vez mais baixinho. Não há resposta e o meu coração dispara. Tento encontrar o meu telemóvel de novo, mas as minhas mãos tremem tanto que não consigo achá-lo.

Junto ao meu ombro, horrivelmente perto, ouve-se um som metálico sonoro, como a porta de um cacifo a fechar-se com um estrondo. Por instinto, viro-me para o som ruidoso e, de repente, os meus olhos ardem com um feixe estreito de luz ofuscante.

— Sou só eu, Ella. Não te mexas.

Antes de conseguir perceber a quem pertence a voz, alguém me abana pelos ombros. Deixo escapar um grito, depois reparo no cabelo louro sujo que enquadra uma cara atraente e mal-arranjada e olhos verdes brilhantes. Quando o reconheço, a minha sensação de pânico só aumenta.

Porque, a fitar-me, agarrando os meus ombros com tanta força que não me consigo mexer, está o Sean.

capítulo 12

ella

-Eu disse para *parares de puxar, Ella*. — Os dedos do Sean cravam-se no meu braço. — A menos que te apeteça morrer.

O meu coração bate tão depressa que é de admirar que não tenha explodido.

— Olha — diz o Sean, oscilando a lanterna para o fim da fila de cacifos.

Ali, no chão, está uma pilha de fios de cobre afiados e filamentos pretos torcidos nas pontas. Um deles faz faísca. Cabos *com tensão*.

— Não sabia que ainda havia alguém aqui — grunhe o Sean. — Sem ofensa, mas no que toca a merdas elétricas, o teu chefe é um grande nabo. Os fios são todos FUBAR. Tive basicamente de começar do zero para consertar. Vês aqueles cabos?

Lambo os lábios, ainda a tremer.

— Se... se eu tocasse neles...

— É isso mesmo. Teríamos Ella no churrasco. — Ele solta o meu braço e eu encolho-me sobre mim própria, ainda a tremer. Tecnicamente, o Sean acabou de me salvar a vida.

Então, porque é que ainda sinto que estou em perigo?

No halo da lanterna, as sombras tornam a cara do Sean aguçada, o seu sorriso cortante.

— Não queria assustar-te, menina — murmura ele. Vira a cabeça para o monte de fios. — Sei que parece mau, mas, acredites ou não,

estou quase a acabar. — Inclina a cabeça, com os olhos a varrer-me de cima a baixo. — És a última aqui? Precisas de boleia para casa?

— Não — digo demasiado depressa.

A gargalhada dele é um latido.

— Vou tentar não levar isso a peito. Sei que não nos conhecemos bem mas, enfim... tu és uma Miller honorária. E eu tomo conta das minhas raparigas.

Ele é um tangas.

Ou será que não? Tecnicamente, ele está aqui porque está a fazer o seu trabalho e há uma grande possibilidade de que, sem a intervenção dele, eu tivesse literalmente fritado.

— Bem — diz o Sean, interrompendo a tagarelice ansiosa do meu cérebro. — Se alguma vez mudares de ideias... — Enquanto diz isto, varre-me novamente com o olhar, detendo-se no meu corpo. Apercebo-me, com uma onda de náusea, de que ainda estou com o meu fato de banho vermelho-vivo de nadadora-salvadora. Graças a Deus que não é biquíni.

Mas continua a ser um fato de banho e o Sean continua a fitar-me. Sem mais uma palavra, pego em todas as minhas coisas, viro costas e saio dali o mais depressa que consigo.

Vou a correr até à paragem de autocarro. Corro desengonçada e apavorada, a bater os chinelos, de fato de banho e com os olhos esbugalhados. Quando chego, estou a arfar, aliviada por não estar mais ninguém ali.

Mas esse alívio é rapidamente substituído por apreensão.

Só são precisos alguns instantes para a solidão parecer ameaçadora. É uma extensão remota de estrada, iluminada apenas por um candeeiro que zumba e espalha uma luz amarelada e leitosa. O silêncio é opressivo, quebrado apenas pelo roçar seco de folhas mortas que voam pelo betão.

A qualquer momento, o Sean vai sair do parque de estacionamento. E por um motivo que não consigo articular plenamente, sinto um medo de *morte* ao imaginar a sua carrinha salpicada de tinta a encostar junto a mim, sem nenhuma outra alma como testemunha.

Talvez esteja a exagerar. Talvez, se tivesse simplesmente aceitado a oferta dele, já estivesse em casa, aninhada debaixo dos cobertores,

imaculada depois de um duche quente.

Mas depois penso na forma oleosa como os olhos dele deslizaram sobre a minha pele, como me deu vontade de sair do meu corpo. Imaginação ou não, merecido ou não, sei o que senti.

Lanço um olhar nervoso em direção ao parque de estacionamento do Y. Aquele autocarro tem de chegar depressa.

Mas passam-se outros 10 minutos e não há sinal do autocarro. Estou prestes a perder a cabeça quando ouço uma buzina sonora atrás de mim.

Rodopio, ofegante.

Faróis intensos aproximam-se, ficando mais perto.

E, de repente, algo no meu cérebro altera-se, abrindo-se ao meio. Estou aqui, mas não estou, porque estou no carro, há quatro meses, com a Hayley ao meu lado.

Faróis no espelho retrovisor. Como fomalhas duplas, brilhantes como o dia.

Tão brilhantes que semicerro os olhos.

A estrada inclina-se para a esquerda. Eu viro o volante para a esquerda.

Mas o carro vai para a direita. Antes de conseguir compreender, o vidro explode para todos os lados, há um grito e...

— Ella?

A voz trespassa a minha visão — a memória? — e estou de volta ao meu corpo. Abro um olho. Há um carro parado na rua, detendo-se à minha frente, com os faróis dianteiros a cortarem dois círculos sobrepostos no asfalto.

Estou tão abalada com o flashback, por aquilo que imagino que seja a minha primeira memória que regressou daquela noite, que quase não reparo que é o Sawyer Hawkins quem está ao volante. Mas quando noto, o calor espalha-se da minha barriga ao meu peito. *Graças a Deus.*

— Então, vais entrar ou quê? — O Sawyer inclina a cabeça e sorri.

As borboletas dançam na minha barriga e depois congelo, recuperando o juízo. *Oh não*, penso. É o Sawyer. As borboletas mirram, transformando-se em cinza.

O olhar do Sawyer é paciente enquanto espera pela minha resposta.

— Eu... eu estou à espera do autocarro — digo tremulamente.

O Sawyer acena com a cabeça, como se fosse algo razoável. Semicerra os olhos para o sinal da paragem de autocarro e tira o telemóvel, escrevendo furiosamente.

— Deve estar mesmo a chegar — digo para preencher o silêncio.

Ele não tira os olhos do telemóvel.

— Só por curiosidade... quanto tempo estás disposta a esperar, Graham?

— Até ao próximo chegar.

— Mesmo que não haja um nas próximas 11 horas?

— *O quê?*

O Sawyer ergue o telemóvel para eu poder ver melhor o ecrã. É a nossa app dos transportes públicos locais.

Onde costumam estar listados os tempos para a chegada do próximo autocarro, só tem as palavras, em grandes letras garrafais:

ROTA CANCELADA ESTA NOITE

Inacreditável.

Massajo a minha testa. O Sawyer espera pacientemente que eu processe esta informação. A seguir, lança um olhar penetrante para o lugar vazio do passageiro e um ainda mais penetrante para mim.

Não posso.

— Anda. As comodidades deste Uber *poderão* incluir ar condicionado e um rádio que funciona. — Faz uma careta. — Um aviso: está bloqueado no canal da faculdade comunitária da zona. E toma nota que eu disse *poderão*.

Porque é que ele tem de ser tão fofo? Com um enorme esforço, abano a cabeça.

— Não quero que te desvies por mim. A gasolina é cara. Posso ligar aos meus pais...

Uma grande carrinha branca entra no meu campo de visão, com os faróis a ficarem mais intensos enquanto se aproxima.

Sean.

— Pensando melhor — guincho, atirando a minha mochila pela janela, abrindo a porta do passageiro e apressando-me a sentar-me à

frente.

— Graham? Está... tudo bem contigo? — O Sawyer pestaneja na minha direção.

— Sim — digo —, arranca. — Puxo o cinto de segurança, mas este não se mexe. Puxo com mais força. Nada. Começo a entrar em pânico.

— OK, OK... deixa que eu faço. — O Sawyer tira o cinto de segurança das minhas mãos, volta a pô-lo no encaixe e puxa-o delicadamente. Estica-se na diagonal do meu corpo para o apertar.

Fico imóvel.

A cara do Sawyer está a centímetros da minha. Ele cheira a cabedal e a suor. O corte branco da cicatriz na sua sobrancelha está tão perto que podia esticar a mão e contorná-la com o dedo.

Ele toca na minha anca enquanto põe o cinto no sítio com um clique e diz numa voz suave:

— Vês? Só tens de abrandar.

A sensação da respiração dele no meu ouvido desperta algo poderoso na minha pele e barriga, tão quente e espesso como mel. Tenho um vislumbre de algo arrebatador, algo que quero perseguir, algo que, por um instante, apaga qualquer pensamento de juras solenes e promessas aos mortos.

Quando o Sawyer se afasta e engata a mudança, estou a tremer, perguntando-me, por um instante, onde está o verdadeiro perigo: lá fora, ou aqui mesmo, neste carro.

capítulo 13

sawyer

Olho de relance para o perfil da Ella ao luar.
Depois de anos de aulas juntos e, claro, a montanha de horas passadas na companhia um do outro graças à Hayley, consigo ler a Ella razoavelmente bem.

Ela estala os nós dos dedos quando está impaciente. A boca dela contorce-se para o lado se sabe a resposta na aula ou tem uma boa mão de póquer. Olha para os pés quando está triste. (Ultimamente, tudo o que ela faz é olhar para os pés.) E quando está com medo, os ombros dela sobem e ficam tensos. E quando ela sacode o joelho como está a fazer agora...

Enfim, isso significa que a Ella está a flipar.

— Então — digo de um modo tranquilizador —, queres curtir uns sons experimentais muito, muito fixes?

Ela vira-se para mim.

— Experimentais? Claro.

Ligo o rádio. Depois de um instante de estática e zumbidos, o som de violinos cortantes a tocar notas dissonantes ouve-se claramente. Os violinos param de repente e o som grave e lento de um homem a gritar fica em primeiro plano.

A Ella fita o rádio como se não conseguisse acreditar no que está a ouvir.

Aclaro a garganta.

— E quando eu digo sons, quero dizer *sons*. É tarde e ninguém está mesmo a ouvir, por isso, dão esta hora a estudantes de Artes que querem ser o próximo Banksy.

Por fim, a «música» para e o DJ começa a falar.

— Aquilo que acabaram de ouvir foi uma peça que eu compus, intitulada *O Desfecho*, composta por quatro violinos desafinados e o choro de um bebé que foi afinado exatamente para 16 semitons abaixo, que é o número exato de cabelos que tu deixaste na nossa almofada, Helen. As únicas coisas que deixaste. Helen, volta, por favor. Eu já não ensaio mais em casa. Eu prom...

A Ella desliga o rádio e olhamos um para o outro.

Precisamente ao mesmo tempo, desatamos a rir.

— Isto não pode ser verdade — diz a Ella.

— Pelo menos, esta foi curta. E tinha uma espécie de história. Na semana passada, foram 20 minutos de um piano a ser afinado.

— Ouviste os 20 minutos completos de uma afinação de piano?

Esfrego a nuca, um pouco embaraçado.

— Estava sempre a pensar que aquilo ia chegar a algum lugar. Eu gosto de improvisações de jazz e achei que estava, tipo, em crescendo para um grande número de jazz maluco. — Olho para ela timidamente e fico contente ao ver que o joelho dela está imóvel e que os ombros dela relaxaram.

— Queres falar sobre isso? — pergunto.

Pelo canto do olho, vejo que ela se contrai.

— Falar sobre o quê?

Eu reviro os olhos.

— Vá lá, Graham. Pela tua cara, parecia que um T. Rex ia irromper pelas árvores a qualquer instante.

— Hum. Acho que preferia isso — murmura. A Ella torce os dedos no colo durante alguns momentos de silêncio. — A eletricidade do Y está avariada. Adivinha quem contrataram para fazer as reparações?

Cerro os dentes, com o sangue a aquecer.

— Sean — cuspo o nome.

Ela acena com a cabeça, mordendo o lábio.

— Ele estava a consertar as luzes dos balneários. Eu fiz o fecho, por isso, só lá estava eu. Ou era o que pensava. Estava a pegar nas minhas coisas e as luzes apagaram-se. Fiquei cheia de medo e depois o

Sean apareceu do nada... Eu entrei em pânico, tentei fugir, mas ele agarrou-me...

— *Agarrou-te?*

— ... para me impedir de me atirar de cabeça para cabos com tensão, Sawyer.

— Esse otário tinha cabos com tensão espalhados num balneário?

— Ele não sabia que estava lá alguém, OK? Ele estava a fazer o trabalho dele. — A voz dela é baixa, insegura. Tento controlar a minha raiva, seguindo o exemplo dela, dando-lhe espaço.

A Ella pressiona a cara contra as mãos.

— Credo, não sei por que estou a defendê-lo... É confuso. Tipo, ele estava a consertar as luzes. *Muito* tecnicamente, ele salvou a minha vida. Ele não *fez* nada, mas quando estava a olhar para mim, tive esta sensação tipo... tipo querer ser uma tartaruga e esconder-me na minha carapaça para sempre. — Ela vira-se para a janela, abanando novamente a perna.

Pensamentos ridículos enchem a minha mente. Poderia desenhar uma concha humana para a Ella, que fosse suficientemente portátil para andar de um lado para o outro, mas suficientemente grande para incluir um recanto de leitura? Algum daqueles idiotas da SpaceX já inventou um fato de invisibilidade e, se o fez, quanto é que custa?

Alguém se importaria *realmente* se o Sean desaparecesse misteriosamente?

Abano a cabeça.

— Ella, eu também não sei se o Sean teria feito alguma coisa, mas ninguém tem de *fazer* nada para ainda assim ser errado. A forma como ele te fez sentir não é da tua cabeça, é marado. Lamento muito que ele tenha feito isso.

A Hayley gostava de proteger a Ella quando podia. Tentava esconder-lhe as partes mais feias da vida. Neste caso, em detrimento da Ella. Ela precisa de saber porque é que o Sean não presta. Porque é que não é da cabeça dela.

— Uma vez, a Hayley implorou à Phoebe para acabar com o Sean.

— Foi? — sussurra a Ella.

— Só falámos sobre isso dessa vez. Sabes como era a Hayley, ela não gostava muito de falar... enfim. O Sean costumava olhar para a Hayley a toda a hora. A *toda* a hora, dizia ela. Sempre que ela saía do

duche, ele por acaso estava no corredor para a apanhar a passar enrolada na toalha.

A Ella segura o estômago, parecendo tão nauseada como eu me sinto, mas não diz nada. Eu continuo:

— A Hayley disse-me que o pior foi quando contou à Phoebe, e ela não quis saber. Não acabou com o Sean. Na verdade, sabes a reação da Phoebe? «Aproveita enquanto podes. Não terás essa aparência para sempre».

— Não. Não pode. Oh, *Hayley*...

— Eu sei — digo. Porque o que mais *posso* dizer? Não aguento contar-lhe mais, contar-lhe que suspeitava que ainda havia alguma coisa que a Hayley não me dissera sobre o Sean, que talvez ainda houvesse mais motivos para ela ter medo dele.

— A Phoebe aceitou-o de volta, sabes? — diz ela baixinho.

Agora, é a minha vez de me engasgar.

— Não.

— Pois — sussurra a Ella.

A fúria invade-me só de pensar. Mas porque é que estou sequer surpreendido? A Phoebe não se importava com o que a Hayley queria em vida; porque é que se importaria na morte?

A boca da Ella contorce-se.

— Sawyer, eu achava que a Hayley me contava tudo. Porque é que ela não falou sobre o que se passava com a Phoebe e o Sean? Quer dizer, eu pensei que ela estava stressada com o treinador Cud e com o atletismo! — A Ella enterra a cara nas mãos. — Agora, olho para trás, para aqueles últimos meses e apercebo-me de como fui *estúpida*. Agora, não consigo deixar de me perguntar... o que mais é que ela não me contou?

Tento contê-la, mas surge dentro de mim na mesma: uma onda poderosa de culpa. Por isso, faço o que ando a fazer há algum tempo: enterro-a e ignoro-a.

— Ella — digo, mudando o meu foco para a consolar. — Ella, a Hayley tinha muita sorte por te ter como melhor amiga. A sério. Olha. Se houvesse algo realmente importante, ela... ela ter-te-ia contado.

— Não consigo deixar de sentir que me escapou alguma coisa — diz a Ella, algo incerta. — Talvez seja porque não me lembro do dia do acidente... — A expressão dela abre-se por um instante. — Embora

ache que talvez me tenha lembrado de uma coisa. Quando vi os teus faróis, isso trouxe-me qualquer coisa à memória. Parecia um flashback. E acho que era dessa noite.

Eu bato com os dedos no volante, com a os meus batimentos cardíacos a aumentar.

— Uau. A sério?

— Pois. Não me lembrei de nada desse dia desde que acordei no hospital. Sinceramente, já tinha perdido a esperança de recuperar alguma das minhas memórias, apesar do que os médicos disseram. Mas quando vi os teus faróis a virem na minha direção, por um segundo, foi como se estivesse lá. — A Ella olha para baixo, para as mãos. — Consegui sentir-me a agarrar no volante e tudo.

As minhas mãos estão a ficar escorregadias, por isso, limpo-as às calças de ganga.

— Foi só isso? — pergunto.

— Não houve muito mais. Lembro-me de ver faróis brilhantes no espelho retrovisor. Algo que suponho que faça parte da memória que o teu carro provocou? Acho que deve ter sido o momento exato em que perdi o controlo do carro porque, num minuto, estava a olhar para as luzes no meu retrovisor e, no seguinte, havia estilhaços de vidro a voar para todo o lado.

Faço uma inspiração profunda para abrandar os meus batimentos cardíacos.

— Mas a coisa que me está a deixar doida agora é pensar que estou à beira de me lembrar de mais. Como se houvesse uma sensação inacabada de flashback. Continuo a tentar alcançá-la, mas é como tentar apanhar uma bola de sabão. Rebenta sempre quando lhe tocas.

Aclaro ligeiramente a garganta.

— Então, talvez não faças isso? Pensar nisso, quero dizer?

Olho de relance para a Ella e vejo-a franzir o sobrolho.

Cuidado, Sawyer.

— Graham, tiveste um dia lixado. E o facto de qualquer parte da tua memória ter regressado é um enorme progresso. É um passo no caminho da recuperação. Mas... talvez devas caminhar antes de correr? Dá uma folga ao teu cérebro?

Consigo sentir o peso do olhar fixo da Ella. Por fim, ela suspira e abana a cabeça.

— Sim, tens razão. O que ganho em saber mais, para além de mais sofrimento?

— Ya — digo. — Ya, exatamente.

O meu coração abranda.

— Estás bem, Sawyer? — Olho para a Ella e agora é ela quem me fita com preocupação.

— Pois. Sim, claro. Porquê? — Engulo em seco. Lá se vai aquele batimento cardíaco.

— Não sei. — Ela mexe-se desconfortavelmente. — Receio... receio que falar sobre a Hayley, sobre essa noite, seja algo que te chateie. Não quero fazer-te isso.

Eu solto uma gargalhada brusca.

— Não, Ella — suspiro. — Não me chateias, de todo. Quer dizer, não me interpretes mal. Mentiria se dissesse que este é o meu tema preferido do mundo. Mas no que toca a ti? Seria mesmo muito difícil para mim odiar-te. Possivelmente impossível.

Mas tu odiar-me-ias se soubesses.

— Possivelmente impossível? Então, ainda há uma hipótese de que me odeies?

— Possivelmente.

A Ella ri-se.

— Eu assumo esse risco.

Alguns minutos depois, estou a encostar junto da casa dela. Quando desligo o carro, ela ergue uma sobrancelha.

— O que é?

— Estou impressionada por te lembrares do caminho. — Ela sorri para o seu colo. — Já lá vai algum tempo.

— Como podia esquecer-me? — digo. — A minha pessoa preferida de sempre mora aqui.

Os olhos dela ficam muito abertos e ondas cor-de-rosa de calor sobem-lhe do peito até às bochechas.

Eu inclino-me um pouco, provocando-a numa voz grave.

— Se fosse a ti, não ficava demasiado convencida, Graham. Estava a falar da Edna.

Ela dá-me uma palmada no ombro.

— O nome da minha gata é *Midna*, idiota!

— Au, para! Está bem, sou um idiota. — Eu rio-me. Ela lança-me

um olhar furioso e cruza os braços. As bochechas estão escarlates e não me devolve o olhar. Ainda está corada.

E, de repente, fico *muito* ciente de estar sozinho com a Ella, sentado no meu carro estacionado. Os meus batimentos cardíacos aumentam ao ver o vermelho que se espalha pelo pescoço dela abaixo e depois passa pelas clavículas. Continua a descer, passando pelo decote, e tenho uma vontade repentina e feroz de mapear esse caminho, para descobrir exatamente em que parte do corpo termina.

Apercebo-me, horrorizado, de que estou a fitar o peito dela em silêncio. Por um instante, entro em pânico, mas a Ella não parece ter sequer notado. Fita a minha sobrancelha.

— Onde arranjaste essa cicatriz? — Pergunta baixinho. A seguir, fecha os olhos com força. — Desculpa. Isso é tão indelicado. Não devia ter...

— Para. Não faz mal. Nada de desculpas, lembras-te? — Espero até ela abrir os olhos e olhar para mim. Mesmo no carro escuro, os olhos dela são da cor de mel brilhante.

Toco na linha branca que abre um caminho na minha sobrancelha esquerda.

— Fi-la em miúdo.

Quando não digo mais, ela franze o sobrolho e as suas sardas juntam-se na cana do nariz.

— Só isso?

— Só isso.

— Foi um acidente de bicicleta?

— Não.

— Uma luta com um miúdo do bairro? — Um fio de cabelo escuro roça a bochecha dela quando ela inclina a cabeça.

— Não — digo.

Pensativamente, a Ella suga o lábio inferior para dentro da boca, mordiscando-o. *Christ*.

— Entendido. És secretamente um príncipe mestre do fogo que foi banido e desafiou o pai para um Agni Kai. — Solta o lábio com um pop. — E perdeste.

— Algo desse estilo — murmuro. O lábio inferior dela está molhado, inchado e cor-de-rosa da pressão dos dentes. Não consigo parar de olhar. Não consigo parar de imaginar.

— Posso tocar-lhe? — sussurra ela. — Na tua cicatriz, quero dizer.

A minha pele está demasiado quente. O ardor nas minhas ancas está a tornar-se insuportável. Deixei de olhar para qualquer outro sítio que não os lábios dela.

Ela parou de fingir que não reparou.

Não consigo evitar. Inclino-me para a frente.

Há uma batida sonora de um punho contra a janela.

Eu e a Ella saltamos para longe um do outro.

A Jess, a irmã mais nova dela, acena ansiosamente para a Ella através do vidro. Eu ligo o carro, para poder baixar a janela do passageiro.

— A mãe quer que entres agora. Se fosse a ti, apressava-me; ela... não está contente.

A Ella alisa o cabelo e leva uma palma da mão à bochecha, parecendo um pouco agitada.

— Vou já, dá-me um segundo. — Franze a testa, como se só tivesse registado as palavras da Jess agora. — Espera, porque é que a mãe está zangada? Ela sabe que eu tinha o último turno hoje.

A Jess morde o lábio.

— A culpa é minha, desculpa. Ela perguntou-se porque é que ainda não tinhas chegado a casa e eu disse-lhe para ter calma porque já tinhas chegado há uns 10 minutos, que te conseguia ver aqui fora no carro com um rapaz...

A Ella fica pálida.

— Oh, não. Não, não, não. — Apressa-se a reunir as coisas dela e cambaleia para fora do carro. — Muito obrigada pela boleia, Sawyer... Desculpa, a mãe vai matar-me se eu não explicar. Vemo-nos na escola!

Vai a correr para casa, batendo com a porta.

A Jess acena para mim antes de seguir a Ella e eu fico sentado depois de todo um vendaval, a perguntar-me o que raio acabou de acontecer.

E o que raio *quase* aconteceu.

E é quando obtenho a minha resposta sobre como raio é suposto ficar longe da Ella.

Não fico. Não consigo. É tão simples como isso.

capítulo 14

ella

Começou bastante inocentemente, com umas mensagens, depois de ter falado com a mãe e de me trancar no meu quarto.

E

Boas notícias! Não serei executada. Quando a mãe percebeu que eras TU e que não estava estacionada com um gajo qualquer, pediu-me para te agradecer pela boleia. E para dizer olá à tua mãe e ao Callan.

S

É bom saber. Cancelei a equipa de intervenção que contratei para te tirar daí.

E as mensagens só continuaram a partir daí. Agora, estou na aula

de Inglês, três dias e inúmeras mensagens mais tarde, e não me consigo lembrar da última vez que sorri tanto e com tanta vontade. Por baixo da minha secretária, as minhas mãos voam pelo teclado do meu telemóvel.

S

Estás a gozar. Tens Educação Física à terceira hora? E nunca disseste olá?

E

Por favor, eu sei que é melhor não interromper um homem quando ele está a meio de um bro-off com o Thomas Jones. Esp quando o dito homem está a perder o dito bro-off

S

Perdão, Graham, mas tenho problemas com a frase «bro-off», e o Thomas NUNCA me ganhou.

Então, espera.

Viste-me a fazer flexões?

Como está a minha forma?

E

Argh, és mesmo gajo às vezes. Sabes exatamente como está a tua forma. A minha opinião não ajudará minimamente.

S

Claro. Mas quero-a na mesma.

Uma mão bate na minha secretária, sobressaltando-me.

— Eeeeeee, vejam bem quem voltou ao planeta Terra. — A Seema vira a cabeça de lado. — Ó pá, Ella, se soubesse que darias tantos problemas, estaria a fazer este trabalho com o Robert. E o único contributo dele a aula toda foi fazer um espetáculo de luzes com os seus dois novos ponteiros de laser. — Inclina-se sobre a secretária e bate com o lápis na ponta do meu nariz. — Entãaaao... o que ‘tás a fazer?

Algo que não devia estar a fazer.

— Nada — digo depressa. Demasiado depressa. — São uns assuntos de que tenho de tratar.

O sorriso da Seema é demasiado perspicaz para o meu gosto.

— Sim, claro. *Assuntos*. Tens de tratar de todos os teus *assuntos* importantes. — Aclara a garganta, muito inocentemente. — Diz-me, os teus *assuntos*... ele ou — os olhos dela brilham — *ela*, ou *elu* têm um nome?

Suspiro, em aparente derrota.

— Está bem. Sim, ele tem.

As sobrelanceiras da Seema disparam para cima.

— Isso foi fácil. Dá-me um nome!

Só me odeio um bocadinho quando digo:

— Business. Nunya Business.

— Oh, sua cretina. — Rimo-nos as duas quando ela me dá um encontrão com força no ombro.

A professora Prescott baixa os óculos na nossa direção.

— Meninas, *sinceramente*. Estou com uma dor de cabeça e é suposto vocês serem as boazinhas. Já tenho muito que fazer sem ter de lidar com... Robert, *guarda* esses ponteiros de laser, todos nós fomos àqueles espetáculos de lasers em Stone Mountain e não precisamos de recordações dessa cena medonha.

— Desculpa — digo, mantendo a minha voz mais baixa. — Sei que tenho andado um pouco distraída. — A Seema lança-me um olhar.

— Está bem, tenho-te ignorado completamente.

— Sim, tens. Mas tenho quase a certeza de que acertei todas as perguntas no meu teste de Química. Entre isso e a tua penitência a preencher esta ficha sozinha, ficaremos quites. — A Seema sorri.

— Oh, estarias ótima a Química sem mim. — Com a boca a contorcer-se, começo a anotar todas as figuras de estilo do poema na folha. — E se precisares de saber isto algum dia?

A Seema faz um riso de troça.

— Se precisar do Pablo Neruda para castrar um cão, eles avisam-me.

Sinto o meu telemóvel vibrar no bolso. Agarro-o apressadamente, sorrindo quando vejo a mensagem do Sawyer. Depois de enviar uma resposta rápida, olho para cima.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Esses teus *assuntos*... devem ser bons, hã?

— Os assuntos são *excelentes*. — Enquanto termino a ficha com um floreado, o meu telemóvel vibra de novo.

Desde que o Sawyer respondeu à minha mensagem na noite em que me levou a casa, que senti que estava a descer uma montanha sobre esquis, a ganhar lentamente velocidade. Depois de cada mensagem, digo a mim mesma que devia abrandar, parar, com a culpa a dizer-me para tirar os esquis e sair da montanha. Mas, quando o meu telemóvel vibra com as respostas do Sawyer, agarro nele e envio uma mensagem antes de sequer ter um pensamento consciente. Em vez de travar a descida, só me inclinei com o vento, andando a velocidades que poderiam matar-me se não tiver cuidado.

Eu quero parar. Oh, quero mesmo.

Eu *preciso*.

Mas quando penso na voz grave do Sawyer, em quão perto a boca dele ficou da minha, e na violência com o que meu estômago se aperta apenas ao ler no meu ecrã uma frase que ele escreveu, os meus motivos para o evitar dissipam-se. Às vezes, até dou por mim a perguntar-me... será que seria assim tão mau?

Há quatro meses que passo os melhores êxitos da Hayley sem parar: a Hayley que dava abraços enormes às pessoas que amava, que atirava a cabeça para trás quando se ria. Mas a verdade é que a Hayley nem parecia ela própria nos meses antes do acidente. Estivera

errática e volátil. Num instante, queria conduzir até Tybee Island *imediatamente* porque *precisava* de ver o sol a nascer sobre o oceano. No instante seguinte, perguntava se podíamos simplesmente fazer uma maratona de Netflix com as cortinas fechadas, sem dizer uma palavra durante cinco horas.

Atribuíra isso às brigas com a Phoebe, à instabilidade da vida doméstica, ao stress do atletismo... mas talvez houvesse alguma coisa mais.

Olhando para trás, agora consigo ver como ela se começou a afastar do Sawyer, como começara a querer excluí-lo dos nossos planos.

— Quero que sejamos só nós — insistira ela.

Preciso de acabar com o Sawyer.

O pensamento vem do nada, sonoro como uma trombeta, na voz da Hayley. A acompanhá-lo, há uma imagem: a Hayley inclinada sobre o meu toucador, a aplicar lip gloss com uma mão trémula. Isso deixa-me imóvel.

É real? Outra memória — ou apenas uma esperança vã? Algo que me livre de culpas de cada vez que sorrio quando as mensagens do Sawyer chegam?

Mas há algo em relação a isto que me soa verdadeiro, para além das minhas esperanças.

Era com isto que a Hayley estava a debater-se? A coisa que a deixava temperamental e contemplativa? Ter-se-ia desapaixonado do Sawyer e estava a ter dificuldade com a ideia de acabar com ele?

— *Cof cof.*

Abro os olhos para dar com a Seema a erguer uma única sobrancelha.

— Alguma coisa que queiras partilhar?

— Só estou a tentar... lembrar-me de uma coisa — digo, distraidamente. Porque estou a dar-me conta de uma coisa: *Acho que a Hayley ia acabar com o Sawyer naquela noite.*

O que muda essa constatação? Nada?

Tudo?

Disse a mim mesma que não voltaria a abrir o diário da Hayley, mas isto parece-me importante. Eu *tenho* de saber o que a minha melhor amiga estava a pensar, se escreveu alguma pista sobre aquilo

de que acabei de me lembrar.

— Ella, se precisares de aju...

Lanço um olhar de desculpas à Seema.

— Não te esqueças de onde ias — digo, agarrando num livre-trânsito e marchando em direção à casa de banho, agarrando no diário pelo caminho. Tem de haver alguma coisa aqui, algo que explique aquilo de que acabei de me lembrar. Os meus dedos tremem enquanto o abro, folheando algumas páginas e começando a ler enquanto viro a esquina do corredor.

E vou bater em cheio contra um poste.

— Uau, deve ser um livro apaixonante — diz o poste.

Com um arquejo, enfio o diário de volta na minha mala e olho para cima, para descobrir que na verdade o poste é o professor Wilkens.

— Lamento muito, professor Wilkens. — Esfrego a minha testa. — A minha mãe está sempre a dizer-me que tenho de prestar mais atenção ao que me rodeia.

Ele inclina a cabeça para mim, com os olhos a brilhar.

— Oh, não sei se será assim. Para variar, é bom ver uma aluna absorta num livro e não num telemóvel. Acredites ou não, os alunos estão sempre a chocar comigo. Normalmente porque estão ocupados a enviar snaps.

Rio-me, surpreendida.

— Usa o Snapchat?

Ele liberta um suspiro sofrido.

— Ages como se eu fosse do tempo em que a roda foi inventada, Ella. Sim, eu sei como usar o Snapchat. Se quiser ter a mínima hipótese de vos compreender, tenho de saber sobre as vossas ferramentas de comunicação. E sim, OK, essa última frase *faz* parecer que sou do tempo em que a roda foi inventada. Por falar em comunicação... — O professor Wilkens faz um olhar inquiridor. — Tens uns minutos para conversarmos no meu gabinete? Queria falar contigo, ver como estás.

Tendo em conta tudo o que se passa, talvez não seja a pior ideia de sempre sentar-me com o psicólogo da escola durante alguns minutos. Pelo menos, é melhor do que a aula.

— Escolhe um lugar, qualquer lugar. — O professor Wilkens faz

um gesto para uma série de poltronas familiares enquanto se afunda na sua própria cadeira atrás da secretária. Instalo-me num cadeirão vermelho macio, imediatamente oposto à secretária dele. Olho para o sofá onde eu e o Sawyer nos sentámos da última vez que estivemos aqui.

O professor Wilkens parece ler o meu raciocínio.

— Lamento muito pela última vez. Faz parte do meu trabalho saber quando alguém está pronto para partilhar. Não devia ter insistido.

— Não faz mal, a sério. Só me sinto mal por ter deixado o Sawyer tão zangado...

O professor Wilkens ri-se.

— Que rapaz de 17 anos não é impulsivo? Eu era, sem dúvida. Se o meu tio não estivesse na Polícia local, tremo só de pensar onde estaria agora. Seja como for, não é definitivamente culpa tua.

Sorrimos os dois e depois o rosto dele esmorece para algo um pouco mais sombrio.

— Mas fico feliz por estarmos a conversar, Ella. Sei quão difícil é perderes alguém que amas.

— A sério? — Eu sento-me mais direita.

— Não é a mesma coisa — diz o professor Wilkens. — Cada perda e sofrimento é único e doloroso. Não quero que penses de forma alguma que estou a comparar a tua perda da Hayley com a minha, que estou a minimizar os teus sentimentos. Mas eu lembro-me de quão sozinho me senti quando a minha namorada da faculdade morreu. Estávamos prestes a acabar o curso. Ela queria ser assistente social. Nunca soubera que podia amar tanto uma pessoa.

Contenho a respiração. Tinha ouvido dizer que o professor Wilkens tinha uma namorada que morreria. Todos tínhamos, daquela forma em que todos numa cidade pequena sabem tudo sobre toda a gente, mas nunca tinha ouvido os pormenores.

— Quando ela partiu, não conseguia deixar de pensar *O que poderia ter feito de forma diferente?* Não conseguia deixar de imaginar uma vida em que ela ainda estivesse presente. Que se de algum modo imaginasse com força suficiente, poderia voltar atrás no tempo e saberia como mantê-la aqui.

Aquilo é tudo angustiantemente familiar.

— Como é que parou?

— Não vais gostar da minha resposta, mas: o tempo. Permitir-me sentir os sentimentos. Deixar que os outros me apoiassem. Mas eis as boas notícias.

O professor Wilkens inclina-se para a frente na cadeira, entrelaça as mãos.

— A ferida sarou. A seu tempo, acabei por conseguir erguer-me e continuar. E voltei a encontrar o amor. Um amor verdadeiro e profundo que, sinceramente, acho que nunca seria capaz de sentir se não tivesse passado pelo que passei.

Os olhos dele são sinceros e penso na fotografia que vi da namorada dele. Ela era deslumbrante de uma forma algo inesperada — cabelo louro, maçãs do rosto altas, definitivamente uma antiga cheerleader. Lembro-me de a Nia e a Hayley a procurarem uma vez e de revirarem os olhos por ela ser tão «perfeita».

— Não percas a esperança, Ella. Há algo do outro lado desta dor, prometo. A vida poderá não ser o que esperavas ou desejavas, mas tem uma forma de te mostrar uma porta para um local melhor do que podias ter imaginado.

Há um momento de silêncio entre nós enquanto absorvo as palavras dele. O professor Wilkens tem o fervor de um adulto que implora a uma criança para aceitar a sua sabedoria. E não posso negar que a história dele me dá esperança. De que existe uma possibilidade de um dia não sentir que me falta metade do meu corpo e do meu coração.

A campainha toca e, com um suspiro, o professor Wilkens levanta-se.

— Peço desculpa, Ella. Não tinha intenção de te atrasar com um discurso sobre luto.

Abano a cabeça, seguindo-o para o corredor.

— Na verdade, não. Deu-me muito em que pensar.

Ele para à entrada do corredor principal, encostando-se contra a ombreira da porta enquanto os alunos transbordam para o corredor.

— Deixa-me escrever um recado rápido para o teu último professor e podes ir.

Fico pacientemente à espera enquanto ele escrevinha, quando o Scott se afasta do mar de alunos e se dirige para nós.

— A Ella e o professor Wilkens, os meus dois amigos favoritos do grupo de luto. Deixa-me adivinhar, Ella, tens estado aninhada na posição fetal no sofá do professor Wilkens, a ouvir uma playlist do Spotify que se chama «Não me pude despedir».

As palavras dele doem, aproximando-se demasiado da realidade.

— És um idiota — vocifero.

O professor Wilkens franze o sobrolho.

— Malta...

O Scott limita-se a semicerrar os olhos.

— Isso é o melhor que consegues fazer? Sabes, a Hayley teria dito... — Ele para, abanando a cabeça. — Sabes que mais? Não importa.

Mas ele tem a minha atenção; o nome dela ativa cada um dos meus nervos.

— O que teria dito a Hayley? — pergunto, tentando esconder quão ansiosa estou para ouvir até a *suposição* dele.

O Scott faz um sorriso presunçoso.

— Olha só para ti. Tão desesperada para ouvir uma treta inventada, para fingir que, por um instante, a terás de volta com uma nova frase. Queres mesmo saber o que a Hayley teria dito? Azar. Nunca saberás. Já ouvimos tudo o que ela alguma vez nos ia dizer. — Apenas por uma respiração, a cara dele cede, e por um instante inconcebível, parece que o Scott vai chorar. Mas depois os olhos dele brilham com crueldade. — Tu asseguraste-te disso, não foi, Ella?

As lágrimas picam os meus olhos. Mas antes que eu possa responder, o professor Wilkens intervém:

— Scott, já *chega*.

— *Credo*, olha para a tua cara! Nem sequer tem *piada*, é tão fácil picar-te. — O Scott ri-se, ignorando o olhar furioso do professor Wilkens.

— Sem dúvida que precisas seriamente de ajuda — acuso de dentes cerrados.

— E tu precisas *seriamente* de abrir a pestana. — O Scott dá-me uma pancadinha debaixo do queixo. — Obrigado pela gargalhada — diz ele, antes de seguir o seu caminho.

O professor Wilkens olha para mim, com os olhos cheios de preocupação.

— Estás bem? Não devias mesmo dar ouvidos a nada do que ele diz...

Mas eu não ouço o resto porque o Sawyer está do outro lado do corredor, a observar o Scott a afastar-se. E quando os olhos dele me encontram de novo, encolho-me com o que encontro neles: *fúria*.

Uma fúria alarmante e sombria.

Ouve-se o último toque. O Sawyer afasta-se depressa antes que eu possa apanhá-lo.

A única coisa no meu cérebro é uma única pergunta que martela a minha cabeça:

Porquê?

capítulo 15

ella

Passaram 24 horas e quatro mensagens sem resposta desde que o Sawyer disse alguma coisa. Oh, ele viu-as. Ali está aquela pequena palavra, Lida, no canto inferior de cada uma delas. E agora estou naquela posição humilhante de reler a cadeia patética de mensagens que enviei. Não há dúvida de que pareço, no mínimo, desesperada. Especialmente na última mensagem.

E

A Midna disse-me agora que
tem saudades tuas. E não é só
ela, *wink wink*

Porque é que enviei isto? Porquê?

Gemo, deitando a cabeça na secretária. Não consigo deixar de sacudir a perna, nem quando a Jackie Nevins, sentada ao meu lado, me olha furiosamente. Abro novamente as mensagens. E, *que surpresa*, nada de novo nos últimos dez segundos.

Não ouvi uma palavra do que o professor Moss disse a aula toda, quase não registei o anúncio feito a toda a escola pelos altifalantes a lembrar os alunos para não estacionarem na faixa dos autocarros e a

pedir voluntários para os turnos para a Feira do Outono dentro de duas semanas. Tudo o que me passa pela cabeça é *Se o Sawyer está zangado comigo, porquê? Porquê, porquê, porquê?* Suprimo outro gemido de humilhação. Tornei-me uma paródia de mim mesma. Eu e a Hayley costumávamos dizer que nunca deixaríamos que uma única pessoa e o seu «comportamento imbecil» (como lhe chamava a Hayley) ocupasse espaço nos nossos cérebros desta maneira. Ela fez-me prometer que se um rapaz alguma vez me tratasse como menos do que a rainha do universo, eu nunca deveria desperdiçar um pensamento nele.

E aqui estou eu, a ignorar todas as minhas aulas, a mandar mensagens ao Sawyer de seguida e disposta a fazer sabe Deus o que mais para compreender porque é que o Sawyer ficou não apenas frio, mas completamente gelado.

E ele nem sequer é «o teu namorado». Ele não te deve o estatuto de «rainha do universo».

Mas o que mudou? Ele sentiu-se... ameaçado? Pelo Scott?

É o Scott, pelo amor de Deus. Nem o Scott gosta do Scott.

O meu estômago fica apertado, com espasmos duplos de esperança frenética e desespero em guerra dentro de mim. Parece uma impossibilidade tão grande que o Sawyer pudesse gostar de mim o suficiente para ter ciúmes de quem quer que fosse. Seja como for, sinto que estou a ser castigada por perder um jogo que não sabia que estava a jogar e cujas regras nunca conheci. E qual é o meu crime? Estar junto à pessoa errada à hora errada? Talvez comunicar excessivamente?

A frustração salta no meu peito. Eu não fiz nada de mal.

O Sawyer fez.

Quando se ouve o último toque, sou a primeira a sair pela porta. Encontro o Sawyer no seu cacifo, a trocar livros com uma expressão carrancuda. Assim que o vejo, a chama na minha barriga acende-se. O cabelo dele está desgrenhado. A sua t-shirt está tão justa que consigo ver os músculos nos braços dele a mover-se e a fletir-se quando vasculha no cacifo.

Mas preciso de uma explicação — e ele terá de me dar uma. O Sawyer congela quando repara em mim, com a mão suspensa a meio do gesto de fechar o cacifo com um estrondo. O rosto dele continua

velado, não revelando nada.

Com o coração aos pulos, abro a boca.

— Eu...

O Sawyer fecha o cacifo e gira nos calcanhares, afastando-se rapidamente de mim.

Todas as minhas incertezas, inseguranças e mágoas fundem-se em algo quente e enraivecido. A raiva é boa. É algo que posso usar.

— Olha, Sawyer — digo —, se quiseses, posso fingir que não fizemos contacto visual. Mas isso não altera o facto de estares a agir como um otário.

O Sawyer fica rígido e, depois de alguns segundos de incerteza, decide enfrentar-me.

— O que se passa, Graham?

— O que se passa? — Fito-o, incrédula. — Primeiro, lanças-me um olhar fulminante no corredor, como se te tivesse pontapeado os tomates ou qualquer coisa, depois lêes as mensagens e não respondes e, a seguir, fazes contacto visual *intenso* antes de simplesmente virares costas. Como é, Sawyer?

Ele abre a boca, mas o telemóvel dele vibra, interrompendo-o. E embora estejamos a meio de uma conversa importante, ele tira-o e vê.

— A sério, Sawyer?

Ele não responde, completamente absorto pelo que está no ecrã do telemóvel. Quando o põe no bolso, parece mais stressado do que antes.

— Quem era, Sawyer? — pergunto, odiando soar como uma Jealous High School Girl™.

— Ninguém — diz ele, evitando os meus olhos.

A dor atravessa o meu corpo.

— Sawyer... porque é que não estás a ser honesto comigo?

Os olhos do Sawyer voam para os meus, semicerrando-se.

— Olha, estou a dizer-te a verdade. Nem sequer sei o que é contacto visual «intenso», lamento. Não te vi. Tenho muito em que pensar. — Ajeita a alça da mochila no ombro. — Não tive tempo para responder às tuas mensagens. E não tenho tempo para isto agora — murmura o Sawyer, girando novamente nos calcanhares.

— *Parvalhão* — espumo de raiva. — Pelo menos, olha-me nos olhos enquanto me mentes.

O Sawyer para de repente, com os ombros tensos. Por fim, olha-me nos olhos, com uma expressão fria.

— Então, não és *completamente* cobarde. — Uma parte de mim sente que está a ir demasiado longe. O resto de mim quer feri-lo pelo menos metade do que ele me feriu a mim. — Vá lá, diz-me: é uma coincidência total que me ignores depois de me veres com outro tipo no corredor?

Os olhos do Sawyer ficam tempestuosos. Ele olha para um lado e para o outro do corredor vazio, depois agarra no meu pulso e puxa-me para a sala de aulas vazia mais próxima e arrasta-me lá para dentro.

A porta bate e ficamos sozinhos no escuro.

— Alguma vez te passou pela cabeça, Graham, que nem tudo é sobre ti? — O Sawyer levanta a voz, a apertar-me ainda mais o pulso. — Que talvez tu não sejas a única a lidar com merdas?

— Oh, pobrezinho. Sim, Sawyer, chama-se *vida*. Claro que sei que tens merdas fora daqui, mas isso não é desculpa para te livrares de mim como lixo radioativo e depois fazeres-me gaslight em relação a isso.

— Livrar-me de ti como... *God*. — Solta-me o pulso, andando de um lado para o outro à minha frente. — Por que raio estou a ser interrogado? Porque não respondi às tuas mensagens no espaço de uma hora? Por que raio te devo uma explicação?

O Sawyer para mesmo à minha frente. Entra no meu espaço, encolhendo-o, com os olhos a arder.

— Não te devo nada. Porque tenho uma *novidade* para ti, Graham, eu não sou teu namorado. Nem nada que se pareça.

Recuo, como se tivesse sido atingida fisicamente. Preciso de várias tentativas para engolir o nó na minha garganta.

— Tens razão, Sawyer. Não és meu namorado. Graças a Deus. — Eu agarro na secretária atrás de mim, com as bordas a cravarem-se na palma da minha mão. — Graças a *Deus* que não és meu namorado porque mal somos amigos e ainda assim conseguiste fazer-me sentir uma merda. Parabéns! És o poço sem fundo que eu nem sabia que existia!

— Fantástico — rosna ele. — O sentimento é completamente mútuo!

— Magnífico! Então, apaga o meu número e desaparece da minha

vida.

— Com todo o prazer!

Viro as costas para a porta, dobrada sobre mim mesma, com uma mão contra o peito. *Ainda não, ainda não, espera até ele se ir embora.*

Ouçõ a maçaneta girar, a porta a abrir-se.

E uma pausa. Conto até três. A seguir, a porta fecha-se com uma delicadeza inesperada.

Irrompo num pranto dorido e furioso, com a cabeça a doer-me tanto que não consigo manter-me direita. Estou a tentar tanto não soluçar que quase não ouço o som de passos.

Uma mão cai no meu ombro, virando-me.

O Sawyer olha para mim e, antes de conseguir captar plenamente que ele não se chegou a ir embora, entra no meu espaço, mais próximo do que alguma vez esteve, com as mãos na minha cara e, de repente, a boca dele está na minha.

O Sawyer Hawkins está a beijar-me.

Está a beijar-me como se não houvesse amanhã.

O meu cérebro derrete-se. Atiro os braços à volta do pescoço dele e beijo-o de volta, pressionando toda a extensão do meu corpo contra ele. Ele geme na minha boca, um som que acende o meu corpo e respondo entrelaçando os dedos no cabelo dele. O Sawyer rosna, agarrando-me com as duas mãos e levantando-me para uma secretária próxima.

Põe-se entre as minhas coxas, sem nunca tirar os lábios dos meus.

Eu e o Sawyer beijamo-nos desesperadamente, confusamente, como se alguém nos fosse separar a qualquer momento. Abro a minha boca e ele geme, pressionando a sua língua contra a minha. Nunca beijei assim, nunca soube que beijar podia ser assim, que apenas lábios e dentes e língua podiam despertar uma tamanha fome. É quase assustador.

O meu corpo move-se sozinho, guiado por um instinto profundo que ignorara até então. Quando giro as ancas contra ele, o Sawyer arqueja, fechando os olhos com força e afastando-se.

— Não, volta para aqui — respiro, esticando a mão.

— Ella — diz ele, com a voz em ruínas. — Ella, o que estás a *fazer-me?*

Ele abre os olhos e pergunto-me se pareço tão desconcertada como

ele: com os olhos negros de necessidade, a cara corada, os lábios inchados. As mãos dele seguram as minhas, apertando com força, como se estivesse a tentar impedir-se de tocar em qualquer outra coisa.

— Sawyer. — Passo um dedo pelos lábios dele.

— Para. Eu não vou ser capaz de... *para* — implora ele, e vejo-o inclinar as ancas para a frente num movimento involuntário.

A tremer e a ofegar, ele planta as mãos na secretária de cada lado de mim, prendendo-me.

— Não devíamos — diz o Sawyer, enquanto pressiona a boca aberta contra o meu pescoço.

— Eu sei — expiro, arqueando-me para lhe dar mais acesso. Ele percorre a pele macia debaixo do meu maxilar com a língua e, quando eu gemo, as mãos dele encontram as minhas coxas.

— Não *podemos* — diz o Sawyer, afastando a minha t-shirt e mordendo-me o ombro nu. Eu contorço-me contra ele e o Sawyer pragueja, cravando os dedos nas minhas coxas.

— Eu sei — sussurro. Com uma ousadia que nunca conheci, deslizo os dedos para baixo da bainha da t-shirt dele, sedenta para sentir mais da sua pele nua. Deslizo as unhas pela planície dura do estômago dele, seguindo as depressões dos seus músculos, desejando poder vê-los, esperando que um dia ele me permita vê-los.

Os meus dedos encontram elástico e tecido e quando me apercebo, de forma estonteante, de que são os boxers dele, o ardor no topo das minhas coxas intensifica-se. Ponho o dedo do meio por baixo do elástico, percorrendo a borda, e o Sawyer afasta-se do meu ombro, com a mão a disparar para a minha, imobilizando-a. Ficamos ali sentados por um momento, com as testas coladas, a respiração ofegante.

— Eu sei — digo num arquejo. — Eu sei. Não podemos... não devíamos...

— Não quero saber. — O Sawyer desliza as mãos para o fundo das minhas costas e aperta-me contra ele. — Não quero saber, Ella.

Eu enrolo as pernas à volta da cintura dele, arqueando o corpo para outro beijo.

— *Merda*, como eu te quis. — As palavras dele estão quentes contra a minha boca.

— Por favor — imploro, agarrando na t-shirt dele com as duas mãos. O desejo inundou o meu cérebro, enchendo-o com nada, além de *mais, mais, mais*.

— *Merda* — é tudo o que o Sawyer consegue dizer antes de gemer na minha boca, com as palavras a dissolverem-se em beijos febris, até tudo o que resta ser a minha boca contra a boca do Sawyer, o sabor dos lábios dele e a constatação de que poderei nunca mais voltar a ser a mesma.

capítulo 16

sawyer

Era suposto ser só um beijo para tirar isto do meu sistema. Agora, parece ridículo, mas é verdade. Ontem, tive um choque de realidade quando a vi no corredor com o Scott e com o professor Wilkens. O acesso de raiva, a culpa imensa, a onda fria de medo... o transbordar de sentimentos... tudo me lembra de que eu devia fazer a coisa certa e dar um passo atrás. Odiei pensar nisso, mas também tive de me perguntar o que teria dito a Hayley se ainda estivesse aqui para testemunhar isto tudo.

Senti-me uma merda ao afastar-me da Ella, mas achei que era para o seu bem. E quase consegui. Tinha a mão na maçaneta, abri a porta, mas raios, não consegui que os meus pés se mexessem. E depois ouvi-a chorar e, antes de dar por isso, estava a virar-me e...

Enfim, não tinha a menor hipótese.

Nunca esperara que ela respondesse daquele modo. Que estivesse tão ávida. Tão carente. Nunca imaginei que ela se abrisse como uma flor debaixo de mim, agarrando-se a mim, implorando...

Continuo a passar a cena de ontem na cabeça, vezes sem conta. A Ella espantou-me. Sempre achei que ela era linda. Uma coisa doce, inocente e linda. Toda bons modos e 20 a tudo e educada. Eu sabia que ela só tinha tido um namorado e estava preparado para avançar devagar, de forma simples. Mas ela ficou imediatamente desesperada e, quem estou a querer enganar, eu também. As mãos dela eram

desajeitadas, os lábios moviam-se como se ela estivesse a aprender, mas sempre uma aluna ambiciosa, era rápida a assimilar. E, sinceramente, isso tornou as coisas melhores. Parecia uma prova de que o corpo dela era movido por necessidade pura.

Só consigo pensar nisso quando entro no ginásio. Estive ansioso por esta aula desde que cheguei à escola porque ali está ela, a sair do balneário das raparigas com a Seema. Ver as coxas nuas da Ella provoca coisas em mim, especialmente agora que eu sei qual é a sensação de as segurar com as minhas mãos.

Como se conseguisse ouvir os meus pensamentos, os olhos dela encontram os meus. Ela atira o seu longo cabelo brilhante por cima do ombro e dá-me um sorriso lento. Sou apanhado pela vontade de atravessar o ginásio, agarrar no rabo de cavalo dela com a minha mão e beijar-lhe o sorriso dos lábios.

Fecho os olhos com força e alongo o quadríceps. Forço-me a pensar no Diretor Cantrell, na maneira como o cuspido se junta nos cantos da boca dele e, sim, isso chega. A minha cabeça está novamente clara.

Hoje, é dia de trabalhar os braços, mas sinto uma grande vontade de fazer cardio. Digo a mim mesmo que dar voltas a correr também é importante. Não faz mal que passe pela Ella de vez em quando.

Ela prende o meu olhar da primeira vez que passo por ela a correr e faço-lhe um sorriso enviesado. Na segunda volta, uma bola de futebol voa na minha direção.

— Ups — diz a Ella, correndo até mim.

— É tua? — Passo-lhe a bola, mas quando ela a agarra, não a solto. — Falhaste o golo por um quilómetro. Precisas de dicas? — Puxo-a mais para perto.

— Na verdade, foi a única vez que consegui que uma bola de futebol fosse *exatamente* para onde eu queria.

Quando me rio, a minha voz já está irregular, rouca.

Fitamo-nos durante alguns segundos, ambos a segurar a bola.

O apito do treinador Cud quebra o nosso transe.

— Olha — digo, quando ela se afasta. — Encontramo-nos depois da escola?

Ela põe um fio de cabelo atrás da orelha.

— Está bem.

Quando me afasto a correr, ouço a voz da Seema ao longe:
— O que raio foi aquilo?

A Ella está encostada ao edifício de tijolo depois das aulas, a mandar mensagens no telemóvel. Quando olha para cima e me vê, os seus olhos brilham com um dourado intenso.

— Alguém de quem deva ter ciúmes? — digo, acenando para o telemóvel. Ela fica corada, um cor-de-rosa de satisfação, sorrindo para o ecrã enquanto acaba de escrever.

— Estou a dizer à mãe que vou passar a tarde toda com a Seema. A estudar.

Ergo as sobrancelhas.

— Quantas falsidades — murmuro. — Ora, ora, Miss Graham, é cheia de surpresas.

— Bem, o Mr. Hawkins é uma influência terrível. — Morde o lábio, subitamente tímida. — Queres sair daqui?

— Sim — digo roucamente. — Sim, quero.

Estou prestes a pegar-lhe na mão, mas recuo quando os olhos dela apontam pouco à vontade para a Nia e para a Beth, que conversam com o Dr. Cantrell perto da entrada. *Duh, Sawyer*. A última coisa de que precisamos é de alimentar a fábrica de boatos da Escola Secundária de North Davis, por isso, mantenho a minha distância enquanto caminhamos.

Mas assim que as portas do meu carro se fecham, longe de olhares indiscretos, eu e a Ella colidimos um no outro. A Ella agarra no colarinho da minha camisa e puxa-me para um beijo. Com um gemido, pressiono-a imediatamente contra mim. Ela puxa a minha camisa e suga o meu lábio inferior.

— Vais ter de parar com isso neste instante, Graham — digo, entredentes.

— Porquê? — A Ella inclina o queixo para cima, mordiscando o meu lábio.

— Eu continuo... eu continuo a querer levar as coisas com calma contigo... desfrutar de ti. — Digo isto enquanto lhe dou beijos ao longo do maxilar. Mas as mãos dela estão no meu cabelo e, quando me puxa as raízes, ataco a boca dela.

As coisas estão realmente a parecer descontroladas quando uma buzina sonora nos afasta em choque.

— Quem foi? — A Ella está ofegante e tem um ar apavorado.

Olho para o meu cotovelo.

— Eu — digo. — Quando me mexi para agarrar a tua coxa, buzinei.

Fitamo-nos durante alguns segundos, antes de nos desatarmos a rir. Mas esse riso morre abruptamente quando a Ella fica pálida e se encolhe no banco.

Sigo o olhar dela para uma carrinha branca de trabalho na ponta oposta do parque de estacionamento. Sean. Ele acena para um grupo de raparigas do 11.º ano, que dão risadinhas quando ele passa.

Eu agarro no volante.

— Ugh, aquele otário ainda trabalha aqui?

— Pois. Infelizmente. Vamos sair daqui. Por favor — diz ela, abanando a cabeça.

— Sim, vamos. — De repente, tenho vontade de nos pôr a milhares de quilómetros deste sítio. — Para onde? — Reajusto o banco e ligo a ignição.

Passado um momento, a Ella diz:

— Eu conheço um sítio. É um bocadinho longe.

Aponto para o ponteiro da gasolina.

— Atestei esta manhã.

— Vamos precisar de repelente.

Viro-me na direção dela.

— Repelente, Graham? Vais levar-me para o mato? — Penso imediatamente em aranhas-reclusas-castanhas, carraças e vespas e estremeço.

A Ella dá-me uma palmadinha na mão.

— Não te preocupes, eu mato qualquer aranha por ti.

Depois de uma ida de abastecimento ao Publix e de uma agradável hora e meia de carro, estaciono num parque de estacionamento vazio de terra batida ao fundo de uma montanha verdejante e coberta de árvores. Ficámos sem rede há uns 15 minutos e não vejo outro carro há algum tempo.

— Pronto, Graham, confessa lá. Trouxeste-me até aqui para me matar?

— Como é que adivinhaste? — Ri-se e dirige-se para a placa de madeira com um texto e imagens da vida selvagem. Há um mapa da montanha, com os trilhos todos indicados em cores e linhas diferentes. Leio em voz alta, enquanto a Ella tira uma foto do mapa com o telemóvel.

— Montanha Hemlock. Mil e seis metros. Vamos subir esta coisa?

— Claro. — A Ella arrasta o dedo pelo mapa.

Eu franzo o sobrolho para o mapa.

— Ya, estás a tentar matar-me.

— Estás a gozar comigo? — diz a Ella, abrindo a bagageira. — Corres milhões de quilómetros por dia. Para de ser bebé.

A Ella assume o comando, assegurando-se de que estamos cobertos de protetor solar e repelente. Atira as nossas águas para a sua mochila da escola.

— Eu levo — digo, tirando-lhe a mochila pesada.

— Podes ser um bebé, mas pelo menos continuas a ser um cavalheiro — diz a Ella. — És um cavalheiro-bebé.

— Prometo parar de me queixar se nunca mais me chamares isso.

Assim que pisamos o início do trilho, sinto algo a subir pela barriga da minha perna.

— *Aaahh!*

Afasto-me com um pulo para ver que era apenas a folha de um feto a roçar na minha pele.

A Ella está curvada a rir-se.

— Olha só para ti! Não fazia ideia de que eras um homem tão caseiro. Quer dizer, nós estávamos sempre a ir dar passeios às Cataratas de Amicalola e não eras tão assustadiço.

— Isso é diferente. Havia escadas de madeira, mesas de piquenique e uma casa de banho com autoclismo.

A cara dela entristece.

— Eu... eu pensei em irmos lá. É só porque...

Eu sei. *Era um dos sítios favoritos da Hayley.*

Uma pontada inconveniente de culpa trespassa-me. *Se ela soubesse, Sawyer, se ela soubesse...* Mas sei como lidar com isto. Enterrar. Ignorar. Passado um segundo, estou bem.

— Sabes que mais? — digo — Tens razão. Vamos experimentar algo novo. O novo pode ser bom. Indica o caminho.

Caminhamos num silêncio amigável durante algum tempo, envoltos num túnel verde de carvalhos e ulmeiros. O sol da tarde quase não consegue penetrar a densa cobertura de folhas e a luz dourada é cortada pelos ramos esticados. A humidade é mais mansa à sombra. O suor agarra-se à raiz dos cabelos, escorre pelo pescoço, mas a brisa mantém-me fresco e o ar tem um cheiro doce, a madressilva e cornizo. As cigarras zumbem, o vento faz sussurrar as folhas, os pássaros cantam. Mas são os sons que não ouço que começam a destacar-se.

Não há o rugido constante da estrada, não há carros, não há buzinas. Não há pessoas. Há apenas o som suave dos pés da Ella a estalarem no chão da floresta e os sons de uma montanha da Georgia numa tarde de verão.

Por um instante, deixo que algo dentro do meu peito se solte.

Olho para a Ella e o meu coração aquece. A cara dela está corada e feliz, de uma forma que não vejo há muito tempo.

— OK, eu percebo — digo.

— Sabia que sim — diz ela, encantada. Faz uma pequena dança e sobe aos pulinhos para um pequeno calhau. — A minha família costumava vir acampar para aqui muitas vezes quando era pequena. Havia uma montanha junto a um lago, em que entrávamos no Norte da Georgia. De manhã, era tão frio, que víamos a bruma a sair da água. O pai fazia-nos chocolate quente e ovos mexidos no seu fogãozinho de campismo. Trazia a sua guitarra e até a minha mãe cantava.

Inconscientemente, esfrego a minha cicatriz.

— Devia ser bom.

O rosto da Ella suaviza-se.

— Presumo que nunca tenhas ido acampar?

Demoro um segundo a responder.

— Não como tu. — Quando não elaboro, a Ella tem a delicadeza de não tentar sacar mais informação.

Durante algum tempo, o único som é o dos nossos passos, que estalam e trituram o chão da floresta. A seguir, o cume aparece do nada. Num minuto, estamos no nosso pequeno túnel íntimo na floresta; no seguinte, as árvores afastam-se, com uma cortina verde a revelar a atração principal, e estamos no cume da montanha.

— Caramba. — Faço uma respiração.

A Ella apenas suspira, com o rosto meigo e pacífico. Depois do claustro da floresta, a vista faz parecer que o mundo é infinito. Estendidas diante de nós, estão colinas ondulantes verdes e amarelas, tapetes de árvores e nuvens e céu.

— Podemos ficar aqui para sempre? Por favor? — sussurra a Ella, soando tão melancólica que o meu estômago dói.

Estamos lado a lado, por isso, não preciso de me esticar muito para roçar na mão dela com o dedo mindinho. A Ella sorri, entrelaçando o seu mindinho no meu.

— Claro, mas poderá ser difícil que a Amazon Prime faça entregas aqui — comento.

— Não faz mal. — Faz um gesto para a floresta. — Fazemos compras nas lojas locais.

Aceno com a cabeça.

— Gosto disso. Fresco, local, biológico.

A Ella põe-se de frente para mim, fechando as pálpebras.

— Onde vamos dormir?

Liberto uma lufada de ar, com a minha pulsação já acelerada. Como é que ela consegue ativar cada nervo do meu corpo apenas com três palavrinhas? Lanço um olhar em redor e encontro exatamente aquilo de que preciso. Deixando cair a mão dela, caminho até à pedra grande, baixa e plana o suficiente para me sentar. Faço de conta que estou a examiná-la.

— Isto parece-me razoavelmente confortável — digo. — Só há uma forma de ter a certeza. — Estico a mão. — Anda cá.

Quase não nos tocámos e o meu coração martela. Sento-me na rocha e puxo-a para o meu colo, sentada de lado.

— O que achas? — murmuro, beijando o pescoço dela.

— É bom — diz ela, com as pálpebras a estremecer. — Mas podia ser melhor. — Recua, passa uma perna para o outro lado e as coxas dela agora rodeiam-me. Afunda-se no meu colo e começa a deslizar para a frente.

— Espera — digo roucamente, travando-a com uma mão no joelho dela e a outra nos meus calções. Mas é uma causa perdida. Estou com calções de ginástica e, se ela se aproximar mais, conseguirá perceber precisamente como me afeta. Como, se for honesto, me tem afetado o

dia todo.

— O que se passa? — sussurra a Ella.

— É... — Aclaro a garganta, embaraçado. — Ontem, estava a usar calças de ganga. Não sei se percebeste nessa altura, mas... não consigo esconder *exatamente* o quanto tu...

Os olhos dourados da Ella ficam muito abertos.

— *Oh* — diz ela, antes de deslizar para a frente e girar as ancas contra mim.

— *Merda* — gemo, enquanto nos agarramos um ao outro. Ela prende o meu cabelo com a boca aberta pressionada contra a minha testa, arfando enquanto se mexe maravilhosamente contra mim.

— *God*, Ella. Passei o dia todo assim.

— O dia todo... — As palavras flutuam dela num gemido.

Seguro-lhe na cara, trago a boca dela até à minha e os nossos lábios movem-se um contra o outro. Dentro da boca dela, a minha língua segue o mesmo ritmo que as suas ancas. Tenho uma mão no bolso de trás das calças de ganga dela, o meu toque firme a guiar o seu ritmo. Tiro o elástico do cabelo dela com outra mão e entrelaço os dedos no seu cabelo húmido de suor.

— Isto é okay? Como te sentes? — pergunto roucamente contra a boca dela.

— Bem. Por favor. Não pares. — Começa a respirar mais depressa, a arfar, o seu queixo descontraído, e os olhos muito fechados.

Com uma enorme frustração, as minhas mãos disparam para as ancas dela, agarrando-a com força suficiente para a parar.

— Porquê? — reclama, com as sobrancelhas franzidas e uma expressão de dor.

— Lamento muito — consigo dizer, beijando o maxilar dela. — Digamos apenas que... preciso de um momento. E acho que agora fiquei obcecado pelo ar livre.

A Ella deixa escapar um riso rouco.

— Estou a falar a sério. Sou um homem mudado. — Afasto uma mecha de cabelo do rosto dela, toco-lhe nos lábios inchados. — Eu compenso-te. Juro.

A Ella baixa a cabeça e arrasta os lábios contra a minha boca.

— Prometes, Sawyer?

— O que quiseres, Ella.

É aterrador porque, neste momento, é sentido. Ela podia pedir-me para cortar o meu próprio dedo e neste momento eu faria isso, apenas para a ter mais três minutos no colo.

Enquanto me afundo mais uma vez no beijo dela, o resto do mundo desaparece de novo. Nada importa, exceto ela estar enrolada à volta do meu corpo, com a língua na minha boca.

Nada importa, exceto ela.

capítulo 17

ella

-Eles são animais, completos animais! — indigna-se a Seema, inclinando-se para apanhar as boias de natação espalhadas na beira da piscina. — Tipo, estás a gozar comigo? — Ela franze o sobrolho para uma fileira de arbustos plantada na beira do portão. — Porquê? Porquê aqui? Quem? — Estica a mão para os arbustos, vasculhando e depois solta um guincho.

Dou um salto.

— O que foi?

Ela faz um som de vômito.

— Não é uma das boias das crianças, é uma fralda muito colorida e cheia. Ugh, deem-me antes merda de cão. — A Seema fica imóvel, virando-se para mim. — Ei, estás bem?

— Sim. — Sento-me numa cadeira que devia estar a empilhar. — Por que motivo não estaria?

— Bem, para *começar* — a Seema marcha para o lavatório exterior e lava as mãos com uma violência impressionante —, não estás *suficientemente* horrorizada por mim. — Limpa as mãos ao seu fato. — E depois, estás muito calada para o meu gosto, esta noite.

— Eu sou sempre calada.

A Seema deixa-se cair ao meu lado.

— Não é verdade. — Empurra o meu ombro com o dela. — O que se passa?

Bato com o pé na superfície da água, e as ondas que se formam brilham a azul-claro na escuridão da noite que se aproxima.

— Foi um dia longo. Estou supercansada. — É quase verdade.

A Seema ergue uma das suas sobrancelhas escuras.

— OK, está bem. Tivemos muitos miúdos a tentarem armar-se em valentes. E depois aquele tipo que conseguiste convencer que não podia comer o seu balde de KFC na piscina das crianças. Muito impressionante, já agora. — Ela franze o sobrolho. — Lembra-me de dizer ao Kyle para o pôr na lista dos banidos.

Faço oitos com o dedo grande do pé na superfície da água.

— Lembras-te do nosso aperto de mão secreto? — pergunto.

— Caraaaamba, que cena obscura. — A Seema bate os pés com força na piscina, salpicando água num arco impressionante. Observa os salpicos, desviando o olhar de mim. — Claro que me lembro — diz baixinho.

Eu estico a palma da mão e a mão dela dispara, agarrando-a de imediato. Como se estivéssemos de volta à quarta classe, os nossos dedos entrelaçam-se, agitam-se, giram à volta uns dos outros na complicada dança sincronizada que inventámos. Termina com os nossos dedos médios bem entrelaçados.

— Se não consegues manter o bico calado, levas um chuto no rabo — cantamos em uníssono.

— Execução perfeita. Escrita péssima. — A voz dela fica mais meiga quando me fita nos olhos. — Também te lembraste.

— Sim, parece que sim. — Tento não soar surpreendida. Passado um momento, aclaro a garganta. — OK, juraste segredo. — Não posso olhar para ela nesta parte. — Então. Sabes... o Sawyer Hawkins?

— Eu *sabia*, raios! — A Seema dá pontapés duplos na piscina. — Quando estavam os dois a segurar naquela bola, era, tipo, obviamente uma metáfora.

Resisto à vontade de deslizar para a piscina e de me deixar ir para o fundo.

— Então, andam a comer-se?

Empurro o ombro da Seema com força.

— O quê? Claro que não!

— Ugh, que seca. Então, o que é *fizeram*?

Eu enterro a cara nas mãos.

— Demasiado, Seema. Mesmo demasiado.

Quando sinto a Seema dar-me palmadinhas no ombro, sorrio para as minhas mãos, surpreendida.

— Porque é que és tão dura contigo própria? — pergunta com delicadeza.

Eu suspiro.

— Não sei se te lembras deste pormenor extremamente importante, Seema. Mas o Sawyer está... ou *estava*... muito apaixonado pela Hayley, a minha melhor amiga no mundo...

A Seema fica tensa, precisamente quando uma voz ressoa atrás de nós.

— Mas que raio estão a fazer aqui?

Eu e a Seema viramo-nos para encontrar o Angus, o contínuo da noite do Y, a olhar-nos, furioso, e a segurar a esfregona ameaçadoramente com as duas mãos.

Pomo-nos de pé rapidamente, enquanto ele continua numa gritaria.

— Não sabem que já passa da hora de fecho? O meu trabalho já é suficientemente difícil sem vos ter às duas aqui, como se isto fosse a vossa piscina privada.

— Lamentamos muito, Angus — digo, pegando nas minhas coisas, enquanto a Seema revira os olhos.

— Deixem-me adivinhar. Ainda têm de fazer todas as vossas coisas de rapariga no balneário feminino? Veem, é por isto que os rapazes são mais fáceis. Se eu mandasse, só tinha homens a trabalhar aqui. Entrava e saía num instante. — O Angus bate com a base da esfregona no chão de azulejos, à frente das portas dos balneários.

— Tem toda a razão, Angus — diz a Seema, parecendo sincera. Lanço-lhe um olhar cético e ela pisca-me o olho depressa. — Lamento muito. Sei que causamos um grande transtorno com as nossas emoções e os nossos períodos. Sinto-me mal. — Aponta para os arbustos, onde deixou a fralda suja. — Um tipo deixou cair a carteira ali atrás e o vento fez voar as notas e as coisas dele para os arbustos, mas dava demasiado trabalho. Só para saber.

Os olhos do Angus iluminam-se.

— Veem o que eu quero dizer? Preguiçosas, preguiçosas. Deixem, eu trato dos vossos problemas, como sempre.

Eu e a Seema corremos para o balneário, contendo o riso.

— Isso foi *tão maldoso*, Seema. — Irrompo em gargalhadas assim que ele já não nos ouve.

— Pff, tu ouviste-o! Mereceu. — Ela não consegue impedir que o seu riso de crocodilo aumente.

Ouvimos um rugido zangado a ecoar da zona da piscina.

— Oh, Deus, despacha-te, ele vai matar-nos. — Entro em pânico, lutando para vestir as calças ainda mais depressa.

A Seema espera até estarmos no parque de estacionamento antes de voltar a falar.

— Sabes, Ella — diz lentamente —, *tu* eras a minha melhor amiga no mundo inteiro.

Paramos as duas de andar. Ela vira-se para mim.

— Passei muito tempo a perguntar-me o que tinha feito errado. — Os olhos da Seema estão tão sinceros. Tenho dificuldade em fitá-los.

— Nada. Não fizeste nada errado. — Ajeito o peso da mochila no meu ombro.

A boca da Seema contorce-se. Ela pontapeia o chão.

— Então... porquê?

Quero dizer, *Porquê o quê? Não sei do que estás a falar. Nunca deixámos de ser amigas.*

Mas ela merece melhor do que a minha cobardia. Muito melhor do que isso.

— Estou a falar a sério. Não fizeste nada errado. A Hayley era uma... *força* e tanto, mesmo quando éramos miúdas. A princípio, só batia nos rapazes que eram maus para mim no recreio. Depois, a mãe dela começou a deixá-la em nossa casa nas tardes de sexta-feira. E a minha família adorava-a, por isso, ela simplesmente *ficava* o fim de semana todo...

A Seema olha para mim fixamente. As cigarras clamam, com a noite a pulsar com calor húmido e chamados de insetos. Ela não o diz, mas sei o que está a pensar. Que tudo isto soa a uma grande desculpa esfarrapada.

E tem razão.

Tapo os olhos com a mão.

— Seema, eu sou mesmo uma idiota. Tu também eras uma das minhas melhores amigas no mundo inteiro. Lamento. Lamento mesmo,

mesmo muito. Nunca, mas nunca quis pôr-te de lado. — Deixo cair a mão, encaro os olhos da Seema. — Sou uma porcaria de amiga. — A minha respiração fica presa. — Eu não, hum... eu não te merecia. Talvez ainda não mereça.

A Seema esgravata a unha do polegar.

— Sabes, pedi aos meus pais para a festa do meu décimo aniversário ser no Six Flags. Eles obrigaram-me a fazer tarefas tresloucadas em casa durante um mês, mas... — encolhe os ombros — deixaram-me.

Inclino a cabeça para ela.

— Costumavas odiar o Six Flags.

A Seema atira as mãos para o ar, em exasperação.

— Eu *ainda* odeio o Six Flags! Quer dizer, é do estilo, *Oh, sim, deixem-me pagar tanto dinheiro para me submeter sistematicamente a uma tortura corporal extrema sem parar.*

— Chamam-se montanhas-russas, Seema.

— Deviam chamar-se máquinas de *olha, vamos ver qual é a sensação de quase morrer!* Embora admita que não soe tão bem. — Ela baixa as mãos e fica calada, séria. — Odeio parques temáticos agora e odiava-os antes. — A Seema olha para mim. — Mas tu não.

É como um murro no estômago. Um que mereço, definitivamente.

— Seema, eu não sabia... eu estou mesmo, mesmo...

A Seema suspira.

— Está tudo bem. Quero dizer, está tudo bem *agora*. Na altura, não. Compensei emocionalmente com *muitas* faturas naquele dia. Estamos a falar de, tipo, dois dígitos. Estou bastante certa de que assustei os meus pais. — Balança os braços durante um momento, mordendo o lábio. — Na verdade, eu não te culpei. Culpei a Hayley. Tudo o que eu queria era que ela desaparecesse.

A Seema olha para mim e, por um instante, vejo tudo. Os ciúmes, a mágoa, a confusão, a fúria: o coração partido e exposto de uma Seema de 10 anos. É tão potente que me dá um arrepio na espinha.

Mas os remorsos substituem-no instantaneamente.

— Claro que podes imaginar quão horrível me senti quando... enfim, tu sabes, depois deste verão. E depois vi-te naquele primeiro dia de aulas. Parecias um veado bebé na toca de um leão.

Isso é tão parecido com algo que a Hayley diria, que sinto um

impulso repentino de atirar os braços à volta do pescoço da Seema.

— Partiu-me o coração. Achei que estava na altura de ver como andava a minha velha companheira de karaoke.

Eu gemo.

— Diz-me que já não tens aquelas gravações.

— Olha, lembra-te apenas disto. Se alguma vez quiseses largar-me de novo, eu tenho a *Bohemian Rhapsody*. A versão da Ella.

Abano a cabeça, a estremecer.

— Não. O mundo nunca poderá saber.

A Seema faz um sorriso tão vulnerável e torto que eu atiro mesmo os braços à volta dela, motivada por uma onda de afeto. Ela abraça-me de volta, com mais força do que esperava.

— Desculpa mais uma vez. Tens sido uma espécie de salvação nestas últimas semanas — digo suavemente.

— Eu sei — diz ela —, sou a maior.

Afastamo-nos, aclarando as gargantas. A Seema olha para o caminho até à paragem de autocarro e olha para mim.

— Não vais de autocarro agora. — Ela carrega num botão do porta-chaves e as luzes do carro dela piscam com um chilo. — Deixa-me levar-te a casa.

— Não vou discutir contigo — digo com gratidão.

Mas antes de entrarmos, a Seema trava-me.

— Só para que saibas, não és uma porcaria de amiga. Não eras antes e não és agora. Na verdade, estou a dever-te uma. Se não fosses tu, não tinha encontrado o meu trabalho de sonho. — Ela bate no capô do carro e desliza para o lugar do condutor.

— Fico contente em ajudar, mas... como exatamente...

A Seema está a mexer no rádio e a estática aparece e desaparece.

— Bem, ajudaste indiretamente. Sabes, a Seema Bebé era um pouco melodramática e levou o fim da nossa amizade muito a sério. Desabafou as suas mágoas num diário *sem* cadeado, um grande erro, e, numa reunião familiar, o meu primo mais velho, o Dev, que é um excelente beatboxer, mas um humano terrível, apareceu e fez uma leitura dramática das minhas entradas mais recentes. «Queridíssimo Diário, a Ella não me acenou no corredor. Estou destróçada. Desolada, sem consolo.» Estou a parafrasear, obviamente.

Não consigo encontrar palavras.

— Seema. Isso é horrível. Desc...

— Espera, foi hilariante. — Ela faz uma pausa. — Pelo menos, passado um tempo. Mas os meus pais tiveram pena suficiente de mim para me deixarem escolher um cachorrinho do canil. Depois disso, apaixonei-me perdidamente por animais, percebi que queria cuidar deles e sabes o resto. Além disso, todas as tias e tios naquela sala trucidaram o Dev naquela noite. A minha *nani* não parou de o insultar até ele sair da sala.

Sem querer, desato a rir-me.

— Isso... é muito, Seema.

— É a vida, querida. — Ela liga o carro. — A questão é, tu não és uma porcaria de amiga.

— Isso é questionável — resmungo, a pensar em mim e no Sawyer no topo da Montanha Hemlock.

Ela abana a cabeça.

— Independentemente do que andes a fazer com o Sawyer.

Ouvi-la dizer o nome dele para-me o coração. Ela vê-o no meu rosto, revira os olhos, tirando a marcha-atrás.

— Estou a falar a sério, Ella — diz. — A Hayley adorava-te. Obviamente. Ela ia querer que estivesses feliz. Não é como se estivesses a roubá-lo enquanto ela namora ativamente com ele.

Estremeço enquanto ela sai do parque de estacionamento.

— Mas... há, tipo, um código de amigas, sabes? Nunca namorar com o ex de uma amiga...

— Oh, deixa-te disso, chefe! — A Seema bate no volante. — A Hayley era uma tipa com a mente aberta. Achas que ela ia acreditar numa cena dessas? Em primeiro lugar, não é um cenário típico. Não estás a roubá-lo; ela não continua a gostar dele. Em segundo, não achas que, mesmo que ela ainda cá estivesse, se ela visse que tu e o Sawyer eram mais felizes juntos, que não acabaria por querer isso? Que a melhor amiga fosse feliz?

Remexo no colar da Hayley na minha garganta. Quer dizer, é verdade. A Hayley não era tradicional em nenhum sentido da palavra. Provavelmente pensaria que a regra de «nunca namorar com o ex de uma amiga» fosse patriarcal, uma tentativa de pôr as mulheres umas contra as outras para não repararmos que estavam a baixar o teto de vidro^[1]. Esse pensamento faz-me sorrir.

— Talvez tenhas razão — digo lentamente. — E talvez um dia acredite em ti.

— Acredita em mim agora, Ella — diz a Seema. — A vida é demasiado curta. E o Sawyer é demasiado hot.

A Seema deixa-me em casa, lembrando-me de novo para parar de me martirizar. Depois de lavar os dentes, lavar a cara e de me arrastar para o quarto, todo o peso do dia cai em cima de mim. Mudo para as minhas roupas de dormir — calções de seda e um top de alças — e aninho-me na cama.

A minha cabeça bate na almofada quando ouço um som vindo do meu armário.

— Sai daí, Midna — resmungo, virando-me. Mas depois lembro-me de que a vi lá em baixo quando entrei, a dormir numa cadeira.

Não é ela que está no armário.

Sento-me com um arquejo e imediatamente vejo os olhos frios e inexpressivos do Sean na minha mente. A minha boca fica seca, o meu coração bate contra as minhas costelas.

Precisamente quando atiro os cobertores para trás e abro a boca para gritar, uma figura lança-se do armário e uma mão grande tapa a minha boca.

#

[1] Teto de vidro é uma metáfora usada para representar a barreira invisível que dificulta que as mulheres ascendam nas carreiras profissionais. *[N. E.]*

capítulo 18

ella

-**S**hhh, Graham, queres que nos apanhem? — A voz é familiar. Faço várias inspirações profundas, levantando a mão para cobrir os dedos sobre a minha boca. Uma cara aparece na escuridão, enquanto os meus olhos se ajustam: olhos escuros e afetuosos e um sorriso sinuoso.

A mão desliza da minha boca para segurar o meu maxilar.

— Sawyer? — sussurro, com o coração ainda aos pulos.

— Desculpa — murmura ele, desviando os cabelos da minha bochecha —, não queria assustar-te.

— Não acredito que estejas aqui. Como é que tu...? Quando é que tu...? — Pressiono as palmas das mãos no peito dele, sentindo os seus músculos firmes e quentes.

Ele aponta com a cabeça para a janela, mantendo os seus olhos ardentes em mim.

— Acho que devias mesmo trancar aquilo. Foi fácil subir pela treliça ali fora. O mais difícil foi adivinhar qual era o teu quarto.

— A tranca está avariada — digo, com o corpo a responder ao calor dele, à memória das suas mãos. As palmas das minhas mãos deslizam por ele. Está a usar uma t-shirt e calções de desporto. Ele cheira demasiado bem. A água-de-colónia e sol. — Porque é que estás aqui?

— Porque é que achas, Graham? — Roça os lábios na minha testa.

— Não conseguia esperar até amanhã para te ver.

As palavras dele vibram abaixo do meu estômago, acima das minhas coxas.

— E agora estás no meu quarto.

Mesmo no escuro, consigo ver os olhos do Sawyer ficarem ávidos. Desliza as mãos da minha cara, pelo pescoço e até aos meus ombros. Ele congela e afasta-se.

— God — geme. — Usas isto para dormir?

Um músculo estremece no maxilar dele, enquanto brinca com a alça frágil do meu top. A minha respiração fica presa quando ele passa um dedo por onde os meus calções de dormir acabam, quase no topo das minhas coxas.

— Deves ter frio. — Ele já começa a soar perdido.

— Nem por isso — respiro, a tremer.

O Sawyer lança um olhar lento e sensual pelo meu corpo. Faz uma pausa para fixar o meu peito. A minha pele contrai-se quando me lembro de que não estou a usar sutiã.

— Tens frio agora? — pergunta o Sawyer com a voz rouca.

— Sinto que estou em chamas — sussurro. Engulo o gemido dele enquanto o puxo para baixo para o colchão, com o seu corpo estendido em cima de mim.

O Sawyer beija-me e eu cravo as unhas nas costas dele, frustrada pela t-shirt. As mãos dele mergulham para trás de mim, descendo pelas minhas costas e segurando o meu rabo. Aperta com força, puxando-me para mais perto, fazendo-me rolar contra ele.

Quando sinto o quanto ele me quer, gemo. O Sawyer põe uma mão sobre a minha boca, a arfar.

— Ella — geme. — Shhh.

Mantendo a mão na minha boca, inclina-se para baixo, lambe o lóbulo da minha orelha. Faço um som estrangulado na minha garganta, arqueando-me para cima.

— Vês, é isso que eu estou a dizer — sussurra ele, lambendo a concha da minha orelha. — Fica quietinha para mim, Ella.

Mordo o meu lábio com força, tremendo de necessidade, querendo mais do que tudo fazer exatamente o que o Sawyer quer. Ele lança-me um sorriso voraz, movendo as mãos para os meus pulsos, prendendo-me.

Eu arquejo. É exatamente como eu imaginei, mas melhor. Tão, tão melhor.

O Sawyer inclina-se para baixo, cravando um beijo delicado no meu pescoço. E depois outro. E outro. Eu arrepio-me debaixo dele, fecho os olhos.

— Muito bem — diz ele contra o meu maxilar. Depois, fixa-se na junção do pescoço com o ombro, lambendo, chupando, mordendo. Quero gritar o nome dele, gemer com todo o meu corpo.

Mas não o faço. Mesmo quando ele lambe a extensão do meu pescoço, com a sua língua quente a enviar choques elétricos por todo o meu corpo, eu mordo o lábio com tanta força que sinto sangue na boca. O meu coração martela contra o peito e eu contorço-me por baixo dele, com tudo dentro de mim a arder e a desejar, mas mantenho a boca fechada.

— Linda menina.

Quase me derreto apenas com as palavras dele. Enrolo as minhas pernas à sua volta e giro as ancas para cima. A boca dele abre-se, as pálpebras estremecem. Tiro as mãos do seu aperto mais ténue e deslizo-as para baixo da t-shirt dele.

— Tira isto — sussurro. Há um momento em que ele parece perdido, como se me desse o mundo se eu pedisse, mas depois o sorriso volta ao seu rosto.

— De certeza que consegues aguentar?

Eu giro as ancas contra ele, com faíscas a voar nos pontos em que os nossos corpos estão pressionados um contra o outro e ele fecha os olhos com força, com o sorriso a desaparecer. Puxo-lhe a t-shirt para cima e, com os olhos muito abertos, ele ajuda-me.

Um Sawyer Hawkins de tronco nu é uma visão atordoante.

Engulo em seco, contornando a forma dos seus músculos, arrastando um dedo pela superfície lisa dos seus abdominais.

— És inacreditavelmente atraente. — Suspiro, sem me aperceber de que o disse em voz alta.

— Nada comparado contigo. — Ele respira, mergulhando para a frente para apanhar de novo a minha boca.

Movemo-nos desesperadamente um contra o outro, engolindo os sons um do outro, com o delicioso vai-e-vem entre nós. Passo os dedos pelo cabelo dele e, quando ele agarra nas minhas coxas, puxando-me

contra ele, agarro as raízes com força. Neste momento, ele geme na minha boca, segurando bem no meu rabo. Sabe tão bem que cravo as unhas nas costas dele, com força.

— God. — Ele afasta-se. — Isso, hum... isso é demasiado bom. — As sobancelhas dele estão vincadas de desejo e parece tão perdido, tão desorientado, que isso desperta uma necessidade dentro de mim de que nunca soube que era capaz. Quero levá-lo além dos seus limites.

— Tira o meu top — sussurro, com o peito a subir e a descer por baixo dele.

Ele fica imóvel, com os olhos esbugalhados. Vejo a garganta do Sawyer mover-se quando engole com força, com os olhos a arrastarem-se avidamente para cima e para baixo do meu tronco.

Ele fecha os olhos com força.

— Ella — geme ele, como se estivesse em agonia. — Isso.... não é uma boa ideia.

Roço as ancas contra ele e os seus olhos abrem-se novamente de rompante.

— Porquê? — arquejo, e é a minha vez de sorrir.

O Sawyer paira sobre mim, a pestanejar, inseguro, desesperado.

E eu não consigo evitar. A única coisa no meu cérebro é uma nuvem densa e escaldante de necessidade. Todo o meu corpo vibra. O Sawyer olha para mim como se nunca mais quisesse voltar a olhar para mais nada.

As minhas mãos disparam para a bacia do meu top. O Sawyer emite um som abafado na garganta.

Puxo o top para cima e tiro-o.

Com um gemido estrangulado, a boca do Sawyer vai imediatamente para o meu peito nu. Arqueio-me contra a sua língua que rodopia, contra as mordidelas dos seus dentes.

— Perfeita. *God* — murmura ele, quase para si próprio.

Nunca soube que existia um prazer assim.

Nunca mais conseguirei deitar-me nesta cama e pensar noutra coisa.

— Sawyer — respiro, a tremer. — Sawyer, só há dois pedaços de tecido entre nós. Tira-os e podias simplesmente... podíamos simplesmente...

— *Merda* — diz, numa voz abafada e as suas mãos movem-se para

o meu peito, para o meu estômago nu e para baixo do elástico dos meus calções.

Quando a mão dele desliza entre as minhas coxas, paro de respirar.

E ele também.

Ergue a cabeça e olha para mim em choque.

— Ella — geme. — És tão incrivelmente lin...

O som de passos pesados fora da minha porta faz com que nos afastemos. O feitiço estonteante é quebrado. O Sawyer rola silenciosamente para fora da cama e agacha-se no chão enquanto os passos fazem uma pausa durante alguns segundos intermináveis.

Os passos continuam a avançar pelo corredor, acabando por se dissipar.

Parece que uma bigorna caiu pelo teto, estilhaçando tudo entre nós. Puxo o cobertor para me tapar, enquanto o Sawyer se contorce para entrar na t-shirt.

Ambos ainda a arfar, fitamo-nos sem dizer uma palavra durante alguns segundos. O que raio estava eu a pensar?

— Provavelmente foi pelo melhor — sussurro.

O Sawyer passa uma mão pelo cabelo.

— Pois. Sim, provavelmente tens razão. Tenho de ir andando de qualquer modo. — Ele move-se em silêncio pelo quarto, mas quando chega à janela, faz uma pausa.

Estou prestes a perguntar o que se passa, quando ele avança depressa para mim, agarra na minha cara e me beija com força. Antes que eu o possa puxar de volta para a cama, ele afasta-se.

— Eu só... — O Sawyer fecha os olhos com força. — Vemo-nos amanhã.

Como se tivesse medo de mudar de ideias, ele move-se rapidamente e sai pela janela antes de eu dar por isso, deixando-me sem fôlego, confusa e sozinha.

Nunca me senti assim na minha vida. É sempre assim?

Daria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para falar com a Hayley agora. Ela dir-me-ia. Ela saberia.

Sinto um formigueiro na pele quando me apercebo. Posso não conseguir falar com a Hayley.

Mas posso ouvi-la. E preciso de sabedoria, agora mais do que

nunca.

Estico a mão para baixo da cama, puxo a minha mochila e tiro o diário.

Só mais uma vez, penso e levanto a capa.

capítulo 19

diário da hayley

Eu ainda o amo. Amo mesmo.

O que é sequer o amor, certo? Pode significar coisas diferentes e..., quer dizer, de certeza que a Phoebe amou o meu pai uma vez. Sim, tornou-se feio e bruto e graças a Deus que já não sei onde raio ele anda...

Por que outro motivo haveria aquelas frases, *na alegria e na tristeza, na saúde e na doença? São frases de um voto de casamento, certo? Não sei, não sei.*

A E saberia. Mas... não entenderia isto. Os pais dela têm um casamento feliz, sabe Deus há quanto tempo. Ela não compreenderia que, às vezes... às vezes, o amor tem desafios.

Da primeira vez que o S sentiu ciúmes, na verdade, fiquei radiante.

Estava a usar aquele vestido vermelho que eu adoro, aquele que aperta no pescoço e deixa os ombros à mostra. O S adora beijar os meus ombros nus. Disse que parecia que o vestido tinha sido feito para ele e, surpreendentemente, eu concordei. Soube-me bem que ele me quisesse assim tanto. Que um pequeno fragmento da minha pele toldasse os olhos dele daquela maneira e que me puxasse para os seus braços.

Estava junto ao meu cacifo, entre aulas, quando dois tipos da equipa de futebol passaram por mim. Já os vi antes, quando jogam em casa e eu treino sozinha na pista, fora da temporada. Não sei os

nomes deles, mas já sorrimos uns para os outros de passagem.

Acabara de fechar o meu cacifo quando ouvi um assobio atrás de mim. Os dois tipos iam a passar e deram-me um olhar de aprovação.

— Belo vestido. O vermelho é definitivamente a tua cor — disse um deles, a sorrir.

— Não o usei para ti, palerma — trocei, atirando o cabelo sobre o ombro. Virei-me e vi o S ao fundo do corredor, com os braços cruzados, a observar-me. O olhar dele! Credo, quando ele olha para mim com aquela intensidade, quase me derreto instantaneamente.

Mordi o lábio, caminhando pelo corredor, com a intenção de passar por ele. Foi a meio do dia, por isso, não tínhamos tempo para muito mais além de fazermos olhinhos um para o outro, com promessas silenciosas para mais tarde. Por isso, imagine-se a minha surpresa quando, assim que me aproximei dele, me agarrou no pulso, puxando-me para uma sala de aula vazia.

— O que estás a fazer? O professor Todd vai matar-me se me atrasar de novo. — Ele não respondeu, trancando a porta da sala. Apesar de estar perplexa, o meu sangue já fervia, a minha pele estava tensa com a antecipação.

Fez-me girar, agarrando-me, com as mãos bruscas de necessidade. Levantou-me e sentou-me numa secretária próxima.

— Gostaste? — rosnou contra a minha boca. — Diz-me.

— Do quê? — Já me tinha esquecido dos rapazes no corredor.

— Não te faças de parva. Sabes bem do quê. — Ele apertou as minhas coxas com tanta força, que me cortou a respiração. — Aqueles gajos. Quando assobiaram para ti.

A minha cabeça caiu para trás com um gemido enquanto passava a língua pela minha garganta.

— Não quero saber deles.

— Olha, mas eles querem saber de ti. — As mãos do S deslizaram pelo meu vestido acima, movendo-se possessivamente sobre o meu corpo. — Da próxima vez, manda-os bugiar. Diz-lhes que tens namorado.

À medida que os dedos dele se moviam contra o meu corpo, tornou-se mais difícil falar.

— Espera — respirei. — Estás com ciúmes? De mim?

Com um gemido, mordeu o meu ombro. Os meus dedos dos pés começaram a dobrar-se.

— Não uses mais este vestido na escola —disse, com voz rouca. — Usa-o para mim e só para mim.

Eu fechei os olhos com força, com a cabeça tonta com a tensão lenta do meu corpo, com a antecipação.

— Mas eu... eu gosto deste... vestido. — Estava a ser mais difícil concentrar-me.

— Então, podes usá-lo para mim.

— Mmm. — Mordi o lábio com as minhas coxas a apertarem a mão dele.

Os dedos dele pararam.

— O que foi? — gritei em frustração. — Não pares. Por favor.

— Diz. — A voz dele estava tão crua, tão sombria, que abri os olhos.

Nunca o vira com aquela expressão. Ameaçador, intenso, furioso. O meu coração saltou uma batida.

— Não o usarei em mais lado nenhum. Só para ti — sussurrei.

O S lançou-se para a frente, prendendo-se ao meu ombro nu, mordendo-o e sugando-o furiosamente. Os dedos dele voltaram a mover-se, mais depressa do que nunca e ele teve de tapar a minha boca porque, quando as estrelas explodiram atrás dos meus olhos, com faíscas a choverem de dentro de mim, quase gritei.

Antes de sairmos da sala de aula, o S puxou-me para os braços dele, mordendo o meu maxilar com força.

— Minha — rosnou, antes de me soltar e de sair da sala.

Levei uma mão à minha bochecha quente, passei um dedo pelo cabelo, a tentar abrandar a minha respiração.

Mais tarde, quando estava na casa de banho, vi o meu ombro ao espelho. Formara-se uma grande nódoa negra.

— Bolas, vais precisar de todo um frasco de concealer — disse uma rapariga que saía do cubículo para lavar as mãos.

— Pois — ri-me, tocando-lhe, sentindo o meu coração a aquecer com a memória.

Não pensara naquilo, na verdade. Parecia role play, conversa de cama.

Mas depois, mais tarde, ele puxou-me para o lado, agarrando no meu braço.

— Não uses a pista quando a equipa de futebol masculino estiver a jogar.

— O quê? — ri-me, com a certeza de que ele estava a brincar. Mas a cara dele mostrava o contrário.

— Não é em ti que eu *não confio* — disse ele —, *é neles. Por favor.* — O S beijou o canto da minha boca. — Sentia-me melhor se não o fizesses.

Não fiquei com grande vontade de brincar depois disso.

Não voltei a usar aquele vestido, mas só porque parecia incomodá-lo tanto. Não era nada de especial. Tinha muitos outros vestidos. Mas pouco a pouco, esses também já não eram aceitáveis para usar.

Houve um dia em que passámos um pelo outro no corredor e, quando sorri, ele fulminou-me com o olhar. Não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Fui ter com ele depois da escola.

— Estás zangado comigo? — Dera voltas à cabeça a tentar perceber porquê.

Ele olhou à volta para ter a certeza de que estávamos a sós, depois agarrou-me no braço, apertando dolorosamente, puxando-me para perto.

— O que raio é isso? — Apontou para as minhas botas.

Por algum motivo, o meu coração começou a bater com força. O S parecia tão zangado.

— Botas — disse. — São apenas botas.

— Não são apenas umas botas quaisquer. São pretas e de cabedal. E estás de saia. — Ele puxou a bainha de ganga.

— Não compreendo... é a *ti* que eu amo! — Na verdade, escolhera aquela roupa a pensar nele. Motivo pelo qual ficara tão magoada quando ele me olhara de relance esta manhã, com um ar de repulsa.

— Então, porque é que estás a *tentar* chamar a atenção dos outros? Quer dizer, eu não sou suficiente? — Ele soava destrachado.

— Claro... claro que és — disse suavemente. Já o tinha visto zangado antes, claro. Quem é que não se zanga? Mas não assim e

não comigo. Eu não sabia o que dizer para o apaziguar. — Eu não..
— Tentei tocar no ombro dele. Ele sacudiu-me. — Eu não quero mais ninguém. Jamais.

Ele olhou para cima nesse instante, com os olhos como uma ferida aberta. O meu coração partiu-se com a dor que vi.

— Jura, Hayley. Jura que não queres mais ninguém.

— Eu juro — sussurrei, beijando—lhe a pálpebra, beijando—lhe o nariz, beijando—lhe a bochecha, beijando— —lhe a boca. Ele pôs os braços à minha volta, com as respirações entrecortadas e trémulas.

Na semana seguinte, a P estava fora e tínhamos a casa para nós.

— Olha, vamos fazer qualquer coisa este fim de semana — disse ele, enquanto eu cortava fruta. — Só tu e eu. Podemos levar o meu carro. — O S deslizou as mãos pela minha t-shirt acima, puxando-me para trás contra ele. Estremeci ao sentir o seu corpo.

— God, eu adorava. — Deixei cair a cabeça para o ombro dele. Ele beijou—me o pescoço. — Mas não posso. Eu e a E temos planos para fazer uma maratona de filmes.

O S ficou rígido contra mim. Senti o meu estômago cair de imediato. Lambi os lábios em nervosismo.

— Acho... acho que te disse... não disse?

O S não disse nada. Afastou-se simplesmente de mim. Eu virei-me lentamente. Ele tinha as mãos apoiadas no balcão em ilha. Quando levantou o rosto para mim, recuei perante a fúria gelada que ali vi.

— Sabes o que tenho de passar para arranjar tempo para nós?

— Sim, sei que tens muitas coisas para fazer, mas...

— E tu não podes não ver filmes estúpidos uma vez na vida?

— Posso, mas só pensei...

— Eu não sou a pessoa mais importante do mundo para ti?

Ele gritava, berrava.

— Sim! — exclamei, com a visão toldada pelas lágrimas. — Claro... claro que és, eu posso cancelar! Posso...

O S pegou no copo e atirou-o contra a parede, e vidro estilhaçado choveu para todos os lados.

Num instante, tinha outra vez 4 anos e via o meu pai a virar a mesa do jantar ao contrário quando lhe disse que já não queria comer mais do esparguete dele. Estava encolhida, assustada, impotente.

Corri para o meu quarto no andar de cima. Fugi, sentindo-me uma criança, tal qual uma criança em pânico. Bati com a porta e tranquei-a, tremendo tanto que os dentes chocalharam.

O que estava a acontecer?

Onde estava a Hayley que mostrara o dedo do meio ao professor porque ele tinha dito que o Ernest Hemingway era o melhor escritor da história, apesar do meu argumento bem fundamentado e sólido de que ele era um misógino sobrevalorizado?

Onde estava a Hayley que usara uma t-shirt que dizia, TUDO O QUE CONSEGUES FAZER, EU CONSIGO FAZER A SANGRAR?

Afundi-me no chão, com a cabeça entre as mãos e chorei.

Queria telefonar à E.

Mas estava tão, tão, *tão* envergonhada. Estava tão assustada.

Contudo, não era apenas isso.

Sentia-me culpada. Culpada por transtornar tanto o S. Parte de mim queria ir ter com ele, implorar perdão.

Perdão porquê?

A P tinha implorado ao meu pai para ele me perdoar.

— Ela é uma miúda estúpida — dissera ela, apontando para a minha cara. Mas isso não fora o suficiente para o pai ficar.

Uma batida suave sobressaltou-me.

— Hay? — A voz do S estava tão gentil. — Merda, Hay, lamento tanto, tanto. Não quis assustar-te daquela maneira. Sou um grande cretino... — Não terminou a frase.

Eu não conseguia falar, sentando-me muda do outro lado da porta, escutando com atenção.

— Percebo se não me perdoares. Mas limpei tudo. E pedi pizza, a tua preferida. Só queria que soubesses. — O S aclarou a garganta. — Vou andando, OK?

— Não! — Pus-me de pé num salto e abri a porta. — Não vás. Por favor. — Antes de poder pôr os braços à volta do seu pescoço,

ele beijava-me, beijava-me em todo o lado, murmurando promessas e votos em sussurros desesperados.

— Eu fico — disse ele fervorosamente. — Claro que eu fico.

E isso não era o suficiente?

Ele ter ficado? Não se ter ido embora?

Na saúde e na doença.

Não é isso o amor?

capítulo 20

ella

Não consigo acreditar que estou prestes a fazer isto. Em mundo nenhum alguma vez me imaginaria capaz da mentira que estou prestes a dizer. Mas depois do que li ontem à noite, não consigo sequer importar-me. Não consigo aguentar ficar na aula agora e não quero estar sozinha.

Bato à porta da sala de aula do professor Price, espreitando lá para dentro antes de obter uma resposta. O professor Price para a meio da frase e ele, além de toda a turma de Estatística, incluindo a Rachael e um Scott de ar entediado, vira-se para a porta, surpreendido. A Seema, sentada na última fila, está definitivamente encantada.

— Lamento a interrupção, professor Price. O Dr. Cantrell pediu-me para chamar a Seema. É importante.

A Seema, felizmente, não espera por uma resposta para começar a arrumar as coisas e dirigir-se para mim.

— Ouviu o que ela disse, professor Price; não podemos deixar o doutor à espera. — O professor Price faz-nos um aceno confuso enquanto fechamos a porta.

— O Dr. Cantrell não te mandou chamar — digo, assim que já não podemos ser ouvidas.

A Seema revira os olhos.

— Obviamente. Salvaste-me, já agora. Não sei se sabias isto, mas

Estatística é a aula de que eu *menos* gosto.

— Seema, *toda a gente* sabe disso. Ouvi-te dizer à senhora da cantina na semana passada. Anda, vamos para um sítio onde não seremos apanhadas.

Só conheço um e, por isso, é com uma pontada de dor que a levo para o corredor das enciclopédias da biblioteca. Tiro um pacote de Sour Skittles que fui buscar à máquina de venda automática, enquanto nos sentamos lado a lado no chão.

— É um sítio giro — diz a Seema, olhando à volta. — Inteligente. Provavelmente, conseguirias fumar erva aqui atrás e nunca ninguém saberia. — Os olhos dela brilham esperançosamente.

— Seema — digo secamente —, não te trouxe até aqui para apanhar uma moca.

Ela suspira, abanando a cabeça.

— Uma rapariga pode sempre sonhar. — Ela estica a mão para tirar alguns Skittles do pacote. — Vais dizer-me porque é que me tiraste da aula?

Digo a verdade:

— Eu só... preciso mesmo de estar com uma amiga agora.

A Seema amolece com a confissão.

— Achei que parecias um pouco chateada. O que se passa, Ella?

Como é que eu poderia sequer começar a responder a essa pergunta?

Fiquei acordada na cama a noite toda, a repassar cada palavra daquela entrada do diário na minha cabeça, tentando encontrar pistas que me escaparam tanto no passado como no presente. Ainda não consigo encontrar nenhuma. O Sawyer sobre o qual a Hayley escreveu é tão diferente do Sawyer que eu conheço. A escuridão? O poço fundo de raiva que ameaça explodir? Não consigo vê-los no Sawyer. Mas se ela estivesse a escrever sobre o Sean... ou até sobre o estúpido do Scott, faria sentido.

Mas a vida real nunca é assim tão fácil, pois não?

Porque é que não me contaste, Hayley?

O que mais não me contaste?

O rosto da Seema é gentil, enquanto permanece no meu silêncio. Sinto uma explosão de gratidão pela generosidade dela. Dá-me coragem para lhe fazer uma pergunta.

— Quão bem conheces o Sawyer, Seema?

Ela murmura.

— Bem... sei que ele consegue fazer pelo menos 100 flexões elevadas.

Disfarço uma gargalhada e ela sorri. Mas esmorece quando fica mais pensativa.

— Piadas à parte? Acho que, sinceramente, não super bem. Tive algumas aulas com ele. É um aluno esperto e razoável. Não é, tipo, obcecado pela escola nem nada. Tem aquela cara sempre intensa, mas nele é muito sexy, algo... — Arqueia uma sobrancelha. — ... sobre o qual já deves saber tudo.

Aceno para as minhas mãos e aperto o pacote de Skittles.

— Ele alguma vez ficou, tipo... zangado à tua frente?

— Zangado? — ecoa a Seema. — Uma vez, estava a passar pelas máquinas de venda automática e o KitKat dele ficou preso. Pontapeou-a, mas, quando a comida não caiu, apenas virou costas, todo mal-humorado e...

— Com quanta força é que ele pontapeou a máquina?

— Hum, com força normal? Força regular? Tipo, eu não estava ali a pensar, *Hum, não sei, aquilo parece-me mais um nível de força de pontapé para Doritos*. Quer dizer, Ella, o que se passa? — Inclina-se para mais perto, com a cara séria, baixando a voz. — Passa-se alguma coisa?

Sim? Não?

Como raio respondo a isso?

— Lamento muito, Seema. Sei que não estou a fazer muito sentido. — Fecho os olhos, pressionando os dedos nas pálpebras. — Devo dizer-te que não preguei olho a noite passada. Tipo, literalmente *não dormi*. Tipo, nem sequer me sinto humana. Parece que estou a ficar doida.

Os olhos castanhos-escuros da Seema suavizam-se e ela estica a mão para dar uma palmadinha no meu joelho.

— Ei. Sabes que podes falar comigo. — Torce a boca para o lado. — Aconteceu alguma coisa? Contigo e com o Sawyer? Tipo, ele ficou... zangado? Contigo? — A Seema diz cada palavra delicadamente.

Eu contenho a minha necessidade imediata de defender o Sawyer

e penso de facto nas palavras dela.

Passo rapidamente as memórias que tenho dele em revista, como se fosse um rolo de fotos. Imagens vívidas do Sawyer ao longo dos anos, passam na minha mente: o Sawyer soturno e calado depois de uma briga com a Hayley; o Sawyer a gritar «Fónix!» depois de a sua equipa preferida perder. Mas consigo dizer mais cinco rapazes da turma dele que amuaram assim quando as coisas não correram como queriam.

E então os ciúmes com que ficou quando te viu com o Scott? Mas fora mais do que isso, certo? Ele não achara que nos devíamos evitar? E não fora apenas ele a gritar comigo naquele dia; estávamos a gritar um com o outro naquela sala de aula — até nos estarmos a beijar.

Isso não fora raiva, mas desejo mútuo levado para além do ponto da dor. Fora uma barragem a romper e eu fizera tudo o que conseguira para partir aquela parede entre nós.

Gemo perante a confusão e culpa que abala o meu corpo, com a cara enterrada nas mãos.

— Merda, Ella — sussurra a Seema e toca no meu ombro. — O Sawyer fez-te alguma coisa?

Eu conto-lhe a verdade.

— Não — sussurro irregularmente. — Não, não fez. Para ser completamente honesta contigo, ele tem sido um sonho tornado realidade. — Estremeço enquanto afasto memórias da noite anterior.

A Seema olha para mim com ceticismo.

— Certo.

— Não, estou a falar a sério. Ele não foi nada menos do que maravilhoso. Eu só...

Nem pensar que lhe vou falar do diário. Não posso. Sinceramente, nem *eu* devia saber dele. No entanto, sinto-me tentada a mencionar os escritos da Hayley porque quero desesperadamente que alguém me faça entender o sentido de tudo isto. Daria qualquer coisa para outra pessoa me ajudar a encaixar o Sawyer que eu conheço com o Sawyer sobre o qual li, para me ajudar a pegar nas pontas soltas, para me dizer que talvez tivesse lido mal algumas coisas na calada da noite.

Mas só eu posso fazer isso.

Engulo em seco.

— Não consigo parar de pensar na Hayley. E agora *nele* e na

Hayley. E pergunto-me se...

— Ah. Isso tudo outra vez. — A Seema acena em compreensão. — Continuas a martirizar-te em relação a ti e ao Sawyer? Mesmo depois da nossa talk? — Ela toma o meu silêncio como uma confirmação. — E agora passaste a noite toda sem dormir? Por causa da tua culpa.

— É... muito difícil de pôr em palavras. — Suspiro.

A Seema volta a encostar-se contra a estante.

— Ella, quer dizer, eu entendo. Vê o que passaste. Nunca ninguém terá pensamentos razoáveis e racionais em relação a algo assim. Mas uma pessoa que se preocupa com tudo, como tu, *definitivamente* não vai. Faz sentido que estejas a flipar um bocadinho. Mas isso não torna os teus pensamentos verdadeiros.

Bato com a testa na palma da mão.

— Só queria poder desligar o meu cérebro.

— E podes. Queres um conselho de quem sabe? Diz ao teu cérebro para se calar e ir dormir. — A Seema encolhe os ombros. — A privação de sono é, tipo, uma verdadeira técnica de tortura. Não olhes para mim assim; estou a falar muito a sério. Depois de dois dias sem dormir, algumas pessoas começam a alucinar.

Talvez a Seema tenha razão. Talvez tenha de reavaliar tudo depois de dormir e comer. Faço uma expiração, esfregando a testa.

— Espera lá, Seema, porque é que sabes tanto sobre técnicas de tortura? — Ergo uma sobrancelha.

Ela sorri.

— Não me digas que nunca entraste numa espiral de curiosidade mórbida na Wikipédia. Aprendi umas cenas muito maradas, minha amiga. Não me farto de recomendar.

Rio-me, abanando a cabeça.

— Obrigada, Seema.

— Não, obrigada a *ti*. O professor Price cospe sempre que diz uma palavra que começa por «p». E estamos a estudar *probabilidades*. — Agarra no pacote de Skittles e despeja-o para a boca. — Porque é que achas que estava sentada lá atrás? A sério, estás à vontade para me salvar de Estatística, tipo, a toda a hora.

O resto do dia é uma névoa sonolenta e atordoada. Estou tão exausta que nem sequer tenho energia para protestar quando a professora Langley me atormenta para me inscrever para a Feira de

Outono no próximo fim de semana, acenando tenuemente quando diz:

— E que tal a banca dos s'mores, em nome dos bons velhos tempos?

Ao ouvir o último toque, o meu corpo fica imediatamente nervoso, alerta. Estou ansiosa para encontrar o Sawyer. Quando caminho para o carro dele, faço respirações profundas, lutando para acalmar os meus batimentos cardíacos. Mas a expectativa acaba por ser em vão. Não há sinal dele.

Um par de braços serpenteia à volta da minha barriga, apertando-me com força. Lábios roçam a concha da minha orelha.

— Apanhei-te — diz uma voz grave e familiar.

Arquejo, saltando para fora dos braços dele, e giro para ficar de frente para o Sawyer.

— Não *faças* isso — digo, irritada.

— Desculpa! Nunca o teria feito se soubesse... Lamento muito! — Os olhos dele transbordam de arrependimento. E agora eu também.

— Não faz mal — digo agitadamente, olhando à volta, grata por parecer que ninguém reparou em nós, todos demasiado felizes por estarem livres da escola para olharem para qualquer coisa além da forma de chegar a casa. — Em qualquer outro dia, não haveria problema. Eu só... tipo, não dormi na noite passada.

O rosto do Sawyer suaviza-se. Enquanto destranca o carro, o cabelo escuro e espesso cai-lhe sobre a testa, enquadrando a cicatriz na perfeição. Podia mergulhar nas águas cor de mogno dos seus olhos neste momento. Eu conheço este Sawyer. Este Sawyer concordou facilmente subir ao topo de uma montanha comigo, embora tenha pavor de aranhas e carraças.

Sentamo-nos nos lugares da frente do carro. Eu olho para ele e não consigo evitar.

Atiro os braços à volta do Sawyer, pressionando a cara contra o peito dele, inspirando o aroma delicioso e um pouco queimado do sol.

— Olá para ti também — ele respira com um riso afetuosos. As mãos dele são tão delicadas quando deslizam pelas minhas costas que eu o aperto com mais força. O Sawyer dá um beijo no topo da minha cabeça.

— Desculpa de novo. Sinto-me mesmo mal — murmura contra o meu cabelo.

— Eu sei — digo, mas duvido de que me consiga ouvir, com a minha voz tão abafada contra a t-shirt dele. *Este Sawyer sente-se mal quando me assusta com um abraço*, penso. Os meus dedos fecham-se nas costas da t-shirt dele e há um ruído contra a minha bochecha, um murmúrio grave no peito dele.

— Então — diz e a cadência da voz dele muda —, não conseguiste dormir ontem à noite por algum motivo em especial, Graham? — Consigo ouvir o sorriso convencido na voz dele.

Rio-me na t-shirt dele.

— Eu perguntaria se tinhas experimentado o truque da banana antes de ir dormir, de que te tinha falado — continua —, mas acho que tentámos isso na noite passada.

— Uma *banana*? — Eu afasto-me e semicerro um olho na direção dele. — Grande autoconfiança, não?

O Sawyer expele uma gargalhada, com os olhos enrugados enquanto vagueiam pelo meu rosto. Passados alguns instantes, fica com uma cara tristonha.

— Estás mesmo com um ar cansado, Els. Ainda linda, claro — acrescenta logo a seguir —, mas... como se estivesse muito stressada.

O rosto dele oscila um pouco na minha visão.

— Aparentemente, é possível que eu comece a alucinar se não dormir em breve.

— Está bem. — O Sawyer di-lo como se tivesse acabado de afirmar que tinha um pouco de sede e precisava de ir buscar a minha garrafa de água. — Por acaso, embora o meu carro possa ser um chão, o lugar do pendura é bastante confortável. — Ele inclina-se sobre mim para ajustar o lugar do passageiro. — As melhores sextas da minha vida. Mas não te fies na minha palavra.

É verdade.

O lugar do passageiro inclina-se mais para trás do que provavelmente devia, mas dá uma boa cama. O Sawyer encontra um hoodie do corta-mato na bagageira, para eu usar como cobertor.

— Para onde nos vais levar? — sussurro, com as pálpebras a ficarem mais pesadas a cada palavra.

— Não te preocupes com isso. — Ele afasta um fio de cabelo da minha bochecha. — A mãe está em casa esta noite. Não tenho de ir para casa tomar conta do Callan. Temos todo o tempo do mundo.

Dorme o tempo que precisares, Els. Não te preocupes com nada. — Sorri.

Ainda estou a sorrir quando adormeço, sentindo-me quente e segura.

Quando acordo, está escuro lá fora. O carro está parado e luzes de néon intensas lançam um brilho amarelo vindo de fora. Mas o Sawyer não está no carro.

Sento-me, preocupada, até ver que ele está lá fora, a falar ao telemóvel. Relaxa. Provavelmente, só está a falar com a mãe dele.

O que me lembra da *minha* mãe. Já quase a ter um ataque de pânico, tiro o telemóvel e vejo que tenho uma mensagem perdida dela.

M

Olá, onde estás?

Nem sequer paro para pensar antes de escrever a minha resposta.

E

Desculpa! Aceitei o último turno no trabalho. Chego a casa tarde. Desculpa ter-me esquecido de te dizer.

Fito o telemóvel enquanto os três pontinhos piscam no balão, a indicar que a minha mãe está a escrever uma resposta. Demora algum tempo e preparo-me para um sermão por mensagem. Mas, depois de uma grande pausa, só recebo duas letras de volta.

M

OK

Sinto uma pontada terrível de culpa e uma dor inesperada. Há um ano, eu teria dado *qualquer coisa* para a mãe não andar sempre em cima de mim, nem que fosse só por um bocadinho. Agora, parece que obtive finalmente o meu desejo. Ela não anda *nada* em cima de mim. Fico surpreendida ao constatar quão doloroso é sempre que lhe minto. Mas a verdade é que eu não sou a filha que ela pensava que eu era. Eu também não sou a filha que *eu* pensava que eu era. Uma lição brutal para todos nós.

Com um suspiro, olho pela janela e vejo o Sawyer andar de um lado para o outro, com os seus ombros largos a esticarem-lhe a t-shirt. O calor desponta no meu estômago quando ele me apanha a observá-lo e me lança um sorriso sinuoso e um piscar de olho.

Um instante depois, a porta do carro abre-se e o Sawyer entra.

— Cá está ela. Como te sentes? — Ele sorri.

— Esfomeada. — Só agora é que me dou conta de há quanto tempo não como.

— Olha, o teu timing não podia ser melhor. — O Sawyer estica o braço para o assento de trás e saca de um saco gorduroso, repleto de aromas de fazer crescer água na boca. É só nesse momento que me apercebo de que estamos no parque de estacionamento de um restaurante.

— God, adoro o Biscuits 'N Butter — gemo. — Diz-me que pediste as panquecas de batata. — Eu ataco o saco.

— Por quem me tomas, um amador? — troça o Sawyer.

Trinco uma grande porção de comida e gemo.

— Isto é incrível. Obrigada.

Enquanto comemos, o Sawyer delicia-me com histórias encantadoras sobre ele e o Callan. Quando termino, o calor de uma barriga cheia e uma sesta de várias horas faz-me sentir uma pessoa nova. Melhor do que já me sentia há muito tempo, se for sincera, e completamente repleta de afeto pelo Sawyer.

— Sabes — digo —, se este é o BNB que estou a pensar, o Y em que eu trabalho é mesmo ao virar da esquina.

— Ai é? — Os olhos do Sawyer brilham, travessos.

— Ya — digo. — É.

Ele liga o carro.

— Alinhas numa pequena aventura?

Borboletas inundam a minha barriga.

— Que tipo de aventura?

— Aperta o cinto — diz ele — e eu mostro-te.

Sinto-me um pouco incerta quando estacionamos no parque de estacionamento quase vazio do YMCA.

— O contínuo da noite ainda cá está. — Eu aponto para o carro do Angus. — E ele *não é* um homem simpático.

— Então, é melhor não sermos apanhados. — O Sawyer inclina-se quando diz isto, mordiscando o meu lábio inferior. O meu corpo fica ativado apenas com aquele pequeno contacto. Quase não reparo quando o Sawyer sai do carro com movimentos serpenteantes como uma pantera e avança para o portão da piscina exterior.

— Oh, *Deus* — murmuro, com os batimentos cardíacos mais fortes, enquanto me esgueiro para o seguir.

— Aposto que sabes o código. — O Sawyer faz um esgar, abanando a cabeça para o teclado numérico que brilha no portão preto de ferro forjado.

A minha boca fica seca.

— Sei — digo. Ele inclina a cabeça, com o seu sorriso matreiro a fazer pressão no meu umbigo. — Se formos apanhados — digo, sem fôlego —, é pior do que eu perder o meu trabalho. Será invasão de propriedade. Tipo, chamam a Polícia.

Ele inclina-se para mim, com os dentes a roçarem no lóbulo da minha orelha.

— Mas tu és tão boa a não fazer barulho, Graham. — Fecho os olhos enquanto cada nervo do meu corpo se acende. — Não seremos apanhados. Eu vou assegurar-me disso.

Sem pensar duas vezes, digito o código e esgueiramo-nos para a zona da piscina.

As luzes estão todas desligadas, incluindo as luzes debaixo de água. Mesmo com os nossos olhos ajustados ao escuro, é difícil ver muito mais do que contornos ou formas.

O que é realmente uma pena porque parece que o Sawyer está a despir todas as roupas, com exceção dos boxers.

— O que estás a fazer? — grito num sussurro, embora saiba *exatamente* o que ele está a fazer.

— Despacha-te, Graham — diz em voz sibilante, enquanto se

baixa lentamente para a zona mais funda da piscina. — Um passarinho contou-me que esta é uma missão muito secreta e estás simplesmente aí, exposta.

Com as mãos a tremer, dispo-me até ficar de cuecas e sutiã, pegando nas nossas roupas para as esconder nos arbustos. Deslizo silenciosamente para a água e só quando sinto as mãos do Sawyer no fundo das minhas costas é que me dou conta.

Estou sozinha numa piscina, à noite, com o Sawyer Hawkins.

E estamos ambos basicamente nus.

— Fazes alguma ideia — sussurra ele, dando beijos no meu pescoço — de como és irresistível? Ella, não consigo pensar em mais nada além de tocar-te.

Os meus braços molhados deslizam em redor do pescoço dele e fico maravilhada ao senti-lo, com tanta pele nua dele a escorregar contra a minha, com a coxa dele contra a minha coxa, a pressão do meu peito contra a planície dura dos músculos definidos.

De repente, não existe de novo mais ninguém além de nós, sozinhos no mundo.

— Isto sabe tão bem — digo extasiada —, mexer-me contra ti na água. — Quase por vontade própria, as minhas pernas enrolam-se à volta da cintura dele.

— God — geme o Sawyer. Agitamo-nos na água quando nos mexemos um contra o outro. Durante um momento acalorado, quase não reparo no modo como os nossos rostos mergulham ocasionalmente abaixo da superfície. Com um arquejo, o Sawyer agarra na borda de betão da piscina com uma mão. — Vês? Prefiro tocar-te a respirar.

— Consigo conter a respiração debaixo de água durante séculos — digo, provocando o pescoço dele com a minha língua. — Sou praticamente uma sereia. — Procuo os olhos escuros do Sawyer nas sombras, segurando no elástico dos seus boxers com uma mão e deslizando a outra pelo estômago dele abaixo. — Podemos fazer coisas na água que os outros não conseguem.

— Nesse caso — geme o Sawyer, mudando a minha posição para ficar agarrada ao pescoço dele, deitada para trás na água —, preciso que continuemos do ponto em que deixámos as coisas ontem à noite. — Ele continua pendurado de lado com uma mão, mas a outra mão...

bem, a outra mão está em todo o lado.

Percorre o meu estômago, mergulha por baixo do meu sutiã, explorando, apertando.

— Nunca vi nada tão bonito — diz o Sawyer, ofegante contra a minha boca — como tu deitada assim por baixo de mim.

As mãos dele deslizam pelo meu estômago, abaixo da minha cintura.

— E quando eu te senti... não podia acreditar... o quanto...

— O quanto eu te quero? — sussurro, arqueando-me contra a mão dele, tentando mostrar-lhe.

— Sim — inspira o Sawyer. Desliza as mãos para dentro das minhas cuecas e deixa cair a cabeça quando me sente ali, praguejando violentamente. — Ella — murmura, movendo os dedos contra mim. — És tão perfeita, Ella.

Eu nunca senti nada assim. Esta pressão crescente, a sensação de uma promessa a ser feita, sabendo que, se me agarrar, será cumprida.

— Sawyer — sussurro. Parece que estou prestes a chorar. — Por favor.

— Por favor, o quê? — A voz dele soa mais rouca do que alguma vez a ouvi.

— Não sei — gemo, um som que o faz pressionar os dentes contra o meu maxilar. — Não sei, *só por favor*.

Ele respira pesadamente e acelera. Fecho os olhos com força, com lampejos vermelhos e dourados a explodirem por trás das minhas pálpebras, com os músculos no meu corpo a ficarem lentamente tensos, como que a preparar-se para um golpe.

— És tão linda assim, Ella — e o Sawyer também começa a soar carente. — Vamos, Ella. Quero ser eu. Vamos. Para mim.

Se houvesse espaço no meu cérebro para palavras, perguntar-lhe ia o que era suposto dar-lhe. Neste estado de coisas, há uma bolha intensa que expande todo o meu corpo, crescendo cada vez mais, prestes a rebentar a qualquer momento.

Não sei porquê, mas quero que rebente. Preciso disso.

O meu coração está impossivelmente rápido, chocalhando no tórax. A minha perna esquerda começa a tremer, os meus dedos estão dolorosamente encaracolados. Vagamente, registo aquele som agudo e desesperado que começa a escapar da minha garganta.

Tenho vontade de chamar pelo Sawyer porque só há o Sawyer, o meu corpo e esta impossibilidade que está a criar com ele. E ele tem de saber. Que aonde quer que estejamos a ir, estou prestes a descarrilar. Estou a olhar para baixo, para os carris da montanha-russa, prestes a cair a pique.

De ouvidos tapados, o pavio está aceso e a faísca alcançou finalmente os fogos de artifício.

— *God, Saw...*

Uma mão cobre-me a boca e de repente sou virada, com o Sawyer a pressionar as minhas costas contra o peito dele enquanto se lança em direção ao canto da piscina.

Abro os olhos depressa, mas não consigo ver nada no breu. Tento soltar-me do aperto, mas as mãos na minha cara só apertam mais. Agarro no braço do Sawyer, a puxar, a querer pôr fim à confusão. Ele é demasiado forte.

Começo a entrar em pânico. Debató-me contra ele, pontapeando com toda a força que consigo. O Sawyer segura o meu tronco com as coxas, surpreendentemente fortes, mantendo-me para baixo para que eu não me consiga mexer. O meu coração continua a martelar, mas claro, agora por um motivo totalmente distinto.

Cravo as unhas no peito dele e é então que me solta.

— Merda, merda, Els, estás bem? Lamento mesmo muito...

Empurro-o.

— Mas que raio, Sawyer?! — Agarro-me ao betão.

— O contínuo apareceu — diz o Sawyer com urgência. — Não o ouviste porque estavas... — Ele aclara a garganta. — Mas ele veio até aqui e eu não queria que fosses despedida e entrei em pânico, OK?

Quase não consigo distinguir a cara do Sawyer, mas, mesmo à luz difusa, vejo o quanto os seus olhos estão abertos e horrorizados.

O meu corpo ainda está sensível e a tremer, quer do pânico residual, quer da memória das mãos do Sawyer. Uma mescla inebriante, extremamente confusa.

Mas ainda me sinto um pouco desconfiada.

— Fiquei muito assustada, Sawyer.

O corpo todo dele descai.

— Claro que ficaste. Lamento *tanto*, Ella. Só não sabia o que fazer. — Ele olha sobre o ombro. — Acho que ele já se foi embora. Olha, eu

levo-te a casa, está bem?

A cara do Sawyer está tristíssima com a culpa. Quando ele nada para a beira da piscina para espreitar por cima da borda, mantém uma distância respeitável, dando-me uma grande margem. Parece sentir cada palavra de arrependimento. E mais alguma.

E a verdade é que fui apanhada de surpresa, mas nunca estive realmente em perigo. E ser apanhada pelo Angus teria sido um desastre.

O Sawyer salvou-nos aos dois e ainda se sentiu genuinamente arrependido.

— De certeza que ele já foi? — pergunto.

O Sawyer acena com a cabeça.

— Sim, já.

Enrolo os braços à volta do seu pescoço, pressionando os meus lábios nos dele.

— Ella? — Estou suficientemente próxima para ver gotas de água a refletirem o luar, enquanto se agarram às pestanas compridas dele.

— Ainda não acabou — sussurro roucamente.

A garganta dele move-se, engolindo com força.

— Tens a certeza?

Eu mexo o corpo contra o Sawyer para lhe mostrar *precisamente* quanta certeza tenho. Ele geme e vira-me ao contrário para me pressionar contra o lado da piscina.

— Ella — diz a voz rouca do Sawyer contra o meu pescoço quando retoma onde parou e fico surpreendida ao descobrir que o meu corpo responde ansiosamente. Surpreendida por me aperceber de que talvez a nossa interrupção não tenha atenuado as sensações, mas que, de algum modo perverso, as intensificou.

Porque não demora muito até que faíscas douradas encham o meu corpo, com o Sawyer a abafar os meus gritos com a sua boca, quando quase choro de êxtase. Mais uma vez, não me importo com mais nada no mundo. Não há nada mais que importe além do Sawyer, os seus dedos habilidosos, a chuva de estrelas que enche a minha visão e o nome dele, vezes sem conta, nos meus lábios.

capítulo 21

sawyer

Paro para meter gasolina depois de deixar a Ella em casa.
— Olha só para ti — diz o Ralphie, inclinando-se para a frente no balcão. — Estás outra vez a sorrir.

— Estou? — Dou um saltinho à frente de um pequeno cesto de brinquedos da treta que o Ralphie mantém perto dos pacotes de pastilha elástica.

— Sim, estás. Para com isso, vais assustar os meus outros clientes — reclama o Ralphie, torcendo o seu bigode branco.

— Não tens mais nenhum cliente — digo alegremente, sem conseguir tirar os olhos da confusão de brinquedos merdosos. Nunca pensei duas vezes neste cesto antes, mas hoje algo me chama a atenção. Tiro um brinquedo, um jipe de metal, pintado às três pancadas para parecer um veículo de safari.

Espreito por baixo da barreira de plástico, fazendo rolar o pequeno brinquedo para a frente e para trás.

— Quanto custa isto, Ralphie?

Ele passa um olho raiado de sangue sobre o jipe.

— Cinco.

— Cêntimos?

— Dólares. Idiota. — Dá uma passa no cigarro eletrónico, enchendo o ar com fumo com cheiro a uvas.

— Está bem. — Bato com o cartão de débito no balcão. — Levo

esta porcaria e 20 dólares na quatro. O leitor de cartões está todo marado, só para que saibas.

O Ralphie olha para mim como se me estivesse a passar por completo.

— A sério? Só assim? Sem regatear? Sem vasculhares moedinhas no banco do carro? Sem gritares que te estou a extorquir? — Os seus dedos com veias roxas fazem deslizar o meu cartão debaixo da divisória.

Encolho os ombros.

— Não sei, Ralph. Acho que as coisas só podem melhorar. — Fecho os olhos. A Ella é demasiado incrível para a mencionar ao Ralph, por isso, mudo de assunto. — Alguma vez foste ao zoo de Atlanta, Ralph?

Ele resmunga, carregando na máquina registadora, um botão de cada vez.

— Pois, eu também não. E o Callan também não. — Faço o carro de safari andar para a frente e para trás no balcão. — Mas ele vai adorar. Sabes que mais? — Aponto para ele. — A mãe também vai adorar. — *E a Ella também adoraria.*

O Ralphie resmunga e carrega num último botão, e a caixa registadora toca com um som agudo e musical. Guardo o cartão no bolso e martelo no balcão, antes de avançar a passos largos para a porta.

— Tem uma noite magnífica, Ralphie! — digo sobre o ombro, rindo-me com a cara de espanto dele.

Ainda estou a assobiar quando entro na cozinha. A mãe está junto à mesa, a remexer na mala, de costas para mim.

— Ora, ora, se não é a minha mãe maravilhosa. — Dou-lhe um grande abraço, apertando-a por trás. — Uma pergunta. Quais achas que são mais divertidos, os gorilas ou os pandas?

— Sawyer — diz a mãe.

— Tens razão. É uma escolha demasiado difícil. — Agarro-lhe nas mãos e faço-a girar para o meu lado, num passo de dança que costumávamos fazer a gozar. — Outra pergunta: qual é o melhor snack para comer enquanto vemos os elefantes? Um granizado ou uma sandes de gelado?

— Sawyer...

— Mais uma vez, tens razão, é uma escolha demasiado difícil! — Viro-a de modo a ficar de frente para mim. — Mas sabes que mais, mãe? Não terás de escolher! Todas as minhas gorjetas irão agora para a *diversão*! Ou, raios, talvez possa regressar à equipa de corta-mato. As opções são *infindáveis*! — Solto-a e tiro o jipe de brincar do bolso. — Olha, diz-me quando receberes a carta com a proposta de emprego. Quero estar presente quando contares ao Callan. Estou a planear todo um pequeno discurso surpresa engraçado com uma ceninha estúpida... — Espeto o brinquedo na mesa de jantar e faço-o rolar até um avental dobrado da Waffle House.

Pestanejo. É o velho uniforme de trabalho da mãe, junto à mala arrumada e uma garrafa térmica de café.

— O que é isto? Concordaste em dar-lhes duas semanas? Sabes que não é preciso, mãe. Especialmente já que é provável que o teu novo emprego comece...

— Não fiquei com o emprego, Sawyer. — diz a mãe tão baixinho que tenho a certeza que ouvi mal. Apoio-me na mesa da cozinha.

— Como assim, não ficaste com o emprego? És perfeita para ele. Geres os nossos três horários e três trabalhos. O horário de um estúpido diretor seria canja. Qualquer pessoa consegue ver isso. Qualquer pessoa. — Enterro o polegar na minha cicatriz.

— Não te contei, mas eles não me disseram nada. Estava a começar a ficar nervosa, por isso, esta tarde liguei à Betsy, que trabalha na receção. — A mãe faz uma respiração trémula. — Ela disse que não era mesmo nada suposto dizer-me, mas... eles deram o cargo a outra pessoa. Disse que gostaram de mim, mas que precisavam mesmo de alguém... com um curso superior.

— Não, mãe. *Não*. — Começo a andar para a frente e para trás na cozinha, com o sangue a ferver. — Isto é ridículo.

— Fala baixo, Sawyer. O Callan está a dormir. — A voz da mãe é severa.

— Mãe, vá lá. Temos de fazer qualquer coisa. — Pego nas mãos dela e fico chocado ao constatar que as minhas estão a tremer.

— Sawyer — diz ela, e a sua voz parte-se ao meio, os seus olhos vermelhos inchados transbordam. — Eu percebo. A sério que sim. Mas é assim que o mundo funciona, querido.

— *Mãe*.

— Vai ficar tudo bem. — Ela funga. — Vamos continuar a aguentar-nos. Está tudo bem, Sawyer. Vai ficar tudo bem. — A mãe estica a mão para limpar a minha bochecha. Quando é que comecei a chorar? Afasto-me do toque dela.

— Não — digo, recuando. — *Não*. Isto não está certo. — Não consigo parar de tremer. — Isto? Isto é um *monte de merda*.

Os olhos da mãe endurecem.

— Atenção à linguagem, Sawyer Hawkins.

Eu rodopio na direção dela.

— Mas é! Tu não podes... não podes simplesmente aceitar isto, mãe. Eu posso consertar isto. Juro que sim. Dá-me o número do escritório. Vou lá amanhã pessoalmente. Eu convenço-o. Vou contar àquele imbecil tudo aquilo por que passaste, porque é que não pudeste ir para a faculdade. Vou contar-lhe que sou eu... que é a minha....

— Não vais fazer nada disso — rosna a mãe. — A vida é assim, Sawyer, e fazer uma birra não faz a menor diferença. Não fiquei com o emprego e ponto final. — Ela põe a mala ao ombro e pega no avental e no café. — Se ter aquele emprego significaria que nunca te teria tido, então... que se lixe! Nenhum emprego vale isso. Estás a ouvir-me, Sawyer Hawkins? Nada é mais importante para mim do que tu e o teu irmão.

Ela faz uma pausa para me fitar com um olhar inflexível.

Mas tudo o que eu vejo são as sombras roxas debaixo dos olhos inchados de chorar. A boca tem uma expressão triste que não estava lá antes. Vejo décadas de três trabalhos e exaustão por causa da renda estendidas à frente dela. A minha doce e corajosa mãe. Depois de tudo aquilo por que ela passou? É esta a vida dela?

Sinto algo a quebrar-se dentro de mim.

— Isto... é... um... monte... de... merda. — A cada palavra, bato com o punho na mesa da cozinha. Canetas, batom e garrafas de Advil voam a cada batida.

Na última palavra, há um estalido terrível e a mesa descai para o lado. A perna que eu e a mãe reparámos parte-se.

Algo medonho e amargo uiva dentro de mim.

— Então, simplesmente merecemos isto? — grito. — Mesas partidas e nada mais?

Vejo o pequeno jipe de safaris merdoso a rolar pela mesa irregular

e sinto uma onda de aversão por mim próprio tão forte que a bÍlis me sobe pela garganta. Apanho o jipe.

— E que se lixe o zoo, certo? Fins de semana e sono e necessidades humanas básicas? Que se lixem todas essas tretas? — Atiro o brinquedo contra a parede, onde este se desfaz em pedaços minúsculos.

— Saw-Saw?

A centímetros do sítio para onde atirei o jipe, está o Callan, a apertar o seu macaco de brincar com as mãos suadas, com os olhos mais arregalados e apavorados do que nunca.

O que raio é que eu quase fiz?

— God, Callan — digo com a voz embargada. — Lamento muito, Callan.

A cara dele fica transtornada e os olhos enchem-se de lágrimas.

— Pequenote — digo, esticando uma mão. — Está tudo bem, anda cá... — Mas quando dou um passo na direção dele, desata a chorar, correndo pelo corredor para longe de mim.

— Espera!

Começo a ir atrás dele, quando a mãe se atira para a minha frente, pondo um braço para me bloquear o caminho e grita:

— Para! Dan, não!

Fico imóvel.

Os olhos da mãe enchem-se de lágrimas e é difícil adivinhar quem se sente pior neste momento. Ela não move o braço. Não tenta explicar-se. Não preciso que o faça.

Saio a correr da cozinha, pela porta da frente, desejando poder correr para sempre, nunca mais parar. Mas esta não é uma verdade a que possa fugir. Tenho de a enfrentar.

O meu pior medo tornou-se realidade.

Dan é o nome do meu pai.

E, esta noite, a minha mãe viu-o em mim.

capítulo 22

ella

Voltou a acontecer enquanto estava no caminho de acesso a minha casa, logo depois de o Sawyer me ter dado boleia. Os médicos disseram que qualquer coisa podia provocar os flashbacks e as memórias. Talvez fosse do estado em que me encontrava, a tremer na noite húmida, com os nervos ainda sensíveis das atividades da noite, aquele fio da navalha de prazer e medo. Talvez fosse da luz gelada da lua cheia, fria e cortante. Talvez estivesse simplesmente *mais do que na hora* de me lembrar de mais alguma coisa daquela noite.

Quem sabe? Não importa.

O que importa *de facto* é que, num momento estava a ver os faróis traseiros do carro do Sawyer a desaparecerem na escuridão, e a seguir fui lançada para um flashback. Tão vívido como os anteriores, de repente estava de volta ao banco do condutor do meu carro na noite do acidente.

Aperto o volante como se a minha vida dependesse disso.

A Hayley está a gritar.

— Conduz mais depressa — guincha ao meu ouvido.

Um estalido. O som de um cinto de segurança a ser desapertado.

E agora estou sentada à secretária do meu quarto, a fitar o diário da Hayley, fechado à minha frente. Há quanto tempo estou nesta cadeira? Há 20 minutos? Uma hora? Seis? Não faria diferença. Não estou mais perto de fazer sentido disto do que quando me sentei aqui,

depois de subir a rampa de acesso à minha casa, a tremer.

Tenho o cabelo rígido do cloro e as roupas estão húmidas. E ainda consigo sentir o cabedal do volante contra a palma da mão. A orelha direita está a zumbir impossivelmente. Era uma memória verdadeira? Porque se era... o que tinha deixado a Hayley tão apavorada?

Obter uma nova memória só gerou mais perguntas e não respondeu a nenhuma das que já existiam. Tal como o diário da Hayley. De cada vez que o leio, à procura de clareza e da paz de espírito de que tanto preciso, só fico mais torturada do que nunca.

Pego no pequeno livrinho preto, passando um polegar contra a lombada. Não tenho nenhuma dúvida de que aquilo que li aqui na noite passada era verdade. A experiência da Hayley, a sua dor, o seu medo... tudo isso aconteceu. A questão nunca foi acreditar nela. Na verdade, é esse o problema. Porque se eu acreditar nela, como *raio* não tenho problemas em beijar o Sawyer ou sequer tê-lo na minha vida?

Ella, estamos um pouco para além de beijar nesta fase, diz uma voz nada útil na minha cabeça.

Acredito na Hayley, nunca duvidaria de nenhuma mulher que falasse da sua experiência e... enfim, também acredito em mim. Em como me sinto. Especificamente, como me sinto com o Sawyer. A sinceridade dele, a forma como cuida de mim, quão perdido parece quando nos beijamos...

Abano a cabeça com força. Há qualquer coisa que *me está* a escapar. É a esperança de uma tola desesperada, mas ainda assim, tenho o seguinte pensamento:

Só mais uma entrada, Ella. Talvez a resposta esteja mesmo à tua frente.

Aquela voz nada útil começa a fazer um pouco mais de sentido. Afinal de contas, e se a Hayley explicar que o Sawyer só estava a passar por um mau bocado? Ele não fala muito comigo sobre pormenores do seu passado, mas talvez tenham surgido traumas antigos?

Talvez tenha feito terapia intensa em segredo e mudado o seu comportamento? Talvez ela mencione alguma coisa que possa fazer luz sobre a memória que acabei de ter? Talvez eu só esteja a pensar em tretas?

Aperto o diário da Hayley contra o peito e salto para a cama.
Só há uma forma de descobrir.

capítulo 23

diário da hayley

Vês? Vês? Ele só estava a passar por um mau momento. Foi um dia mau. Toda a gente já teve um esgotamento durante um dia mau. God, até a E já teve um momento ou dois. Lembras-te do verão em que ela andou a ler aquele thriller romântico? A E estava sentada ao meu lado no sofá enquanto eu ia vendo o que havia na Netflix, e gritou repentinamente, pregando-me um cagaço.

— Três dias a ler, *três dias perdidos*. Fiz uma noitada por causa desta *treta*! — Ela atirou o livro para o outro lado da sala, deixando a parede branca da sala raspada.

Estamos a falar da E, que tem o coração de um Cavalier King Charles spaniel bebé, mas dei por mim genuinamente nervosa. Quando lhe perguntei delicadamente o que lhe tinha feito o livro, ela disse:

— Acabei de ler quinhentas páginas de antecipação lenta, só para apagarem as luzes na única cena romântica mesmo no final.

— Eles beijaram-se? — perguntei.

— Uma vez. E antes que perguntes, não, nem sequer com língua. — A cara da E estava *vermelha*.

— Nesse caso — disse solenemente —, deixa-me ir buscar aquele livro para o poderes atirar de novo.

E atirou-o de novo com tanta força que derrubou um quadro e tivemos de ouvir uma *descompostura* da mãe dela.

A minha questão é esta: se pode acontecer à E, pode

acontecer a qualquer pessoa.

Incluindo ao S.

E as coisas têm estado melhores do que nunca desde então. Na verdade, acho que tornou a minha relação com o S mais honesta. Eu nunca tinha visto aquele lado dele, nem sabia que existia. Mas agora, conheço-o mais plenamente. Melhor do que ninguém. Ficámos deitados na cama e fiz-lhe festas na testa, pedindo-lhe para me mostrar as partes feias, as partes manchadas, dizendo-lhe que nunca existiria nenhuma parte dele que eu não amasse de todo o coração.

Foi preciso insistir. Foram precisos beijos. Foi preciso jurar e prometer, mas o S acabou por baixar a guarda e abrir-se comigo.

Contou-me que, quando tinha uns 7 anos, não tinha força suficiente para fechar a porta do quarto contra o pai dele, quando ele tinha ataques explosivos de bebedeira, mas que, mesmo em criança, o S sabia que se os murros do pai o escolhiam a ele nessa noite, isso significava que não estavam a escolher a mãe.

Contou-me que, não se conseguia lembrar de alguma vez ter amado o pai, que os sentimentos mais fortes que tivera por ele eram medo e ódio e, depois, *o alívio quando ele desaparecera*.

E depois, 10 minutos mais tarde, entre lágrimas, o S admitiu que seria mais simples se isso fosse verdade, mas que a verdade é sempre muito mais complexa. Que a verdade era que ainda se conseguia lembrar do salto que o seu coração dava quando tinha 5 anos e ouvia as chaves do pai a entrarem na fechadura da porta, quando ele chegava do trabalho.

Eram coisas terríveis. Coisas piores. Coisas para as quais precisei de fechar os olhos para ouvir.

Mas ouvi. E fui-lhe dando beijos, entretanto.

— Não há nada que me possas dizer, que não me faça amar-te mais — prometi.

Disse-lhe que ele me fazia sentir menos só. As nossas vidas não eram exatamente iguais. Em vez de um pai horrível que se recusara a ir-se embora durante demasiado tempo, eu tivera vários pais horríveis que se recusavam a ficar.

— Quero culpar a Phoebe — disse-lhe. Mas admiti a única coisa que quase não consigo admitir a mim mesma. — Se eu fosse

mais fácil de amar... nem pensar que algum deles se teria ido embora.

— Já não importa — dissera o S, abraçando-me. — Agora, tens-me a mim. Já não precisas de mais ninguém.

Juro que há uma espécie de ligação psíquica entre nós.

Não posso dizer-te quantas vezes, nas últimas semanas, estava deitada na cama de noite, a desejá-lo, quando recebia uma mensagem do S nesse preciso instante.

Vem cá fora.

Eu esgueirava-me pela porta da frente e ali estava ele, encostado ao seu carro, com um girassol na mão.

— O que estás a fazer... — Mas nunca conseguia dizer a frase completa, porque ele me envolvia nos seus braços e pressionava a boca contra a minha. É sempre por pouco que nos enfiámos no banco traseiro do carro dele, antes de nos agarrarmos. E quando terminamos, suados e a arfar, acabamos sempre a sentar-nos em cima da flor. Sinto-me sempre um pouco triste, pegando com cuidado nas pétalas caídas, mas o S beija a minha clavícula com um sorriso matreiro.

— Acho que vou ter de te trazer outro — diz ele. E traz sempre.

Uma vez, eu e a E estávamos no centro comercial, numa muito antecipada ida às compras, só nós as duas. O S sentira-se tão mal com a sua explosão que quase insistira que eu planeasse uma saída de amigas com a E.

Eu encontrara novas saias e camisas que queria experimentar, por isso, enquanto a E via sapatos, fui para os provadores. Alguns segundos depois de despir a t-shirt, a porta do cubículo abriu-se e alguém entrou depressa, tapando-me a boca antes que eu pudesse gritar.

— Shhh, não te preocupes. Sou só eu, Hay! — sussurrou o S com os olhos a brilharem, divertidos.

O meu coração não parava de bater.

— O que estás a fazer? — disse numa voz sibilante. — Vou ter contigo daqui a duas horas!

— Eu sei, mas vi-te e não consegui resistir. Vim buscar uma coisa para a minha mãe. Esqueci-me completamente que estarias

aqui agora.

Começou a beijar—me o pescoço e o meu corpo ficou alerta, como sempre acontece perto dele.

— Não consigo pensar direito — disse ele —, já que estás aí só de saia, sutiã e botas, sexy como tudo.

— la experimentar umas roupas novas. Queres que as experimente para ti?

— Mais tarde — sussurrou ele.

O S virou-me ao contrário, deixando-me de frente para o espelho. Prendeu o queixo no meu ombro, fazendo contacto visual comigo no reflexo.

— Sentes isto? — Cravou os dedos nas minhas ancas, enquanto me puxava, contra ele. Mordido o lábio para não gemer. — É isto que tu me fazes, Hayley.

Ouvi o fecho dele a abrir-se lentamente.

— Não tires os olhos do espelho — sussurrou. — Quero que vejas como és linda quando eu te faço perder a cabeça.

E eu vi. Não desviei o olhar durante todo aquele tempo lento e delicioso. Ele teve de manter a mão com força contra a minha boca, caso contrário, teríamos sido presos por um (extremo) atentado ao pudor, mas, mais uma vez, o S mostrara-me um caminho para o prazer que eu nem soubera que existia.

Senti definitivamente uma grande dose de vergonha quando saí dali de dentro para encontrar a E, mas tudo o que ela disse foi:

— Aí estás tu! Deve ter sido uma decisão muito difícil. Gostaste de alguma das roupas?

Por isso, vês? A vida com o S não tem sido nada além de girassóis e beijos e *mais* algumas coisas, ah ah! Ele mantém-me muito ocupada. Entre ele e a escola e tentar estar com a E, noto que não me preocupo com todas as merdas da Phoebe. Que alívio que isso é!

Tenho de terminar por aqui, porque o S acabou de mandar uma mensagem. Ele está lá fora e vamos comer qualquer coisa. Mais tarde conto!

Estou tão envergonhada.

Estou tão humilhada.

Estou tão perdida.

O que é feito da minha vida para que, numa altura destas, só me possa virar para o meu diário?

Quer dizer, tudo o que escrevi antes é verdade. O S tem sido perfeito. Feliz. Acabei literalmente de escrever sobre como as coisas estavam ótimas apenas há algumas horas.

Foi assim que aconteceu.

Quando corri lá para fora para me encontrar com o S, percebi que ele estava de mau humor. Quem é que não está de vez em quando? Além disso, já o que conheço bastante bem. Tenho uma ideia razoável de como animá-lo.

— Estás bem? — perguntei quando cheguei ao carro.

— Estou cansado — disse ele. — Foi um dia longo.

— Pobrezinho — disse de forma sincera. Inclinei-me para lhe dar um beijo na bochecha. Infelizmente, esse foi o momento exato em que ele virou a cabeça na minha direção para ver o ângulo morto antes de sair da rampa. Por isso, acabei por bater acidentalmente com o nariz na bochecha dele.

— Desculpa! — guinchei.

Ao mesmo tempo, ele gritou:

— Será que podes não ser irritante, só por uma única vez?

Eu acenei com a cabeça, com o coração a bater depressa. Doe, claro. Dói sempre quando ele fica assim. Mas sei que ele não diz por mal e, embora desta vez tenha sido um acidente, ele tem uma certa razão.

Eu *consigo* ser completamente irritante. Por vezes, muito deliberadamente. Recentemente não tenho feito isso, claro, mas... bem, há um tempo e um espaço.

Era nestas coisas em que estava a ruminar, enquanto fitava o meu colo durante a viagem. Estava a tentar estar muito atenta ao S. Ainda não sou espetacular a prever, mas às vezes consigo perceber a intensidade da tempestade com que estamos a lidar. Uma tempestade de categoria 5 significa que a noite está basicamente perdida. Tentamos novamente amanhã. Uma de categoria 3 pode correr bem ou mal, mas é muito provável que seja recuperável. Uma de categoria 1 ou 2 significa que ele só precisa de um pouco de silêncio educado para se acalmar e que depois está tudo bem.

Sinceramente, já nem lembro das tempestades de categoria 1 ou 2.

Lembrei-me de não cantarolar nem de abanar o joelho, algo que exigiu alguma concentração. A viagem demorou mais do que o normal, já que queríamos experimentar o novo Burger Shack de outra cidade. Mas a viagem longa fez bem ao S — quando chegámos ao parque de estacionamento, percebi que os ombros dele já não estavam tão tensos.

— Merda, Hay — disse ele, depois de travar o carro. — Sou o maior idiota do mundo. Lamento. Hoje o dia foi mesmo péssimo. Descarreguei em cima de ti, quando és literalmente a única coisa boa na minha vida. — O S inclinou-se e beijou-me. — Tu nunca és irritante — murmurou.

Afinal, era uma tempestade de categoria 1.

Ou era o que pensava.

Eu beijei-o de volta, dizendo-lhe que claro que entendia e para ele não ser ridículo porque eu era definitivamente irritante. A verdade é que a coisa predominante que senti foi alívio. Alívio porque, talvez, a noite afinal não estivesse perdida e talvez pudéssemos desconstrair um pouco.

Entrámos no restaurante, com o braço dele à volta da minha cintura e a minha cabeça no ombro dele. As coisas estavam bem nessa altura. Estava à espera na fila, a observar a ementa, nos braços dele. Tudo parecia estar bem no mundo.

— Quem está a seguir?

O S estava todo fofo e doce enquanto fazíamos os nossos pedidos. Eu esperei pela comida, enquanto o S foi arranjar uma mesa para nós.

Cantarolei a música que passava na rádio, balançando-me, tentando não pensar demasiado no S e na forma como se passara no carro. Quando chamaram o número do nosso pedido, peguei no tabuleiro. Ao tirar o ketchup, mostarda e pacotes de sal da banca dos condimentos, reparei que faltava uma dose de batatas fritas. Fui até ao balcão.

— Olha — disse ao tipo atrás do balcão —, não há problema, mas acho que umas batatas fritas ali atrás têm o meu nome.

— Isso seria impressionante — disse ele, servindo umas

batatas fritas novas para mim. — O Burger Shack deixou de fazer batatas personalizadas nos anos 90. — Pousou uma dose extra grande no meu tabuleiro.

— Bem, na verdade, pertenço secretamente à família real do Burger Shack: não digas a ninguém. Obrigada pelo upgrade.

— Sempre às ordens — disse ele, oferecendo-me um sorriso.

Não pensei nada em relação a isso. Assim que me virei, esqueci-me do tipo atrás do balcão do Burger Shack.

Mas ainda nem sequer tinha pousado o tabuleiro de comida à frente do S quando ele me agarrou no pulso, puxando-me da nossa mesa.

— Vamo-nos embora. Agora.

— O quê? Mas a nossa comida...

As pessoas viraram-se para ver o tabuleiro cair com um estrondo das minhas mãos, espalhando batatas fritas e batido de baunilha sobre a mesa. *Graças a Deus que ninguém aqui nos conhece*, pensei, com lágrimas de humilhação a picarem-me os cantos dos olhos. Eu estava a usar chinelos de praia, por isso, não conseguia realmente acompanhar o S enquanto me arrastava porta fora.

Categoria 5, categoria 5, soava o alarme na minha cabeça.

Dei voltas à cabeça, a perguntar-me o que teria feito de errado. Estes eram os momentos mais difíceis. Quando pensava que tinha feito tudo o que podia, quando me lembrara de todas as coisas que ele me pedira, respeitara os limites dele e, ainda assim, conseguia aborrecê-lo.

— Por favor — implorei. — O que foi que eu fiz?

O S não disse nada até chegarmos ao carro.

— Não te faças de parva. Tu sabes o que fizeste.

Ele abriu a porta do passageiro com força e atirou-me lá para dentro. Não disse mais nada até estarmos de novo na estrada. Lançou-me um olhar de repulsa ao ver como estava encolhida, como tentava esconder as minhas lágrimas.

— Eu não entendo mesmo. Por favor, diz-me para eu poder consertar as coisas.

Enquanto o S carregava no acelerador, a sua fúria ecoava através do rugido do motor.

— Quem era aquele tipo com quem estavas a flertar? — gritou finalmente o S.

Eu puxei pela cabeça. Não fazia ideia do que ele estava a falar, mas isso não faria a menor diferença. Não que fosse possível vencer neste cenário. Se eu soubesse de quem ele estava a falar, estava a confirmar a sua paranoia. Se não soubesse, estava a mentir.

Condenada de qualquer modo, só me restava a verdade.

— Sei que não vais acreditar em mim — disse lentamente, com a voz trémula de choro —, mas juro por tudo o que há de mais sagrado que não sei quem...

— Seja lá o que disseste, ele deu-te comida grátis. O que é que lhe prometeste, hã?

Com um guincho de pneus, estacionámos no caminho de acesso à minha casa.

— Espera, o *empregado de balcão*?

Era tão ridículo. Era para além de ridículo.

Tudo isto era um absurdo terrível e grotesco. Uma comédia de erros.

O tipo dos fritos?

O S achava mesmo que eu arriscaria uma tempestade de categoria 5 por mais um punhado de batatas fritas?

Irrompi em gargalhadas tristes, num misto de pranto e vontade de rir. Corriam-me lágrimas quentes dos olhos.

— Para de rir — rosnou o S, fitando-me furiosamente.

— Eu... não consigo... — arquejei entre respirações dolorosas. E não conseguia, não conseguia mesmo.

— Para de te rir *de mim* — gritou o S.

E quando não parei, ele atirou o braço para trás e deu-me com as costas da mão na cara, com tanta força que a minha cabeça bateu contra a janela.

A dor explodiu dos dois lados do meu crânio. E nem nesse momento compreendi o que tinha acontecido.

O S não me tinha batido. Ele não faria isso. Isso não era algo que acontecesse a raparigas como eu.

Tinha-me rido com tanta força que batera com a cabeça contra o vidro?

Atordoadá, levei uma mão à cara e senti algo molhado. Olhei para baixo e vi uma pequena pinga de sangue nos meus dedos. Senti o gosto a cobre no meu lábio.

Olhei para o S, à espera de ver contrição, horror, que ele se atrapalhasse a dizer que ficara possuído...

Mas ele fitava o teto, ainda cheio de uma fúria gelada, com os dentes cerrados mas, no máximo, parecia um pouco mais... aliviado?

Foi quando tudo se abateu sobre mim. Que me tinha lembrado dos pacotinhos de sal de que ele gosta. Do modo como o batido de baunilha se tinha espalhado pela mesa. Como me apetecera *mesmo* comer batatas fritas. O som do meu crânio quando embatera no vidro da janela. A dor de cabeça lancinante que já começava a latejar nas minhas têmporas, piorando enquanto ficava ali sentada.

Engasgando-me num soluço horrorizado, abri a porta do carro, tropeçando no asfalto. Corri para a porta da entrada, com os dedos a tremerem violentamente ao tentar enfiar a chave na fechadura.

Depois de fechar a tranca, fugir para o meu quarto, garantir que todas as trancas das minhas janelas e porta estavam bem fechadas, tinha oito chamadas perdidas do S. Aterrorizada, desliguei o telemóvel e atirei-o para o armário, como se ele pudesse sair de dentro do aparelho.

E agora aqui estou eu, sentada, a escrever este filme de terror para nunca ninguém ler. Fui ver a minha cara ao espelho. Não está tão mal como me sinto. O meu lábio está aberto e há uma mancha avermelhada onde os nós dos dedos dele bateram na minha maçã do rosto, mas não acho que fará uma nódoa negra. Há um pequeno galo a crescer onde a minha cabeça bateu na janela, mas está debaixo do cabelo, por isso, ninguém conseguirá ver.

O que eu não consigo compreender é todo este embaraço que sinto. Toda esta vergonha.

Não é que alguma vez imaginasse que algo assim aconteceria, mas antes, sempre que via filmes ou lia notícias sobre tipos merdosos que faziam isto às mulheres, ficava tão consumida pela raiva que tinha me levantar e caminhar pela sala.

Nunca deixaria que alguém me fizesse isso, pregava para a E.

Matava-a. Matava-os a todos.

E agora? Agora, quero gatinhar para debaixo da cama, retirar esta memória do meu cérebro para me esquecer de que aconteceu, apagá-la da existência para que nunca ninguém descubra.

Porque é que sinto esta necessidade avassaladora de dizer que lamento sem parar? *Não ao S. Bem, talvez ao S. (É o mais fodido nisto tudo.) Não sei. É mais como um lamento geral. Lamento por cada uma das pessoas a quem isto aconteceu. Lamento que tenha sido pior para a maioria. Lamento ser uma cobarde. Lamento ter-vos julgado.*

Lamento não te poder contar, E.

És tu a pessoa a quem eu mais quero contar. Mas simplesmente... não consigo.

Como é que eu cheguei aqui? Como é que qualquer uma de nós chega aqui, para a nossa única esperança residir em fragmentos secretos de papel, que acabarão num aterro, por ler?

O que faço, diário? Mas que porra faço agora?

capítulo 24

ella

Tenho de fechar o livro antes que mais lágrimas esborratem as palavras da Hayley. De pernas cruzadas na minha cama, olhando em terror para a escuridão, quero enfiar o diário no meu armário, tal como a Hayley fez com o telemóvel. Estas palavras são demasiado horríveis, a culpa é demasiado grande. Mas como é que posso fazer algo mais, além de o apertar com mais força?

— *Hayley*. — Pressiono o diário contra a minha barriga, com os cantos a espetarem-se no espaço macio ao lado do meu umbigo. — Lamento muito. Lamento muito.

A Hayley estava apavorada, perdida e tão, tão sozinha. Como é que eu não fazia a menor ideia? Ela foi provavelmente para a escola no dia seguinte e ficou sentada a ouvir-me enquanto eu me queixava por ter um trabalho de sete páginas para entregar na mesma semana de um grande encontro de natação. É desconcertante pensar nas coisas que não me deixavam dormir antes.

O despertador toca e um novo horror apodera-se de mim.

Sawyer.

Como raio é suposto enfrentar o Sawyer agora? Os meus pulmões contraem-se dolorosamente e de repente parece que não consigo obter oxigénio suficiente.

A Hayley sabia tanto da vida. Tinha uma sabedoria que nenhuma rapariga de 17 anos devia ter. Eu sentia-me um sapo e ela era uma

daquelas rãs deslumbrantes da floresta amazônica, cujas cores estonteantes revelavam quão brilhantes e mortíferas eram. Ela tinha sempre respostas, e assegurava-me sempre que, por mais ingênua que eu fosse, ela cuidaria sempre de mim.

Eu nunca a vi assustada, nunca ouvi incerteza na voz dela. E não fazia ideia em relação ao Sawyer.

A seguir à Hayley, mais ninguém me fazia sentir tão segura como ele. Mesmo no meio das minhas dúvidas, em alguns momentos, se ele me tivesse pedido para me atirar de uma ponte ontem à noite, eu teria obedecido.

Não me consola constatar que não fui apenas eu.

O Sawyer enganou-nos a todos.

Uma batida na porta do meu quarto sobressalta-me e eu enterro o diário debaixo do colchão.

— Ella? Porque é que ainda estás na cama? — A mãe acende as luzes do quarto e franze o sobrolho quando eu semicerro os olhos perante a claridade.

A Midna vem lançada do corredor, saltando para a minha cama com um chilreio. Pego nela e enterro a cara no pelo quente e macio.

— O que... — A mãe vira-se para mim quando me ouve fungar. — Valha-me Deus, Ella. O que foi?

A Midna ronrona e eu choro ainda mais.

Sinto o colchão mudar de peso e uma mão na minha perna.

— Estás doente? Aconteceu alguma coisa?

Com outra fungadela, levanto os olhos para a mãe. Ela parece preocupada, confusa. Por um instante, imagino o alívio que sentiria ao descarregar este fardo nela. Passá-lo a um adulto e depois enrolar-me e dormir durante um milhão de anos.

A mãe aperta o meu tornozelo, num misto de incentivo e insistência, e eu pondero durante um momento passageiro. Pondero contar-lhe tudo. Mas ela não conseguiria ultrapassar o que eu fiz com o Sawyer. Os encontros às escondidas, as coisas que fizemos e *quase* fizemos. Ela já está tão desiludida comigo.

Mas, acima de tudo... porque é que a sobrecarregaria com os horrores do diário de uma rapariga morta?

Liberto o corpo ágil e macio da Midna. Ela dá uma marradinha na minha mão e enrola-se contra a minha coxa.

— Não aconteceu nada, mãe — digo, com a voz rouca. — Não me sinto bem. Não sei se vou à escola hoje.

Ou alguma vez mais na vida.

A mãe põe as costas da mão na minha testa.

— Olha, não estás com febre. — Ela franze as sobrancelhas e lança-me um olhar penetrante. — Fofucha, o que se passa de verdade? — A minha alcunha de criança e o tom urgente da sua voz tenta-me novamente a contar tudo. Porque essa é a parte mais difícil. Ela quer de facto ajudar.

Mas não pode.

Fecho os olhos.

— Nada, mãe. Acho que só dormi mal.

A mãe nunca conseguiria ultrapassar todas as maneiras como trai a sua confiança. Como violei a ideia da menina que fui outrora. Os meus pais iriam...

Abro os olhos de repente.

Não posso falar com os meus pais. Mas há outro adulto a quem posso recorrer. Um que ainda se lembra de como era ser jovem e burro.

Salto da cama, assustando tanto a mãe como a Midna.

— Bolas. Acabei de me lembrar. Tenho um teste de Política hoje. Não posso ficar em casa. — Apresso-me a ir buscar algo ao armário para mudar de roupa.

A cara da mãe fica magoada. Mas apenas por um instante. Levanta-se, acenando com a cabeça, alisando os vincos da sua blusa, com o rosto novamente fechado.

— Se tens a certeza de que estás bem... O autocarro chega em breve.

— Sim — digo distraidamente, enfiando-me nas calças de ganga. Mas ela não tem de se preocupar. Nem pensar que vou perder o autocarro. É a única coisa que me separa de alguém que saberá o que fazer.

Vou diretamente para o gabinete do professor Wilkens assim que chego à escola. A porta do gabinete está ligeiramente aberta e ele está sentado à secretária, a escrever no portátil, com música a tocar.

Graças a Deus que está sozinho.

Com uma mão trémula, bato à porta. O professor Wilkens olha para cima. Começa a sorrir, mas para assim que me vê.

— O que aconteceu, Ella? Estás bem?...

— Não. *Não*. — E que alívio é contar-lhe a verdade. — Na realidade, estou muito longe de estar bem.

Os olhos dele suavizam-se.

— Oh, Ella. — O professor Wilkens apressa-se a fechar a porta.

Estou enrolada na cadeira, com os braços à volta do meu tronco, a tentar engolir os meus soluços mais violentos. Ele tira uma caixa de lenços de papel da secretária e senta-se na poltrona ao meu lado.

— Toma — diz e eu pego nos lenços de papel oferecidos. — Tenho montes de caixas dessas, por isso, enche-os de ranho à vontade.

Eu soluço uma gargalhada e continuo a chorar. Não sinto nem uma única vez que demoro demasiado tempo a chorar, nem que não estou a falar depressa de mais. O professor Wilkens fica ali sentado, com uma presença paciente e gentil. Os olhos dele nunca me abandonam, mas não é tanto como se estivesse a julgar-me ou a tentar ler a minha mente, mas como se fosse o pastor-alemão da família. Está aqui para me proteger, só para se assegurar de que estou mesmo bem.

Finalmente, ocorre-me que não tenho de esconder nada. Nada de segredos. Isto é um espaço seguro. Sinto uma onda de gratidão tão forte pelo professor Wilkens que tenho de conter a vontade de o abraçar.

— Sabe — digo pesadamente —, é muito bom nisto.

— Hã?

Aponto vagamente para a sala.

— Não sei. Isto. Ouvir.

O professor Wilkens ri-se e é um som caloroso e afetuoso.

— Lembra-me de te chamar para a minha próxima avaliação de desempenho. — Os olhos dele fitam atentamente os meus. — Mas agora a sério, estás bem?

— Eu tenho... mais ou menos, andado com o Sawyer. — Parece que estou a empurrar um diamante garganta acima.

— Está bem? — O professor Wilkens pestaneja. O que quer que ele esperava, não creio que fosse isto. Ele abana a cabeça, recupera. — Está bem — diz de novo. — Presumo que estejas a sentir-te...

culpada? Por causa da Hayley.

— Presume bem. Muitíssimo culpada. Sou a amiga mais cretina de toda a história de todas as cretinas e de todas as amigas. — Sabe bem dizer esta parte. É como estar num confessionário.

— Muito bem, ouvi que te sentes incrivelmente culpada, Ella. Mas não há motivo para dizeres coisas tão horríveis e, objetivamente, impossíveis sobre ti mesma. — Abana a cabeça. — Dito isso, é perfeitamente compreensível que sintas culpa. Mas vamos desconstruir...

— Ele batia-lhe.

— O quê? — Fica imóvel. — Quem batia a quem, Ella?

— O Sawyer batia na Hayley. Eu não fazia a *mínima* ideia. Ele tem sido maravilhoso e, sinceramente, tipo, o meu homem de sonho, mas li o diário dela e *ele batia-lhe*...

— Ella — diz o professor Wilkens, numa voz lenta e séria. — Calma. Volta atrás. Eu acredito em ti. Eu acredito na Hayley. Mas são acusações graves. Como é que sabes que o Sawyer abusava fisicamente da Hayley?

— A Hayley mantinha um diário. — Lágrimas quentes escapam dos meus olhos. — Eu sei que não devia... que não devia ter lido. Mas tinha tantas saudades dela, mas depois ela começou a escrever sobre como o Sawyer ficava controlador e ciumento e depois... e depois ele bateu-lhe com tanta força que fez sangue!

O professor Wilkens fica pálido.

— O Sawyer fez isso? — sussurra.

— Eu sei. — Pressiono um punhado de lenços contra a boca. — Sinto-me tão estúpida.

— Não sintas. — O professor Wilkens levanta-se, pressionando os dedos contra as têmporas. — Não te atrevas a sentir-te estúpida, Ella. Isto não é culpa tua, nem culpa da Hayley... a culpa é apenas do Sawyer.

— Conheço-o há anos e achava que ele era uma pessoa maravilhosa... Como é que ele pode ter escondido isto tão bem? — Eu puxo mais as pernas contra o peito, apoiando o queixo nos joelhos.

O professor Wilkens senta-se ao meu lado, fitando-me com olhos tristes e afetuosos.

— Infelizmente, Ella, isto é muito comum no que toca a

agressores. Durante o mestrado, trabalhei com vítimas de violência doméstica num dos meus internatos. Era comum os amigos e familiares ficarem chocados quando descobriam que o seu ente querido estava numa relação abusiva. Lamentavam por terem achado que o agressor era tão encantador e maravilhoso. «Mas ele amava-tanto» e «Mas ele era tão simpático e divertido!».

O professor Wilkens engole em seco, parecendo nauseado.

— Sei que não é culpa de ninguém, mas se alguém devia ter reconhecido o Sawyer por aquilo que ele é, e ter sido um sistema de apoio para a Hayley, deveria ter sido eu. — Ele passa uma mão pelo cabelo. Mas após um instante, compõe o rosto. — Desculpa, Ella. Isto não foi muito profissional da minha parte.

— Não peça desculpa — sussurro. É comovente ver o quanto ele se importa. — É bom que alguém além de mim se importe tanto. Apesar de a Hayley já não estar cá.

Ele acena com a cabeça, fitando o chão.

— Eu importo-me com todos os meus alunos, antigos ou atuais. — Passado um instante, a cabeça do professor Wilkens ergue-se repentinamente. — Ella, o Sawyer magoou-te?

— Não — digo, com um arrepio a subir-me pela espinha. — Ainda não.

— Graças a Deus. Ele sabe que tu tens o diário?

— Ninguém sabe — eu digo. — Exceto o professor.

— Ainda bem. — Ele levanta-se, caminhando atrás da secretária. — É mais seguro que mais ninguém saiba por agora. É a coisa mais parecida que temos com uma prova. Se... sequer pode ser considerado uma prova. — Franze o sobrolho. — Sem a Hayley, receio que não tenha muito peso em tribunal.

— Em tribunal? — Eu sento-me mais direita, em pânico. — Espere, professor Wilkens, quer mandar o Sawyer para trás das grades?

O professor Wilkens para de andar e quando vê a minha cara os seus olhos suavizam-se.

— Ella — diz gentilmente, caminhando até mim para pousar uma mão no meu ombro. — Não consigo imaginar o quão difícil isto deve ser para ti. Além de seres amiga do Sawyer há muito tempo... tenho a certeza de que tens tido sentimentos mais fortes por ele ultimamente.

Eu fecho os olhos com força. Tenho de dar voz a este pensamento traiçoeiro ou deixá-lo apodrecer dentro de mim.

— Professor Wilkens — sussurro. — Eu confio na Hayley de todo o coração. Ela era a minha melhor amiga no mundo. Mas isto parece muito precipitado... E se... Se houver alguma hipótese... alguma possibilidade remota de... isto ser alguma espécie de mal-entendido? Que eu... que eu tenha baralhado qualquer coisa ou lido qualquer coisa mal ou...

— Ella. — Ele aperta o meu ombro, com a voz tão repleta de compreensão que sinto o meu coração a partir-se. — Eu percebo. Reconciliar o Sawyer que conheces com esta verdade feia e oculta sobre ele.... é uma impossibilidade que qualquer pessoa teria dificuldade em aceitar. Não estás sozinha nisso. Há muitas pessoas que conhecem esse tipo de confusão e mágoa. Isso não faz de ti má pessoa. Na verdade — ele estica uma mão e passa-me novamente a caixa dos lenços —, por acaso acho que isso faz de ti muito boa pessoa. Queres ver o lado bom de todos, apesar de seres confrontada com verdades feias.

A bÍlis ameaça subir-me pela garganta. Forço-a para baixo, em conjunto com esta realidade horrível em que o Sawyer batia na Hayley e eu ansiava pelo toque dele.

— Ella, tu és uma rapariga muito inteligente. Brilhante, de acordo com o Diretor Cantrell. Mas, neste caso, tens de confiar nos profissionais. Podemos não ter conseguido ajudar a Hayley, mas podemos impedir que isto aconteça a mais alguém. Durante o internato, outra coisa que aprendi foi que os agressores como o Sawyer não mudam. A menos que aconteça algum milagre, o Sawyer voltará a fazer isto. Até o fará a ti.

Eu luto com a vontade de me fechar, de me enrolar sobre mim própria. Mais ninguém pode fazer isto por mim.

Eu não pude salvar-te, Hayley, mas posso salvar outras.

Engolindo com força, levanto o queixo.

— O que devo fazer?

O professor Wilkens acena, determinado, mas orgulhoso.

— Tens um bom esconderijo para o diário?

— No meu quarto, sim.

— Por agora, serve. Eu vou contactar o meu tio Rick, que trabalha

na Polícia. Não sei absolutamente nada sobre como estas leis funcionam, o que pode ser feito, se alguma coisa *pode* ser feita, especialmente enquanto o Sawyer tem menos de 18 anos... — Ele abana a cabeça, frustrado. — Vou falar com ele, informá-lo sobre o que se passa, ver se há algo que a escola ou que as autoridades possam fazer...

— E se ele tivesse entrado à socapa na piscina do Y depois do fecho? — digo de rompante.

O professor Wilkens ergue uma sobrancelha.

— Tens provas?

A vergonha aquece as minhas bochechas.

— Nada que não me implique também a mim.

Ele fita-me, em reflexão, e depois abana a cabeça.

— Não vale a pena prejudicares o teu próprio futuro. Eu vou pensar em alguma coisa. Só tens de te manter forte e faz o que puderes para te concentrares na escola. — Ele faz uma pausa. — Ella, tenho a certeza de que não preciso de te dizer isto. Mas, de agora em diante, tens de te manter afastada do Sawyer. A prioridade é a tua segurança.

Quando eu estremeço, o professor Wilkens deixa-se cair novamente na poltrona ao meu lado.

— Tens sido muito forte. Aquilo por que passaste arrasaria a maioria das pessoas. Devias estar orgulhosa de ti.

— Obrigada — digo miseravelmente.

Ele inclina a cabeça.

— Há alguém em casa a quem possas pedir apoio? Outros amigos? Ou... ou familiares? Ou... — Ele não termina quando vê a verdade na minha cara.

Ninguém. Não tenho ninguém. Os meus pais arrancavam-me da escola e mandavam-me para a outra ponta do país. A Jess é impossivelmente inocente e nova. Já estou a ser um fardo enorme para a Seema. Além disso, ela está preocupada com o prazo cada vez mais próximo para as candidaturas antecipadas à universidade.

Só há uma pessoa para a qual me podia ter virado. Mas já sabemos isto, não já?

— Toma. — O professor Wilkens procura no bolso e tira o telemóvel. — Olha. Marca o teu número. — Faço isso e ele liga-me.

Sinto a vibração contra a minha coxa.

— Agora, tens o meu número. Quando começares a sentir-te sozinha ou confusa ou assustada, usa-o. — Eu toco no telemóvel através do bolso. Agora, parece-me uma tábua de salvação. Um paraquedas. Sinto-me tonta de alívio.

O professor Wilkens prende-me com um olhar zeloso e caloroso.

— Mantém-te segura, Ella.

É uma frase tão simples mas, neste momento, não sei como voltarei alguma vez a sentir-me segura.

capítulo 25

ella

Em qualquer outra vida ou universo, esta noite seria perfeita. Está involuntariamente frio para uma noite de meados de setembro na Georgia e os aromas a algodão-doce acabado de fazer, feno e sidra quente de maçã são trazidos por um fresco vento outonal.

Parece que a escola veio toda em peso à Feira do Outono. A maioria dos professores anda por ali. A professora Langley deu-me um abraço rápido no início da noite, com as suas pulseiras de argolas a chocalharem, enquanto ela me agradecia novamente por ter vindo. O professor Wilkens fez-me um aceno de incentivo do seu posto na bilheteira. A Nia, a Beth e a Rachael deram-me abraços superficiais antes de irem para o labirinto de milho e a Seema fez-me adeus da banca do algodão-doce. A Jess e a Kelly compraram-me s'mores antes de se juntarem aos seus amigos na multidão. Estão todos felizes e a rirem-se, até o Scott, que exibiu o urso de peluche que ganhou no jogo das argolas como se fosse a Stanley Cup.

Eu não podia estar mais infeliz.

Quase nem reparo na banda de bluegrass que toca ao vivo do outro lado do campo e faz as pessoas baterem palmas ao som metálico do banjo e dos violinos animados. Os passeios do trator de feno barulhento, o chapinhar da água dos que tentam apanhar maçãs, os guinchos de alegria que vêm do labirinto de milho... tudo isso se desvanece em pano de fundo.

A única coisa em que reparo agora é no Sawyer, algumas bancas à frente e na minha diagonal, a vender maçãs do amor.

Na outra manhã, saí desorientada do gabinete do professor Wilkens. Conciliar-me com este novo facto de o Sawyer ser perigoso e de a minha segurança depender de ficar o mais longe possível dele, parece tão difícil como lutar com um urso.

Mas agora, depois de algumas horas a vender sacos de bolachas de água e sal, marshmallows e chocolate, e de manter um olhar atento sobre o Sawyer, sinto que estou a dar em doida. Tenho-o observado, enquanto finjo organizar a gaveta dos trocos e simplesmente... não consigo... ver isso. Ele não tem sorrido muito nesta noite, o que significa que, quando o faz, o efeito é de parar o coração. Fala baixo e é educado enquanto vende as maçãs do amor e é difícil não me derreter quando o vejo interagir com crianças.

Neste momento, o Sawyer está inclinado por cima do balcão de madeira e uma menina, que agarra a mão da mãe, aponta timidamente para a maçã que quer. O rosto dele está aberto e afetuoso com a boca curvada e a contorcer-se, como se estivesse a conter uma risada.

Ele tira a mais vermelha de todas as maçãs, esticando-se para baixo para a dar à menina. Ela agarra avidamente no pau, mas é mais pesado do que ela esperava e o peso da maçã escorrega-lhe da mão, caindo no pó e no feno.

A carinha dela é uma ruína de desespero, enquanto olha da mãe para o Sawyer e depois de volta para a mãe. A mãe dobra-se e não consigo ouvir o que ela está a dizer, mas, quando a menina irrompe em lágrimas, é evidente que não vai receber outra maçã.

O Sawyer olha para a frente e para trás, para garantir que nenhum dos professores está a olhar. Quando vê que é seguro, pega em duas maçãs e dá-as à mãe. Provavelmente, uma para cada uma delas. Ele descarta as tentativas de recusa por parte da mãe, inclina-se a sorrir e murmura algo à menina. Posso imaginá-lo a dizer-lhe, naquela sua voz quente de veludo, que a maçã também é pesada para ele, mas que se ela usar as duas mãos, terá força mais do que suficiente.

Viro-me para o outro lado, incapaz de aguentar observar mais. Mais um segundo a ver a adoração nos olhinhos daquela menina e vou esquecer-me de tudo o que o professor Wilkens disse. E tenho de ser

forte.

Especialmente quando vejo quem se dirige para a minha banca: o Sean e a Phoebe. Não posso acreditar que eles estão aqui. Mas porque é que estou chocada? É cada vez mais claro que a Phoebe só faz aquilo que quer — *que se dane* como os outros se sentem.

A boca da Phoebe está torcida num sorriso forçado e ela oscila a cada passo. Parece... enfim, parece bêbeda — mas também está linda. O seu cabelo castanho-avermelhado está alisado para trás num rabo de cavalo baixo e o vestido floral abraça as suas curvas. Tem as unhas arranjadas e a maquilhagem está impecável. Parece quase demasiado bem vestida ao lado do Sean, que usa um casaco de ganga coçado, botas Timberland e o mesmo tipo de relógio que o Scott tem, que não imaginaria que ele tivesse dinheiro para comprar. A Phoebe aproxima-se, enquanto o Sean se deixa ficar para trás, encostando-se a um expositor de abóboras a fumar um cigarro, com os olhos a observarem-me atentamente.

Quando a Phoebe se inclina no balcão da minha banca, consigo sentir o cheiro enjoativo a álcool no seu bafo.

— Dois s'mores, Ella — diz com a voz arrastada.

Não consigo deixar de franzir o nariz, enquanto abro um novo pacote de marshmallows.

A Phoebe ergue uma sobrancelha.

— Sabes, se continuares a franzir a cara dessa maneira, vais ficar com rugas. Quem é que te vai querer nessa altura?

Mais uma vez, não devia ficar surpreendida. Mas uma raiva amargurada sobe por mim tão depressa que parto acidentalmente uma bolacha na minha mão.

— Se alguém reduzir o valor de um humano ao facto de a sua pele ser lisa, não quero ter nada que ver com essa pessoa. Na verdade, dá-me vontade de ficar com rugas mais cedo para começar a fazer uma triagem.

A Phoebe ri-se com um cacarejo.

— Como é aquela citação? «A juventude é desperdiçada nos jovens»? Liga-me quando estiveres a chegar aos 60 e estiveres sozinha há décadas. Diz-me o quanto adoras as tuas rugas nessa altura.

Atrás da Phoebe, o Sean faz um riso de troça. O meu sangue ferve e fito-o furiosamente.

— Prefiro estar sozinha a vida toda do que estar com *alguns* homens — murmuro.

A Phoebe segue o meu olhar e encolhe os ombros.

— Quem, o Sean? É verdade que ele não é um santo. Mas eu também não. Nós entendemo-nos.

Penso em tudo o que o Sawyer me contou sobre o Sean, em como ele observava a Hayley de toalha, que a Phoebe sabia e não se importava e passo-me.

— A Hayley merecia melhor do que a Phoebe. E a Phoebe nunca a mereceu de todo.

Ela revira os olhos.

— E eu merecia melhor do que a minha mãe e por aí a fora; é a história mais velha do mundo, miúda. — Ela ri-se. — Acredites ou não, este é um dos finais mais felizes. A Hayley foi poupada das dores da vida e eu ganhei uma segunda oportunidade.

O ar sai todo dos meus pulmões. Penso na Phoebe sentada na cozinha, demasiado destroçada para sequer entrar no quarto da Hayley. Ficara tão chocada com a desolação dela. Mas penso nas palavras da minha *lola* sobre o amor, que nunca nada é tão simples como aquele rio serpenteante e complicado, que alguns são tranquilos e outros traiçoeiros.

E agora vejo que alguns rios se tornam barragens estranguladas, construídas por aqueles que, no final de contas, decidiram que o amor nunca foi nada mais do que um fardo.

Passo os s'mores à Phoebe e depois recomponho-me.

— Se isso é tudo o que vai comprar, vou ter de lhe pedir para se afastar.

A Phoebe fica rígida, com o rosto a ficar duro de fúria. É *isto* que a chateia?

— Eu não vou a lado nenhum — cospe. — Não aceito ordens de uma...

— Pronto, já chega. — Mãos fortes pegam gentilmente nos meus ombros e puxam-me para trás e o Sawyer põe-se à minha frente, com o rosto sombrio de fúria. — Está bêbeda. Por favor, vá-se embora.

A Phoebe troca do Sawyer, precisamente quando o Sean aparece junto ao ombro dela, tenso e alerta. A Phoebe olha de mim para o Sawyer, com a compreensão a iluminar as suas feições. Ela vira-se

para mim quando fala.

— Que hipocritazinha — diz ela. — A Hayley não morreu nem há seis meses e tu usas esse colar e vais para a cama com o namorado dela...

Já não aguento ouvi-la. Saio detrás da banca, esperando fazer sinal para um dos professores levar a Phoebe para fora do recinto. Reparo no treinador Cud, algumas bancas mais abaixo, a passar sidra de maçã a uma das raparigas do 11.º ano da sua equipa de atletismo. Perfeito.

— Oh, nem penses nisso, tu *não vais* livrar-te de mim. — A voz embriagada da Phoebe sobe de tom e, antes de poder chamar o treinador Cud, ela põe-se de repente à minha frente. Encolho-me para trás, ofegante.

O Sawyer põe-se entre nós e o Sean põe os braços à volta da Phoebe, puxando-a para trás com uma expressão divertida.

— Nada me daria mais prazer do que ver-vos às duas a lutar, mas agora não é nem a hora nem o local — diz o Sean, enquanto a Phoebe se debate nos braços dele.

Ele afasta dali uma Phoebe que pragueja e arrasta as palavras, atraindo olhares tanto dos alunos como dos pais. O Scott, que se afastou de uma multidão de rapazes do 12.º para assistir, fica a fitá-los, com a boca ligeiramente aberta e um olhar indecifrável no rosto.

Antes de o Sean e a Phoebe desaparecerem de vista, o Sean olha de volta para mim uma última vez e pisca-me o olho.

capítulo 26

ella

Durante um instante, eu e o Sawyer ficamos ali, ofegantes e perplexos.

— Aquela... aquela mulher é horrível — diz o Sawyer passado um momento. — Estás bem, Ella?

— Sim — digo em voz baixa.

Quando o Sawyer levanta o rosto para o meu, fico alarmada ao ver sombras escuras por baixo dos olhos dele, o cansaço na sua expressão. De uma forma sinistra, ele espelha exatamente como eu me sinto, como se não dormisse há dias. Mas o que o tem mantido acordado, exatamente?

— Olha, odeio dizê-lo, mas acho que é só mais uma noite de quinta-feira para a Phoebe. — O Sawyer expira. — Fico feliz que estejas bem. Não tivemos muita oportunidade de falar nos últimos dias. — Ele ri-se com leveza, mas consigo perceber que há uma interrogação por trás disso. — Tive saudades tuas. — Ele estica a mão para afastar cabelos da minha bochecha e, involuntariamente, estremeço.

Durante meio segundo, a cara do Sawyer contorce-se. Parece tão magoado. Tão confuso e, *God*, não é o único.

— Desculpa. — Enrolo os braços à volta do meu estômago. — Ainda estou abalada com as coisas que a Phoebe disse.

O Sawyer cerra os punhos.

— Não peças desculpa. Eles foram horríveis.

Os sons da Feira do Outono a acalmarem enchem o espaço entre nós. O ronco do trator parou, substituído por um agricultor que grita para os filhos pararem de atirar feno tão descuidadamente da carroça. A banda de bluegrass já arrumou tudo. O murmúrio da multidão é mais grave, mais adulto, agora que a maioria das crianças foi para casa.

— Olha, então, percebo se não te apetecer, mas... — O Sawyer leva a mão ao bolso e tira dois bilhetes para o labirinto de milho. — Comprei dois para nós. O nosso turno está praticamente no fim, por isso... pensei que talvez quisesses, não sei... perder-te num campo de milho comigo?

Um vento cortante e frio sopra, trazendo o delicioso cheiro do Sawyer a couro fumado do outro lado do balcão. Num flashback visceral, lembro-me de quão potente e único é aquele cheiro quando ponho a cara contra o pescoço dele, que sabe tão bem como cheira quando se mistura com o sal na sua pele.

Lembra-me de que, não há muito tempo, tudo o que eu queria seria perder-me em qualquer tipo de labirinto com o Sawyer Hawkins. E agora, só de pensar em todas as coisas que o professor Wilkens disse, no diário... há uma guerra dentro do meu peito.

— Ella, de certeza que estás bem? Estás verde.

Aceno com a cabeça.

— Acho... acho que só preciso de me sentar um bocadinho.

O Sawyer procura ali à volta por qualquer tipo de cadeira para mim, com os seus movimentos ansiosos e bruscos. Ele regressa com um dos enormes tocos de árvore que estão espalhados pelo recinto para servirem de bancos temáticos.

— Toma — grunhe, deixando cair o toco no chão. — Senta-te.

— Obrigada. — Olho para os pacotes espalhados de marshmallows e bolachas salgadas. — Só preciso de um minuto e depois limpo aquilo tudo.

— Senta-te — repete o Sawyer. — Eu tenho tudo controlado. — O sorriso dele é pequeno e torcido, e o luar transforma aquela cicatriz dele num corte prateado na sua sobrancelha. *Ainda não a beijei*, vem o pensamento traidor e espontâneo, e eu deixo-me cair no tronco de árvore, agarrada ao estômago.

Observo, sem piscar os olhos, enquanto ele desmonta metódica e cuidadosamente a minha banca. A ponta de dúvida no meu peito não desaparece. Chamem-me estúpida, chamem-me ingénua, mas... eu tenho de vê-lo. Preciso de provas. Não apenas para o professor Wilkens, para talvez se poder fazer alguma coisa.

Mas apercebo-me de que preciso delas... para mim.

De que mais provas precisas? Leste o diário. Ouviste o professor Wilkens. Do que mais precisas? De uma conta do hospital?

De uma prova mais permanente?

— Feito! — diz o Sawyer e tento esconder o meu sobressalto. Mas os olhos dele são atentos. — Desculpa. Ainda estás nervosa? Talvez... talvez seja melhor não irmos ao labirinto de milho, então? — Ele olha melancolicamente sobre o ombro para as espigas gigantes de milho que contornam o horizonte. — Podemos sempre voltar para o ano...

— Ella!

A Seema dirige-se para mim e para o Sawyer, com um vestido-camisola bordô. Está flanqueada por um grupo de amigas que reconheço da equipa de lacrosse da escola. A Seema mostra bilhetes para o labirinto de milho.

— Eu e as meninas vamos tentar ir ao labirinto antes que isto feche. O que achas? — A Seema faz um gesto com a cabeça para o Sawyer. — O Flexões também pode vir, claro.

O Sawyer ergue uma das sobranceiras escuras. *Flexões?*, diz ele sem som, cruzando os braços.

Eu torço-me no toco, limpando as mãos suadas às minhas calças de ganga. Talvez não haja problema num grande grupo de pessoas. Ou talvez eu seja a maior idiota do mundo.

A Seema resmunga:

— Vamos lá, Ella. — Aproxima-se e dá-me festinhas na cabeça. — É a melhor noite do ano até agora e estás com cara de quem está a ver o treinador Cud a largar uma poia. Além disso, ouvi o que se passou antes na tua banca. — Ela fica mais meiga enquanto eu gemo, embaraçada porque os mexericos já se espalharam. — Não penses neles. Vamos terminar esta noite em alta.

Olho de relance para o Sawyer. Ele olha para mim, com os seus enormes olhos de cacau esperançosos.

Preciso de provas.

— OK — digo, acenando com a cabeça.

— Fixe! — A Seema bate palmas. — Mas talvez possas agir como se te estivesse a levar para uma diversão de outono com os teus amigos, e não para a guilhotina?

O Sawyer põe-se ao meu lado enquanto caminhamos para a entrada. Faço um esforço consciente para não estremecer quando o seu dedo mindinho toca no meu, num pedido mudo. Tenho de conter as suspeitas se quero obter respostas esta noite, por isso, enrolo os meus dedos nos dele, um gesto que faz com que o Sawyer relaxe visivelmente.

Ao entrarmos no labirinto, a Seema faz apresentações rápidas, mas passados alguns segundos, cala-se.

— Uau — diz ela, dando voz aos nossos pensamentos — isto é sinistro como o raio.

Uma vez que a maioria dos visitantes já se foi embora, o silêncio é palpável. As paredes altas de milho bloqueiam qualquer outro som ou luz do festival lá fora. Aqui dentro, só existe o luar e o restolhar ocasional de espigas secas quando o vento frio de outono sopra as folhas.

O meu coração começa a bater com força.

— Olhem, este labirinto não se vai resolver sozinho, cobardolas. — A Seema marcha pelo corredor comprido, onde chegamos à nossa primeira bifurcação.

Há uma placa no meio com uma pergunta de cultura geral.

— «Se souberes curiosidades da Georgia, não te perderás. Escolhe a resposta correta e o caminho certo terás.» — A Seema lê para o grupo mais atrás. — Muito bem, é melhor que a malta da Georgia perceba disto. Esta primeira é difícil. Que rio é o mais fundo e o mais rápido, que vai até ao norte...

— Viramos à direita — digo baixinho, com o estômago às voltas.

A Seema franze o sobrolho para mim.

— Não estou para me perder na primeira, Ella, tens a certeza de que estás mesmo segura de...

— Ela tem razão. Temos a certeza. — Quando o Sawyer agarra na minha mão, não tenho energia para me encolher.

A Seema demora um momento a perceber.

— O Rio Silver? Aquele que é a seguir... *oh*. — Nunca vi a Seema

com um ar tão incomodado. — Pois. Certo. Viramos à direita. Desculpa, Ella.

As bifurcações seguintes têm perguntas fáceis, para as quais as outras raparigas do grupo podem contribuir facilmente. Eu mantenho o Sawyer cuidadosamente debaixo de olho, perguntando-me o que poderei dizer ou perguntar para o levar discretamente a revelar qualquer coisa. Pelo menos, a Seema e o grupo dela tagarelam, afastando a escuridão e o silêncio ameaçadores do campo de milho. Mas depois chegamos a uma placa que nos baralha. As perguntas foram suficientemente simples até agora para não termos tido de debater, mas, depois de a Seema e as suas amigas do lacrosse fitarem a placa em silêncio durante alguns segundos, ela vira-se para nós.

— Muito bem, precisamos do teu grande crânio. «A Queda de Amicalola é a cascata mais alta do estado da Georgia. Que altura tem?» Se tiver 223 metros, viramos à esquerda. Se tiver 287, viramos à direita. — A Seema geme. — Como raio é que isso é uma pergunta justa?

— Viramos à direita — insiste uma das amigas do lacrosse da Seema, atirando o cabelo louro. — Fui lá neste verão com os meus pais.

Estamos prestes a segui-la, quando a voz suave do Sawyer nos trava.

— Viramos à esquerda — diz ele. — Nós... eu ia lá muitas vezes.

Consigo sentir as minhas mãos a ficarem suadas. A Seema olha para o Sawyer e para a amiga algumas vezes.

— Está bem... mas quanta certeza têm?

— Absoluta — diz a rapariga loura. — Além disso, é a mais alta, certo? Quer dizer, 223 metros não me soa assim tão impressionante.

— Eu também tenho a certeza absoluta — diz o Sawyer. — Li o panfleto desta cena milhões de vezes.

A Seema suspira.

— Eu vou optar pela Kaley. Estamos num grupo grande e preferia continuar. — Ela franze o sobrolho quando vê que não estamos a segui-las. — Vens, Ella?

O meu coração está aos pulos enquanto olho da Seema para o Sawyer.

— Ella. — O Sawyer abana a cabeça com incredulidade. — Quer

dizer... não confias em mim?

Se ao menos soubesse como responder a essa pergunta.

Fito os olhos do Sawyer, à procura, a imaginar-me a mergulhar neles e a desenterrar verdades. Rodeados pela Seema e pelas amigas dela, não houve hipótese de investigar, de encontrar respostas para nenhuma das minhas perguntas.

— Eu vou para a esquerda — digo, mantendo os olhos no Sawyer. Ele pestaneja e solta uma expiração.

— Como queiras — diz a Seema. — Mando uma equipa de buscas para te encontrar se não saíres.

Sem o ambiente criado pela Seema e pelas amigas dela, o silêncio começa a parecer opressivo. Torço a bainha da camisola entre os dedos, enquanto caminhamos lado a lado. Chegamos à próxima encruzilhada, mas, antes de poder ler a pista, o Sawyer diz:

— Espera. — O Sawyer detém-se. — Ella. Estamos bem?

— O quê? — Faço uma inspiração trémula. — Sim. Porquê? Porque é que não estaríamos?

Ele lança-me um olhar desapontado.

— Diz-me tu. Desde aquela noite na piscina que pareces... estranha. Tu não... Arrependeste-te do que fizemos?

Fecho os olhos com força.

— Não — confesso a verdade terrível. Ainda agora, a minha verdade vergonhosa e traidora é: — Nunca o esquecerei na vida.

O Sawyer está de imediato em cima de mim. As suas mãos grandes seguram no meu rosto, a franja dele roça na minha testa enquanto baixa a cabeça. Fico envolta nele, no seu aroma quente e picante. Ouço um gemido ténue e sinto-me humilhada ao descobrir que vem de mim.

— Então, porquê? — sussurra com urgência, com os lábios a roçarem nos meus. — Porque é que tens estado tão fria comigo nos últimos tempos?

Os meus dedos tremem quando os levo aos pulsos dele, sem o afastar, mas também sem o encorajar. Sou uma confusão carente e cheia de culpa, que faz tudo o que pode para lutar contra instintos que me fazem sentir ódio de mim mesma. Algumas vezes, quase desisto, pois a minha boca anseia pela dele.

Mas não posso. Não vou ceder.

Consigo afastar-me. Ignorando a dor nítida no rosto dele, pergunto:

— Sawyer, tens escondido alguma coisa de mim?

Ele fica tenso contra mim e lamento imediatamente ter aberto a boca.

— O que queres dizer com isso? — A sua voz é tão macia e fria como a neve.

Passo a língua pelos lábios. Não há como voltar atrás.

— Se tivesses... *cenas* a acontecer. Sabes que podias contar-me, certo? Que podes confiar em mim? Que me podes dizer o que quer que seja?

A pele à volta dos olhos dele contrai-se.

— Que *cenas* é que achas que estou a esconder de ti, Ella?

— É que... — lambo os lábios, tentando ver por onde posso pegar. Penso nas sombras violeta por baixo dos olhos dele, no cansaço. — É que não pareces bem esta noite, é só isso.

Algo explosivo surge na expressão dele, antes de a sua cara se fechar completamente. Estou cada vez mais ciente de que o único som que ouço são os pés do Sawyer a esmagarem palha seca ao caminhar, irritado. Não há nenhuma luz além da meia-lua mais acima. Não se ouve vivalma.

O Sawyer expira com força, batendo com o pé num fardo de palha aninhado contra a placa de madeira.

— Parece que a minha cara de póquer não é tão boa como pensava. — Fita-me, ponderando. — Recebi umas notícias muito más depois da nossa noite na piscina. Ainda estou um bocado chateado. Pensei que estava a conseguir conter melhor isso.

Espero que desenvolva, mas mantém a boca fechada. Que notícias?

— Isso é horrível — digo numa respiração. Insisto o mais suavemente que consigo. — Lamento que isso tenha acontecido. Essas notícias... Há algo que eu possa fazer para ajudar?

O Sawyer suspira.

— Não, a menos que tenhas um belo emprego com benefícios na manga. A minha mãe era perfeita para um emprego a que se candidatou. Podia mudar completamente as coisas. — Ele dá um pontapé na poeira. — Deram-no a outra pessoa.

— A tua mãe não conseguiu um emprego... é por isso que estás chateado? — Não queria dizê-lo daquela forma ou soar tão aliviada, mas o Sawyer vira-se contra mim.

— Sim, é por isso que estou chateado. Não é um motivo suficientemente mau para ti? A minha mãe tem *três* trabalhos. Sabes o que isso é? — A voz dele sobe de tom.

— Sawyer, não tinha intenção...

— Tudo porque ela não tem um papel caro a dizer que tem uma dívida para o resto da vida... — O Sawyer pressiona os dedos contra as pálpebras. — É tão injusto. E... não são apenas as notícias que me estão a consumir. Eu reagi... mal.

Fico em alerta máximo. *Mal?*

— O que queres dizer com isso? Mal.

— Estava chateado. Estava zangado. Pensei que íamos finalmente ter uma hipótese, mas claro que não e foi tão *devastador* e... — O Sawyer hesita. — Explodi, mais ou menos. Não tinha *intenção* de... — Ele enterra a cara nas mãos. — E agora o Callan tem medo de mim. *Ainda* tem medo de mim. Anda cheio de cuidados à minha volta e isso dá cabo de mim.

As palavras saem-me da boca antes de conseguir travá-las:

— Sawyer, o que é que fizeste ao Callan? Ele está bem? A tua mãe está bem?

A cabeça do Sawyer dispara para cima e a sua cara fica pálida como a cal.

— O Callan... está bem? Só queria dizer... Sawyer, eu sei que nunca terias intenção de magoar ninguém que amas... — Quando a fúria magoada arde nos olhos do Sawyer, apercebo-me de quão grave foi o meu erro.

— Ella, achas mesmo que eu poderia magoar a minha mãe? O meu irmão pequeno?

— Não, Sawyer, não! Claro que não! Nunca terias a intenção de... nunca quererias...

— Então, tu *achas* que eu os magoaria se estivesse suficientemente zangado, suficientemente chateado? — Ele dá um passo na minha direção e o horror enche o seu rosto quando eu estremeço.

— A culpa não é tua, Sawyer. A culpa não é tua... depois de tudo o que o teu pai te fez, claro que tens... claro que terias dificuldades

em...

Sempre que falo, é como se desse uma bofetada ao Sawyer.

Mas a última coisa que digo deixa-o sem expressão.

— O que é que disseste? — pergunta o Sawyer, com a voz letalmente calma. — Porque é que farias no meu pai? *Porquê?* Eu não sou o meu pai. Entendes? Eu nunca *serei* o meu pai. — Algo feio brilha nos olhos dele. — Como é que sabes, sequer? Só contei... A Hayley contou-te?

Eu solto lágrimas quentes de pânico, tentando pensar desesperadamente na coisa certa para dizer.

— Eu n-não me lembro, juro que não, Sawyer, desculpa! Talvez ela me tenha dito ou eu tenha lido...

O Sawyer para, fitando-me.

— Lido? Lido o quê? O que raio quer isso dizer?

— Nada, nada. Já nem sei o que estou a dizer. Não falei disso para te magoar, eu só... Há formas de curar as coisas que ele fez. Eu posso... Se quiseres falar com alguém, o professor Wilkens ajudou-me recentemente. Eu confio nele e posso levar-te até lá, eu posso...

— Ella, estás a *gozar* comigo? — O Sawyer caminha furiosamente para a frente e para trás, com o rosto contorcido num esgar feio. — Depois de tudo o que eu... Tu tens-me a mim. Tens-me a *mim* para falar! — Ele gira em direção à placa, com as duas mãos enterradas no cabelo, a puxá-lo. — E tu vais ter com o *Wilkens*?

— Sawyer — imploro, dando um passo atrás. — Eu não... Desculpa ter... Por favor, para de gritar.

Mas ele está demasiado perdido na sua raiva para me ouvir. Com uma rosnadela sombria, lança a perna para trás e pontapeia o fardo de palha com tanta força que este se desfaz. O ar enche-se de palha dura e dourada.

— Sawyer — imploro entre soluços. — Sawyer, estás a assustar-me!

Ele fica imóvel. A tremer, ele vira-se para mim, olhando para baixo para o seu próprio corpo, as mãos e pernas vacilantes, como se não soubesse a quem pertencem. Quando levanta o rosto ferido para o meu, os olhos estão frenéticos e sombrios.

— Ella — diz com a voz rouca, dando um passo vacilante na minha direção.

Mas antes de ele poder dar outro passo, eu giro nos calcanhares e *corro*.

Lágrimas quentes cegam-me, enquanto fujo pelo corredor sinistro e deformado das espigas de milho. O meu coração bate com força, os meus pulmões ardem e os pedaços de palha presos à camisola espetam-me como farpas.

Quase não aguento a mágoa que me enche os pulmões e garganta. Não consigo evitar.

Olho uma última vez por cima do ombro antes de ele desaparecer na noite: o Sawyer continua ali, tal como o deixei, a olhar para as mãos, como uma silhueta negra e rígida por baixo do luar gélido. Parece estranho naquele momento, diferente de qualquer pessoa que conheça, e pergunto-me, de coração partido, se alguma vez o conheci de todo.

capítulo 27

diário da hayley

Parece que estou a endoidecer. Depois daquela noite terrível há umas semanas, o S sentiu-se pessimamente. Disse-me que compreendia se eu não quisesse voltar a vê-lo. Que isso lhe abrisse os olhos para quão fodido ainda estava em relação a tudo o que tinha acontecido em miúdo, com o pai. Como essa ferida o levava a fazer estas coisas terríveis, coisas que ele nunca faria e nunca poderia ter imaginado que era capaz de fazer.

O S disse que odiava o pai, que o desprezava. E que agora ali estava ele, ainda a carregar as feridas e os venenos da sua infância, deixando que o tornassem num homem que não queria ser. Que a raiva se apodera dele, que desejava conseguir purgá-la.

Eu ficara tão comovida — isto não são coisas fáceis de admitir a ninguém e, eu sei, especialmente para gajos. A masculinidade tóxica é uma coisa infernal e ter de lutar contras as regras socialmente impostas do que significa ser homem é difícil para o S.

Quer dizer, bem no fundo, nenhum tipo quer admitir que é sensível e que sofre.

Quando agradei ao S por ser honesto e mencionei que o comportamento dele me assustou muito, isso lançou-o numa nova espiral.

— És a única pessoa no mundo com quem fui tão honesto — disse ele —, e a primeira coisa que fazes quando eu decido abrir-me é acertar-me onde dói mais!

Senti-me tão culpada. Eu sei que ele está a tentar ser uma pessoa melhor. Trabalhar-mos é uma das coisas mais difíceis que podemos fazer. Faz com que tenhamos de ir fundo, reabrir feridas para serem inspecionadas de perto. É atroz, como voltar a partir ossos para ter a certeza de que saram mesmo.

Este processo deixou-o vulnerável, por isso, tenho de ter cuidado quando estou com ele. Não é culpa dele que esteja emocionalmente coberto de queimaduras de terceiro grau. Demora tempo a sarar, por isso, tenho de garantir que só aplico aloé, que não raspo acidentalmente nele e o lanço numa espiral monstruosa.

Ele é uma boa pessoa que está a resolver umas coisas difíceis que o fazem agir de formas que não quer ou que são involuntárias.

Então, porque é que eu tenho medo? A toda a hora?

E porque é que ultimamente tenho um pressentimento mau tão forte, que estou constantemente nauseada? Estou preocupada, tão preocupada, caramba, e parece-me perigoso carregar essa preocupação. Por isso tento não pensar no assunto e é fácil fingir que não está ali à frente dos outros.

Mas está a tornar-se mais difícil. Ultimamente, é difícil sorrir para o S tão convincentemente que ele não consegue perceber que, atrás do meu olhar, estou a gritar. Este constante pavor, que antes era um barulho de fundo, um ruído surdo na terra, está cada vez mais alto.

Quero ignorá-lo. Mas, se o meu maior medo se revelar verdadeiro, chegará um momento em que ninguém poderá ignorá-lo.

God, só de pensar nisso o meu estômago enche-se de ácido.

Não vou pensar nisso. Nem sequer escreverei sobre isso. Não posso.

Nem sequer me posso arriscar a pensar nisso. Receio que qualquer tipo de pensamento possa de algum modo tornar o pesadelo realidade.

capítulo 28

ella

S

Ella... desculpa pela outra noite. O meu pai é um tema sensível. Eu sei que não é desculpa. Quero ter a certeza de que estás bem.

Podemos falar, por favor?

Ella?

Acabaria por te contar sobre as merdas por que o meu pai nos fez passar. Prometo.

Ella, se a Hayley não te contou, podes por favor dizer-me como descobriste?

É estranho receber isto. Considero apagar todas as mensagens do

Sawyer, mas resolvo que não é pior ter algumas provas concretas.

Se não for por mais nada, serve para me lembrar daquilo que o Sawyer é realmente capaz.

Na outra noite, enviei uma mensagem ao professor Wilkens assim que cheguei a casa, a contar-lhe tudo. Embora fosse tarde, ele respondeu imediatamente. Mesmo por mensagem, a presença dele foi tranquilizadora. Consegui ouvir a sua voz calorosa e gentil ao ler aquelas palavras.

W

Obrigado por me contares. Sei que aquilo por que passaste é aterrador. És muito corajosa.

Descansa, mantém-te longe dele e vamos garantir que te manténs em segurança.

Mais tarde, ontem à noite, depois de ler a entrada no diário da Hayley, mandei-lhe outra mensagem. Mais uma vez, as respostas dele foram quase instantâneas.

W

Não peças desculpa, Ella. Não me incomodas minimamente. É o meu trabalho. É para isso que estou aqui. Lamento muito que estejas a passar por isto. Vem ao meu gabinete amanhã depois das aulas para podermos falar disto pessoalmente.

Tenho lutado com ataques de ansiedade o dia todo, mas cheguei

finalmente ao fim da última aula. Mais uma vez, olho para o relógio, a contar os minutos até à campainha tocar. Pelo menos, o meu telemóvel parou de vibrar. Em vez de me trazer alívio, o silêncio enche-me de terror.

O Sawyer deve saber sobre o diário.

A culpa é minha se ele souber. Deixei escapar estupidamente.

A campainha ainda nem acabou de tocar quando me lanço para fora da sala. Vou a correr para o meu cacifo, troco os livros e dirijo-me para a frente da escola num passo entre andar e correr, até ao gabinete do professor Wilkens.

Estou quase lá, quando o Sawyer sai de uma esquina e me bloqueia o caminho. Eu arquejo de forma audível e alguns alunos viram a cabeça na nossa direção.

Ele está com um ar *péssimo*, como se não tivesse dormido desde a última vez que o vi no campo de milho. Tem os olhos vermelhos e raiados de sangue e o seu rosto está pálido e ensombrado.

Quando dou um passo atrás, os olhos dele fecham-se.

— Aí está outra vez esse olhar. Esperava que tivesse sido um pesadelo. — Ele abre os olhos. — O que tenho de fazer para ter a certeza de que nunca mais olhas para mim assim?

Os meus olhos voam para a porta do professor Wilkens. A segurança está apenas a uns passos de distância, mas a ideia de falar sobre o Sawyer sabendo que ele está do lado de fora da sala, dá-me um nó de medo no estômago.

O Sawyer segue o meu olhar para a porta e levanta a cabeça, subitamente alerta.

— Ella, não. — Os olhos dele escurecem. — Fala comigo. Tu *tens* de falar comigo. — Ele dá um passo na minha direção e eu esquivo-me por baixo do braço dele, correndo pelo corredor lá para fora, com uma torrente de alunos, sem nunca me atrever a olhar para trás.

Meia hora depois, estou sentada num banco do Parque de Hollow Grove, à espera do professor Wilkens. Foi bom não ter de mentir à mãe por uma vez. Ela pareceu contente quando lhe telefonei a dizer que ia passar a tarde com o psicólogo da escola.

Nunca vim ao Parque de Hollow Grove, mas é lindo. Há alguns

trilhos pavimentados que andam em círculos por um campo modesto de relva acastanhada e carvalhos que começam a perder a cor. Algumas mulheres conversam enquanto empurram carrinhos de bebé aos pares; pessoas correm e passeiam os cães.

Um par de raparigas de idade universitária passa a correr e abranda para lançar um olhar obsceno, de alto a baixo, na direção de alguém. Quando olho para cima, não fico surpreendida ao ver quem estão a comer com os olhos: o professor Wilkens. E não posso propriamente culpá-las. Ele veste uma t-shirt cinzenta da Georgia Tech e calças pretas de corrida. O seu cabelo geralmente meticulosamente penteado está agora num desalinho castanho.

Ele levanta uma mão e acena, e depois franze o sobrolho ao ver a minha cara.

— O que se passa? — Olha para baixo, para si próprio. — Tirei a t-shirt da pilha da roupa suja outra vez? Vou dar uma corrida a seguir, por isso, dois coelhos com uma cajadada só.

Abano a cabeça, sentindo as bochechas a corar.

— Não, não. Só nunca o vi... com roupas sem ser de professor. É, hum... Estranho.

Depois de sair da escola, enviei uma mensagem ao professor Wilkens para lhe contar o que aconteceu. Ele sugeriu que nos encontrássemos aqui, onde o Sawyer não nos veria.

— Não fazia a menor ideia de que este sítio existia — digo. — É tão bonito.

— É novo — diz ele. — Só abriu no final do verão e agora é o meu sítio de eleição para vir correr. — Ele faz um gesto para eu o seguir, enquanto avança para um trilho de floresta ladeado por carvalhos e ulmeiros.

— Sabes, quando vi veículos de construção, tratores e coisas dessas pela primeira vez nesta zona... fiquei chateado. Eu cresci em Cedarbrook e ainda me lembro de quando tudo era quilómetros de floresta selvagem. Eram só árvores e mato até perder de vista.

Aponto para os arbustos de bagas silvestres amontoados no caminho, para as árvores altas.

— Não são árvores e mato suficientes para si?

Ele ri-se, abanando a cabeça.

— Não, é a quantidade perfeita. É mais do que isso... Tipo, estou

mais a falar de como costumava dar milho a uma família de veados num pequeno prado que agora é um Chick-fil-A. Costumava ler banda desenhada numa casa na árvore abandonada na floresta que hoje é o parque de estacionamento dum banco. O meu primeiro beijo foi debaixo de um chorão com 30 anos.

O meu coração entristece-se.

— Presumo que não pouparam a árvore?

Ele abana a cabeça.

— É um Chipotle — diz pesarosamente. — O que ainda dói mais porque adoro os seus bowls de burritos.

Rio-me, pontapeando alguns folhas caídas no caminho.

— A mudança é difícil. É uma forma de perda, o que, tal como sabes, é devastador. Parece tolo. O veado, a casa na árvore, uma memória do 9.º ano... mas vê-los completamente substituídos por outra coisa...

— Dá a sensação de que nem sequer existiram — sussurro, com o estômago a apertar de dor. — É a pior forma de perda... quando um local, uma *pessoa* que faz parte de quem somos, que nos ajudou a ser quem somos... simplesmente *desaparece*.

O professor Wilkens para-me delicadamente, com compreensão no olhar.

— Vem cá, Ella. — Guia-me para uma pequena mancha de vegetação, apontando para uma trepadeira de madressilva. Tira uma flor amarela e pousa-a na minha mão. — Neste momento, não há nada no mundo além desta flor. Repara no cheiro. É doce? As pétalas são macias? Cada pétala é idêntica? A cor é amarela ou é composta por uma série de cores diferentes?

Ele para de falar e eu faço o que ele diz. Fecho os olhos, inspiro o aroma, doce como o açúcar, com o estame filiforme a fazer-me cócegas no nariz. Penso nos seus dias na sombra da floresta, nas centenas de patas de insetos minúsculos a dançarem nas pétalas aveludadas.

Quando abro os olhos, percebo que não me sentia tão calma há dias.

— Melhor, certo? — diz o professor Wilkens, a observar-me.

— Sim. — Aceno, a olhar com espanto para as pétalas na minha mão.

— Ainda bem. — Ele faz um gesto para regressarmos ao caminho e continuarmos a caminhada. — Este parque é lindo. E não estaria aqui se não tivessem reconstruído os campos onde costumava apanhar amoras com a minha avó. — Ele lança-me um olhar carregado de significado. — Às vezes, a mudança pode trazer-nos coisas boas.

Caminhamos durante alguns minutos em silêncio, até estarmos bem longe no trilho, rodeados por árvores. Os únicos sons são o canto dos pássaros e o vento, que brinca com as folhas como se fossem sinos. Não há mais ninguém aqui, mas, ao contrário do labirinto de milho, em que o isolamento parecia claustrofóbico, aqui sinto que consigo respirar.

— Pronta para falar? — pergunta o professor Wilkens, sem nenhuma pressão na voz.

Aceno com a cabeça e começo a contar-lhe sobre a Festa do Outono.

Ele escuta atentamente, acenando em todas as partes certas, abanando a cabeça sombriamente noutras e até cerra o punho quando menciono a explosão do Sawyer no final.

— Nunca o tinha visto assim. Na verdade, ainda tinha as minhas dúvidas. Mesmo até ao fim. — Esfrego o interior do pulso, onde o polegar dele pressionou o meu músculo.

— Ele deixou alguma marca? — O professor Wilkens dá uma olhadela rápida e toca o ponto que estou a esfregar.

— Não — digo. *Marcas físicas não.*

— Graças a Deus — diz ele com veemência.

— Estou assustada — confesso para as minhas mãos que se torcem. — Eu achava que conhecia o Sawyer. A Hayley achava que conhecia o Sawyer. Mesmo agora, não consigo acreditar em quão erradas estávamos. — A minha voz cede. — Fui tão estúpida.

O professor Wilkens para de andar e fica de frente para mim.

— Ei. *Ei.* Ouve-me, Ella. Aquilo que se passa com o Sawyer? A culpa não é de ninguém, exceto do Sawyer. — Ele aperta tranquilizadamente o meu ombro, deixando a minha pele quente e a formigar.

Tento esconder o tremor que as palavras dele provocam nos meus membros, quanto me afetam. Sei que ele só está a ser um bom psicólogo escolar. Que talvez só esteja a fazer mais do que é a sua

obrigação porque não quer que nada me aconteça enquanto estiver ao seu cuidado, como aconteceu com a Hayley.

Mas isso não impede que as palavras dele tenham um significado para mim, que acendam os meus ossos por dentro como faíscas douradas.

— Obrigada — sussurro, esperando que ele saiba o quão sentido é.

O professor Wilkens abana a cabeça, voltando a caminhar ao meu lado no trilho.

— Só estou a dizer a verdade, Ella. Não mereço o teu agradecimento. Nem o de ninguém. Achas que *tu* te sentes estúpida? Isto é literalmente o meu trabalho. Falhei com a Hayley e, agora, estou a falhar contigo. — Embora ele caminhe à frente, de costas para mim, ainda consigo ouvir a determinação ameaçadora nas palavras que diz a seguir. — Isso nunca mais voltará a acontecer.

Nesse instante, viramos numa curva e o número de árvores diminui, revelando uma estrada de faixa única, paralela ao trilho.

— Este sítio parece-me familiar — reflito.

— Poderemos estar perto de um parque distrital mais antigo. Têm tentado fazer pequenos trilhos que os liguem a todos. Será bom ter tantos trilhos para escolher.

Não demoro muito a aperceber-me do verdadeiro motivo para esta zona da estrada me ser familiar. Há uma curva no trilho e, quando a passamos, paro de respirar.

— Oh. Merda, Ella. Não me apercebi... — O professor Wilkens vira-se para mim, com a cara pálida.

Mais à frente está a Ponte do Rio Silver. Como é que não reparei nos sons de água a correr antes? No embate contra pedregulhos molhados e rochas afiadas? O raile de aço ainda não foi reparado e o metal deformado está encaracolado e torcido como garras onde o meu carro atravessou a barreira até à margem mais abaixo.

Estou a aguentar-me relativamente bem. Afinal de contas, nunca tinha visto o resultado. Mal me lembrava deste local e, agora que estou a vê-lo, estou espantada por sequer ter sobrevivido. As duas semanas que passei no hospital já nem me parecem um exagero. Mesmo depois de estar quase recuperada das costelas partidas e do traumatismo craniano, eles insistiram em manter-me lá durante mais uma semana. A vigilância pareceu-me... diferente depois disso. Cheia

de julgamento. Fria. Ironicamente, acho que eles estavam a tentar ter a certeza de que eu estava bem mentalmente, mas *fizeram-me* sentir que estava a ficar doida.

Por mais vezes que insistisse que só tinha bebido uma cerveja, que estava sóbria, que não compreendia como é que nada daquilo acontecera, os médicos acenavam, com os lábios numa linha contraída. Ninguém acreditou em mim. E, às tantas, nem eu. Afinal de contas, porque é que me manteriam ali durante tanto tempo?

Mas agora, ao ver este sítio, quão destruído ainda está quase meio ano depois, ao ouvir o poder dos rápidos por baixo de nós, fico surpreendida por não me terem mantido lá mais tempo.

Fico surpreendida por sequer estar aqui e não onde quer que a Hayley esteja neste momento.

É um pensamento que quase faz os meus joelhos cederem. E a seguir um som angustiado foge do meu peito porque ali, do outro lado da estrada, está uma grande cruz branca, coberta por rosas de plástico brilhantes.

Nunca vi isto, o pequeno memorial que lhe fizeram. Vi fotos da enorme pilha de flores e velas nas redes sociais, logo depois de acontecer, mesmo antes de apagar todas as minhas contas. Mas isto é muito mais modesto, mais permanente. Aquele marco ficará ali para sempre, como uma memória do que eu lhe fiz naquela noite.

Ela odiaria isto, apercebo-me. Ela odiava plástico. E, acima de tudo, flores de plástico. Chamava-lhes «uma exibição macabra que ridicularizava a criação da natureza».

Nem sequer me apercebo de que estou a atravessar a estrada a correr, até ouvir o professor Wilkens chamar-me para parar.

Ignoro-o. Estou decidida a livrar-me daquelas flores.

Tão decidida, na verdade, que não reparo na pick-up que avança na curva. No último segundo, afasto-me do caminho com um pulo, com a buzina da pick-up a gritar e os faróis ligados, furiosos e a piscar. Ergo uma mão para me proteger da luz inclemente e depois sou mais uma vez transportada para esta ponte, mas há seis meses.

— *O que estás a fazer?* — grito, pondo o pé a fundo no acelerador.

A Hayley tirou o cinto de segurança e virou-se no banco. Preciso das

duas mãos no volante, por isso, não a posso puxar.

— Oh, Deus... ele está a tentar matar-me — grita ela.

Ela vira-se para mim, com os olhos aterrorizados.

— Ele vai matar-nos.

— Sou eu, Ella. Está tudo bem. Sou eu. Acalma-te.

Abro os olhos para encontrar o rosto branco do professor Wilkens a observar-me de cima. Estou no chão e não consigo mexer-me. Demoro um segundo a perceber que o professor Wilkens me prendeu num abraço forte.

— Estavas a gritar. A debater-te no chão. Felizmente, cheguei aqui antes de caíres para a berma. — A voz dele está trémula. Gentilmente, ele ajuda-me a sentar, mas não tira os braços de mim, como se receasse que eu tivesse outro ataque.

— Lembro-me do que aconteceu naquela noite — digo, com a voz rouca.

Os braços do professor Wilkens apertam-se à minha volta e os seus olhos azuis abrem-se muito. Se for possível, ele fica ainda mais pálido.

— Lembras-te?

— A Hayley estava a gritar. Mesmo antes de batermos, e de eu perder o controlo do carro... ela disse: «Ele vai matar-nos».

Estou a tremer tanto que os meus dentes batem. O professor Wilkens abraça-me com força, tentando que os meus membros parem de tremer.

— Professor Wilkens.... quem quereria matar-nos?

Ele olha para mim, com a cara cor de cinza. O medo passa pelo seu olhar, antes de este endurecer, determinado. Ambos sabemos que só há uma resposta.

Sawyer.

capítulo 29

diário da hayley

O meu pesadelo tornou-se realidade.

Estou grávida.

Pergunta: há algo mais miserável do que agachar-me em cima de uma sanita e de um teste de gravidez de marca genérica numa casa de banho do Walgreens enquanto tento (e falho) evitar que chichi salpique o anel de humor que comprei no Dave & Buster's?

Resposta: sim, sim há. Agachar-me em cima de uma sanita, por cima de um teste de gravidez do Walgreens e encharcar o meu anel de humor em chichi, quando tenho de me virar subitamente e vomitar na dita sanita.

Com a cabeça inclinada sobre a sanita, olhei para o teste que agarrei na mão e vi que o meu anel de humor ficou azul. Ainda bem que não havia mais ninguém ali para ouvir as minhas gargalhadas maníacas, que se dissolveram em soluços quando a segunda risca cor-de-rosa apareceu.

Não tinha muito dinheiro, mas usei-o todo para comprar mais testes, todos de marcas diferentes. Não há dúvida de que o velhote ao balcão, o Cleave, me reconheceu desta segunda vez. Ele fitou cada teste enquanto passava o código de barras com dedos cuidadosos e trémulos. Conseguia sentir o julgamento dele, o que transformou o meu sangue em lava. Teria pedido um maço de Marlboros se me tivesse sobrado dinheiro, pegado em meia dúzia de Bud Light se tivesse uma identificação falsa, só para ver o ar

escandalizado dele.

Quando olhou finalmente para mim, senti toda a minha confiança a abandonar-me.

— Querida — disse ele. — Estás bem?

— Não — disse, erguendo o queixo. — Nem perto disso.

Ocorreu-me naquele instante que o Cleave, muito possivelmente, me conhecia melhor do que qualquer outro ser humano em todo o planeta.

Acenou gravemente com a cabeça ancestral.

— Foi o que eu pensei.

Depois de carregar alguns botões e de passar um cartão que tirou de uma gaveta pela máquina, o Cleave disse-me o total:

— Vai ser um dólar e meio.

— O quê? — disse de rompante. Deveria ser pelo menos quarenta vezes esse valor.

— Um dólar e 50 cêntimos, querida. O que é que eles vão fazer? — Ele encolheu os ombros. — Despedir-me? Tenho 82 anos.

Oh, Cleave.

Desatei a chorar. Nunca me senti tão repleta de gratidão e amor; aquele gesto de bondade foi um alívio poderoso em relação ao resto da minha vida. Fiquei indecisa entre pedir-lhe para me adotar ou para fugir comigo. Ele deixou-me esticar-me sobre o balcão para o abraçar antes de me enxotar, sem ter grande vontade de atrair demasiada atenção de um gerente.

E 30 minutos depois, *voilà*: cinco testes diferentes que confirmam a mesma coisa.

A minha desgraça. A minha queda. A minha gravidez.

Porque é que eu não estou a soar assustada? Porque estou para lá de assustada, cheguei a um novo limiar: uma fase liminar de dormência em que estou completamente à beira de perder o juízo.

Tenho esta memória do pai a correr atrás de mim pela casa quando eu tinha 4 anos. Eu guinchava e ria-me enquanto ele fingia ser um dinossauro, quase a apanhar-me. O meu coração batia com força à medida que ele se aproximava, com a alegria transformada em medo. Terror. E quando tinha a certeza de que ia ser apanhada,

caía no chão, enrolava-me como uma bola.

— Não me comas, não me comas! — guinchava, verdadeiramente aterrorizada. E enquanto ficava ali deitada, ficava dormente, enrolando-me cada vez mais.

Às vezes, é essa a sensação. Mas sei que tenho de lutar contra isto. Preciso de um plano. Porque não existe cenário nenhum em que as coisas simplesmente se desenrolam e tudo ficará remotamente bem.

Vai acontecer algo muito, *muito* mau.

Posso ser honesta? Até há pouco tempo, não me tinha ainda apercebido de todo o perigo que corro.

É como aqueles velhos desenhos animados clássicos do Bugs Bunny. Sabes, aqueles em que ele pensa que está a entrar numa banheira quente e relaxante no meio da floresta? A água sabe tão bem. Ele não repara nas cenouras e nas cebolas cortadas que vão sendo acrescentadas. E depois, meu Deus, mmm-mmm, o que cheira tão deliciosamente bem? Guisado de coelho, diz o Elmer Fudd. E, por um instante, o Bugs Bunny pensa, Olha, isso soa muito bem. Mas a seguir, claro que o Bugs Bunny se apercebe do que está a acontecer e grita.

Aconteceu-me tão lentamente; eu não me apercebi de que o cheiro de fazer crescer água na boca era a minha própria carne chamuscada. Não me apercebi de que, quando o S, a luz da minha vida, o rapaz que eu adorava, me disse que me amava, o amor dele significava controlo, o amor dele significava *posse*. E o que faço quando sinto que adicionei as cenouras e as cebolas ao meu próprio caldo? Quando eu antes *gostava* de quão protegida ele me fazia sentir? Que uma parte de mim achou delicioso que alguém me cobiçasse tanto que nunca queria libertar-me, nunca queria que mais ninguém sequer olhasse para mim?

Causei isto a mim mesma?

Seja como for, acabou tudo. Já chega de me equilibrar na espada do ninja Hattori Hanzo. Estar grávida vai fazer com que o fio da navalha caia e aquela espada é tão inegavelmente afiada que vou cortar-me de qualquer modo.

Uma possibilidade que imagino: o S *adora* que eu esteja grávida. Será uma prova incontornável de que sou dele —

literalmente por dentro e por fora. Vai colocar a mão na minha barriga enquanto conduz, enquanto encho o copo de água no lava-louça da cozinha, enquanto ponho gasolina no meu carro. Vai tomar conta de tudo na minha vida (mas o que resta, sequer?), aquilo que eu como, que água engarrafada posso beber, em que posições devo dormir... Ora, ele só estaria a fazer o que é melhor para mim e para o bebé.

Usará a gravidez como uma forma de eu ser irrefutavelmente dele. De corpo e alma.

E isso seria apenas a gravidez. O que aconteceria depois de ter o bebé? Imagina uma criança criada pelo S. Dois futuros roubados, sem mais nem menos.

Outra possibilidade: o S não gosta de partilhar.

Nem sequer com o seu próprio bebé. Consigo vê-lo a ficar completamente ciumento com a ideia de que algo poderia, justificadamente, ter precedência em relação a ele na minha vida. Oh, quão dividido se sentiria! Por um lado, é a sua descendência, o seu ADN e, por outro, ele não teria escolha além de ser destronado como a pessoa mais importante da minha vida.

Só me resta uma escolha — e é uma escolha que eu sei que ele nunca permitiria.

Quero um aborto. É a única coisa que quero neste momento.

Sim, um dia quero ter filhos. Mas não *dele*. E não agora. Não quando tenho 17 anos. Não quando decidi que quero estudar fora, na Alemanha, morar em pelo menos três países diferentes antes de fazer 25 anos. Não quando quero a liberdade de passar 24 horas de seguida no Archive of Our Own se quiser, sempre que quiser. Não quando tenho demasiado medo de sequer ter um peixinho dourado.

Não posso ter um bebé agora. Por milhões de razões. Seria o fim da minha vida. Não seria justo para a criança.

E não seria justo para mim.

Eu não vou ter um bebé. Não vou ter o bebé *dele*.

Mas como?

Mesmo que o S não gerisse cada momento da minha vida, fazer um aborto agora parece impossível. Estou falida e há sequer algum sítio em todo este *estado* para onde possa ir? E se googlar...

o S vai encontrar o meu histórico? As minhas mãos tremem de terror só de pensar que ele pode descobrir que eu quero fazer isto.

Não há a menor hipótese de ele não me culpar por tudo. Embora seja ele quem *não* gosta de usar preservativos e que não gostou das minhas mudanças de humor quando tomava contraceptivos.

As paredes estão a fechar-se sobre mim. E sinto que sufoco lentamente.

Oh, meu Deus. O que faço?

Que *porra* vou fazer?

capítulo 30

ella

Sinto-me mal por a Seema estar aqui no meu quarto, a desperdiçar a sua noite de sexta-feira comigo. Era suposto estarmos a empanturrar-nos de pipocas doces, tendo quase acabado o *Gritos*, a preparar-nos para o *Gritos 2*, mas tendo em conta todas as vezes que a Seema teve de parar o filme no portátil para eu poder ir chorar para a casa de banho ou recuar 30 segundos porque eu estava completamente noutra, a única pessoa que morreu até agora foi a Drew Barrymore.

A Seema tem sido muito paciente até agora, sentada de pernas cruzadas aos pés da minha cama, mas percebo que começa a ficar frustrada. Sinto-me horivelmente. Era suposto ser uma noite de sexta-feira de celebração. A Seema enviou a sua candidatura para a universidade dentro do prazo da primeira fase e perguntou-me durante a semana se queria celebrar com uma maratona de filmes de terror e uma dormida em minha casa. Na altura, estava realmente empolgada. Ocorreu-me mais tarde que este seria o meu primeiro encontro de «amigos» desde a Hayley. O pensamento foi agriçoso.

Mas isso fora antes de ter lido a entrada mais recente do diário da Hayley. Fui uma idiota e li-a antes de a Seema chegar e agora estou um caco.

Desculpo-me para ir outra vez à casa de banho. Quero estar sozinha durante alguns instantes preciosos, enquanto tento lidar com tudo aquilo que descobri.

A Hayley estava *grávida*. Ela estava grávida, não tinha nenhum sítio para onde se virar... e não me contou. Porquê, oh, mas por que motivo é que ela não me contou?

Mas depois há outra constatação. Mais sombria.

A gravidez foi a gota de água? Aquilo que levou o Sawyer para o abismo? A razão para nos fazer despistar da estrada?

Preciso de descobrir o que mais aconteceu naquela noite. Tenho de me lembrar de mais.

Se me conseguir lembrar, talvez tenha provas que nos permitam levar o Sawyer à justiça. Vingá-la Hayley.

As lágrimas começam outra vez a sufocar-me a garganta. God, estou farta de chorar.

Mas é possível que não esteja tão farta como a Seema está de me ver chorar.

Quando me desculpei para vir à casa de banho desta vez, apanhei a Seema a apertar a cana do nariz em frustração.

Não a censuro.

Quando regresso ao quarto, o meu portátil está fechado e a Seema está de pé no meio da divisão, com os braços cruzados e o saco-cama arrumado.

— Ella — diz a Seema —, não queres fazer isto? — Ela hesita, com o seu rosto a mostrar uma incerteza que eu nunca vi. — Não queres que eu esteja aqui?

— Fogo, Seema, não é nada disso! Sinceramente, não sei o que faria sem ti. Agora e durante os últimos meses. — Deixo-me cair na cama com um suspiro profundo. — Tens sido a minha salvação.

— Está bem... — A Seema afunda-se na cadeira da minha secretária com as sobranceiras franzidas. — Então, o que se passa? Não estiveste com os olhos no filme nem *uma vez*; atirei-te pipocas duas vezes e nem pestanejaste. Na verdade, continuam no teu cabelo.

Estico a mão e, de facto, tiro duas pipocas do topo da cabeça. A Midna entra a trote no quarto, saltando para a minha secretária e dando um «miau» rouco à Seema. Os olhos da Seema suavizam-se e ela inclina-se para a frente para encostar a testa contra a da Midna.

— Olá, menina fofa — murmura ela. — Eles dão-te atum suficiente? Chama-me se não derem. Eu ralho com a chefe.

A Midna ronrona mais alto, enrolando-se na secretária para poder

pressionar a cabeça contra a Seema.

— Ella — continua a Seema, agora mais suavemente. — É óbvio que se passa alguma coisa. Fala comigo, diz-me o que é. Se não quiseses, tudo bem. Mas depois, se for para voltarmos a ver filmes e ter uma noite divertida de filmes de terror, é isso que vamos fazer. Nada mais. Nada de fitares o telemóvel ou de te escapares para ires chorar. Se tiveres de fazer isso, eu entendo. Mas nesse caso, eu vou-me embora.

Os olhos da Seema estão abertos, vulneráveis. Coça a cabeça da Midna, inclinando-se para lhe dar beijinhos entre as orelhas uma ou duas vezes. A bondade, a maturidade e a ternura dela fazem com que eu me abra.

Engulo em seco.

— Seema — digo. — Se te contar uma coisa... prometes que fica entre nós?

A Seema revira os olhos e olha de relance para a Midna.

— Ouviste isto? É como se ela não me conhecesse. Ela pensa que me vou chibar? — A Seema vira-se para mim e ergue uma bonita sobrancelha escura. — Sou toda ouvidos e sem lábios, Ella.

Então, eu conto-lhe.

Começo por lhe contar os pormenores sobre o Sawyer, que começou por ser um rapaz de sonho. Ela acena com a cabeça, escutando com atenção.

— Ele até parecia incrível no início do diário da Hayley, quando eles começaram...

— Espera lá — diz ela. — O que queres dizer com o diário da Hayley?

— Hum... bem, eu sei que não é espetacular. Eu não queria que a Phoebe, nem mais ninguém o lesse, por isso, trouxe-o, para o manter a salvo.

— Certo. — A Seema inclina a cabeça para o lado. — E como é que isso está a correr?

Levanto as mãos em protesto.

— Olha, eu não queria. Mas teve de ser, OK? Não sabes como tem sido. Estou no fundo do poço, a tentar lembrar-me do máximo sobre ela que consigo. E ainda bem que li o diário dela porque descobri informação importante e talvez isso me ajude a lembrar do que

aconteceu na noite do...

— Para. — Nunca ouvi tanta frieza na voz da Seema. — Acabaste de me dizer que foi bom teres lido o diário de outra pessoa?

Aclaro a garganta.

— Eu... Não, Seema, não é isso que estou a dizer. É... Estas circunstâncias são diferentes...

— A sério? Ilumina-me. Como é que justificas abrir o diário de outra pessoa como se fosse o raio de um romance e simplesmente leres? — A Seema cruza os braços. A Midna está entre nós e salta da secretária, esgueirando-se para se esconder no armário.

— Está bem, *wow*, não foi nada assim. — O meu sangue está a começar a ferver. Ela não está a perceber a questão. — Em primeiro lugar, não fazes ideia de como é. Um dia, a tua melhor amiga do mundo e, num certo sentido, a tua *única* amiga, *desaparece* de súbito. E tu darias tudo só por um pouquinho...

— Na verdade, faço.

Pestanejo rapidamente.

— O quê?

— Eu sei como isso é. Na verdade, eu acho que *tu* é que não sabes como é. Não sabes como é mudares-te para um sítio novo aos 8 anos. Sem conheceres *ninguém*. Ser a única rapariga indiana numa pequena cidade da Georgia. E depois, finalmente, conhecer uma rapariga com quem crias uma ligação, que sabe mais ou menos como é ser diferente e tornares-te na melhor amiga dela. E pensas, *OK, finalmente não estou sozinha*. A tua melhor amiga no mundo, como gostas de dizer. E depois, um dia, *puf*, desaparece.

A Seema está de pé, com os olhos a brilhar.

— Só que é pior, Ella. Muito pior. Porque a tua melhor amiga não te foi tirada por um terrível e mero ato de Deus. Ela *escolheu* ir-se embora. Foi o seu desejo.

Abro a boca para dizer qualquer coisa, *alguma coisa*. Não sai nada. A Seema inclina a cabeça.

— Pois, Ella. Todas estas coisas que acabei de dizer? Não tive ninguém com quem falar delas. Por isso, escrevi-as. Adivinhaste, no meu diário. E a minha versão de 10 anos pensava que, graças a Deus, ninguém veria aquela merda, aquela agonia privada. — A voz da Seema fica embargada. — Quem se ri por último, ri-se melhor, certo?

Mas não faz mal porque o Dev foi estúpido e foi vaiado e eu recebi um cachorrinho e todos bateram palmas, certo? Eu deixei de fora o resto da história. A parte em que fiquei tão humilhada que não parei de chorar durante semanas. A minha família não sabia como falar comigo, por isso, simplesmente... não falou. Durante meses, falei mais com o meu cão do que com o meu pai. — Ela cerra o maxilar. — E tu não achas que seja nada de especial.

Agarro o estômago, nauseada com culpa, vergonha e, de forma confusa, com raiva.

— Seema — digo —, se eu pudesse voltar atrás, voltava. Gostava que nos tivéssemos mantido amigas. Lamento muito que isso tenha acontecido. Mas não é como se... Eu não estou a ler o diário dela por diversão, OK?

— Inacreditável. — A Seema abana a cabeça em repulsa. — Read the room, Ella. Se estás à procura de alguém que apoie o teu clube literário secreto de diários, eu não sou o teu público. Não sou a favor de toda a cena de violar a confiança e a privacidade. Eu sei o que significa ser uma *verdadeira* boa amiga.

A minha raiva ferve.

— Credo, Seema, eu tinha 10 anos. Era uma miúda. Uma *criança*. Tipo, quantas vezes é que tenho de pedir desculpa? Desculpa, desculpa, *desculpa*. OK? Isto nem sequer tem que ver contigo! Tem que ver com eu tentar descobrir mais sobre aquela noite, a noite da festa do Scott, e o diário da Hayley é a minha única opção...

— Uau. — É a calma da voz da Seema que me choca e me deixa em silêncio. — Ella — diz a Seema —, mesmo depois de todos estes anos, tu não me vês. Eu estava na festa do Scott nessa noite.

Isso deixa-me imóvel.

— Eu... Isso... Seema, obviamente, eu não *saberia* isso. Não me lembro de nada...

— Assim o dizes. Mas alguma vez te ocorreu perguntares-me sobre isso? Falar comigo? Para que é que serve a Seema, afinal? Tampões e conversas motivadoras. Mas quando se trata de merdas importantes, como recuperar as tuas memórias, como lembrares-te da noite do acidente que mudou a tua vida? A tua «única opção» é o diário de uma rapariga morta.

Pressiono as mãos na cabeça.

— Seema, isso nem sequer está perto da verdade. Mas, sinceramente, não consigo lidar com isto agora...

— Claro que não consegues. Porque gira tudo à tua volta. Sabes, tu eras uma amiga de *merda* antes, e és uma amiga de *merda* agora!

— *Ugh*, já percebi, sou a pior amiga do mundo...

— Do *planeta*...

— Então, *porque é que ainda estás aqui?*

— Boa pergunta!

Estamos as duas a gritar. Lágrimas quentes e furiosas correm pelas minhas bochechas. A Seema tem os olhos molhados e a cara inchada. Ela reúne as suas coisas violentamente, batendo com a mochila na secretária, nas minhas gavetas, fazendo o candeeiro da mesa oscilar perigosamente.

Ela põe a mão na maçaneta da porta do quarto e eu lanço uma mão na direção dela.

— Seema, espera.

Ela vira-se para mim, com os olhos desconfiados. De uma forma longínqua, sei que é horrível perguntar-lhe isto enquanto estamos a discutir, enquanto ela está a chorar. Mas eu também estou a chorar e a sofrer. E há coisas maiores em jogo, coisas que preciso de saber.

— Do que... te lembras? Da noite em casa do Scott?

A Seema abana a cabeça em descrença, rindo-se amargamente entredentes.

— Meu. Mesmo morta, ela ganha-me. — Fecha os olhos. Quando os abre, estão inexpressivos. Frios. — Tu e a Hayley não estavam juntas, na verdade. Não falei com nenhuma de vocês, por isso, não sei se tinham discutido. Só sei que a Hayley estava sempre a beber shots. Ela parecia um pouco... não sei. Agitada, suponho. Desapareceu para o andar de cima durante um bocadinho. Pensei que ela estava a comer o Sawyer, mas quando ela desceu as escadas, era o Scott quem vinha atrás dela...

— Espera um minuto. O *Scott*?

— Ella, deixa-me dizer isto para poder ir para casa. Sim, o Scott. Ele estava hiperbêbedo. Mas foi estranho. Não conheço o idiota, mas nunca o vi transtornado daquela maneira. Era como... se ele estivesse sempre a tentar falar com a Hayley, mas ela continuasse a mandá-lo passear. — Encolhe os ombros. — E é isso.

— Espera... é isso? Tu...

— Já chega, Ella. — Olha para mim com uma expressão sombria.

— Chega, de verdade. Vou-me embora. Não me liguês, não me mandes mensagens. Acabou. — O lábio dela estremece. — Adeus.

A mãe encontra-me a soluçar na cama.

— Não é nada, mãe. — Enrolo-me na cama, puxo os joelhos contra o peito. — Acho que só queria ir dormir agora.

— Ella — diz a mãe, sentando-se ao meu lado. — O que se passa, Ella? Trouxeste finalmente uma amiga cá a casa pela primeira vez em meses... Suponho que não tenha corrido bem?

Sinto-a a tocar no meu cabelo e é um gesto tão incrivelmente terno, especialmente depois da distância entre nós, que, por um momento, sinto-me tentada a revelar tudo.

Mas não posso. Já lhe mostrei que não sou a filha perfeita que eles achavam que eu era. A filha que eles queriam. Não suporto piorar as coisas. Contar tudo à mãe também implicaria contar-lhe que tenho andado a sair às escondidas com o Sawyer, que lhe menti, que li o diário da Hayley. Não aguentaria ver o olhar dela quando revelasse precisamente quão terrível era a filha deles *de verdade*.

— São só coisas estúpidas de rapazes, mãe — digo, por fim. A Midna aparece ao meu lado na cama, dando uma marradinha na minha bochecha.

— A Midna está preocupada contigo — diz a mãe.

— Ela só quer que eu lhe dê comida. — Pressiono a cara contra a colcha, abafando as minhas palavras.

Ela aclara a garganta.

— Queres descer e ver um filme comigo, com o pai e a Jess? Dava-me jeito o teu voto. Caso contrário, vai ser outra vez o *Godzilla* e estou muito farta da *Mothra*.

— É verdade. — A Jess está encostada contra a ombreira da porta, com os braços cruzados. — Estou obcecada pelas gémeas minúsculas da *Mothra*. Não consigo dizer não às músicas. Mas... — Ela lança-me um pequeno sorriso. — Se desceres, eu considero o primeiro *Senhor dos Anéis*.

Os olhos da mãe enchem-se de medo.

— Por favor, a versão alargada não. Imploro-te.

Ronco uma gargalhada molhada. É tentador. Mas estava a falar a sério quando disse que só queria dormir. De repente, sinto-me muito exausta.

— Adiamos para amanhã. Pode ser?

— Está bem, Ella. — A mãe levanta-se. — Vens, Midna?

A Midna apenas boceja e enrola-se contra mim. A mãe sorri suavemente antes de sair. A Jess fica durante mais um momento antes de murmurar baixinho, «Dorme bem, Els» e fechar a porta.

Só consigo pensar em tudo o que a Seema disse.

Gostava de poder dizer que ela estava a ser dura, cruel.

Mas talvez ela tenha razão. Talvez eu seja uma péssima amiga. Pensar nisso está a dar-me dor de cabeça. Viro a cara para ficar contra o flanco quente e macio da Midna. Ela ronrona, o som mais calmante do mundo, e adormeço num instante.

Acho que ouço a Midna rosar. Pelo menos, acho que foi esse o som que me acordou. Mas a Midna nunca rosna. Pestanejo com sono, com um bocejo largo a fazer estalar o meu maxilar.

A Midna está agachada junto à minha cabeça, com a cauda a abanar para a frente e para trás.

— Oh, Midna, pela última vez, não é um inseto. — Deito-me de costas com um gemido. Há um arranhão na parede que ela tenta apanhar há *anos*, com a certeza de que é uma traça.

Um baque súbito à minha direita faz-me mergulhar debaixo das cobertas, sem fôlego. Quando ponho a cabeça de fora, apercebo-me de que foram as persianas de madeira da minha janela a baterem uma contra a outra, ao vento.

Suspiro de alívio. Foi apenas o vento...

Mas a seguir fico imóvel. Eu não deixei aquela janela aberta.

Um terror horrível percorre-me. Porque é que aquela janela está aberta?

A Midna rosna de novo.

E depois bufa.

Com uma explosão de adrenalina, atiro a colcha para trás e sento-me. Ali, aos pés da cama, onde a Midna bufa, está uma figura escura e

alta, inclinada sobre a beira do meu colchão. A figura faz um gesto repentino, com os braços esticados, mas quando eu grito recua.

E grito, grito, tão alto que sinto a garganta a rasgar.

Tropeço quando tento chegar à luz. Algo se parte no meu quarto, há movimentos frenéticos. Os meus pais irrompem no meu quarto precisamente quando acendo a luz, mas a figura já se foi embora.

— Ella, Ella, o que...

— Liguem para o 911 — digo, com a voz a tremer. Aponto para a minha janela aberta com a cortina agora rasgada, ainda a flutuar. — Alguém invadiu o meu quarto. Acordei e estava alguém junto à minha cama.

O meu pai pragueja e tira o telemóvel e a minha mãe faz o sinal da cruz. Consigo ver a Jess encolhida no corredor, com os olhos grandes como bolas de baseball. E agora vejo o estado do quarto. Está desfeito. Há roupas atiradas para fora do armário e todas as gavetas foram abertas.

— Pensei que esta era uma cidade segura. Pensei que isto só acontecia em cidades grandes. — A minha mãe treme, levando a mão à boca.

Mas não foram apenas pessoas. Foi alguém à procura de algo.

Alguém que usou aquela mesma janela para entrar neste quarto antes.

E é isso que digo à Polícia 10 minutos mais tarde.

— Eu sei quem entrou no meu quarto — digo. — Foi o Sawyer. Foi o Sawyer Hawkins.

capítulo 31

sawyer

Eles deixam-me sofrer nesta sala sem janelas durante umas duas ou três horas antes de abrirem a porta.

Um homem encorpado, com uns 50 anos, a usar um uniforme de xerife bege, entra a pavonear-se na sala de interrogatórios. Tem uns óculos grossos e um bigode com as pontas reviradas e parece que recebe dicas de styling de um filme porno merdoso dos anos 70. Mordo a vontade de lhe dizer isso mesmo.

— Ufa — diz ele, tirando o seu chapéu de aba larga de xerife e abanando-se com elegância. — Está mais calor aqui do que na casa de Satã! Estás bem, aí, filho?

Como resposta, fito-o. Em silêncio, sem pestanejar, sem me preocupar em limpar os regatos de transpiração que me inundam o pescoço e os lados da cara.

O meu silêncio não o perturba minimamente.

Ele passa uma mão por toda a extensão do seu oleoso cabelo loiro sujo.

— Queres uma Cola? Espera só um bocadinho.

A porta bate quando ele volta a sair e eu faço uma inspiração profunda.

Merda. *Merda.*

Tinha acabado de chegar de um turno longo no restaurante quando começaram a bater à porta da frente. A mãe abri-a para

encontrar três polícias amontoados na entrada. Eu sabia como é que aquilo podia correr. Se eu me recusasse a submeter-me ao interrogatório, eles fariam todos os possíveis para conseguirem um mandato. Não seria preciso muito. Vira-o vezes suficientes com o meu pai quando era mais novo, antes de a mãe conseguir tirar-nos de lá e mudar-nos aqui para Cedarbrook.

E depois há o facto de a Ella, uma joia da comunidade, ter dado o meu nome à Polícia.

O que me safa é que eles não têm nada contra mim. Nada concreto.

Por isso, disse-lhes que ia, que deixava que me perguntassem o que quisessem. Não tenho de responder a porra nenhuma. Mas dava-me tempo e evitava as algemas até conseguir arranjar uma forma de me livrar disto. Então, passei pela mãe, calei os protestos dela, a insistência de que eu *nunca* faria nada como aquilo de que eles me acusavam. Eu disse-lhe que estava tudo bem, que eu ia lá e esclarecia tudo.

Agora, fecho os olhos e cerro tanto o maxilar que o faço estalar. Aquele olhar na cara dela. Luzes vermelhas e azuis a rodopiarem no horror sombrio dos seus olhos. Como se por um segundo ela não tivesse a certeza de quem estava à sua frente: o filho ou um estranho.

Pedimos os dois desculpa um ao outro depois daquela noite. Mas fora rápido, forçado. Eu estava a chegar da escola e ela estava a sair para ir trabalhar. Foi um abraço apressado no corredor, com ela já de saída. A tensão continuava lá. O Callan não tem vontade de estar na mesma sala que eu.

Tenho vontade de mandar uma mensagem à Ella, mas nesta fase isso não pode trazer nada de bom. Só preciso de manter a calma, manter a boca fechada e ver exatamente o que estes idiotas sabem e, com sorte, o que não sabem.

A porta abre-se e o agente de antes entra, com os braços carregados de Coca-Cola, Sprite e garrafas de água.

— Aquele raio daquela máquina é a coisa mais teimosa neste edifício — resmunga ele. A porta fecha-se e ele põe as bebidas na mesa de aço diante de mim. — E deixa-me que te diga que, incluindo o chefe, isso é mesmo qualquer coisa.

Impeço que uma lata de Cola role pela mesa abaixo, enquanto ele

se deixa cair numa cadeira ao meu lado, tirando um lenço do bolso e limpando a testa. Acena para a série de latas e garrafas e depois abre uma para ele.

— Não sejas tímido, escolhe a que quiseses. O meu médico não ia gostar muito que eu bebesse açúcar. Hemoglobina A1c e tudo isso. Mas deixa-me que te diga, quanto melhor uma coisa sabe, mais zangado fica o meu médico.

Estou sequioso, mas sei como é que isto funciona. Ele chega até mim com refrigerantes, convence-me de que será o pai que eu nunca tive e quando der por mim estou a assinar uma confissão a dizer que sou o Assassino do Zodíaco. Não importa que nem nunca sequer tenha apanhado uma multa por excesso de velocidade. Aquele papel arrumava-me para a vida.

Ou pior.

Olho para ele com firmeza e o único som na sala são as bolinhas de gás na lata aberta. Ele olha-me por um instante, antes de sorrir suavemente e de me oferecer a mão, com a palma virada para cima.

— Eu sou o Rick, já agora.

Não mexo um músculo.

Quando não aceito a mão dele, o Rick inclina-se para trás, com a cadeira a chiar.

— Sabes, pareces ser suficientemente novo para andar na North Davis. — Ele coça o queixo. — Eles têm uma equipa de futebol americano bem boa. *Bem* boa. Também andei lá. Mas não te vou dizer o ano. Só dizer em voz alta deixa-me triste com'ó raio. — Suspira. — O tempo voa.

O Rick verifica o seu relógio, martela um pouco na mesa e levanta-se com um gemido.

— Deus do Céu. — Ele estremece, pressionando uma mão nas costas. — Vou dar uma mijinha, filho. Tens fome? Queres comer qualquer coisa? Só tens de dizer.

Sai, sem esperar pela minha resposta. Faço uma enorme expiração quando ele sai, pegando numa garrafa de água. Sei que há alguém a observar-me através do espelho bidirecional, mas não quero saber. Viro a garrafa toda antes de ele regressar.

O meu coração está aos saltos. Apesar das aparências, foi difícil não responder ao Rick. A conversa amigável dele, as ofertas

aparentemente simpáticas para me ajudar... são uma armadilha.

É tudo uma armadilha. Porque eu sei exatamente quão precária é a minha situação e sei exatamente quem é o Agente Rick: o tio do professor Wilkens. Pela primeira vez, fico grato por morar numa cidade pequena, pela vantagem de toda a gente conhecer toda a gente. Os meus dedos estremecem perto do bolso. *God*, quero mandar uma mensagem à Ella. Mas, tal como disse, tenho de perceber o que eles sabem primeiro.

Passam-se horas. É difícil dizer quantas. Estou a começar a ficar tonto na cadeira, os olhos estão a ficar pesados. Resisto à vontade de me mexer, de passar o dedo pela cicatriz na palma da minha mão, de fazer qualquer coisa que os faça olharem para mim da forma errada. Porque isto faz parte. Da armadilha. Não posso deixá-los fazerem-me isto.

Por fim, o Rick regressa à sala. Pelo ar dele, poderá ter feito uma pequena sesta algures na esquadra, pois tem os olhos tão brilhantes como sempre. Sorri para mim e nos braços traz um dossiê de papéis e um pequeno livro.

Sento-me direito, estalando os nós dos dedos.

Vamos a isto.

— Desculpa ter-te feito esperar, Sawyer. Sawyer. É um bom nome, é um bom nome. Sempre gostei mais do Tom Sawyer do que do Huckleberry Finn. Claro que ajudou a minha namorada do liceu chamar-se Becky.

O Rick bate com a pasta na mesa, desta vez, deslizando para a cadeira em frente à minha.

— Sawyer Hawkins... — Ele empurra os óculos para o nariz e folheia o dossiê. Eu estico o pescoço, mas não consigo ver nada. — Então, ouvi dizer que és muito popular com as miúdas. Achas que é verdade?

Devo fazer uma careta porque ele ri-se.

— Oh, não sejas tão modesto, filho. Não é uma surpresa para mim. Alto, moreno, misterioso. Muito, *muito* misterioso, se é que posso dizê-lo. Conta-me. É verdade que ultimamente tens andado com uma rapariga chamada Ella Graham?

Mantém. A boca. Fechada.

O Agente Rick humedece os dedos e vira uma página do dossiê.

— É uma pergunta retórica, filho. Só te estou a testar, só isso. Não te vou aborrecer com os pormenores, mas acho que aquilo que acharás interessante é que alguém invadiu o quarto de Miss Ella nesta noite, enquanto dormia. E assim que cheguei lá, veio a correr até mim e, antes de sequer dizer um «olá, como estás», disse-me que foste tu, Sawyer Hawkins, quem entrou à força no quarto dela. Então, o que tens a dizer sobre isso?

Todo o meu corpo está contraído, a tremer com a tensão. O Agente Rick inclina-se para a frente, com os olhos cor de avelã semicerrados.

— Estás bem, aí, Sawyer? Pareces tão zangado que estás prestes a rebentar. Tens uma veia a sair do pescoço e tudo. Ora, alguém até poderia dizer que tens um olhar *assassino*.

Fecho os olhos para não me sentir tentado a dar-lhe um murro no queixo. Sinto-me como um tigre numa jaula, a ser atizado e picado. Primeiro, com paus rombos e agora com forquilha com pontas de agulha. Preciso de me preparar para as tochas de fogo, para as espadas afiadas, para coisas muito mais dolorosas. Porque, aconteça o que acontecer, não me posso passar.

Eu sei o que acontece ao tigre que se passa.

O Agente Rick inclina-se para trás e suspira, tirando o chapéu e coçando a cabeça.

— Claro que eu não te culpo por estares zangado. Não encontrámos nenhuma prova no quarto dela de que estiveste lá esta noite. — Ele encolhe os ombros. — Claro que não tens um alibi. «Andar a guiar por aí para desanuviar a cabeça depois do trabalho?» Olha, aqui entre nós, isso soa muito suspeito, filho. Mas isso não significa que estiveste lá esta noite. Não ‘tá certo como castigam os homens por nada. Olhas para a amiga dela durante demasiado tempo, não respondes à mensagem suficientemente depressa, não lhe agradeces o suficiente pela refeição de merda que ela descongelou... e levam isso como um sinal para avançar para a opção nuclear! Depois de tudo o que fazemos por elas! — Ele abana a cabeça. — Tens todo o direito de estar zangado, Sawyer. Ali estavas tu, na cozinha, com a tua pobre mamã cansada, e agora tiveste de vir até aqui na tua noite de sexta-feira porque a Ella decidiu denunciar-te à polícia.

Eu foco-me na forma como ele diz «polícia». Como se fosse uma

única sílaba. *P'lícia*. Impede-me de abrir a boca, de dizer algo verdadeiramente estúpido.

Os olhos do Agente Rick são picadores de gelo castanhos, que vão descascando o meu verniz. Mas ele não me vai quebrar. Não vai. Não *consegue*.

Quando me mantenho calado, ele acena com a cabeça e sinto que está um pouco impressionado.

— Sim, tens razão... talvez não seja isso. A Ella não faria isso, pois não? — Ele coça o queixo. — Ela disse uma coisa extremamente interessante. Disse que estavas à procura de uma coisa. Uma espécie de... livro ou coisa parecida?

Fico com as orelhas atentas e o meu coração dispara. Isto não soa bem. Mas até agora, não lhes dei nada. Será tudo em vão se quebrar agora.

O Agente Rick semicerra os olhos, varrendo-me como feixes de laser. Mas eu dou-lhe a minha melhor imitação de uma estátua de pedra. Passado um instante, continua:

— Vou ser honesto, filho. Não achei que fosses um grande leitor, e foi por isso que não fazia sentido que subisses a uma janela de um segundo andar por causa de um livro... ou talvez não seja um livro. Um diário?

O meu coração para.

Ele segura um livro com uma capa de tecido preto.

— Este diário?

Tenho de reunir todas as minhas forças para não explodir da minha cadeira, para não fugir. Eu não tinha a certeza... mas, agora que o Agente Rick o abana à frente da minha cara, começo a sentir-me encurralado.

Não consigo pensar em todas as implicações agora. Tenho de me concentrar em manter a melhor cara de póquer de toda a minha vida.

— Sabes que mais, tenho apertado muito contigo, Sawyer. E admito que és um raio de um osso duro de roer. Mas estou cansado. Vamos fazer uma pausa. O meu pai costumava ler-me histórias antes de ir dormir. O teu pai costumava fazer isso?

Ah.

— Não me parece. Olha, eu leio para ti agora, filho. Vamos ter um pequeno momento de leitura, sim? — O Agente Rick parece

seriamente descontraído, enquanto lambe o dedo indicador e abre o diário. — Ah, e já que não perguntaste, vou partir do princípio de que já sabes que este não é o diário da Ella. É da Hayley. E ela tem umas coisas extremamente interessantes a dizer sobre ti.

Eu paro de respirar. Faço contas de dividir de cabeça. Qualquer coisa para impedir que a minha cara espelhe a tempestade que cresce no meu peito.

— Vejamos... Ah, aqui está uma. «O S pegou no copo e atirou-o contra a parede, e vidro estilhaçado choveu para todos os lados.» Não é espetacular... mas, ei, também não é terrivelmente interessante. Quer dizer, quem é que nunca atirou talheres uma ou duas vezes durante uma refeição de família?

Cravo a unha do polegar na minha cicatriz com força suficiente para romper a pele. Tento não pestanejar.

— Oh, esta é mais quente. «Atirou o braço para trás e deu-me com as costas da mão na cara, com tanta força que a minha cabeça bateu contra a janela.»

Fúria e medo indescritíveis embatem contra o meu corpo em ondas do tamanho de montanhas. Engulo com força para aplacar as voltas do meu estômago e para lutar contra a vontade de fechar os olhos.

Os olhos do Rick varrem o meu rosto e um músculo contrai-se no seu queixo. Estou a começar a irritá-lo. Agarro-me à frustração dele, ao seu fracasso.

— É difícil ouvir, não é? — A voz dele está calma. — Põe um homem adulto a chorar, não é? Olha, não te preocupes, só tenho mais uma para ti... ah, aqui está. A última entrada de todo o livro. — Ele vira uma página. «Chegou a hora. Merda, é mesmo a única forma? Não importa. Estou a ficar sem tempo e não consigo pensar noutra forma de me manter a mim e a todos os que eu amo a salvo. A parte mais difícil será escondê-lo do S. Atualmente, é mais fácil dizer do que fazer. Mas não tenho opção. E não posso deixar que ele descubra. É uma questão de vida ou de morte.»

O Agente Rick simula um arrepio ensaiado.

— Aquela tua pequena ex tinha certamente o dom da palavra. Quer dizer, claro, ela não era assim muito consistente nas suas entradas e deixou-nos num raio dum suspense. Muitas pessoas não

ficarão contentes com isso. Mas ainda retrata uma cena e tanto, não é?

Luto contra a vontade de rosnar. Abrir a boca vai condenar-me. Não há como correr bem. Neste momento, tudo o que eles têm é um diário em que a Hayley falava sobre um «S» e as alegações de uma adolescente assustada a meio da noite. Não têm nada. Não podem deter-me.

E, quando olho bem nos olhos do Agente Rick, apercebo-me: ele sabe disso.

Deixa de lado a máscara do polícia sulista bonzinho e a cara contorce-se de raiva. *Aqui estás tu, sacana.* Inclina-se, com a cara manchada a centímetros da minha.

— Seu pequeno monte de esterco — rosna ele, agarrando na minha t-shirt.

E este último arremesso de raiva quase me quebra. Estou prestes a abrir a boca quando a porta se abre.

— Talvez devesse fazer uma pausa, Rick. — Um agente com ar cansado encosta-se à porta, com a mão na maçaneta.

O Rick mantém o contacto visual comigo. Dá-me um pequeno abanão no colarinho.

— Ainda não acabei.

Outro agente chega-se à porta. Tem a cara quadrada e rígida.

— Rick, vai dar uma volta. — Sinto o timbre da voz dele no meu peito.

Praguejando violentamente, o Rick larga-me. Marcha para fora da sala, a porta bate e de repente estou sozinho.

Faço uma enorme respiração. Estou tonto de exaustão e de horas de adrenalina a vibrarem nos meus músculos. As palmas das minhas mãos parecem molhadas e olho para baixo e vejo que entre as poças de suor há crescentes de meias-luas ensanguentadas, onde cravei as unhas na pele. Ia-me matando, mas consegui manter a calma. No exterior, pelo menos.

No interior, continuo a gritar.

Mas pelo menos agora sei que estou safo. Pelo menos por agora. Saco do telemóvel e mando uma mensagem à Ella.

Ella. Não estou zangado. Só preciso de saber onde estás. Por favor. Diz-me onde estás.

É um grande desespero esperar que a Ella me responda pela primeira vez em dias. Mas só quero ter a certeza de que ela está em casa com os pais. Não em mais lado nenhum. Não *com* mais ninguém.

Este pensamento deixa-me subitamente com tanta raiva que bato com o punho na mesa. Os meus olhos disparam para o espelho bidirecional, para a porta, para a luz vermelha da câmara, que pisca no canto da sala. *Vamos lá, Sawyer. Não te passes. Estás quase livre.*

Depois, posso ir eu mesmo ver como a Ella está.

Ainda não recebi uma mensagem de volta quando o Agente Rick, flanqueado por dois outros polícias, regressa à sala. *Finalmente*, penso.

Mas depois vejo a cara do Agente Rick.

Parece presunçoso. Muito presunçoso.

O meu telemóvel vibra e não consigo deixar de o tirar para ver se a Ella respondeu. O meu coração dispara quando vejo que é a Ella, mas só vejo a mensagem de relance, as palavras «bem» e «professor W», antes de o meu telemóvel ser arrancado da minha mão.

— Mas que raio? — expludo.

— Mandato de emergência, filho. — O Agente Rick desenrola um documento de aspeto oficial diante do meu nariz. — Significa que posso levar isto e ver o que encontro. Portaste-te muito bem, Sawyer. Mas não aguento mesmo ter tipos que batem em raparigas à solta nesta cidade e o juiz, por acaso, concorda comigo.

Eu fervo, enquanto ele vê as minhas mensagens.

— Raios, filho. Deixo a sala durante 10 minutos e já estás a assediar a Ella? E, raios, parece que a andas a assediar há alguns dias! Olha, não sabes que quando uma mulher não responde é porque não está interessada?

— Estou preso? — pergunto, com o coração a bater com se estivesse a correr uma maratona.

Faz-se um silêncio ensurdecador.

— Acharia que isso era óbvio. Sim. Sim, estás preso — diz o Agente Rick.

— Então, tenho direito a um telefonema — rosno.

Há uma pausa.

— Ele nem sequer acabou de ler as tuas... — começa um dos outros agentes.

— Telefonema! — exijo. — Pela lei, tenho direito a um telefonema!

Segue-se outro silêncio carregado. E depois, por fim:

— Raios partam, eu leio-lhe os direitos no caminho. Leva este merdas ao telefone.

Ainda pode haver uma saída.

capítulo 32

ella

Quase não reparo na chegada da manhã. Os meus pais também não dormiram, andando de um lado para o outro na sala, enquanto eu fiquei sentada imóvel no sofá, com os joelhos contra o peito, a fitar o vazio na nossa lareira de pedra fria.

— Porque é que achaste que era o Sawyer? O que quiseste dizer com ele já ter entrado antes por aquela janela? Por favor, Ella, fala connosco.

As vozes deles quase não me alcançam através da névoa que me cerca de todos os lados. Ele esteve de facto no meu quarto. Aquela sombra alta e esquiua. Nunca senti tanto medo na vida. Mas depois de a polícia se ir embora, o peso da minha acusação foi como uma pedra no estômago.

Uma coisa era contar os meus medos ao professor Wilkens, contar-lhe as minhas teorias sobre o Sawyer. Outra coisa completamente diferente foi algemarem-lhe os pulsos. Devia ter feito perguntas primeiro? Dar-lhe uma hipótese de se explicar? Mal consigo aguentar pensar nisso: a polícia a bater-lhe à porta, acrescentando mais uma infelicidade à vida da mãe dele e do Callan.

O Sawyer está preso e devia ser um alívio, mas, por qualquer motivo, não é. Lembro-me de o meu pai uma vez dizer, depois de o pai dele passar meio ano num hospício, incapaz de andar, de falar ou de ver, que estava ansioso para que o meu avô morresse, que a agonia

de o perder não seria maior do que a agonia de ver o seu pai a sofrer, do que o peso de testemunhar isso tudo.

Agora, estou a salvo. Sei que sim. Consigo sentir o modo como esse conhecimento descontraí os meus ombros, permite que os meus pulmões respirem profundamente, agora que já não estão contraídos pelo medo constante. O alívio é como ter sobrevivido a um tornado, mas vem acompanhado pela determinação deprimente de olhar para uma casa despedaçada onde achámos que iríamos envelhecer.

— Ei. — Uma mão pequena toca no meu ombro. É a Jess. — Mandei a mãe e o pai irem dar uma volta à cozinha. Estás bem?

Eu estico a minha mão para a dela e aperto-a com força.

— Obrigada, Jess. Devo-te uma. — Engulo o tremor na minha voz.

Encolhe os ombros, estudando os dedos dos pés, enquanto os enrola no tapete.

— Dei atum extra à Midna, já agora. Ela mereceu.

— Dá-lhe tanto quanto ela quiser — digo com a voz embargada.

O sorriso da Jess reflete a luz cor de pêssego do sol que nasce. É o primeiro momento em que penso que talvez vá ficar tudo bem.

Mas ainda há uma inquietação terrível dentro do meu peito. A ideia de ficar presa nesta casa, nesta casa onde o Sawyer me fez sentir coisas que nunca sentira antes, onde a Seema declarou o fim da nossa amizade, onde o Sawyer invadiu o meu quarto, vagueando na escuridão... Bem, digamos que preciso de sair daqui.

A Jess observa-me atentamente.

— A mãe e o pai nunca te deixarão sair.

— O quê? Porque é que dizes isso?

— Estás com aquela cara... a mesma de quando tiveste a doença do beijo e não pudeste sair de casa durante semanas. — Ela sorri para os seus pés. — Na verdade, é bom vê-la. A cara de estares a dar em doida.

— Porquê?

— Olha... Passaste o verão todo na cama. Não deste em doida nem uma vez. Fiquei preocupada... Tive medo que ficasses triste para sempre.

Pego na mão dela.

— Eu sei que estive um caco. E lamento. És a melhor irmã de sempre.

A Jess acena com a cabeça.

— Eu sei. Porque eu vou encobrir-te. Vai dar o teu passeio, faz o que precisares de fazer. Eu digo-lhes que tu precisas de dormir ou qualquer coisa, que estás fechada no teu quarto. Eu garanto que eles não entram. Demora o tempo que precisares.

— Jess... — Estou tão comovida que quase não consigo falar. — Não te mereço mesmo.

Ela faz um sorriso meigo.

— Eu sei. Mas para que é que são as irmãs?

Sou atingida pela constatação desconcertante de quanto a Jess tem feito por mim desde que a Hayley morreu. E, honestamente, mesmo antes disso. A Jess esteve sempre aqui, foi o meu porto de abrigo secreto. O meu coração dói com gratidão e amor.

Dou um enorme abraço à Jess, pego na minha mala e telemóvel, e esgueiro-me pela porta das traseiras.

É assim que dou por mim a caminhar sem rumo por Cedarbrook, numa manhã clara e fria de outubro. As primeiras horas sabem-me bem. Mexer o meu corpo. Sentir que estou a ir para algum lado, que estou a deixar todas aquelas cenas más para trás.

Mas depois, passado um tempo, começo a sentir-me novamente sufocada. Sozinha. Assustada. E não apenas isso: estou perdida. Estou num bairro em que nenhuma das casas me parece familiar. Paro de andar, considerando as minhas opções.

Podia ligar à mãe e ao pai, enviar-lhes a minha localização, pedir para eles me virem buscar. Mas não estou pronta para ir para casa. Nem por sombras. Além disso, ficaria de castigo por milhões de anos e, pior ainda, a Jess também ficaria, por me ter ajudado.

E é quando me lembro. Procuro o número do professor Wilkens no telemóvel e carrego no botão para ligar. Sinto uma ponta de incerteza. É sábado de manhã. O dia de folga dele. Talvez eu não devesse...

O professor Wilkens atende a minha chamada imediatamente.

— Ella? Estás bem?

Uma onda quente de alívio percorre-me.

Conto-lhe tudo: sobre o Sawyer entrar no meu quarto, sobre o que li no diário. Digo-lhe que não quero ir para casa já, que ele é a única pessoa que sabe tudo, que compreende aquilo por que estou a passar.

— Se precisares de um lugar seguro — diz ele —, podes ficar em

minha casa algumas horas, até estares pronta para ir para casa.

— Por favor — digo, e envio-lhe a minha localização, completamente aliviada.

Enquanto espero pelo professor Wilkens, sinto o meu bolso a vibrar. Tiro o telemóvel e paro de respirar quando vejo uma mensagem do Sawyer.

S

Ella. Não estou zangado. Só preciso de saber onde estás. Por favor. Diz-me onde estás.

Eu mordo o meu lábio gretado, caminhando para a frente e para trás no passeio. Não está zangado? Não acredito na falta de noção do Sawyer. Ele ainda acha que está a cuidar de mim, que me está a proteger. Mexo o polegar para apagar a mensagem, para bloquear o número dele, mas interrompo-me.

Para sentir que encerrei este assunto, quero enviar-lhe uma última mensagem. Preciso de me despedir.

E

Eu estou bem. A salvo, com o professor W. Por favor, não me contactes de novo. Adeus,

S

A seguir, carrego em enviar e bloqueio o número dele.

A casa do professor Wilkens é *linda*. Aninhada no bosque, é uma casa encantadora tipo rancho, que aparece quando viramos para a rua dele. Está pintada de um azul tão escuro que parece carvão, mas a trepadeira entrelaçada que abraça os lados suaviza o aspeto moderno. Ele estaciona na rampa de acesso e carrega numa série de números

num teclado na porta da frente para entrar.

— Bem-vindo à Casa Wilkens. — Ele tira os ténis com os pés, passa uma mão pelo rosto. Parece tão exausto como eu me sinto. — Põe-te à vontade. Vou só fazer um café para nós.

Enquanto ele segue por um corredor ao virar da esquina, eu mexo-me nervosamente, intimidada pelo espaço amplo e lindo que se estende diante de mim. Os tetos são altos e inclinados. Um conjunto de sofás de pele está disposto à volta de uma grande lareira, com as pedras vermelhas e cinzentas da chaminé a subirem pela parede até ao topo. Consigo ver a abertura para a cozinha, com chão de azulejo e uma ponta de um balcão de mármore, logo a seguir à sala de estar. Do lado oposto da casa, em vez de uma parede, há um par de grandes portas de vidro de correr, que se abrem para um jardim das traseiras luxuriante, abrigado numa floresta de carvalhos e ulmeiros.

É fácil imaginar o professor Wilkens aqui, com a sua namorada, com os pés dela no colo dele, enquanto leem livros junto à lareira, num companheirismo silencioso.

Tiro os meus ténis, colocando-os ordenadamente junto à porta e pouso a minha mala ao lado deles. A carpete é macia e cara, da cor de um creme suculento. A casa cheira a pinheiro e a luz do sol.

Caminho descalça pelo espaço, passando uma mão sobre o cabedal suave como manteiga quando passo pelos sofás e ponho a testa contra o vidro frio que dá para o jardim. Aposto que ele abre estas portas sempre que pode. Que as deixa abertas, fazendo da própria floresta a sua sala de estar. Faz-me lembrar aquelas fotos de casas de campo que vejo no Instagram ou nas capas daquelas revistas de viagem com capas grossas e brilhantes.

O professor Wilkens aparece à esquina.

— Tens fome? Também te posso fazer o pequeno-almoço.

Um beija-flor esvoaça para a porta de vidro. Há um pequeno comedouro vermelho em que não tinha reparado, pendurado no toldo lá fora, a balançar mesmo por cima da minha cabeça. O pequenino corpo reluzente brilha ao sol, procurando água açucarada no comedouro vazio, com as suas asas minúsculas mais rápidas do que a minha visão.

Sinto uma pontada ao ver a beleza dele, a ausência de comida. A Hayley odiava que os comedouros para pássaros estivessem vazios.

Provavelmente, já estaria a vasculhar os armários do professor Wilkens à procura de panelas, determinada a ferver água para fazer um xarope.

— Pois, eu tenho andado para ir às compras... — O professor Wilkens fecha o frigorífico com um pedido de desculpas no rosto. — Deixa-me ver se tenho preparados para panquecas ou qualquer coisa. — Abre um armário. — O que achas de queques de mirtilo... Oh, espera. Esta farinha passou de prazo.

— Fico bem com café, professor Wilkens. Prometo. Já fez muito por mim. — Olho timidamente para os meus pés. — Não sei como é que alguma vez lhe poderei agradecer.

O professor Wilkens sorri e lança-se numa explicação profunda sobre a arte de fazer um café. Eu aceno e sorrio, enquanto ele me fala sobre os vários tipos de torras de café, das vantagens de se moer os próprios grãos frescos, de se ver sempre a data de validade na embalagem antes de comprar, que todos deviam deitar fora as máquinas de café de cápsulas e de café de saco.

Enquanto ele fala, eu olho para uma série de fotos emolduradas nas paredes. A maioria são fotos artísticas, paisagens a preto-e-branco, uma foto dramática de uma floresta escura que surge contra um céu de outro modo vazio. No final da parede, mais perto da sala, estão dois diplomas emoldurados, um da licenciatura e outro do mestrado.

Semicerco os olhos para o texto floreado, para o tom brilhante e dourado das palavras e leio em voz alta:

— Este documento certifica que Andrew Samuel Wilkens *Terceiro*... — Eu viro-me para ele, com uma sobrancelha levantada. — É um terceiro? Parece ser da realeza.

Ele faz uma careta.

— Nem de longe. Odeio o meu primeiro nome. Cada diminutivo. Drew. Andy. O clássico Andrew. Faz-me lembrar o meu pai. Foi a minha namorada da faculdade que sugeriu que, se eu o odiava tanto, devia começar a usar o meu nome do meio.

— Gosto disso — digo, lembrando-me de que considerara brevemente chamar-me Anna e deixar para trás toda a bagagem que o nome Ella contém. Faz-me pensar que a reinvenção é possível, mesmo depois de tudo isto.

O professor Wilkens fala-me sobre o café que escolheu, que o

descobriu por acaso numa viagem de carro que fez pelo Montana nas férias. Ouço-o falar, a paixão na voz dele, tudo aquilo que o torna tão adulto. E gosto de observar cuidadosamente a casa dele, com a sua arte minimalista e de influência oriental. Budas de terracota e taças tibetanas junto a queimadores de incenso de pedra. Os paus de sândalo têm um cheiro forte, mesmo sem estarem acesos. Há algumas plantas escondidas em cantos da casa, em prateleiras, em mesas, tanto em pano de fundo que não reparei nelas antes.

— Eu diria que devia regar as suas plantas — aponto para um botão de feto acastanhado —, mas talvez tenhamos de anunciar a sua morte.

O professor Wilkens não tira os olhos dos grãos que insere no moinho de café.

— Pois, eu sei. Ando há uns tempos para me livrar delas. — Ele carrega num botão e o rugido de dezenas de grãos a serem pulverizados por pequenas lâminas de metal abafa qualquer outro som.

Dirijo-me para um grande expositor de vidro, cheio de artigos desportivos de coleção. Vejo o meu reflexo sorridente no vidro. Mindfulness e meditação de um lado da sala, desporto e amendoins do outro.

O professor Wilkens não parece ter uma lealdade por um desporto único, mas por todas as equipas da Georgia. Há cartas de baseball dos Braves, cada uma delas num minúsculo expositor, com um capacete azul pequenino com um A vermelho gigante dos Atlanta Braves. Mas também há muitas coisas dos Atlanta Falcons — um programa de um jogo da Super Bowl de há alguns anos como novo, uma camisola cuidadosamente dobrada. Contudo, a joia da coroa é um artigo dos Braves: um taco reluzente de madeira com um autógrafo de lado, *Para o Sam*.

O triturador de café para finalmente. Olho para ele, a sorrir.

— Então, é um fã de desporto. Não teria adivinhado.

— O que posso dizer? Eu contenho multidões. — O professor Wilkens verte o café triturado para uma prensa francesa. Mantém-se em silêncio enquanto desliga a chaleira elétrica. — Era a única altura em que eu e o meu pai conseguíamos partilhar um espaço sem começarmos a discutir. Não tínhamos uma relação muito boa e ele não

estive muito presente depois de eu ficar um pouco mais velho. Mas quando estava a dar um jogo... conseguíamos conversar.

— Parece difícil — digo suavemente.

Ele verte água a ferver para a prensa francesa e o cheiro a chocolate negro e frutado do café desponta no espaço entre nós.

Com a luz da manhã da grande parede de vidro a sarapintar o espaço e o sorriso do professor Wilkens, lembro-me de que há uma forma de viver em que o terror não mora na minha barriga, pesado como um tijolo. Onde existe um futuro cheio de bebidas quentes polvilhadas com canela em manhãs frias de outono. Pés descalços na cozinha e a promessa de panquecas. Uma vida em que a perda significa que deixei as chaves fora do lugar e não o meu coração, o meu amor, desfeito sem parar. Lembro-me de que a vida existe.

Não agora, não aqui, mas um dia.

Nesta cozinha com uma iluminação suave, a observar o professor Wilkens a trabalhar, com o sol a tornar o cabelo dele castanho, penso em tudo o que ele poderá ter perdido. Sobre o que ele falou durante a nossa caminhada, a agonia da perda e da mudança. Mas então e a perda de coisas que poderiam ter sido? Das coisas que ele nunca teve? Segurar numa bola de baseball bem gasta, em vez de na mão do pai. E, no entanto, aqui está ele, a cantarolar na cozinha, sorrindo suavemente para si próprio. Feliz, apesar de tudo isso.

Eu toco no expositor de vidro, vendo todos os objetos a uma nova luz.

— Lamento que as coisas fossem assim com o seu pai. Agradeço que tenha partilhado isso comigo.

— A vulnerabilidade é o ponto de conexão, Ella. Não te esqueças disso. — Ele aponta para uma chávena branca que tira de uma prateleira.

Franzo o nariz ao ver uma bola de basquete na prateleira de cima do expositor.

— Gosta dos St. Louis Cardinals?

— Hã? — O professor Wilkens segue o meu olhar para uma pequena bola de basquete branca e vermelha com o emblema de um passarinho vermelho empoleirado num taco. — Ah, isso. Ah. É uma lembrancinha engraçada. Sempre achei hilariante que uma bola de basquete fizesse publicidade a uma equipa de baseball. — Inicia um

temporizador no telemóvel e suspira. — O café vai demorar 10 minutos a ficar pronto. Queres uma visita guiada?

— Claro — digo, pondo-me de pé. Sigo-o lá para fora.

A coisa mais incrível no jardim dele é o silêncio. As folhas murmuram e piscos cantam e debulhadores-ruivos chilreiam, mas não há o ruído de carros, ou da rua.

— God — suspiro. — Isto é o meu sonho.

Ele envaidece-se com o elogio.

— É o meu pequeno paraíso.

O jardim dele é eclético, composto por pequenos canteiros bem cuidados de plantas de todos os tipos. Tem ervas aromáticas: alfavaca fragrante, hastes de alecrim, molhos verdes de manjerição. Uma pequena haste de tomate amadurece em caules aveludados. Um conjunto de arbustos floridos acolhe um bando de borboletas, que pousam em flores amarelas e cor-de-rosa. Girassóis muito altos apertam o meu coração.

— Multidões — digo. — Também é, secretamente, um jardineiro experiente.

— Nem por isso. — Sorri para uma borboleta branca que dança à nossa frente.

O vento traz o aroma a alfavaca e relva, entrelaçando-o no meu cabelo. Ele faz esta vida parecer tão fácil, tão perfeita. Eu decido que quero morangos no meu jardim, além de uma grande fila de manjerição e alfavaca, hastes de tomilho e alecrim.

E girassóis. Filas e filas de girassóis.

Estou prestes a perguntar se é difícil cultivá-los, quando vejo alguns vasos de cerâmica junto à porta. Só contêm água e berlines azuis como o oceano. É um tom muito familiar de berlines azuis, como o oceano.

— É tão engraçado que faça isso — digo, apontando para os vasos.

— Ah, sim. — Ele ri-se. — A minha estação de hidratação de abelhas. É o segredo da minha jardinagem.

Ouç o grasnar de um único corvo. Ouço o murmúrio das folhas a dançarem ao vento.

Durante três segundos, não ouço absolutamente nada.

— Desculpe. — Pestanejo rapidamente para o professor Wilkens.

— O que disse?

— É um sítio para as abelhas e outros insetos pousarem e beberem água sem se afogarem. — Encolhe os ombros. — Sem abelhas, não há jardim.

Enquanto fito os berlindes azuis-cobaltos, as engrenagens do meu cérebro param. Penso no alpendre da Hayley, nos vasos fétidos com os mesmos berlindes azuis e, por algum motivo, penso numa altura em que tinha uma febre tão terrível que estava sempre a pensar que a minha mãe estava no quarto comigo. Estava a delirar de sede e imaginei que a minha mãe se inclinava para a frente, oferecendo-me um copo de água. Estiquei-me vezes sem conta para o apanhar, com as lágrimas a picarem-me, devido à necessidade de saciar o fogo na minha garganta. Nunca me senti tão confusa como quando os meus dedos agarraram ar vazio repetidamente.

Nunca tinha imaginado que não podia confiar nos meus próprios olhos, no meu próprio cérebro.

Sinto o mesmo enquanto observo o professor Wilkens a caminhar para o seu canteiro de ervas aromáticas. Ele baixa-se para arrancar ervas daninhas entre o manjerição. No momento em que se inclina, vejo um corte na palma da mão dele. Parece recente.

— O que aconteceu à sua mão? — pergunto.

— Isto? — Levanta-se, franzindo o sobrolho para a mão, antes de a enfiar no bolso. — Cortei-a numas estacas de tomate esta manhã. Fui descuidado.

Eu aceno mecanicamente, com o meu cérebro a rodopiar, a juntar as peças.

Estacas de madeira. *De madeira como a treliça no exterior da minha janela?*

O professor Wilkens sorri, com as sobrancelhas franzidas.

— Está tudo bem, Ella?

— Acho que me bateu finalmente — digo. — Todas estas noites sem dormir, o stress todo.

— Claro. Céus, nem consigo imaginar. Aquele café vai deixar-te como nova. Na verdade, já deve estar pronto. Vamos entrar.

Não pareço conseguir deixar de pestanejar, como uma máquina avariada. Sou uma página que não recarrega, um círculo a girar. Preciso que alguém me reinicie. Que encerre o meu sistema. Desligar e voltar a ligar. Fico diante do expositor de vidro enquanto o professor

Wilkens avança para a cozinha, a conversar.

Mas eu não estou a ouvir.

Estou a fitar o taco de basebol. A dedicatória, especificamente.

Para o Sam.

Tudo se desvanece em pano de fundo, com exceção da letra «S».

Todos os sons param, o oxigénio dos meus pulmões é sugado, violenta e repentinamente.

Esqueço-me de como respirar. Não está a funcionar como devia. Os sons estão distorcidos, alongados como caramelo, com o mundo a girar por baixo de mim, como o convés de um navio agitado por uma tempestade. Há um lampejo amarelo a brilhar no expositor de vidro. No painel à frente da bola de basquete dos St. Louis Cardinals, vê-se o reflexo do jardim lá fora: dois girassóis perfeitos e radiantes.

Está tudo aqui. Tudo o que a Hayley registou meticulosamente no seu diário.

— Tenho de ir à casa de banho. — Cambaleio para o corredor, ignorando a voz dele atrás de mim. Mais um instante e ficaria tudo escrito no meu rosto.

Tento algumas portas até encontrar finalmente a casa de banho, fecho e tranco a porta atrás de mim.

Abro a torneira, e apoio as minhas mãos de cada um dos lados do lavatório. O rosto no espelho não me pertence. Pertence a uma rapariga com círculos pretos como olhos e lábios sem sangue. Uma rapariga que adormeceu entre cordeirinhos e acordou no covil do leão, com carcaças espalhadas a toda a volta.

— Ella? — Um toque suave na porta quase me faz gritar. — Estás bem aí dentro? Parecias... indisposta.

— Estou bem — digo, soando tudo menos isso. — Senti-me enjoada de repente. É o stress. Estou quase a sair.

— Está bem. Estou aqui fora, se precisares de mim — diz o professor Wilkens.

Diz o Sam.

Diz o S.

Depois de alguns salpicos de água fria, preparo-me.

Sê corajosa, Ella. Podes ter um esgotamento a seguir.

A porta da casa de banho não faz barulho quando a abro lentamente, espreitando para ver se há sinal dele. Como não há, tento

escapar-me, correndo para a porta da frente.

— Está tudo bem?

Estou a alguns passos da porta quando o professor Wilkens se levanta de um sofá de pele, com o rosto um modelo de preocupação.

— Sim — digo, enquanto ele se aproxima. — Quero dizer, não. Não estou bem. Tenho de ir para casa.

— Isso é péssimo. Vou buscar as minhas chaves. Vou levar-te a casa.

— Eu vou a pé. — Calço os sapatos, pego na minha mala. Dou um passo para a porta.

— Isso é ridículo, Ella. — Ele contrai os lábios, com um tom lento e paciente, como se estivesse a lidar com a birra de um bebé. — São quase 20 km, especialmente se estás maldisposta...

— Obrigada por tudo, de verdade. — Ponho uma mão na porta.

— Ella, por favor, podes só falar comigo por um instante? Dizer-me o que se passa?

Consigo ver o carro do professor Wilkens através do pequeno painel de vidro da porta principal. Reparo num toque no para-choques da frente. Quão burra fui. Quão cegamente estúpida.

No mesmo instante em que rodo a maçaneta da porta, uma mão insistente agarra-me no ombro e vira-me ao contrário.

— Ella — diz o professor Wilkens —, vai ficar tudo bem.

A seguir, sinto um golpe no lado da cabeça e fica tudo escuro.

capítulo 33

ella

Não sei onde estou. Há um zumbido agudo e penetrante nos meus ouvidos. Os meus batimentos cardíacos são tão violentos que cada pulsação incha a minha língua, salta-me da garganta.

Vou morrer, vou morrer, vou morrer, soa na minha cabeça, sem parar. Luto para me equilibrar, para formar um pensamento consciente. Não compreendo porque é que metade da minha visão está escura. Parece que afinal só consigo abrir um dos meus olhos, porque o outro está a ser pressionado por um saco de congelação cheio de gelo.

— Graças a Deus, Ella. Estava tão preocupado. — O professor Wilkens está sentado numa cadeira à minha frente e o frio cortante do saco arde contra a preocupação fervorosa nos olhos dele. Todo o lado esquerdo da minha cara pulsa e lateja e tenho uma dor lancinante nas têmporas.

E depois lembro-me.

O pânico regressa com toda a força. O meu sangue uiva de medo, os meus pensamentos estão incoerentes. Tento levantar-me, afastá-lo, mas só acabo por cair de lado na cadeira, com as pernas presas pelos tornozelos, os pulsos atados atrás das costas.

O professor Wilkens apanha-me antes de bater no chão, deixando cair o saco de gelo. Ele volta a sentar-me na cadeira.

— Ella. — Parece destroçado. — Acalma-te. Estou a tentar tomar

conta de ti.

— Solte-me! — Sacudo-me, frenética. Giro a cabeça, a gritar. — Por favor! Alguém! Ajuda!

— Ella, o que estás a dizer? Não estou a tentar magoar-te...

— *Alguém!* — Olho à volta freneticamente. Ainda não estive nesta divisão. Tetos baixos, sem janelas. Uma carpete grossa e sofás de pele coçados. Uma bateria cara a um canto, dois subwoofers da mesma altura que eu.

Estou numa cave. Uma cave que foi concebida para disfarçar os sons que poderiam encher um estádio.

— *Por favor!* — grito de qualquer modo, incapaz de enfrentar as implicações.

— Podemos falar, Ella? Vais magoar-te; tu já não estás bem. — O professor Wilkens, o *Sam*, instala-se novamente na cadeira à minha frente, pegando mais uma vez no pacote de gelo. — Eu vou soltar-te, mas tens de te acalmar primeiro, OK? Podes fazer isso por mim? Acalmar-te?

Eu olho agitadamente para a sala. Há escadas atrás do Wilkens, à minha direita. Não há um raio de um painel solto à vista, nem sequer uma ventoinha ou uma fresta. *Fugir, fugir, fugir.*

Nunca tive tanto medo na vida.

O pai contou-me uma história uma vez sobre um cão que ele teve em miúdo. No 4 de julho, puseram-no na cave, na esperança de que não ouvisse os fogos de artifício. Encontraram-no no dia seguinte, debaixo do barracão das traseiras, ofegante, com as duas patas da frente ensanguentadas até ao osso, as gengivas desfeitas, os dentes partidos. Arranhou a porta da cave até conseguir sair, uma porta tão robusta e reforçada que o meu avô se maravilhara que um homem adulto com um machado precisaria da noite toda para partir a madeira grossa.

Eu ficara cética, com a certeza de que era uma hipérbole. Céus, como estava errada.

Quero roer os meus pulsos. Quero cavar um buraco do tamanho da Ella através do Wilkens, cambaleiar pela escada, coberta nas entranhas dele, até ficar em segurança.

— Ella — diz ele, tão suavemente como um suspiro. — Meu Deus, pareces aterrorizada. Detesto isso. Olha para mim. — Aninha o saco

de gelo contra a minha bochecha magoada, e o frio provoca-me um choque que me faz obedecer-lhe. — Eu não vou magoar-te. Estou só a manter-te a salvo de ti mesma.

É difícil pensar contra o latejar nuclear de dor na minha cabeça. A voz dele é oleosa e coberta de mel e as suas palavras confundem-me. Sinto que estou a afogar-me, mas que estou virada do avesso. Não me lembro para que lado tenho de bater os pés, em que direção é a superfície.

Fecho os olhos com força.

Não penses. Limita-te a correr.

Retomo a minha luta contra as amarras, com o plástico fino a cortar a minha pele. Apercebo-me de que são abraçadeiras.

O Wilkens anda de um lado para o outro.

— Os surtos psicóticos não são invulgares depois de algo tão traumático. Claro que te estás a sentir assim. Depois de tudo o que passaste. Perdeste a tua melhor amiga, a seguir apaixonaste-te por um tipo que te traiu e agora ele está preso e estás outra vez sozinha. Faz sentido que queiras fazer uma pausa da realidade. — O Wilkens olha para mim, desesperado, a implorar. — Espero que saibas que isso não é verdade, Ella. Tu não estás sozinha. Nunca. E eu quero mesmo, *mesmo* que tu fiques bem, Ella. Eu preocupo-me contigo. Ouviste-me? Não quero que te aconteça nada.

Continuo paralisada, com o meu coração a ameaçar partir-me as costelas e bater para fora do peito. Lembro-me de quão comprida era a rampa de acesso, de quão pacífico era o jardim dele. Se os sons dos meus gritos conseguissem de algum modo escapar desta cave, os únicos seres para os testemunharem seriam borboletas, beija-flores com corpos reluzentes, talvez um único corvo ao longe.

O Wilkens vira-se com um par de tesouras de poda curvas que baloiçam nos seus dedos, com as lâminas abertas e penduradas como as pernas de uma maca. A luz ténue da cave lança uma sombra fraca sobre o meu rosto quando o Wilkens se inclina por cima de mim, sorrindo esperançosamente com a tesoura na mão. Ele consegue fazer com que pareça simultaneamente um castigo e uma recompensa.

— Então, como vai ser, Ella? Vais cooperar?

E é quando me apercebo. Quando me apercebo de verdade.

Eu vou morrer. Poderei realmente morrer se não arranjar uma

maneira de sair daqui.

Não consigo correr, nem lutar para me soltar. Qual é a única saída? O Wilkens teria de me libertar. Tenho de fazê-lo acreditar que me pode soltar.

— Tem razão — digo, com a voz áspera de gritar. — Eu... eu não estou bem. Tive um episódio psicótico.

Pela primeira vez desde que eu acordei, o rosto do Wilkens hesita.

— A sério? — Ele parece não ter a certeza.

Tento agarrar-me a alguma coisa, procurando o fio ténue da incerteza dele.

— Foi como disse. Eu tentei fazer mal a mim mesma. Não consigo processar a traição do Sawyer... Quer dizer, eu *mal* processei perder a Hayley. Só... só estava a tentar ajudar-me. Sei que estava. — As lágrimas correm pelo meu rosto, fazendo arder o meu olho magoado.

Por favor, acredita em mim.

O professor Wilkens baixa a tesoura de poda, com o rosto inescrutável, enquanto pondera.

— Compreendo que estava só a tentar ajudar-me. — Humedeço os lábios. Luto contra a bÍlis que me sobe pela garganta quando digo as palavras seguintes. — Compreendo que... que provavelmente só queria o melhor para a Hayley. Que não queria magoá-la. Que nunca quis...

Apercebo-me de que fui longe demais quando ele baixa a tesoura e pressiona os dedos contra os olhos.

Estúpida, estúpida, estúpida. Como se ele alguma vez acreditasse que eu acho que o que ele fez à Hayley é OK.

— Raios *partam*, Ella. — A voz dele cede.

Nesse momento, sei que não há nada que eu possa fazer.

O Wilkens deixa cair a tesoura de poda na carpete, sentando-se pesadamente na cadeira diante de mim.

— Merda, merda, *merda*. Tu achas que eu queria isto? Achas que queria alguma parte disto? Eu gosto de ti, Ella. És uma boa miúda. Inteligente. E eu amava... ouviste-me bem? Eu *amava* a Hayley. — Ele leva o punho ao coração como se, se não o prendesse, este pudesse explodir para fora dele, sangrento e a bater no chão entre nós. — Eu já passei por tanto — diz ele. — Fazes ideia de quão *agonizante* tem sido? E agora? Agora, tenho de fazer *isto*? Vais tornar isto fácil? Ou

vai ser difícil e complicado?

Demoro um momento a perceber que ele está a chorar. Um gemido agudo e esganiçado sai-lhe da garganta, enquanto ele oscila para trás e para a frente na cadeira, a chorar.

Talvez seja o facto de perceber finalmente que não tenho forma de fugir disto. Talvez tenha começado finalmente a ver a dimensão de tudo isto, quem o S é realmente, o que aconteceu ao Sawyer.

Talvez se deva ao facto de ser *eu* quem vai morrer e de ele estar a chorar mais do que eu.

Seja qual for o motivo, todo o meu sofrimento, todo o meu medo e toda a minha mágoa ficam calcificados. Formam um diamante afiado e brilhante de fúria.

— Seu monte de merda patético — cuspo. — Magoaste a minha melhor amiga. Ela amava-te; ela confiou em ti e tu seduziste-a e depois fizeste-a sofrer. Tu... tu fizeste-nos despistar da estrada! Tu *mataste-a*. Fizeste-me mandar o Sawyer para a prisão! — É um misto de acusação e de constatação. A minha cabeça martela com uma dor lancinante e pesada. — Foste sempre tu o tempo todo. Eras tu no diário, tu és o S, és tu, *és tu quem devia estar na prisão...*

— O que é que tu sabes? — Ele põe-se de pé com um salto, avança como um tigre. — Como foi a tua infância, hã? Histórias antes de ir dormir e os dois pais nos concertos da escola? Não poderias sequer compreender. Eu tinha 5 anos e quando ficava tudo em silêncio no quarto dos meus pais, quando o choro e os estrondos paravam, eu perguntava-me se ele a tinha matado. Perguntava-me se a minha mãe estava morta e se seria eu a seguir. Sabes como isso é? O que isso faz a uma pessoa?

O Wilkens entrelaça as mãos à sua frente.

— Eu amava-a. Tudo o que fiz foi por ela. Para a proteger. Eu vi o futuro da Hayley da primeira vez que a vi. Uma overdose aos 19 anos. Intoxicação alcoólica aos 20. Ela era linda... e estava destinada à autodestruição. Ela compreendia o que acontece quando os pais são violentos e não têm rosto e as mães são Phoebe. Tudo o que eu fiz foi para a proteger.

— Como é possível que penses assim? — digo em voz rouca. — Que qualquer coisa que tenhas feito era aceitável? Tu *mataste-a*!

Ele deixa cair o meu queixo, perdendo a combatividade.

— Não me importa se acreditas em mim ou não. Mas esta é a verdade. Eu não sou um monstro, Ella. Só estava a tentar conversar. Ela não atendia as minhas chamadas. Tinha pavor de nunca mais a voltar a ver. O que... eu sei. É irónico. — Ele leva um punho à boca. — Ela forçou-me, Ella. A minha única hipótese foi seguir-vos, perseguir... Eu só queria conversar, Ella. Eu só queria que tu parasses para nós conversarmos. Quando o teu carro ultrapassou a barreira, eu quase morri. Uma parte de mim morreu *de facto*. Encostei de imediato. Olhei sobre o sítio da queda, chamei. Mas o carro estava tão lá em baixo na ribanceira. Estava prestes a descer quando um carro começou a surgir na curva. Tinha de me ir embora; eles iam ficar com a ideia errada. Raios, eu quase me atirei de uma ribanceira quando descobri que a Hayley... Que a Hayley partira.

— Tens razão, Sam — vocífero. — Tu não és um monstro porque os monstros... bem, eles não conseguem controlar-se, pois não? Cães raivosos, guaxinins. Não têm pensamentos conscientes. Chamar-te um monstro é desculpar-te. Tu és o motivo para a Hayley estar morta. Tu mataste-a. E quase me mataste a mim. Tanto naquela noite como todas as noites durante seis meses. — Faço uma respiração entrecortada. — Eu nunca soltei aquele monte de culpa. Quase me arrastou para o abismo também.

— Ella — diz o Wilkens, apertando a cana do nariz.

Mas eu não terminei.

— Tens prazer em pensar que és muito esperto. Que és muito sábio. — Eu ergo o queixo, sorrindo com desprezo. — Tu não me ensinaste *merda* nenhuma. Mas a Hayley sim. Ela ensinou-me que eu podia ser amada quando era mais mundana, mais repulsiva, mais cruel. Ela ensinou-me a ser corajosa e ela ensinou-me que não há problema se ainda não sou suficientemente corajosa. Ela protegeu-me, enquanto me tentava ensinar a proteger-me a mim mesma. — Engulo em seco. — Só que eu aprendo devagar.

Eu sei que isto não pode acabar de mais forma nenhuma, mas pelo menos posso ter alguns momentos de paz. *Eu não matei a Hayley*. As lágrimas que caem parecem purificadoras, extraíndo veneno do meu corpo.

— Ella, atrasar só vai tornar isto tudo pior. Vou perguntar-te mais uma vez. A escolha é tua. Vais tornar isto fácil? Ou difícil e

complicado?

Eu forço-me a olhar nos olhos do Wilkens, e tornar a minha cara dura como pedra. Obrigá-lo a olhar para mim quando acabar com a minha vida. E é quando vejo. Uma figura. Alta e magra, totalmente vestida de preto, mascarada e com capuz. Desce sorrateiramente a escada, tem o taco assinado do Sam erguido acima da cabeça.

A figura encapuzada está um passo acima do Wilkens. Levanta o taco bem alto e *Para o Sam* reluz com a iluminação ténue da cave.

— Difícil e complicado — digo.

O taco estala no crânio do Wilkens: o som é explosivo como uma bala. Ele grunhe, caindo para a frente, mas consegue manter-se de pé, a cambalear. Leva uma mão à cabeça e geme quando vê que fica de um vibrante vermelho rubi. A figura encapuzada levanta o taco de novo, baixando-o como um martelo.

O Wilkens cai no chão, desamparadamente, e sem som.

A figura deixa cair o taco, pondo o capuz para trás para revelar cabelo curto preso num carrapito, com um lado cortado à máquina. A seguir, surge um rosto pálido, mais magro do que me lembrava, mas com o mesmo salpico de sardas nas maçãs do rosto altas, com os mesmos cintilantes olhos esmeralda.

— Oi, Ella.

Durante um segundo, pergunto-me se já morri. Se afinal o Wilkens me matou.

Porque diante de mim...

Está a Hayley.

capítulo 34

hayley

Eu não aprovo a violência, a sério que não. Mas vou fazer do Sam um caso especial, só desta vez. E raios *partam* se não sabe bem bater no crânio dele como se fosse um sino, sentir o estalido do impacto a percorrer a madeira e a vibrar pelos meus dedos, aqueles que ele partiu, aqueles que serão sempre um pouco tortos.

Ele odeia sangue, nunca me tocava quando estava com o período, por isso, adorei ouvi-lo guinchar depois de ver o vermelho na palma da sua mão. Foi um risco enorme voltar sequer aqui. O Sawyer sabia que não havia outra opção e implorou-me para ser rápida:

— Será tudo em vão se mais alguém souber além da Ella.

Por isso, aqui estamos nós, com o Sam apagado no chão.

E depois estamos a Ella e eu, eu e a Ella, sozinhas na cave do Andrew Samuel Wilkens.

De repente, fico nervosa. Mesmo depois de tudo aquilo por que passei, depois de tudo o que tive de fazer, estou nervosa.

Porque ela é a última pessoa do mundo que eu quero que me odeie e é a primeira pessoa no mundo para ter todos os motivos *para* me odiar. Eu sei aquilo por que a fiz passar. Aquilo em que deixei que ela acreditasse.

Eu também me odiaria. Mesmo depois de saber tudo o que sei, os motivos para ter feito o que fiz.

Fico surpreendida com a vontade de a libertar sem revelar quem sou. Podia soltá-la, pôr-lhe a carta dobrada nas mãos e correr antes de ela reagir. Seria o caminho cobarde. Sei que nunca faria isso, que nunca mais voltaria a fazer isso à Ella, mas, quando fito os olhos dela, sinto a vergonha a ferver na garganta como um caldeirão em ebulição... é tentador.

Mais forte ainda é a vontade de a levar comigo, de volta para a Carolina do Norte, de elaborarmos juntas os nossos próximos passos, como sempre planeámos. A ânsia por tudo isso quase me faz cair.

Mas de certeza que já não tenho tempo.

A Ella começa a baloiçar-se na cadeira, como se pudesse desmaiar, por isso, deixo cair o taco no chão e corro para o lado dela, ponho as mãos nos seus ombros para a ajudar a equilibrar-se.

— Eu sei — digo fervorosamente. — Eu sei. Eu...

Tenho 5 minutos. Poderei ter 5 minutos, no máximo, antes de a minha vida terminar.

— Merda — vocifero, fechando os olhos com força.

A carta terá de servir.

Abro os olhos e o rosto da Ella é uma tela de emoções contraditórias, com a dor e a confusão e o amor a emanarem em ondas compactas e sufocantes.

— A polícia vai chegar dentro de 5 minutos — explico. — Eu liguei-lhes do teu telemóvel lá em cima. Por isso, diz que conseguiste fugir e ligar-lhes antes de ele te apanhar e de te arrastar aqui para baixo. Eu disse-lhes que tu achavas que ele tinha uma arma. — Atiro a cabeça na direção da tesoura de poda de aspeto letal. — Aquilo vai ser suficiente, não fiques muito preocupada.

Tiro o meu canivete suíço do bolso de trás, pesado como uma pedra, estico-me para trás dela para serrar as abraçadeiras à volta dos seus pulsos.

— OK, Ella. Isto estava no teu bolso de trás. Demoraste um bocado, até mesmo horas, mas conseguiste soltar os pulsos. Esperaste até ele ter ido à casa de banho para soltares os tornozelos.

As abraçadeiras soltam-se com um estalido. Os braços da Ella ficam pendurados para trás assim que os solto. Não mexe um único dedo. Afasto a culpa que ameaça dominar-me e começo a serrar as amarras de plástico que ainda lhe prendem os tornozelos.

Os olhos dela nunca saem de mim e acho que não a vi pestanejar uma vez. As amarras de plástico estalam e os tornozelos separam-se, moles, como os braços. Limpo rapidamente o canivete e deslizo a lâmina para o sítio, antes de pegar na mão da Ella e de o pousar suavemente na sua palma.

— Este é o teu canivete. Estava no teu bolso de trás. Conseguiste soltar-te. — Eu fecho os dedos sobre o metal frio. As mãos dela estão geladas. Ela continua a não pestanejar.

Viro-me, mordendo o lábio enquanto fito o Sam, deitado de barriga para baixo, com o taco ao lado. *O taco*. Ponho-me de pé num salto, pego no taco e limpo a pega com as mangas, com cuidado para não o agarrar com a minha pele nua.

— Ele trouxe isto cá para baixo. Não sabia se te ia bater com ele ou não, queria ter a opção de te ameaçar. Quando ele voltou da casa de banho, surpreendeste-o quando estava de costas. — O canivete suíço continua preso na mão dela, por isso, ponho o taco no colo.

Quando ela o apanha com a outra mão, liberto uma respiração que não sabia que estava a conter.

— Ella... eu queria...

O Sam geme e estremece. Quase pego no taco para lhe bater de novo, mas ao longe ouve-se o sinal de alarme. O som de sirenes, cada vez mais audíveis.

Caio de joelhos diante da Ella, meto a mão ao bolso e tiro a carta dobrada.

— Conto tudo nesta carta, Ella. Não é o suficiente, nem de perto nem de longe. — Enfio-a bem fundo na meia dela, debaixo do arco do pé para não cair. — Mas é o que temos.

Afago a bochecha dela, no lado ileso, e fito-a nos olhos, que continuam arregalados e opacos.

— OK, Ella. — Encosto a minha testa à dela. — Conseguiste soltar-te. Deste-lhe com o taco. Eu nunca estive aqui. Preciso que repitas isto.

As sirenes estão mais audíveis, mais perto. A Ella continua a não dizer nada. O meu coração bate violentamente na minha garganta.

— Ella. Tu soltaste-te. Deste-lhe com o taco. Eu nunca estive aqui. — Silêncio. — Oh, Ella. Eu sei. Mas preciso de te ouvir dizer...

— Tu nunca estiveste aqui.

As lágrimas nascem nos meus olhos quando me afasto para observar a Ella, o seu rosto lindo, com a expressão desafiadora do seu queixo surpreendente e nova.

— Já não és uma avezinha bebé, pois não? — sussurro. — És uma águia. Uma fénix. A minha Ella com olhos e cabelo de fogo. — Inclino-me para a frente e levo os meus lábios gretados à bochecha dela, suave e fria como natas frescas. — Amo-te para sempre, Ella. Decidas tu o que decidires.

E depois desapareço.

capítulo 35

carta da hayley

Minha querida Ella.

Merda. Como é que começo isto? Sabes quantas vezes comecei esta carta para ti? Ontem à noite, entornei água por cima de todos os papéis na mesa e tentei fingir que foi um acidente e não um ato de vergonha, um ato de cobardia.

Mas chega de desculpas, Ella. Eu amo-te e tu mereces saber tudo.

Queria contar-te sobre o Sam. Não serve de consolo, imagino, mas ficas a saber que eras a pessoa a quem eu mais queria contar. Especialmente no início, naquela era mágica, quando ele tirava flores detrás da minha orelha e eu adormecia e acordava sempre a sorrir.

Como podes imaginar, ele queria manter tudo em segredo. Dizia-me que eu tinha a sabedoria de uma pessoa mais velha, que éramos basicamente da mesma idade, mas que, ainda assim, tínhamos de ter cuidado. Ele seria certamente despedido, até preso («As leis feitas com os pés não têm espaço para nuances», costumava queixar-se) e, até eu fazer 18 anos, tínhamos de nos encontrar à socapa, em silêncio.

Eu admito, Ella. Não conseguia acreditar que ele me tivesse escolhido a mim. Mesmo agora, sinto vergonha ao escrever estas palavras. E é por isso que estou a escrevê-las. É difícil iluminar aqueles recantos da minha alma que passei anos a esconder. Mas

estou a aprender que posso sentir vergonha, enquanto sei que não há motivo para sentir vergonha. E é assim que me sinto ao pensar em quão grata fiquei simplesmente porque o Sam me escolheu.

Sabes, depois de ver a Phoebe a dar o seu amor tão facilmente a qualquer um que lhe desse o mínimo de atenção (a qualquer um exceto a mim, posso acrescentar) e de ver o que isso lhe custou, uma e outra vez, eu jurei que isso nunca me aconteceria. Nunca escolheria um homem em detrimento de mim mesma. Agora, compreendo que nada é assim tão simples.

Afinal de contas, não queremos todas apenas ser amadas? Sermos vistas e ainda sermos escolhidas? Quem não se sacrificaria a tentar alcançar isso?

Dito isso, não é desculpa. O que aconteceu entre mim e a Phoebe não tem arranjo. Ella, decidi há muito tempo que não vou contar à Phoebe que estou viva. Pelo menos por agora. Para sempre, talvez (não sei como me sentirei quando tiver 50 anos, se ela continuar viva). Soa muito duro e talvez seja. Mas os estragos estão feitos e acredito verdadeiramente que estamos melhor separadas.

Não podemos escolher quem nos deu à luz, quem nos criou, mas podemos escolher a nossa família. Talvez a Phoebe me tenha amado da única forma que conseguia, mas eu mereço melhor. Mereço ser protegida, ser acarinhada, sentir-me segura. Em vez disso, era um inconveniente para ela. Um fardo, uma coisa que estava entre ela e a sua hipótese de ter amor.

O modo como ela não me protegeu do Sean foi um ponto de rutura, o modo como ela o escolheu, mesmo quando lhe disse que ele me deixa desconfortável, que ele olhava para mim enrolada na toalha e que tinha a certeza de que ele andava a roubar, a nós ou alguém, porque sei que não é possível que ele possa ter dinheiro para as prendas que lhe dá, nem para metade das coisas que comprou. Quando lhe perguntei sobre o fio de ouro que deu à Phoebe, ele ficou com um olhar perigoso e furioso. «Estás a acusar-me de roubar, Hayley?», disse ele numa voz calma e letal, que me deixou demasiado assustada para insistir.

Nada disso importou. Só quando ele enganou a Phoebe com uma mulher mais nova, quando o ego enorme dela foi esmagado é

que ela o expulsou de casa.

Eu costumava usar o meu desdém pela Phoebe como uma armadura. Jurei que nunca seria como ela, a destruir o seu corpo e o seu coração, vezes sem conta, só pela mera esperança de que alguém quisesse ficar com ela durante mais do que um dia. Prometi a mim mesma que nunca seria tão burra. Tão fraca. Eu racionaria o meu amor como favores, por marcação, como a rainha. E os homens sentir-se-iam sortudos por me amarem. Mas isto era tudo medo disfarçado de armadura, uma receita para a vergonha.

Todos eram seguros antes do Sam.

Eu gostava do Sawyer. Mas escolhi-o especificamente por esse motivo exato. Só conseguiria gostar muito dele. Claro que ele era sexy e divertido e bom. Ele nunca pediu mais e acho que gostava mutuamente de mim. E a verdade é que funcionávamos melhor como um trio. As coisas eram sempre melhores quando tu estavas lá, Ella. Até o Sawyer o disse. Era perfeito.

E depois chegou o Sam.

O que te posso dizer sobre aqueles primeiros tempos, Ella? Ele tinha um dom para me convencer de que tinha imensa sorte por ser amada por ele. Era um ilusionista, que tirava coelhos de cartolas, uma casa de espelhos. Distraiu-me com uma paixão que eu nunca conhecera. Eu nunca vi as mãos dele aproximarem-se da alavanca, daquele alçapão a que ele chamava amor.

Ele disse-me para ficar com o Sawyer, que tornaria as coisas mais seguras e atrairia menos atenção. Parecia cruel, mas consolei-me com o facto de, quando eu e o Sam nos envolvemos, a minha relação com o Sawyer tinha chegado a uma tepidez agradável.

Nem sempre é fácil ver as linhas vermelhas — sei isto, agora. Um comentário ciumento aqui. Um comentário depreciativo sobre a ex-namorada dele ali. Ele fazia-os parecer elogios. «És tão mais bonita do que a minha última namorada, tão mais fixe e mais razoável. Ela nunca me deixaria fazer isto.» Eu não ficava imune.

Conta-me mais, pensava, enquanto me perguntava como poderia ser ainda mais fixe, ainda mais razoável. *Diz-me como é que gostas mais de mim. Por favor. Gosta mais de mim.*

Não vou entrar em pormenores. Ainda estou a lidar com a vergonha, a processá-la, e, sinceramente, Ela, não é disto que esta carta se trata. É para te pôr a par do que aconteceu realmente e porque é que tive de fazer o que fiz. Mas pelo menos precisas de saber que eu comecei a sentir-me assustada a toda a hora. E depois fiquei envergonhada por estar assustada. E depois fiquei envergonhada por estar envergonhada por estar assustada.

A questão em relação ao Sam é: os ciúmes dele não tinham limites. A princípio, eram apenas tipos aleatórios. Mas depois ele começou a ficar com muitos, *muitos* ciúmes de ti. Já não tinha apenas ciúmes de alguém com que eu pudesse traí-lo. Tinha ciúmes de qualquer pessoa com quem eu passasse tempo e que não fosse ele. E, claro, quem seria essa pessoa além de ti?

À medida que o tempo foi passando, ele continuava a testar os limites de quão longe podia ir, para ter a certeza de que sabia sempre onde eu estava, com quem estava, o que estava a fazer.

Depois, fiquei grávida. O meu pior pesadelo. Foi quando fiquei verdadeiramente encurralada. Teria sido difícil fazer um aborto *com* um companheiro solidário. Mas com o Sam? Não era completamente descabido que a raiva dele fosse mortal: raiva porque eu *não queria* o filho dele. Raiva se eu *quisesse* ter o filho dele. A minha única opção era esconder-lhe a gravidez. Ou tentar, pelo menos. Porque, God, eu estava aterrorizada. Obviamente, não conseguiria esconder para sempre, mas com esperança teria tempo suficiente para descobrir *o que raio ia fazer*.

Em vez disso, consegui escondê-la durante exatamente quatro horas. E foi quando percebi que ele tinha posto AirTags no meu carro para poder saber sempre onde eu estava. Ele entrou à socapa na farmácia, vasculhou o lixo.

Eu tivera razão. A gravidez foi uma espécie de última gota de água. Ele conseguia ser simultaneamente possessivo e sentir-se ameaçado com a possibilidade de um bebé. Desprezava o facto de eu não estar radiante com isso. Eu nem sequer lhe contei a dimensão da coisa, como soluçara no meu carro depois de descobrir, que começara a googlar os centros da Planned Parenthood mais próximos.

Foi quando comecei a descobrir AirTags em todo o lado e me

apercebi de quão encurralada estava.

Depois, um dia, o Sawyer apanhou-me entre aulas enquanto estava encolhida num canto depois de uma crise de nervos. Eu andava a agir de forma tão estranha que ele sabia que se passava alguma coisa. Andava a evitá-lo, adiando qualquer discussão que levasse a qualquer coisa real. Mas ele olhou-me com tanta preocupação, com uma tamanha ausência de julgamento, e eu estava tão desesperada, que peguei na mão dele e o levei para uma sala de aula vazia e tranquei a porta.

Contei-lhe tudo. Por mais que a nossa relação se tivesse tornado uma fachada, ainda estava preocupada com a reação dele, esperava que ele ficasse magoado ou zangado. Eu teria compreendido.

Ele aceitou as coisas da melhor forma possível.

Tu conheces o Sawyer. Ele é boa pessoa. E é humano. Ele pediu-me tempo para processar tudo e concordou com manter as aparências, entretanto. E, de facto, passados alguns dias, ele veio ter comigo e admitiu que, embora inicialmente tivesse ficado magoado e chateado, no fim, o que ele sentia em relação a mim era... compreensão. Confessou-me que, quando era mais novo, ele, a mãe e o irmão ficaram numa casa de abrigo para vítimas de violência doméstica a algumas horas daqui.

Ele sabia que eu era uma vítima e queria ajudar de qualquer maneira possível.

Começámos a fazer planos. Mas era difícil. Quase impossível.

À medida que cada semana passava, o Sam conseguia exigir mais do meu tempo, tornar-se mais controlador. As únicas alturas em que eu e o Sawyer conseguíamos falar eram em momentos roubados junto ao bebedouro ou numa sala de aula vazia quando devíamos estar nas aulas.

Era extenuante e comecei a sentir-me desesperada.

Mas depois o Sam teve pena de mim. Ele percebeu que eu estava a patinar, à deriva. Ele «deixou-me» ter uma festa de pijama contigo. Estávamos em tua casa e eu quase não abri a boca. Sentia-me vazia. Uma carapaça cheia apenas com vergonha e desespero.

Naturalmente, tu reparaste. Oh, Ella, eu queria contar-te. Tu

perguntaste delicadamente, de várias maneiras, vezes sem conta, o que podias fazer para ajudar. Mas não era seguro. Já não era apenas eu que estava na mira.

Nessa noite, o Scott ia dar uma festa.

O Sawyer contou-me que não te lembras muito bem da festa. Também me contou... Oh, Ella, não posso dizer-te o quanto me dói que tu te culpes. Talvez... não sei, mas talvez se souberes tudo, te absolves. Talvez percebas que só foste sempre a melhor amiga que qualquer ser humano poderia desejar ter.

Então, a festa do Scott.

Claro que o Sam nunca me deixaria ir. E, normalmente, tu terias rejeitado a ideia. Mas eu não podia suportar a ideia de ficar ali a noite toda em silêncio contigo, incapaz de me abrir e de contar tudo. Não suportei o teu olhar magoado quando eu me recusei a abrir-me. Estavas tão desesperada para fazer alguma coisa por mim que quando eu sugeri que fôssemos, tu saltaste do sofá para mudar de roupa.

Procurei meticulosamente na minha mala, carreguei nas costuras interiores, só para o caso de o Sam se ter dado ao trabalho de ter cosido uma AirTag dentro do forro. Eu sabia que havia uma AirTag algures no meu carro. Encontrara todos os velhos esconderijos e ele tornara-se criativo (leia-se: aprendera a desmontar e a voltar a montar partes do carro), por isso, desistira de tentar tirá-las.

Aquilo com que eu não contara era com uma AirTag no teu carro.

Mesmo antes de entrarmos na festa, o meu telemóvel tocou. Estes pequenos «controles» eram muito habituais nesta fase. Eu enxotei-te, disse para entrares e fazeres o reconhecimento.

Ele pareceu um pouco estranho naquele primeiro telefonema. Nervoso. Pensei que tinha que ver com essa ser a primeira noite que passávamos separados em semanas. Mas depois as mensagens começaram. A perguntar outra vez onde eu estava. «Só queria ter a certeza», dizia ele. Era um pouco estranho que ele fizesse isto depois de um telefonema, mas ainda não era nada comparando com outras coisas que ele já tinha feito antes.

Encontrei-te a beber uma cerveja (Ella, era uma Natty Light —

uma freira teria de beber umas três para ficar tão bêbada como ficaria depois de uma kombucha) e tu disseste que o Sawyer não estava lá, que tinhas procurado por todo o lado.

O meu telemóvel não parava de vibrar. A cada mensagem que o Sam me enviava, a minha paranoia piorava. Ele parecia estar sempre um passo à minha frente. Já nada me parecia fora de questão. Teria ele contratado um detetive privado para me seguir?

Comecei a olhar para a cara de cada pessoa naquela casa abafada e apinhada, quase certa de que eram agentes do Sam. E tu reparaste, Ella. Sabias que havia algo errado. E notaste que eu não estava a beber.

Embora eu não fizesse ideia do que o futuro me reservava, não ia beber estando grávida. Esgueirei-me para a cozinha, peguei em quatro copos vazios, enchi três com shots de vodka e, tendo a certeza de que ninguém me via, enchi o último com água da torneira.

— Quem quer shots? — gritei, segurando três copos de vodka em cima de uma pista de dança a bombar. Houve vivas e gritos e três mãos dispararam da multidão para agarrar nos copos. Dei uma snifadela de confirmação antes de emborcar a água, fazendo uma careta a seguir, tipo *Fogo, isto é forte*.

Fiz isso mais duas vezes, só para ter a certeza, e depois da terceira olhei para ti do outro lado da sala, com um ar preocupado e a cerveja ainda na mão. Queria dizer-te para não te preocupares, que nunca estivera tão hidratada como naquele momento.

O meu telemóvel não parava de vibrar e de vibrar. Quando ele ficava assim, era impossível responder. Como é que se responde a 50 mensagens numa questão de minutos? Espera-se, enviam-se respostas em série. Costumavam rondar sempre o mesmo tema de qualquer das formas e uma resposta serviria para dúzias dela de uma só vez.

Mas depois ouvi uma notificação diferente. Ele estava a ligar-me pelo FaceTime.

Fiquei horrorizada. Se ele estava disposto a arriscar um FaceTime, podendo a tua família ver a cara dele... Eu sabia que estava em apuros. Mesmo que eu não atendesse ali, ele saberia que havia algo errado se não lhe ligasse de volta dentro de 5

minutos.

Tu tentaste espreitar para o meu ecrã.

— Quem é?

— O Sawyer — disse de imediato. — Espera aqui. Tenho de lhe ligar de volta.

— Porque é que não o fazes simplesmente...

Mas eu já me fora embora. Encontrei o Scott, que já estava com uma tosga, e pedi-lhe para ele me apontar um quarto vazio que pudesse usar. God, agora até estremeço ao pensar em como os olhos dele se animaram. Na altura, claro que não percebi aquilo que ele achou que eu queria dizer. Ele deu-me indicações para o quarto dos pais dele, no segundo andar.

O meu vestido era vermelho e decotado, por isso, peguei numa t-shirt do armário e liguei-lhe pelo FaceTime.

— O que tens vestido? — O Sam tinha o cabelo em pé, como se o tivesse puxado, e os olhos já estavam desvairados.

— Tive de pedir uma t-shirt emprestada à mãe da Ella — menti sem hesitar. — Entornei ketchup na parte de cima do meu pijama. Está na máquina de lavar.

— Isso é o quarto dos pais dela? Porque é que estás aí?

— Estamos todos a ver um filme lá em baixo. A família toda. Desculpa, foi por isso que não consegui responder às tuas mensagens, mas vim cá para cima para podermos ter alguma privacidade. Eles pausaram o filme porque lhes pedi, na verdade. Sinto-me mal por fazê-los esperar. Precisavas de alguma coisa, baby?

O Sam olhou para mim como se quisesse atravessar o ecrã e puxar a minha orelha para me trazer para mais perto, um dos seus gestos preferidos.

— Então, estás em casa da Ella agora?

Fiquei com suores frios.

— Claro, Sam. Onde mais poderia estar?

Ele acenou.

— Onde mais poderias estar? — Disse-o lentamente, como uma ameaça.

— Em lado nenhum, Sam. Estou em casa da Ella. — Esperava que a rede fosse suficientemente má para ele não conseguir ver

que eu ficara sem cor.

Bateram à porta.

Entrei em pânico.

— É o pai da Ella, merda, tenho de ir, acho que ele tem de mudar de roupa... — Carreguei no botão de desligar antes de as batidas continuarem.

Curvei-me de imediato, cheia de náuseas. Nunca tinha desligado uma chamada ao Sam, nem mesmo sem querer. Oh, Deus, ele ia matar-me. E ele sabia. De algum modo, ele sabia que eu não estava em tua casa. Como? *Como?*

A porta abriu-se e o Scott entrou. Ou melhor, balançou-se e cambaleou lá para dentro.

— Desculpa ter demorado tanto — disse ele. — Tenho de te dizer... que sempre esperei que sentisses o mesmo. Tinha demasiado receio de te dizer o que eu sentia...

— Espera, o quê? — Ella, eu não fazia ideia do que ele estava a falar. E, além disso, o timing dele não poderia ter sido pior. — Desculpa, Scott, tenho uma emergência, tenho de ir.

— Não... Hayley! — Ele soava tão triste e desesperado. Quase me senti mal. — Eu estava a abrir o meu coração para ti. Nunca fiz isso. Eu estou, tipo... a dizer-te que... eu estou, tipo, apaixonado por ti ou assim.

— Scott, tu não estás apaixonado por mim. Amanhã vais estar megarressacado e não te vais lembrar de nada disto. — Fui gentil. O Scott é um idiota, mas não tive prazer em dar cabo dele. Ele tem problemas; temos todos.

Saí a correr do quarto porque *nós tínhamos de bazar dali*. E o Scott seguiu-me, aos gritos.

— Hayley, para, espera... por favor? Eu sou... quando estamos a brigar ou a lutar ou a *falar*... é o mais divertido, tipo, de sempre. *Por favor*, não me rejeites. *Por favor?* Não sei como... Espera!

Mas eu já estava de volta à sala. O Scott tentou agarrar o meu pulso, a implorar. E depois, meu Deus, Ella, ele estava a chorar. Rezo para que ele não se lembre de nada disto. Acho que ele entraria num regime de proteção de testemunhas se se desse conta de que tinha chorado à frente de outro ser humano.

Depois de conseguir que o Scott me largasse, encontrei-te a

franzir o sobrolho para uma taça de pretzels na mesa dos snacks.

— Temos de ir embora. — Agarrei—te pelos ombros. — Agora.

— O que tens vestido? — Pestanejaste para mim, com a preocupação a cortar linhas entre as tuas sobrancelhas.

— Merda, esqueci-me. — Arranquei a t-shirt que dizia WINE NOT? e levei-nos depressa para a porta.

— Hayley — tu tentaste dizer. — O que se passa, Hayley?

— Não há tempo.

Antes de entrar no teu carro, paralisei no passeio, quando me ocorreu. Ele sabia onde eu estava. Eu tinha a certeza de que apagara qualquer app de localização do meu telemóvel, qualquer partilha de localização. A minha mala estava limpa. O meu vestido, o meu sutiã, as minhas roupas estavam limpas.

Mas o teu carro...

— O que estás a fazer? — Franziste ainda mais o sobrolho em preocupação quando me pus de joelhos, a olhar para os teus pneus, a passar os dedos no espaço entre os raios, por baixo da carroçaria do teu carro.

— Podes abrir a bagageira? — disse, debaixo do carro. Ella, tu parecias tão preocupada, mas fizeste-o na mesma, só para eu me pôr de pé e fechá-la de novo, de mãos a abanar. Ele tinha-a posto algures ali dentro; eu sabia que sim.

Mas estávamos a ficar sem tempo.

Entrámos no carro, mas tu não o ligaste.

— Ella, vamos, por favor. — Achei que se chegássemos a tua casa, estaríamos a salvo. O Sam não podia arriscar-se a levantar suspeitas junto dos pais de uma aluna. Ele ia deixar-nos em paz. Pensei que ele talvez se acalmasse e que não fosse tão mau no dia seguinte.

Tu engoliste em seco, com um ar nervoso.

— Eu bebi uma cerveja. — Tu viraste-te para mim. — Hayley, tu pareces tão assustada e... e nada OK. Queres que eu ligue aos meus pais?

— Não, nada de pais. Ella, bebeste uma única cerveja, tipo, há mais de uma hora. — O meu telemóvel vibrou. — Vai, vai agora!

Fizeste uma careta, a mesma quando a tua mãe grita contigo

à minha frente, e ligaste o carro e tiraste-nos dali.

Pensei que íamos conseguir. Não estávamos longe.

Depois, um carro apareceu atrás de nós, saindo daquela noite cerrada. Estávamos a ser seguidas. *Não entres em pânico já, pensei. Há outras pessoas no mundo que conduzem.*

A maioria das outras pessoas não pisca os máximos.

Eu precisava de uma rede de segurança. Tirei o meu telemóvel e mandei a minha localização atual ao Sawyer. A Fern estava a fazer um turno duplo na WH, por isso, ele tivera de ficar em casa com o Callan. Mas eu sabia que numa emergência ele podia deixar o Callan em casa dos vizinhos.

E era definitivamente uma emergência.

Posso precisar de ajuda. Fica a postos. A E está a conduzir, o S está a perseguir-nos.

Olhei por cima do ombro e, sim, aquele carro estava definitivamente a acelerar. Os faróis estavam cada vez maiores. Oh, Deus.

O carro ia bater-nos.

Gritei, virando-me no banco para tentar ver melhor. Nunca te vi tão assustada. Queria consolar-te, mas o terror apoderara-se da minha mente.

— Conduz mais depressa! — guinchei, desapertando o meu cinto de segurança. Eu tinha de ver. Tinha de ter a certeza. Virei-me no banco para ver melhor.

— O que estás a fazer? — gritaste, enquanto, felizmente, metias o pé no acelerador.

Eu vi um flash do símbolo da Ford no capô, vi que era um carro da cor da icterícia e das infeções. E foi quando tive a certeza.

— Oh, Deus — gemi. — Ele está a tentar matar-me!

Mas não era apenas eu que estava no carro, pois não? Já não era só eu.

Virei-me para ti, a minha melhor amiga. Era uma impossibilidade.

— Ele vai matar-nos — disse, precisamente quando a estrada começava a virar ligeiramente à esquerda e o Sam bateu no para-choques, fazendo-nos deslizar para a direita.

Aconteceu tudo muito depressa.

Houve um uivo agudo de metal e máquinas quando passámos o raile de proteção e rebolámos pela encosta. O teu lado foi o mais afetado e bateste com a cabeça contra a janela e ficaste inconsciente antes de os airbags dispararem.

Eu não conseguia acreditar que estávamos vivas. Procurei a tua pulsação e comecei a chorar quando te senti a respirar. Mais um metro para a direita e estaríamos no rio lá em baixo.

A minha janela explodira. Bem como quase todo o para-brisas e fiquei com alguns cortes feios na cara devido à chuva de vidro. A medo, saí do carro, a tremer tanto que tive de me ajoelhar, aterrorizada, ao pensar que cairia pela berma até uma campa de água.

Ele fizera-o finalmente. Tentara matar-me. A nós.

Tirei o meu telemóvel e comecei a marcar 911. Mas pensei imediatamente no Rick, o tio do Sam, que trabalhava na polícia. Ele não sabia sobre nós, mas o Rick era um homem de família. No final de contas, quem é que ele escolheria? O seu sobrinho adorado ou uma adolescente de uma família disfuncional?

E, ainda assim, conseguiria provar o que ele tinha feito? Não havia testemunhas. E a menos que o Sam ficasse na cadeia de vez, para sempre, eu nunca estaria a salvo.

— C'um caralho! Ella! Hayley!

Vi o carro do Sawyer no cimo da ribanceira, estacionado tão atravessado que o nariz espreitava de lado. Ele desceu a colina, fazendo cair pedrinhas e rochas enquanto avançava para nós o mais depressa que conseguia.

— Não — gritou quando te viu, imóvel, com os olhos fechados.

— Ela não está morta — disse, começando a chorar. Eu ainda estava em choque. — Sawyer, Sawyer, se alguma coisa lhe acontecesse... — eu comecei a soluçar.

— Fiz umas aulas básicas de reanimação depois de a mãe... enfim, tu sabes. — Ele foi para o banco da frente, afastou gentilmente o cabelo da tua cara, avaliou-te, sério e grave como um cirurgião. O Sawyer falou por cima do ombro: — A pulsação dela está forte. Isso é bom, tenho quase a certeza. Mas vou sentir-me melhor quando ela estiver numa ambulância.

Eu chorei mais ainda, com lágrimas de alívio. Ele inclinou-se

para fora do carro, mantendo uma mão em ti, sem nunca tirar os dedos do teu pulso.

— Ele não vai parar, Sawyer. Não até eu estar morta.

— Graças a Deus que estás bem. Quero dizer, estás...

— Estou bem. Ainda não chamei a polícia por causa do Rick.

Virando-se no banco, o Sawyer examinou o retrator do cinto de segurança. Ele lançou-me um olhar.

— Não estavas a usar o *cinto de segurança*?

Encolhi os ombros. Os olhos dele ficaram revoltos como uma tempestade, mas depois acalmaram-se.

— Na verdade... isto funciona.

Ele olhou para o para-brisas, para o rio, e depois para mim. Apontou para baixo, para onde a água rugia, com os rápidos mais violentos do que era hábito. Eu espreitei pelo lado e depois olhei de volta para o carro, avaliando o ângulo, o impacto.

— Só para esclarecer... estás a sugerir o que eu penso que estás a sugerir? — expirei, ainda a processar.

O Sawyer semicerrou os olhos, com a boca numa linha contraída.

— Tu já o disseste. Ele não vai parar até tu estares morta.

Fitei-te e tomei uma decisão.

— Não consigo. Não consigo fazê-lo. A Ella vai pensar que me matou. Vai culpar-se. Não vou fazê-la passar por isso.

O Sawyer acenou com a cabeça.

— OK. Mas o que vai o Sam fazê-la passar?

Fitei-te de novo. Tinhas um corte por cima da sobrançelha direita que sangrava, um riozinho de vermelho a manchar a tua camisa cor de alface. Tinhas o lábio aberto. Quase de certeza que terias dois olhos negros.

— *Não*. — Inclinei-me sobre o chão, pressionando a cara na terra, com rochas e paus a cravarem-se na minha pele. — Oh, Deus, não acredito que lhe vou fazer isto. — Balancei o corpo para a frente e para trás, a chorar.

O Sawyer deu-me 30 segundos antes de aclarar a garganta.

— Já estamos a abusar do tempo.

— Eu sei, só... Poderei contactá-la dentro de algumas semanas? Arranjamos um telemóvel pré-pago e...

O Sawyer abanou a cabeça.

— A Ella só estará segura se tu desapareceres.

— A Ella consegue manter um segredo.

Ele lançou-me um olhar severo.

— É possível que ela tenha de ver o Wilkens todos os dias do 12.º ano. Não a mandes para o tanque dos tubarões coberta de sangue. — Passado um instante, ele amoleceu. — Quem sabe um dia, Hay. Talvez um dia.

Por agora, isso teria de bastar.

Como o retrator do cinto de segurança ficara dobrado com o impacto, era óbvio que não estava a usar o cinto. Faria mais sentido que eu tivesse voado através do para-brisas até ao rio.

O Sawyer pediu-me para segurar no teu pulso enquanto ele usava uma pedra para fazer um buraco muito maior no para-brisas. Quando um pedaço gigante de vidro caiu no carro, ele agarrou-o demasiado depressa, abrindo um golpe na palma da mão.

— O meu sangue não pode estar aqui — rosnou, atirando o vidro para o rio. — Mas o teu tem de estar. No para-brisas. Cabelo também, se puderes.

Eu tinha muitos cortes e feridas por onde escolher. Puxei os fios ensanguentados de cabelo, pondo-os cuidadosamente nas faces partidas do vidro.

— Chega assim? — perguntei.

— Terá de chegar

Fiquei com o meu telemóvel, já que o meu vestido felizmente tinha bolsos, mas o resto ficou tudo para trás.

Incluindo, para minha agonia, tu.

Obriguei o Sawyer a prometer-me que olharia por ti, que te manteria a salvo do Sam. A seguir, decidimos que seria melhor ligar para o 911 do teu telemóvel. Não foi difícil parecer desorientada e ferida para fingir que eras tu a falar com a operadora. Em algumas palavras, consegui dizer que te tinhas despistado, que estavas ferida e que não sabias onde estava a tua amiga, antes de te pôr o telemóvel na mão.

Eu e o Sawyer ficámos o máximo de tempo que pudemos. Sinceramente, abusámos.

— Sirenes, Hayley. Nós *não podemos* ser apanhados.

— Ella, Ella, Ella, perdoa-me — disse numa voz arruinada, inclinando-me para te dar um beijinho de despedida na cara.

O Sawyer levou-me até uma casa de abrigo e foi nessa noite que a Hayley Miller morreu e a Hazel nasceu.

Pelo sim, pelo não, esta carta não vai incluir o meu apelido nem o estado onde me encontro.

Vou dizer-te que a Hazel tem uma vida boa. Pela primeira vez em muito tempo, tem uma vida *segura*. Conheci muitas pessoas maravilhosas na casa de abrigo. E uma dessas pessoas maravilhosas conduziu quatro horas em cada sentido para eu finalmente fazer um aborto.

Ella, nunca senti um alívio tão grande. A única coisa que me stressava no procedimento era a IV. Tenho vergonha de admitir isto, mas tenho pavor de agulhas. Mas tirando isso? O alívio foi tão forte que foi quase espiritual. Passava todos os momentos acordada com náuseas. Mas o pior era que, quando imaginava o meu futuro, só via um buraco negro.

Depois do procedimento, pela primeira vez em muito tempo, vi a Alemanha no meu futuro. Paris. Um curso de Psicologia. Um pequeno apartamento com uma rapariga chamada Ella e um gato? (Eu sei, eu sei, estou a precipitar-me.) A questão é... eu tinha um futuro que poderia imaginar-me a querer viver.

Quando disse isto tudo no grupo, temi que alguns dos meus novos amigos me julgassem. Que dissessem que era errado sentir-me assim. Que era egoísta. Mas sabes que mais? Nenhum me julgou. Nem um. Algumas pessoas falaram e disseram que se identificavam.

Essa é uma das lições mais reconfortantes que aprendi aqui: sempre que arranjo coragem para admitir um pensamento ou sentimento que tenho abafado num baú de culpa porque parece completamente imperdoável, pelo menos outra pessoa diz, «Eu também, miúda». Costuma ser muito mais do que uma, todo um coro de «Eu também, mana, eu também».

Estou sempre a pensar em tudo o que eu nunca te disse, em tudo o que nunca dissemos, a perguntar-me se poderia ter corrido tudo de forma diferente se eu te tivesse contado. Talvez tudo tivesse sido exatamente igual, mas se ao menos conversássemos,

talvez eu me sentisse menos sozinha.

Mudando completamente de assunto... enfim, eu e o Sawyer costumamos falar. Por mensagem e telefonemas. Debatemos quão arriscado seria manter-nos em contacto. Mas achámos que se usássemos uma app encriptada e que se tivéssemos muito cuidado, seria seguro.

E a verdade é que... eu preciso disso. Deixei para trás tudo e todos que alguma vez conheci. Repentina e violentamente. Fiquei aliviada por estar a salvo, claro. Mas também estava enterrada num poço de sofrimento. Tinha saudades tuas. Tinha saudades dos nossos amigos, do conforto de qualquer coisa familiar.

Não te posso dizer quantas vezes lhe perguntei se te podíamos pôr a par. Algumas vezes, ele quase cedeu. Mas, no fim de contas, decidimos que era demasiado e excessivamente arriscado. Pelo menos, enquanto continuares na North Davis.

Por isso, eu pedia-lhe para me contar tudo sobre ti. Algo que ele *adorava* fazer. Eu não quero dizer as palavras dele por ele, por isso, não vou entrar por aí. Mas *quero* dizer-te que... vocês os dois juntos? Tipo, *duh*. Vocês funcionam. Vocês encaixam. Nunca estive mais contente do que quando estávamos os três. Agora, os meus dois amigos mais próximos estão juntos e... o que eu estou a tentar dizer, Ela, é *não te atrevas a sentir-te culpada em relação a isso*. OK? OK.

Não vou enviar esta carta até sentir que é seguro. Não sei bem quando isso será, mas, se estiveres a ler isto, provavelmente é mesmo seguro para o Sawyer te dar o meu novo número de telefone.

Isto é, se quiseres manter contacto comigo.

Adoro-te e é claro que te quero na minha vida até precisares daquela incrível caneca para dentaduras digna de um museu. Que espero, já agora, que tenha sobrevivido ao forno...? Mas de certeza que tiveste de lidar com coisas muito mais difíceis nestes meses do que vasculhar a parte de trás das prateleiras da professora Langley. Se quiseres, posso sempre fazer-te uma nova. Uma ceramista da zona faz voluntariado e dá aulas no abrigo, por isso, na verdade, tornei-me bastante boa.

Tudo isso para dizer... Enfim. Tu sabes como eu me sinto.

Não quero presumir que sei como te sentes e seja o que for que sentires é algo que tens todo o direito de sentir. O que provavelmente será muito. Não vou pedir o teu perdão porque é difícil sentir que o mereço depois de tudo aquilo por que te fiz passar.

Mas espero que, pelo menos, depois de leres isto, possas compreender porque é que eu fiz o que fiz.

E que nunca, nem por uma fração de milésimo de segundo, nunca, *nunca* deixarei de te amar mais do que a qualquer outra coisa em todo este raio de planeta.

Beijo, (Para os chibos) Hazel

(Mas para ti, sempre e sempre, minha Ella Bird)

Hayley

capítulo 36

ella

Este quarto de hospital é um pouco melhor do que aquele em que estive há todos aqueles meses. Há um candeeiro na mesa de cabeceira, com um brilho suave e acolhedor, e através da janela veem-se árvores e, ao longe, montanhas. Na verdade, é uma pena, já que só ficarei aqui durante umas 24 horas só por precaução.

— De certeza que isso é *tudo* o que ela precisa? — A mãe está aos pés da cama, a alisar os lençóis brancos com as mãos, incessantemente. O pai, ao lado dela, pega-lhe subtilmente na mão e dá-lhe uma palmadinha gentil.

— As TAC estavam perfeitamente normais. Além de hematomas, não detetámos quaisquer outras questões físicas. Sinceramente, em qualquer outro caso, já lhe teríamos dado alta há algum tempo. Uma vez que é a sua segunda lesão na cabeça em menos de meio ano, queríamos ter a certeza. — A Dra. Shepherd lança-me um sorriso tranquilizador.

Gosto dela. Tem sido paciente com todas as perguntas dos meus pais e, há bocado, quando apanhou um repórter local a tentar entrar à socapa no meu quarto, gritou-lhe:

— Ponha-se daqui para fora antes que eu lhe aplique mas é um clister!

A minha mãe funga.

— Hematomas ligeiros. Ele devia ir preso para toda a vida. Que

homem horrível, horrível.

— Acho que nenhum de nós discordará, Mrs. Graham. — A médica rabisca umas notas na minha ficha.

— E se isso não acontecer, quando ele sair, vou matá-lo mis...

— OK, querida, há demasiados repórteres por aqui para dizeres coisas dessas. — O pai estica o pescoço para espreitar para a porta do hospital, antes de olhar para a mãe como quem diz, *Eu ajudo-te a esconder o corpo*.

— Ella, carrega nesse botão se precisares de qualquer coisa que seja. Serei a tua médica até teres alta amanhã. — O sorriso dela suaviza-se. — És uma rapariga muito corajosa, Ella. Espero que saibas disso.

Enquanto ela sai do quarto, o pai limpa os olhos com um lenço e a mãe aperta o meu pé com tanta força que quase dói. Encosto-me para trás na cama, com os olhos a seguirem as nuvens mas, na verdade, não estou a ver nada.

— Estás bem, Ella? Estás tão calada. O que foi? Dói-te a cabeça?
— A minha mãe esvoaça à volta dos meus pés como um pássaro ansioso.

A Jess está sentada numa cadeira junto à cama, a jogar na sua Nintendo Switch.

— Devo dizer, Ella. Estou mega-impressionada por esmagares a cabeça do parvalhão.

— Não lhe esmaguei exatamente a cabeça...

— Podes crer, deste-lhe das boas — rosna a mãe, com um olhar assassino.

Eu e o pai trocamos um olhar.

Eu atiro um osso à mãe.

— Sabes, já comia qualquer coisa.

— Tenho manga seca, doces de tamarindo, *pastillas*, *polvorón*... Oh, espera, não há *polvorón*, está todo esmagado no fundo da minha mala... — Esgravata na mala como um guaxinim, com a franja espetada à frente. Sinto uma onda de afeto tão enorme que é como se tivesse engolido um balão de ar quente.

— Os doces de tamarindo — digo —, por favor.

Não são salgados (que são os meus preferidos) e eu sei que a minha *lola* os enviou há três anos, mas desembrulho o doce com

gratidão, mordiscando-o.

O pai põe uma mão grande no meu queixo, apertando-o suavemente. A mãe vai para a cabeceira da minha cama e faz uma careta para a almofada.

— Isso parece desconfortável. Deixa-me arranjar.

— Eu estou bem, mãe.

— Eu posso só...

— Mãe — suspiro, afundando-me para trás nas almofadas. — Eu estou bem. Estou tão cansada. O meu cérebro apagou há horas.

A mãe acena com a cabeça, ainda a pairar junto do meu cotovelo, com as mãos nervosas e inquietas, à procura de alguma coisa para fazer. Olha para baixo, funga humidamente, e apercebo-me de que estive a chorar. O que faz desta a segunda vez na minha vida em que vi a minha mãe chorar. Há uma fungadela à minha direita e apercebo-me de que o pai também está a começar a chorar. O que faz desta a segunda vez nesta hora em que ele chorou.

— Ella — diz a minha mãe. — Lamento. Eu e o teu pai lamentamos. Devíamos ter-te apoiado. Tens lidado com tanta coisa... tanta coisa, completamente sozinha. Odeio que não tenhas conseguido falar connosco, dizer-nos tudo o que se passava. Não fazíamos ideia de como lidar com tudo o que aconteceu com a Hayley e o acidente... não soubemos dar-te apoio. Mas devíamos ter tentado fazer mais. Melhor. Devíamos ter-te dito que seja o que for que fizeste, sejas tu quem fores, seja *o que* for... — A voz dela fica embargada. — Para nós serás sempre a nossa Ella perfeita. Tal como és.

Engulo em seco.

— Mesmo que eu nunca regressse à equipa de nataçãõ?

Tanto a mãe como o pai fazem que sim com a cabeça.

— Mesmo que eu nunca vá para a faculdade?

A mãe e o pai olham um para o outro.

— Bem, não vamos tão longe...

Eu sorrio, aliviada porque as expectativas deles ainda se mantêm, por eu não as ter mudado tão irrevogavelmente.

A mãe prende-me o cabelo atrás da orelha.

— Nós amamos-te mais do que tudo. Nunca nada poderia mudar isso.

— Nada de nada! — soluça o pai, arrancando-me da cama para

me dar um abraço de urso.

— Esperem. — A Jess levanta os olhos da Switch para olhar esperançada para a mãe e o pai. — Isto significa que posso finalmente fazer um piercing na sobrancelha?

Girando lentamente a cabeça, a mãe lança um olhar arrasador à Jess.

— Nunca.

— Ah, vá lá, a Smella fica com todas as cenas do *seja o que for*, por isso, porque é que não se aplica a...

— *Jesslyn Marie Trinidad Graham* — rosna a mãe. Juro que as luzes diminuam brevemente à medida que fala.

— Era uma piada, *lang*, Mamã! — A imperturbável Jess parece, por momentos, aterrorizada. Quando a mãe não está a ver, vejo o pai tocar na sua sobrancelha e mostrar secretamente um polegar para cima à Jess.

Neste momento, só consigo sorrir. Não me entendam mal, tudo isto enche as fendas da minha alma com luz do sol. Mas ainda estou a processar, ainda estou a absorver.

Quer dizer, até há quatro horas, eu pensava que a Hayley estava morta. E quatro horas antes disso, pensava que o professor Wilkens era a única pessoa na minha vida em quem podia confiar.

Vou precisar de um minutinho.

— Truz-truz — diz uma voz à porta. A Seema entra, trazendo um pacote de Doritos, um peluche do Bugs Bunny com um único e desconcertante dente da frente e um balão da Patrulha Pata. Puxa a fita do balão. — Ya, eu sei. Olha, mas era isto ou um balão de feliz reforma, o que só me pareceu errado.

— O Chase foi sempre o meu preferido — diz a Jess, fitando o Mylar que oscila com o ar condicionado.

— És cá das minhas — diz a Seema.

— Seema — diz a minha mãe. — É bom ver-te. Estás a sentir-te melhor?

— Muito — diz a Seema. — Lamento muito pelo modo como me fui embora.

A mãe dá umas palmadinhas com as mãos.

— Oh, eu só fico feliz que... só fico feliz.

— Eu também — diz o pai, com os olhos no jogo de futebol

americano que passa sem som na TV do canto.

A Jess olha para mim e para a Seema daquela sua forma astuta e esquiva, antes de se levantar e de se esticar.

— Mamã. Pai. Vamos buscar comida chinesa. A menos — ela olha para mim —, que queiras outra coisa?

— Comida chinesa parece-me maravilhoso — suspiro. — Obrigada, Jess.

Eu digo à mãe e ao pai que os amo e a Jess encaminha-os para fora do quarto. A Seema tira os sapatos, puxa uma cadeira para mais perto de mim e apoia-se com os pés em cima da cama, batendo com os seus pés nos meus.

— E se eu tivesse um dedo do pé partido? — digo, arqueando uma sobrancelha para ela.

— Sabia que não tinhas. A tua ficha está pendurada do lado de fora da porta. Precisei de *alguma coisa* para ler enquanto esperava que a tua família acabasse de te pedir desculpa. — Atira o pacote de Doritos Cool Ranch para a cama com o peluche do Bugs Bunny.

— A sério, Seema? — Ela sorri. Abro os Doritos e enfio dois na boca. — Não acredito que te lembraste do meu sabor preferido.

— Como podia esquecer-me? Adormeceste no sofá com a mão num pacote deles. Espalhaste o pó por cima de todo o nosso novo sofá branco como a neve que custou dois mil trezentos e vinte e oito dólares e vinte e dois centavos. Com impostos. Como é que sei quanto custou? Porque os meus pais lembraram-me vezes sem conta e quase nunca mais consegui convidar amigos para irem lá a casa.

Viro a cabeça lentamente para ela.

— Eu... lamento muito por isso.

A Seema estica-se e agarra numa mão-cheia de fritos.

— Não lamentos. — Ela enfia-os todos na boca, sem exceção. — As manchas eram sobretudo minhas. Só te culpei por todas elas.

Atiro-lhe um Dorito, e ela se esquiva-se habilmente.

Depois de atirar o Dorito para o caixote do lixo, ela olha para mim, agora séria.

— Eu... lamento muito por ter perdido a cabeça ontem à noite. Tudo o que disseste simplesmente... enfim, tocou naquilo a que a minha terapeuta gosta de chamar «Feridinhas Grandes». A maioria das coisas que eu disse... não foi a sério. Quer dizer, tu estavas a passar

por muito mais do que eu percebi. Quer dizer, o Wilkens? A sério? — Abana a cabeça. — Não fazia ideia. Lamento muito.

Afundo-me na cama.

— Eu também lamento... A verdade é que tinhas razão. Eu não tenho sido uma boa amiga.

A Seema encolhe os ombros.

— Para ser justa, estavas a passar por carradas brutais de merda. Tipo. Um dos docentes da escola quase te *assassinou* esta manhã. Quer dizer, *caramba*.

— Claro, mas... eu não faço ideia do que tu tens passado. E isso... isso não é OK, Seema. — Brinco com as orelhas cinzentas e macias do peluche do Bugs. — Eu farei melhor.

Ela lança-me um sorriso aberto e torcido.

— É bom que sim.

Ponho o Bugs Bunny para cima, abano-o um pouco.

— Posso perguntar...

— O quê, não percebeste? — A Seema estica-se e mostra-me a parte de baixo do pé dele. Há um logótipo do Six Flags Over Georgia no calcanhar branco e peludo.

Atiro a cabeça para trás e rio-me.

— Não me digas...

— Sim, sim, foi isso. Quando vi as notícias, fiz o impensável. O impossível. Enfrentei o trânsito de Atlanta, conduzi até ao Six Flags, *comprei um bilhete*, esperei na fila para entrar no raio do parque, fui às *compras*, tipo, a mais do que uma loja de souvenirs, comprei este peluche, um cachorro-quente, *comprei uma fatura*, voltei para o carro, *parei para ir comprar um balão...*

Levanto uma mão.

— Seema. Estimarei este Bugs para sempre. Essa é uma das coisas mais fixes que alguém alguma vez fez por mim, honestamente. — Franzo o sobrolho. — E a mais estranha.

— Pois, enfim. Senti-me mal por causa de ontem à noite. Se tivesse dormido em tua casa, podíamos ter cortado o mal pela raiz. Aquele otário entraria à força no teu quarto e eu tinha-lhe dado golpes de karaté até à morte.

— Sabes karaté?

— Népia. Só fico *megalixada* quando alguém me acorda antes do

meio-dia. — A Seema apanha as migalhas na sua t-shirt. — Mas agora a sério, Ella. Como estás a aguentar-te?

— Como estou a aguentar-me? — ecoo, encostando-me para trás e fitando o teto. — Vejamos... Fiquei com pavor do meu namorado porque estava convencida de que ele era um assassino abusador.

— Ya.

— Alguém invadiu o meu quarto e eu mandei erradamente esse mesmo namorado para a cadeia.

— Ya.

— A pessoa que *na verdade* invadiu o meu quarto era o psicólogo da escola, que depois quase me matou com uma tesoura de poda.

A Seema para de mastigar ruidosa e desleixadamente e vira a cabeça devagar para mim.

— Ella. Isso é marado.

— Ya.

Nós rimo-nos, tentamos e conseguimos apanhar Doritos com a boca e especulamos sobre o porquê de terem feito o dente do Bugs Bunny quase tão grande como o meu polegar. Preciso disto. Alguns minutos de normalidade.

Ainda não sei o que sinto em relação à carta da Hayley.

À Hayley.

Quer dizer, a verdade, é que sinto tudo. *Tudo*.

Quando vi a cara dela, o meu coração explodiu, o meu cérebro explodiu.

Eu adoro-a, claro. Será sempre assim. Mas ela tinha razão. Já não sou a sua avezinha bebé. Seja o que for que aconteça a seguir, será diferente.

Observo a Seema a bocejar e a agarrar numa almofada não usada da minha cama. E penso, *Sabes que mais? Diferente é bom*. Compreendo que a Hayley fez o que fez porque não teve outra opção. Fê-lo para salvar a vida dela, e fê-lo para salvar a minha.

Vou precisar de tempo para recuperar, para processar, mas não tenho dúvidas de que qualquer relação que eu venha a ter com a Hayley será mais rica e profunda devido a tudo o que passámos. Mais saudável, até.

As avezinhas bebés ficam presas no ninho. Ficam à mercê de todos os que as rodeiam. Não conseguem alimentar-se; não conseguem

proteger-se. Agora, sou mais do que isso. Tão mais.

A minha família regressa e a Seema fica para jantar. A Jess mostra à Seema a sua equipa de Pokémon na Switch. A mãe diz-me que se eu quiser *mesmo*, podemos ver as versões alargadas d' *O Senhor dos Anéis* quando formos para casa. O pai finge desmaiar de horror, imitando tão bem que na verdade quase cai da cadeira. Apercebo-me de que esta poderá ser a vez em que me sinto mais feliz desde que a Hayley fez a sua Grande Fuga. E penso que se me consigo sentir assim tão bem no mesmo dia em que um professor da escola me tentou matar, então, provavelmente tenho muita sorte.

Depois da refeição, dormito duas vezes a meio da conversa, por isso, vão-se todos embora para me deixarem dormir. Aninho-me na cama e, ao adormecer, penso na Hayley.

capítulo 37

sawyer

Quando um polícia chega para me vir buscar e não é o Agente Rick, vejo isso como um sinal de esperança. Quando esse mesmo polícia me dá o telemóvel e a carteira, sei que a Hayley conseguiu. O agente nem sequer me olha nos olhos quando me diz que me posso ir embora. Abro a boca para dizer, *Nem sequer uma desculpa, Sr. Agente?*

Mas não aprendi a minha lição? Bem... estou a tentar. Por isso, mantenho a boca fechada.

Estou à frente da esquadra, à espera de que a minha mãe me venha buscar, a semicerrar os olhos ao sol do fim de tarde, quando um carro da polícia encosta e alguém muito familiar é tirado do banco detrás.

— Isto é uma palhaçada! Eu não roubei nada; o meu chefe é um otário paranoico! — implora um Sean Adams algemado a um polícia rosado, que o arrasta para fora do carro.

— Um otário paranoico com câmaras de segurança de última geração. Espero que tenhas aproveitado os teus brinquedos caros enquanto podias. Vais ficar connosco durante uns tempos. — O polícia puxa-o outra vez.

Fazemos contacto visual quando o Sean passa por mim e eu faço-lhe um pequeno aceno. Ele pragueja ruidosamente antes de as portas da frente da esquadra se fecharem atrás deles.

A minha mãe chega uns minutos depois.

— Poderás ser a pessoa mais feliz que já vim buscar à prisão. Quero saber, sequer? — A mãe fita-me quando entro no carro.

Abano a cabeça, sem conseguir conter o meu sorriso maníaco.

— Digamos que, uma vez na vida, foi feita justiça. E deu um grande gozo.

— Então, já ouviste. Perguntava-me se sabias.

O Sean desaparece da minha mente.

— Ouvi o quê?

A mãe franze o sobrolho, saindo do parque de estacionamento.

— Escreve «notícias de alunos da Escola Secundária de North Davis» no telemóvel.

Quando o faço, a mug shot do Wilkens está em todas as páginas. Contenho a respiração enquanto dou uma vista de olhos aos artigos, passando pelos vídeos de notícias.

A Ella está bem. Está no hospital. Mas está viva. Muito, *muito* viva. Deixo-me cair contra o banco.

E não há nada sobre a Hayley. Esperem. Não é verdade. Ela é mencionada numa peça noticiosa.

Novas provas apontam para a possibilidade de Andrew Wilkens também ter estado envolvido num incidente de choque e fuga no passado mês de maio, que poderá ter causado uma colisão automóvel que resultou em lesões graves para Ella Graham, de 17 anos, e a morte de outra aluna da Escola Secundária de North Davis, Hayley Miller, também de 17 anos...

Sinto-me tentado a contactar a Hayley pela app encriptada agora mesmo. Mas concordámos: nada de riscos desnecessários. Vou esperar até estar sozinho.

Estacionamos no caminho de acesso, mas a mãe trava-me antes de podermos entrar em casa. Ela examina a minha cara, com as mãos nas ancas. Eu enfio as mãos nos bolsos e deixo a cabeça pendurada. O que quer que aí venha, eu mereço. Ela semicerra um olho e carrega na minha bochecha.

— O quê... hum, o quê...

— Estou a tentar ver quantas tattoos arranjaste na choça. Nada de lágrimas, isso é bom. Arranjaste alguma tatuagem a dizer «mãe»?

Liberto um sopro de ar.

— Mãe.

— Ah, aí está. O meu pequeno Saw-Saw rabugento. Anda, aposto que estás esfomeado. O Callan vai estar em casa de um amigo um bocado e liguei para o trabalho a dizer que não ia, para poder de facto preparar-te alguma coisa.

Sigo-a para a cozinha, pego na cola de madeira na prateleira e gatinho para baixo da mesa da cozinha ainda torta. Há um chocalhar de panelas e frigideiras, o som da porta do frigorífico a abrir e a fechar. Examino a perna da mesa e, ya, a cola de madeira já não vai fazer grande coisa. Mas limito-me a ficar ali durante um minuto.

— Então... não estás zangada?

O som estridente do metal para.

— Sawyer, eu vi as notícias. Tudo o que eu quero é abanar-te e obrigar-te a contar-me tudo e chorar pelo facto de vocês os três terem tido de lidar com aquele homem. Só estou... a dar-te espaço. Falas quando estiveres pronto. Entretanto, o que achas de ovos mexidos?

Saio de baixo da mesa e levanto-me.

— Há mais alguma coisa?

— Oh, com certeza, cavalheiro. Claro, meu senhor. Também temos omeletes.

— Certo. E deixa-me adivinhar. Se eu não gostar disso, tenho a opção de ovos cozidos?

A mãe ri-se como uma galinha, abanando uma mão na minha cara.

— Não soes tão desiludido. Também temos ovos escalfados.

Digo-lhe que ovos mexidos me parecem perfeitos e ela canta para si mesma enquanto ciranda pela cozinha. Encosto-me contra a parede, fitando a foto do Wilkens.

Quando a Hayley me contou da primeira vez, senti-me tão impotente como uma criança, assoberbado por emoções contraditórias.

— Podes dar-me um minuto? — perguntei quando ela me contou sobre ela e o Sam. — Algum tempo só para... pensar nisto? Pode ser?

— Leva o tempo que precisares — disse a Hayley com tristeza.

Então, permitira-me sentir as ondas rápidas de ciúmes e mágoa e raiva e preocupação, processando-as o mais depressa que consegui. Depois de alguns dias, voltei a encontrar-me com a Hayley e

conversámos bastante tempo.

— Desculpa — disse-me ela. — Desculpa andar a mentir-te. Não ter acabado contigo.

Eu estava encostado contra o quadro branco, com os braços cruzados e a mente a mil.

— O Wilkens disse-te para não acabares comigo?

Ela acenou com a cabeça.

— Ele disse-te para manteres tudo em segredo?

Outro aceno.

— E agora estás grávida... e ele bate-te?

Ela mordeu o lábio, claramente a tentar não chorar, mas as lágrimas começaram a cair de qualquer modo. Eu afastei-me da parede e peguei-lhe na mão.

— Posso?

Quando acenou de novo, peguei suavemente na mão dela e virei-a. Delicadamente, puxei a manga para trás, praguejei violentamente quando vi as marcas de dedos roxas e amareladas, uma nódoa negra do tamanho de uma uva.

Expirei pelo nariz uma lufada cortante de ar.

— Eu, a mãe e o Callan passámos alguns meses num abrigo de violência doméstica quando era miúdo. O Callan era só um bebé, mas era um sítio decente. Fica a algumas horas daqui. Posso levar-te lá.

— Ele encontrava-me — sussurrou ela. — Ele vai sempre encontrar-me.

Eu fitara a janela, a pensar.

— Eu sei como isto soa, mas... a Phoebe?

— Não sabe. Tu és o único que sabe agora. Ela não seria uma grande ajuda de qualquer modo.

— Nem sequer a Ella sabe? — Isto surpreendeu-me.

Mas ela disse-me:

— Ele é patologicamente ciumento. Nos últimos tempos, até em relação à Ella. Por isso, tenho-a evitado. Tenho medo de que o Sam possa... Parece ridículo dizê-lo, sequer imaginá-lo. Mas ele faz uns comentários.

— Não é ridículo. — O músculo do meu maxilar vibrara. — Sei que não vais adorar isto, mas... a polícia? Eu vou contigo.

— O tio dele é xerife. São muito próximos. O Sam deixou claro

que o Rick o protegeu sempre...

— Hayley. Ele estar contigo é ilegal. O momento em que o Wilkens te tocou pela primeira vez foi ilegal, tal como tudo o que se seguiu — disse, sem maldade.

— Suponho que sim. — Encolheu os ombros.

Dei um passo atrás, dando-lhe espaço antes de perguntar:

— Hayley... posso dar-te um abraço?

Pareceu o primeiro abraço verdadeiro que demos.

— Obrigada — sussurrou ela. — Sempre soube que eras boa pessoa, mas...

— Então — disse, afastando-me. — Claro que sim, Hayley.

— Queria que soubesses... Que te amei, de certa forma. — Fez uma careta. — Isso saiu mal. O que quero dizer é...

— Não tens de explicar. Idem. És uma das minhas amigas mais próximas.

— Talvez precises de mais amigos — disse ela.

Eu inspirei uma gargalhada e expirei suavemente pelo nariz.

— Ya, talvez. — Fiquei sério. — Ouve-me. Por agora, vamos continuar a dizer que namoramos. Nada de suspeito. Em público, fica tudo igual.

— Obrigada — disse ela, claramente aliviada.

— Talvez ainda não tenhas a certeza — disse cuidadosamente —, mas já sabes o que vais fazer em relação a... — Deixei cair os olhos para o estômago dela.

— Ainda não tenho a certeza.

— Nada disto é culpa tua, Hayley. Posso apoiar-te agora, ajudar-te a perceber o que queres fazer.

— OK — disse ela. — Sim. Vamos pensar em qualquer coisa.

E foi o que fizemos.

Para dizer a verdade, eu soubera que se passava algo com ela. Alguns sinais que tinham parecido familiares no mau sentido. Mas eu não quisera insistir. Não sabia o que perguntar. Mas quando ela me contou, era pior do que eu pensava. Muito pior. Aquelas nódoas negras... e a segurança dela e da Ella em risco?

Deixar a Ella no carro na noite do acidente foi *agonizante*. Só estávamos a conduzir há alguns segundos quando vi a ambulância parar à entrada da ponte, pelo espelho retrovisor. Ficara apavorado

que nos mandassem parar e perguntei-me o que aconteceria nesse caso. Seríamos presos? Tínhamos interferido num local do crime e fugido. A única coisa de que eu tinha a certeza era que isso faria cair a Hayley diretamente na palma da mão do Wilkens.

Pensei que as coisas só podiam melhorar depois de instalar a Hayley no abrigo de violência doméstica que encontrámos. Pensara mal.

A verdadeira agonia começara com o regresso às aulas, quando tive de ver a Ella a sofrer.

Eu e a Hayley dávamos voltas e mais voltas a pensar se podíamos contar a verdade à Ella, se era mais seguro ela saber ou não saber. E depois, quando comecei a apaixonar-me pela Ella? God, que trapalhada.

— Então... deste-lhe boleia para casa. Que mal tem isso? — perguntou-me a Hayley.

— Eu quase a beijei, Hay. Eu queria. Muito.

— E?

— Não vês um problema nisso? Se começássemos a andar, teria de lhe mentir todos os dias sobre a coisa mais importante da vida dela. Durante quanto tempo achas que conseguiria manter isso?

E depois, naquele dia, vi-a no corredor com o Wilkens, ao lado do Scott. Foi como lembrar-me da missão principal: manter a Ella em segurança. Eu aproximara-me demasiado dela. Quanto mais próxima ela estava de mim, mais próxima estava de saber sobre a Hayley e eu vira quão perto o Wilkens andava a farejar. Com as suas falinhas mansas, ia arrancar-lhe a verdade.

Eu sabia que tinha de me manter longe dela, de ficar de olho, ao longe.

E foi por isso que curti com ela imediatamente a seguir.

Quando a Hayley me disse que lhe ia dar a carta, imaginei que fosse o fim para mim e para a Ella. Quer dizer, raios, não é como se as coisas estivessem a correr bem entre nós. Independentemente de o Wilkens desviar as suspeitas dela para mim, eu não agi bem.

Estava sempre a ter flashbacks dos olhos dela no labirinto de milho, quando lhe agarrei o braço. Entre isso e a noite em que o Callan fugiu de mim, não fui capaz de me olhar ao espelho. Um receio tão pesado como um tijolo dá-me voltas ao estômago noite e dia.

A mãe aparece ao meu lado.

— Os ovos estão prontos. Wow. — Aponta para o meu telemóvel, para a foto do Wilkens que continua no ecrã. — Ainda estás a ver isso?

Os meus ombros tremem.

— Mãe — digo. — Eu não... Eu não quero ser como ele. Como o pai.

A mãe levanta o queixo, acenando lentamente como um monge, e põe uma mão no meu ombro.

— Então, não sejas — diz suavemente. — Não estou a dizer que é fácil, Sawyer. Não é. Mas *estou* a dizer que é uma escolha. Tu não és um lobisomem, Saw. — Aponta para a foto do Wilkens. — Ele não é um lobisomem. Não pode culpar o luar, alguma coisa que o transforma numa criatura totalmente diferente. Ele quer fazer-nos acreditar que só desperta a seguir, que está tão horrorizado como nós, que ele *não* teve nada que ver com as roupas rasgadas espalhadas à sua volta e com o sangue que tem nas mãos. Ele até poderá acreditar nisso.

A mãe afasta uma mecha de cabelo da testa, estica-se para endireitar o colarinho da minha camisa.

— O teu pai culpava o álcool. Culpava a raiva. Mas achas que eu nunca fiquei tão bêbada como ele? Que nunca me senti tão zangada? Quando ele trabalhava como mecânico, o patrão era um velho mesquinho. Uma vez, o teu pai deixou um trapo cheio de óleo no balcão sem querer, onde os clientes podiam ver. À frente de todo o pessoal, até de alguns clientes, o patrão dele arrasou-o, disse-lhe que ele era um falhado, que era irremediavelmente burro, um incompetente. O que fez ele? Nada de nada. Esvaziou o cacifo em silêncio e foi-se embora. Quão zangado achas que estava, Sawyer? Isso apoderou-se dele como a lua cheia? Ficou inconsciente e depois, quando recuperou os sentidos, viu o patrão espancado e ensanguentado à sua frente? Olhou para os nós dos seus dedos arruinados em horror, como se a sua fúria e violência fossem algo que *lhe* tivesse acontecido?

Ela segura a minha bochecha, com a palma da mão fria e lisa como a pedra de um rio.

— Não, Sawyer, claro que não. Manteve a boca fechada. Conduziu

para casa em silêncio. E depois, naquela noite, tu choraste quando ele disse que não podias ter mais bife com batatas fritas ao jantar. As tuas mãozinhas gorduchas abriram-se e fecharam-se e choramingaste por mais... e quando não paraste, ele pegou num punhado de batatas fritas e esmagou-as na tua cara. Ainda estavam quentes do forno e tu estavas a gritar e eu estava a gritar e, por fim, consegui afastar-te dele... — A voz dela despedaça-se em mil bocados.

— Eu não me lembro — digo, esfregando as costas dela. — Porque é que eu não me lembro disso?

— Oh, Saw. — A mãe agarra a minha mão, apertando-a. — Só tinhas 2 anos.

Dou-lhe um minuto. Tiro um para mim.

— *Como?* — pergunto, por fim, numa voz baixa e irregular.

— Primeiro, assumes as tuas responsabilidades. O que fizeste na outra noite *não* foi OK. Bater com a mesa, atirar aquele brinquedo.

— Tens razão. Não parei de me arrepender disso. — Baixo a cabeça. — Discuti com a Ella há umas noites. Eu sabia... tinha a sensação, melhor dizendo, de que o professor Wilkens andava à cata de alguma coisa. Ela andava a falar muito com ele e eu estava preocupado com a segurança dela. Estava tão assustado, tão frustrado, tão impotente. Eu... destruí um fardo de palha à frente dela. Desfi-lo ao pontapé. Levantei a voz para a Ella. Senti-me péssimo imediatamente. Raios. Senti-me... senti-me tão culpado, mãe.

A mãe acena com a cabeça.

— Ainda bem. Devias sentir-te. Isso também não foi OK.

— Eu não voltarei a fazê-lo. Nenhuma dessas coisas. Ou coisas parecidas com isso. Por mais chateado que esteja. — Aponto para o meu peito. — Eu acho que reprimo muito as coisas. Não sei. Nada disso é uma desculpa, só quero ter a certeza de que eu não... de que *nunca* voltarei a fazer isso.

— OK. Fico feliz por ouvir que vais trabalhar nisso. Eu vou apoiar-te e responsabilizar-te — murmura.

— Obrigado. — Fecho todos os browsers com a cara do Wilkens.

— Não tens de quê, Saw. Ovos?

— Por favor. Acho... que gostava de ver a Ella. Não vou deixar de me preocupar com ela até conseguir... *vê-la*. Sabes?

A mãe serve ovos para o seu próprio prato.

— Está bem — diz, hesitantemente. — Ela poderá não querer falar contigo.

— Eu aceito isso.

— Nunca mais.

— Isso ia... doer. Mas também aceitava isso.

A mãe fita-me.

— Boa. Ainda bem.

Quando chego ao hospital, o sol começa a pôr-se. A Ella está a dormir na cama. Pergunto-me se me devo ir embora, agora que vi que está em segurança.

Mas sou ganancioso. Quero ouvir a voz dela. Ver os olhos dela.

Sento-me, decidindo que só ficarei por alguns minutos. Se ela não acordar até lá, vou-me embora. Tento outro dia. Mas assim que me sento, apercebo-me de que não durmo há mais de 24 horas e parece que fui atropelado por um trator.

Nem sequer reparo que adormeci até a voz da Ella me acordar. Abro os olhos quando me tenta dar uma almofada. E está bem. A Ella está bem.

Diz o meu nome. E soa *feliz*.

E como um tolo sentimental, os meus olhos enchem-se de lágrimas.

capítulo 38

ella

-Desculpa — diz o Sawyer, limpando os olhos. Parece embaraçado, com a cor a subir ao ponto mais alto das suas bochechas e, apesár de todas as merdas que aconteceram entre nós, do facto de eu agora saber que ele sempre soube que a Hayley estava viva e que nunca me contou, só ver a cara dele dá-me borboletas na barriga.

— Desculpa porquê? — pergunto.

A gargalhada dele é um latido.

— Por onde começo? Queres a lista completa ou uma versão condensada? — Abana a cabeça. — Mas antes de tudo isso... estás bem? Quer dizer, é uma pergunta parva. Estás numa cama de hospital e o Wilkens tentou matar-te e a tua melhor amiga regressou dos mortos e...

— Sawyer — digo —, eu estou bem. E quanto à Hayley... Vou demorar algum tempo a processar, claro. As minhas emoções são complicadas, mas no final de contas? — Os meus olhos enchem-se de lágrimas. — O meu maior desejo no mundo tornou-se realidade. A Hayley está viva. Ela está *viva*, Sawyer.

O sorriso dele é suave e torcido. Quero contornar a boca dele com os dedos.

— Lamento não te ter contado, Ella. Tinha muita vontade. Honestamente, tivemos os dois. Oscilávamos. Ela implorava-me para te dizer e depois eu implorava-lhe para te dizer... no fim de contas,

estávamos os dois muito, muito preocupados com o que o Wilkens poderia fazer-te a ti, ou a ela, se descobrisse que ela ainda estava viva. A Hayley conhecia-o melhor do que qualquer um de nós. Tinha de confiar nela. E, afinal, ela tinha razão. — Ele suga os dentes. — Diz-me. Vê-lo apanhar na cabeça soube tão bem como imagino?

— Melhor — digo. — Quando a polícia o apanhou do chão, mijou-se.

— Isso — digo solenemente — é nojento. E fantástico.

Contorço os dedos. Eles querem desesperadamente pressionar os nós dos dedos do Sawyer, seguir as espirais da sua pele. Mas mantenho as mãos bem apertadas contra mim.

Porque temos de esclarecer umas coisas importantes primeiro. E com os olhos castanhos-escuros do Sawyer tão carregados de remorso, parecemos estar em sintonia. Eu aclaro a garganta.

— Naquela noite no labirinto de milho... assustaste-me mesmo.

— Eu sei. — O Sawyer engole com força, fechando os olhos. — God, Ella, lamento muito. Nunca saberás como lamento. Aquilo foi... Aquilo não foi OK.

— Não — digo. — Não foi.

Ele acena com a cabeça.

— Falei com a minha mãe sobre isso. Vou fazer-te a mesma promessa que lhe fiz a ela. Nunca mais voltarei a fazer nada assim. — A testa do Sawyer está franzida. Sincera. — Tenho trabalho a fazer. Muito trabalho. A mãe falou em terapia, deu-me livros para ler... mas mesmo que eu não esteja onde quero estar, há limites que nunca mais ultrapassarei.

— Como gritar e partir coisas? — Ergo uma sobrancelha.

O Sawyer estremece.

— Exatamente. No mínimo. Não importa a forma como me sinta.

Baixo a cabeça para fitar os olhos marejados do Sawyer.

— Fico feliz por te ouvir dizer isso. Obviamente, dizer não é o mesmo que *fazer*.

— Claro — sussurra o Sawyer.

— Mas — digo depois de uma pausa —, eu estou disposta a dar-te uma oportunidade para o provares. — Um vislumbre de esperança acende-se no olhar do Sawyer. — É OK estares zangado, Sawyer. Mas não é OK gritares comigo, bateres, atirares ou pontapeares coisas. Se

fizeses algo assim outra vez, acabou. Entendes?

— Claro — repete o Sawyer fervorosamente. — É mais do que mereço. Vou fazer por merecer... Desculpa. Desculpa...

Ele interrompe-se, confuso, quando eu me rio.

— Não me estou a rir de ti. É só... porque estás quase a chegar ao mesmo nível de pedidos de desculpa da Ella esta noite.

O Sawyer expira um sorriso, com os ombros a relaxar.

— Isto é diferente. As minhas desculpas foram justificadas. — Ele inclina a cabeça, observando-me. — Mas sabes? Não ouço pedidos de desculpa desnecessários teus há uns tempos. Na verdade, tenho a impressão de que percebeste finalmente que não tinhas nada pelo que pedir desculpa.

— Ah. — Eu fecho um olho para ele. — Sim e não. Sim, em geral, chega de ser um pedido de desculpas ambulante. E não, porque te quero pedir desculpas por te ter mandado para a cadeia.

O Sawyer ri-se com bom humor e deixa-me pegar na mão dele. Quando nos tocamos, ele cai num silêncio sério, a olhar para baixo, para os nossos dedos entrelaçados.

— Tu não me mandaste para a cadeia, Ella — diz baixinho. — O Wilkens mandou-me para a cadeia. Foste vítima dele.

Faço uma inspiração profunda e aceno com a cabeça. Durante um minuto, ficamos simplesmente em silêncio, juntos na escuridão suave. A luz que se filtra através da porta entreaberta muda e aquela cicatriz na sobrelancelha dele, aquela fatia prateada deliciosa, brilha.

De repente, quero tanto beijá-lo.

— Ella — diz o Sawyer de rompante —, eu sempre... *ouve-me*. Antes de eu e a Hayley... antes de eu sequer ter falado com alguma de vocês... eu vi-te sempre. Estava a dar toques no pátio e dizia para mim próprio, *OK, não podes olhar para aquela rapariga com cabelo escuro comprido durante cinco toques*. Mas nunca passava dos três. Ou dois. Nunca consegui chegar mesmo aos cinco.

Pestanejo, surpreendida.

— Porque é que não disseste nada?

Ele encolhe os ombros.

— Eu não te conhecia, mas *ouvira* falar de ti. Vintes a tudo, bem-sucedida, família funcional... — Suspira, um som que me parte o coração. — O que irias querer de mim?

Eu ergo uma sobrelha e traço oitos no interior do seu pulso.

— Muitas coisas.

— Ah. Isso... isso distrai-me, uau. Estou a tentar... dizer-te uma coisa. Quando a Hayley me convidou para me sentar na vossa mesa, estava muito entusiasmado por te conhecer. Mas sabia que nunca iria acontecer. E depois eu e a Hayley acontecemos. E, sabes, funcionava. Tínhamos passado pelas mesmas batalhas. O historial dos nossos pais e tudo isso. E quando começámos a andar... eu pus um bloqueio, uma barreira mental. Não cobiçarás a melhor amiga da tua namorada, etc., etc.

— Uh-huh... porque é que me estás a dizer isto? — Arrasto as unhas pelo braço dele acima e ele arrepiava-se de prazer.

— Não quero que penses que me portei mal com a Hayley. E queria que tu soubesses que... enfim, eu sempre... para mim, tu és simplesmente... — Ele olha para mim como se eu pudesse arruiná-lo com uma só palavra. — Tu és incrível. E eu quero-te.

Embora eu e o Sawyer tenhamos falado sobre o comportamento dele e tenhamos ambos concordado em relação às condições desta segunda oportunidade... pergunto-me se devia esperar. Dar tempo. Deixar que a poeira assente sobre todas estas revelações, estas verdades contidas. Mas se for honesta, estou farta de esperar. De deveres. De me encolher nas sombras enquanto as outras pessoas se servem primeiro da mesa do banquete.

E depois de tudo o que se passou hoje, decido ir atrás daquilo que eu quero.

Decido que mereço isso.

Avançar sem desculpas e de todo o coração em direção ao que quero.

— Eu também te quero — digo e beijo-o.

Ele sabe a sumo de laranja e chocolate. Beijá-lo é como respirar, como encontrar algo melhor do que respirar.

— Ella. — Afasta-se de mim, ofegante. — Estás no hospital. Tens de ir com calma. — Sorrio contra os lábios dele. — E estás a deixar tudo muito... *difícil*.

Aconchego-me contra o pescoço dele.

— Tem piada. Pensei que estavas a dizer que estava a deixá-lo muito...

— Pois, sim. — Ele mexe-se desconfortavelmente. — Isso também. O sorriso matreiro do Sawyer aperta-me o coração.

— Tens razão — digo. — Temos todo o tempo do mundo à nossa frente.

Os olhos dele animam-se.

— Sim? — diz ele.

— Sim — digo. — Mas primeiro... — Eu seguro o queixo dele e inclino a sua cabeça na minha direção. Finalmente, *finalmente*, levo os lábios à cicatriz na sobancelha. — Não imaginas há quanto tempo queria fazer isso — murmuro contra a pele dele. Afasto-me para ver as bochechas, que estão cor-de-rosa, enquanto ele pestaneja furiosamente.

— Wow. Eu... Hum, desculpa. Não sei porque é que isso fez um curto-circuito tão grande no meu cérebro. É difícil ter palavras... Desculpa.

— Sabes — digo ironicamente —, começo a perguntar-me se essa é a tua palavra preferida. *Desculpa*.

Abana a cabeça, rindo-se e inclinando-se para a frente para beijar a minha testa.

Passamos o resto da noite a murmurar um para o outro sobre tudo e nada, finalmente capazes de ser plenamente francos e abertos um com o outro pela primeira vez. Adormecemos juntos e, quando acordo, continua a dormir na cadeira ao lado da minha cama, com a cabeça aos meus pés e a mão na minha.

O sol está cor-de-rosa e dourado quando nasce sobre o horizonte. Dois falcões planam ao longe com as silhuetas a subirem cada vez mais entre as nuvens, até desaparecerem.

capítulo 39

ella

Durante os primeiros meses do ano, era infame. Agora, estou a apanhar o gostinho de ser famosa. É OK, mas parece um pouco um mérito roubado, já que foi a Hayley quem, *na verdade*, usou o taco.

Ela diz-me que foi, sem dúvida, um trabalho de equipa e que o facto de eu ter passado toda a manhã com o Sam era muito mais difícil do que girar um velho taco. O Sawyer concorda e estaria a mentir se dissesse que uma parte de mim não adora o modo excessivamente deferente com que os rapazes do 10.º ano se afastam para me deixar passar nos corredores, ou o facto de poder dizer olá à Beth, à Rachael e à Nia sem o peso do desconforto.

Só se fala da prisão do Sam.

Não apenas na escola, mas na fila da mercearia, nas redes sociais, no drive-thru. Tornar-se-ia chato muito mais depressa se eu não pensasse em quanto aquele idiota com a mania deve odiar isto.

Enquanto estive no hospital, recebi um buquê caro de flores com um bilhete.

É fixe não teres morrido. É mais fixe quase teres matado o psicólogo da escola. Eu sou um parvalhão, já sei. Provavelmente, fui demasiado parvo para ti. Scott (P.S. O primeiro passo, é admitir)

Quando leio isto, penso na carta da Hayley, na dimensão enorme das emoções que o Scott mantém abafadas.

A nossa nova psicóloga é incrível. A professora Powell tem um mestrado não apenas em Psicologia, mas também em Assistência Social, e um dos seus primeiros pontos de ordem foi a realização de um seminário com muita participação sobre violência doméstica. Eu vejo muito mais alunos a entrarem e a saírem do gabinete dela do que alguma vez aconteceu com o Wilkens.

O Sawyer encontra-se com a professora Powell uma vez por semana. Ela dá-lhe trabalhos de casa e ele nunca deixou de fazer um só. Quando digo que ele quase nunca fazia os trabalhos de casa, ele observa que nenhuma lição lhe pareceu tão importante como aquelas que a professora Powell lhe está a ensinar. Não consigo discordar.

E, ainda na semana passada, quando ele pensava que não estava ninguém a ver, eu vi o Scott a entrar à socapa no gabinete dela. Talvez ainda haja esperança para ele?

Neste momento, estamos todos no zoo. A minha família toda e a mãe do Callan e do Sawyer e, quando convidei a Seema, ela disse-me que a minha mãe já a tinha convidado, e *duh*, é claro que iria.

O Callan está nos ombros do Sawyer e decidiu que quer ser um gorila quando for grande.

— O que quer ele dizer com «quando for grande»? — murmura o Sawyer ao meu ouvido.

— Fern — pergunta a minha mãe à mãe do Sawyer —, está a gostar do trabalho na escola primária?

— Sabe? Eu... adoro. — A mãe do Sawyer sorri tanto que leva a mão à bochecha. — Adoro mesmo. O salário é fenomenal e posso trabalhar com crianças e posso almoçar com o Callan todos os dias. É o meu sonho.

— Como é que arranjou esse trabalho? — pergunta o pai.

— Foi preciso procurar. Um dos sítios que me entrevistou gostou de mim, mas não me pôde contratar. Mas a rececionista tinha uma amiga que é professora na escola do Callan, por isso, fui recomendada para um cargo administrativo. Acabei por ser perfeita para o cargo.

— Muito bem, Ratatouille, já chega. Sim, o Alfredo vai fazer uma pausa.

O Sawyer tira o Callan das costas, que grita:

— Qualquer um pode cozinhar! Qualquer um pode cozinhar!

A Seema e a Jess vêm a correr até mim.

— Tens de vir ver isto: um macaco estava a fitar a Jess, a gritar, e tinha o mais enorme, o mais ardente... Olá, multidão de pais, como estão hoje? — A Seema mostra-lhes o seu sorriso mais largo e com mais dentes.

— Igual desde há 10 minutos — diz a mãe do Sawyer, com os olhos a brilhar.

— O que tem o macaco? — O meu pai parece genuinamente interessado.

— Uma banana — diz a Jess.

— Hum. Pois, podia ter adivinhado isso. — O pai olha melancolicamente para um carrinho de comida. — Eu volto já.

O Sawyer aparece à minha direita, sem o Callan, mas com o cabelo muito despenteado.

— Queres ir buscar gelados para todos?

Fixamos os pedidos de todos e o Callan fica muito desiludido por não poder comer três de tudo. Mas quando me inclino para ele e lhe digo que poderá haver lápis de cera na loja de souvenirs, ele anima-se novamente.

— Se ele os comer, vais ser *tu* que lhe vais limpar os dentes — diz o Sawyer.

Enquanto estamos na fila, os nossos dois bolsos tocam exatamente ao mesmo tempo. Tiramos os nossos telemóveis.

H

OMG. DIGAM OLÁ À MINHA NOVA COMPANHEIRA DE QUARTO.

Dou um guincho quando recebemos a foto que ela envia de uma gatinha preta com quatro patas brancas.

H

Vou chamar-lhe Smella

Jk jk jk.

— Estás a gozar comigo? Contaste-lhe dessa alcunha? — resmungo.

De repente, o Sawyer encontra uma fenda muito interessante no betão.

H

Ainda não decidi o nome, mas têm os dois de conhecê-la em breve.

— Isso é uma cena? — sussurro avidamente. — Achas que podemos visitá-la? Vê-la pessoalmente?

— Tudo é possível.

O Sawyer lança-se para me dar um beijo rápido.

Conseguimos não deixar cair gelado nenhum e o Callan não arruína nenhuma t-shirt além da sua e isto é festejado como uma grande vitória.

Quando estamos todos a ver as girafas, a observar as suas compridas línguas roxas a enrolarem-se à volta de troncos, viro costas aos animais, olho de relance para a minha família e amigos, este grupo gigante de pessoas que adoro.

Não foi assim há muito tempo que pensei que estava sozinha, que o mundo era um labirinto espinhoso impossível de navegar.

Por mais isolador que fosse, também parecia mais seguro. Sem ninguém para me magoar — e, mais importante, sem ninguém que eu pudesse magoar. Mas vejo agora que isto era apenas uma mentira que nasceu da vergonha. Uma mentira que pessoas como o professor Wilkens exploram. Pessoas que querem convencer-nos de que estamos tão sozinhas como elas.

Especialmente quando nunca estivemos.

Nunca substituirei a Hayley e, felizmente, não tenho de o fazer. A distância não afeta o nosso amor e embora sinta saudades dela, por agora é o suficiente ter uma foto da nova gatinha no bolso. Sentir a

mão do Sawyer na minha. Ter o braço da Seema à volta do meu ombro. Ver o sorriso da mãe quando a Jess e o Callan perguntam ao pai e à Fern se lhes dão dinheiro para alimentar a girafa.

Antes, estava demasiado perdida, equivocada e assustada para conseguir vê-los, mas eles estiveram sempre ali. Mesmo na escuridão, estavam sempre ao alcance da mão.

Poderei não saber o que irá acontecer ou onde vou parar, mas com o amor da minha família e amigos, já não tenho medo do futuro. Longe disso.

Na verdade, como uma grande amiga minha definitivamente diria: «Muito bem, vamos lá ver o que vales.»

agradecimentos

Tenho de agradecer do fundo do coração a um número inacreditável de pessoas. E, para começar, gostaria de vos agradecer por lerem este livro. Obrigada, obrigada, obrigada. Deram-me tanto ao apostarem nesta obra. Quer tenham adorado ou odiado, continuo muito feliz por terem dedicado tempo a ler este livro.

Não se deixem enganar, nenhum livro é feito apenas por um autor, e sem a genialidade e os esforços de muitas pessoas, esta obra não seria mais do que um monte confuso de demasiadas palavras dispersas e demasiadas piadas de peidos (ainda estou indecisa se isso existe realmente).

O meu primeiro agradecimento de todo o coração vai para a minha editora, Lanie! Tenho tanta sorte por escrever contigo. Obrigada por fazeres a minha escrita brilhar e por me ensinares os ossos do ofício e por seres sempre a colaboradora criativa mais amável e encorajadora. O que faria sem ti? (Provavelmente, teria dez capítulos extremamente desnecessários apenas com referências de *O Senhor dos Anéis*.) Obrigada à Romy Golan e a todo o pessoal dos Direitos por me defenderem no estrangeiro.

Devo um enorme abraço e um grande agradecimento à Eliza, que me apresentou à Lanie para começar. A verdade é que nunca teria escrito este livro se não nos tivesses posto em contacto e sou constantemente grata a ti.

Sinto muita gratidão por todas as pessoas na Penguin Random House, por depositarem a sua fé em mim. Sinto-me lisonjeada e

honrada por todos os que trabalharam para fazer deste livro aquilo que é — se este livro vos tocar, é verdadeiramente apenas devido a todo o trabalho árduo e visão criativa de Jen Klonsky, Simone Roberts-Payne e da sua equipa. Ainda me belisco todos os dias por terem apostado em mim. Obrigada à Natalie Vielkind por tratar da produção, à Kelley Brady pela capa deslumbrante e um grande agradecimento à brilhante Janet Rosenberg, cujas competências como copydesk elevaram o manuscrito e fazem parecer que eu sei usar a pontuação como deve ser.

Também não poderia ter feito isto sem o apoio dos meus entes queridos! Obrigada à Bex Carlo, que me ensinou *tanto* e que foi um apoio fantástico e amoroso desde o início da minha jornada de escrita. O meu local feliz será sempre uma kombucha gelada contigo na *nossa* mesa.

Todo o meu amor e gratidão para as minhas GFF Allison, Amaris e Joanna. Obrigada por desejarem naquele dente-de-leão que eu acabasse o meu rascunho a tempo. Não tenho nenhuma dúvida de que esse é o único motivo para ter conseguido cumprir o meu prazo porque esse é o poder do amor das GFF, ponto final! Adoro-vos às três para todo o sempre e mal passo esperar por estarmos todas a morar juntas de novo! (Garanto-vos que continuo a poupar para aquele condomínio, malta.)

Oh, e o que teria feito sem o Michael e o Will? Tinha definhado, era isso. Sem o apoio amoroso, incentivo e a sabedoria infindável e genialidade tanto do Michael como do Will, não estaria onde estou. Obrigada por me aturarem nos Zooms fora de horas quando estava pelos cabelos, mesmo quando já passava muito da nossa hora de ir dormir. Obrigada, Michael, por ficares comigo ao longo dos anos (especialmente *aqueles* anos), fazendo-me sempre rir independentemente da hora ou da circunstância e *especialmente* por aturares as minhas descargas de informação sobre Lalo. Por favor, não esperes que isso termine em breve.

Um grande obrigada ao meu pessoal de St. Pete! Mesmo que agora estejamos todos dispersos pelo continente, o meu amor por todos vocês cruza todas as fronteiras estaduais. Obrigada por apoiarem sempre o meu espaço de trabalho ambíguo. Um agradecimento sentido ao Kevin, que me manteve sã durante o verão ao jogar muito

póquer *RDR2* e por me convencer a sair de parapeitos. E obrigada ao John, que definitivamente lerá isto porque ele leu mesmo tudo, tudo, tudo o que eu alguma vez escrevi. E um agradecimento muito sentido para todos os que me apoiaram desde as minhas fanfics: terão sempre, sempre um pedaço do meu coração (especialmente tu, Si!).

Para a Jess e para o Kyle, que são a minha família. Amo-vos muito. Obrigada por me amarem tão implacavelmente e por pensarem que eu era suficiente quando *eu* certamente não achei durante os meus prantos em busca de sentido nos vossos sofás durante os meus vintes. E Jess, obrigada por seres a minha Hayley. Não foi sempre fácil crescer onde crescemos (mas, afinal, alguma vez é fácil crescer?), no entanto, pelo menos tinha-te a ti... e batatas fritas.

Obrigada à minha linda e brilhante mãe. Espero um dia ter pelo menos metade da tua coragem, força e humor rápido. Devo-te mais do que alguma vez te poderei dizer, mãe. Obrigada por todos os teus sacrifícios para que eu pudesse viver esta vida que nunca pensei ser possível e pela tua paciência com a minha jornada dolorosa a tentar aprender tagalo. *Mahal kita*.

O pai disse-me literalmente que podia ser escritora desde que escrevia *qlease* em vez de *please*. Nunca acreditei nele, mas ele acreditou sempre em mim. Obrigada, pai, por seres o melhor pai que qualquer humano poderia pedir. És o pai que eu gostava que a Hayley e o Sawyer pudessem ter tido. Não sei o que fiz numa vida passada para te merecer, mas estou imensamente grata. Amo-te daqui até à Lua e mais além.

Obrigada ao Peetz, que amo estúpida e incomensuravelmente. Ele foi sempre o meu bastião de alegria e gargalhadas quando estava no meu pior. Seguiu-te até aos confins da Terra para te dar uma cabeçada às três da manhã, mano. Obrigada por me mostrares coisas importantes, como vídeos do YouTube do som calmante de 14 bebés a quem baixaram o tom do choro.

Se alguma vez escrevi uma personagem fixe e divertida é apenas porque tenho Vic, a Pessoa Mais Fixe que Já Conheci, como inspiração. Se tentar explicar *precisamente* o quanto adoro Vic e aquilo que significa para mim, vou literalmente derreter-me num monte de queijo, por isso, só posso agradecer por sempre me apoiar sem me julgar, especialmente durante as minhas muitas (*muitas*) paixonetas

questionáveis por personagens de desenhos animados.

Embora ela não se vá dar ao trabalho de ler isto, tenho de agradecer ao pequeno coração fora do meu corpo, Pabu. Durante todo o tempo em que escrevi este livro, esteve enrolada nos meus braços enquanto eu escrevia, a ronronar alegremente e a dar puns na minha cara. Ela só andou por cima do meu teclado algumas vezes e nunca apagou nada que um Ctrl+Z não conseguisse resolver. Adoro-a numa proporção pouco saudável e pouco razoável e não me imagino a escrever sem ela.

E, por fim, tenho de agradecer ao amor não apenas desta vida, mas de todas as minhas vidas que se seguirão (conto ter verdadeiras eternidades contigo), Babs. Não existem palavras para abarcar a plenitude dos meus sentimentos, mas tu preferes as coisas curtas, de qualquer modo.

Então, Babs?

Obrigada.

nota informativa

Se tu ou alguém que conheças estiver numa situação de insegurança em casa ou numa relação, tens aqui alguns recursos disponíveis para obteres apoio confidencial.

- APAV | Associação Portuguesa de Apoio à Vítima: apav.pt
- Linha de Apoio à Vítima: 116 006
- Serviço de Informação às Vítimas de Violência Doméstica da CIG
- cig.gov.pt
- Linha de apoio: 800 202 148
- Linha SMS: 3060
- Email: violencia@cig.gov.pt

NOTA EDITORIAL

Chocades? Impactades? Blown away? Porque eu sim! Este livro foi uma surpresa e, na verdade, tem uma história de backstage engraçada.

Recebi o manuscrito no e-mail e, depois de ler a sinopse, pensei: «Eu vou odiar isto, é zero o meu estilo». Respondi à agente, a querida Claudia Galluzzi, que apesar de saber que estava a ter muito hype nos bastidores do mercado, não era a minha cena. Durante várias semanas recebi updates de vendas internacionais, mas continuava reticente. Até que o querido António Castro, da Seguinte, editora YA brasileira, me recomendou este livro e disse que era imperdível. Foi aí que eu finalmente decidi ler e aconteceu o plot twist.

MEU DEUS, EU NÃO CONSEGUI LARGAR. Passado poucos dias, estava num leilão com várias editoras portuguesas a disputar este livro e que felicidade foi ter ganho e poder publicar um livro tão diferente de todo o restante catálogo!

Espero que tenham amado e, numa nota final, não podia deixar de agradecer à Claudia e ao António, best seekers. ❤️

Com amor,

Rodrigo Manhita

O editor da Secret Society

RODRIGO MANHITA

Headmaster of the Secret Society
Diretor Criativo

RODRIGO MANHITA

Seeker in chief
Editor

INÊS MARTINS

Executive Seeker
Assistente Editorial

ANA RITA MENDES

Specialist Seeker of Translation
Tradutora

INÊS MARTINS E LUGAR INCOMUM

Experts of Mistake Seeking
Revisão

RAQUEL SILVA

Manager of Format Seeking
Paginadora



SEEK THE BUTTERFLY



SABE TUDO EM:

seekthebutterfly.pt

O QUE É A SECRET SOCIETY

E se houvesse um lugar que te servisse de refúgio quando o mundo te desilude? Arriscarias tudo para o descobrir?

Conseguirias partir numa aventura e esquecer tudo aquilo que pensas ser? Terias a coragem de te aventurares em novos mundos e te transformares no que quiseses? Pertenceres a uma nova sociedade?

Shhhh!
Txuuu-tss Txuuu-tss

Ouves este som?

É o bater das asas de uma borboleta, um animal delicado e corajoso, que desafia a gravidade e escolhe perfurar o vento.

Prepara-te. Chegou o teu momento. Larga tudo. Esquece o que te prende e corre. Voa pela imensidão do mundo e procura as borboletas.

Permite-te entrar noutros universos. Descobrir lugares só teus, onde podes ficar o tempo que desejares, como desejares. As borboletas são a tua passagem para novos mundos.

Entra na Secret Society e arrisca-te a ser Seeker !



A Secret Society é o selo editorial YA (Young Adult) da Penguin

Random House Grupo Editorial em Portugal. É a casa de nomes magníficos como Adam Silvera, Holly Black, Nina LaCour, Tahereh Mafi e mais.

Somos uma marca distinta, inovadora, diversa. Temos uma narrativa única e um universo em constante expansão, onde queremos que te aventuras, percas e descubras vezes sem conta.

Mas não queremos ser só isso.

Não somos apenas a casa de livros incríveis.

SOMOS A TUA CASA.

SOBRE ESTE LIVRO



ELLA estava ao volante no acidente de carro que matou a sua melhor amiga, **HAYLEY**. Tudo a relembra dela, especialmente **SAWYER**, o namorado de **HAYLEY**. Os dois aproximam-se cada vez mais e **ELLA** percebe algo terrível...

Está apaixonada pelo namorado da sua melhor amiga morta.

Traumatizada e consumida pela culpa, começa a ler o diário de **HAYLEY**. É então que descobre que a relação de **SAWYER** e **HAYLEY** não era tão perfeita como parecia.

ELLA sabe que deve afastar-se dele, mas sente-se inexplicavelmente atraída. E aterrorizada com o que **SAWYER** parece esconder.

**Um thriller romântico dark e
viciante, onde os trigger warnings
são para ser levados muito a sério.**

SOBRE A AUTORA

Sloan Harlow começou a escrever muito nova e estreou-se no romance com *Tudo o Que Nunca Dissemos*. Vive na Georgia com o seu gato preto, Pabu. Adora comer gelados e quando não está a escrever, está a tirar plástico da boca do seu gato.

DESCOBRE MAIS EM:

Instagram: [@sloanharlowauthor](https://www.instagram.com/sloanharlowauthor)